UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES

ROSANA FERNANDES DOS SANTOS

**A gastronomia e a Feira Kantuta:
cultura e identidade de imigrantes bolivianos em São Paulo**

São Paulo

2014

ROSANA FERNANDES DOS SANTOS

**A gastronomia e a Feira Kantuta:
cultura e identidade de imigrantes bolivianos em São Paulo**

Dissertação apresentada à Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais. Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 25 de agosto de 2014. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Cultura Política e Identidades

Orientadora:
Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Biblioteca
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo

Santos, Rosana Fernandes dos

A gastronomia e a Feira Kantuta : cultura e identidade de imigrantes bolivianos em São Paulo / Rosana Fernandes dos Santos ; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. – São Paulo, 2014
219 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2014
Versão corrigida

1. Bolivianos – São Paulo (SP). 2. Feiras livres – São Paulo (SP). 3. Gastronomia - Bolívia. 4. Imigração. I. Aulicino, Madalena Pedroso, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 304.88161086

SANTOS, Rosana Fernandes dos

A gastronomia e a Feira Kantuta: cultura e identidade de imigrantes bolivianos em São Paulo

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, junto ao Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais (PEC), da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Cultura, Política e Identidades. Orientadora: Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino Instituição: Escola de Artes Ciências e Humanidades

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Roberto Yasoshima Instituição: Escola de Artes Ciências e Humanidades

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenas Minassae Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Ruth Fernandes dos Santos (*in memoriam*). Meu sentimento de amor, respeito, carinho e gratidão à minha MÃE, que no percurso desse meu caminho, cumpriu sua jornada, e rumou para outra esfera de evolução. Exemplo de dedicação e honradez, a ela devo tudo o que sou, a ela devo a orientação aos meus filhos. A ela devo este trabalho, pelo seu incentivo velado, mesmo não compreendendo direito o porquê de tantos livros e estudos. Sua coragem de nos criar e educar à revelia de todas as dificuldades. Muito obrigada minha MÃE, meu coração estará sempre com você.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro pensamento de gratidão elevo a Deus, essa força Universal que nos impulsiona a seguir em frente, vencendo nossas limitações.

Gratidão à minha mãe, por ser quem foi em meu mundo.

Gratidão à Prof. Dra. Madalena Pedroso Aulicino, que soube ser minha Orientadora, Amiga e Conselheira; que me incentivou e soube confiar, às vezes mais do que eu mesma, na minha capacidade. Gratidão por ter respeitado um momento de profunda tristeza pelo qual passei e pelo qual me vi sem condições de escrever, e mesmo assim, me estimulou a seguir e confiar. Professora Madalena, o meu muito obrigada, por ter-me permitido estar aqui hoje, realizando mais um sonho. Você fez a diferença em minha vida.

Devo agradecer aos meus filhos, Hector e Victor, por existirem, vocês são a razão de tudo o que acredito. Por todas as horas compartilhadas, por toda a ajuda, quando passaram seus finais de semana lavando e arrumando a casa enquanto a mãe escrevia. Pela admiração que me dedicam e que me faz acreditar que qualquer sonho é possível! Vocês participaram de cada linha escrita. Muito obrigada, amo vocês.

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte dessa dissertação, seja em aulas, entrevistas ou nos apontamentos de qualificação ou discussões sobre o tema de estudo, em especial minha Amiga Janaína Carrasco Castilho, que sempre soube me ouvir. Você é luz e alegria em meu caminho.

Agradeço à Comunidade Boliviana e à Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Padre Bento, por me permitirem utilizar suas histórias para apreensão do meu objeto de estudo.

Obrigada a todos os Professores da EACH-USP, e em especial do Curso de Lazer e Turismo na figura do Prof. Dr. José Roberto Yasoshima, permitindo-me acreditar que era possível sonhar e seguir em frente.

Agradeço ao Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco que ao longo de minha jornada acadêmica, teve a gentileza de orientar meu TCC e me ensinar o quão grande pode ser um professor. Meu profundo respeito e saiba que me serve de referência.

Agradeço à Prof. Dra. Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse, que me concedeu a honra de tê-la em minha banca de avaliação. Meu sincero respeito por tudo o que contribuiu para aprimorar essa dissertação. Saiba que você soube fazer a diferença em meus estudos.

Agradeço a todos os amigos, mais presentes ou distantes, que souberam ouvir meus lamentos. Amigos de longa data, amigos mais recentes; aqueles que partilham minhas experiências de trabalho, amigos que professam a mesma sede de saber, amigos de fé. Todos souberam, com suas palavras, incentivar-me a seguir em frente, vencer os desafios e chegar ao final de mais essa etapa.

Por tudo e por todos, muito obrigada!

“Encontros e Despedidas

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também de despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida”
Milton Nascimento e Frenando Brant.

[...]

- E, lá, quem lhe faz o prato?

- Um cozinheiro, avó.

- Como se chama esse cozinheiro?

Ri, sem palavra. Mas, para ela, não havia riso, nem motivo.

Cozinhar é o mais privado e arriscado ato.

No alimento se coloca ternura ou ódio.

Na panela se verte tempero ou veneno.

Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão?

Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima?

Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de que nem o rosto se conhece.

- Cozinhar não é serviço, meu neto – disse ela.

- Cozinhar é um modo de amar os outros

[...]

(MIA COUTO, A avó, a cidade e o semáforo)

RESUMO

SANTOS, R. F. **A gastronomia e a Feira Kantuta: cultura e identidade de imigrantes bolivianos em São Paulo.** 2014. 208 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Se em tempos idos a alimentação era utilizada para nutrir e saciar o ser humano e relacionava-se apenas à vida doméstica, hoje essa relação ultrapassa esse limite e avança para os restaurantes, praças de alimentação e feiras gastronômicas. Nesse sentido entende-se que os alimentos e consequentemente a gastronomia constituem-se em um processo histórico, carregado de simbolismos e dizem muito da estrutura econômica e social estabelecidas em uma determinada comunidade, a qual encontra em suas expressões culturais uma forma de manutenção de sua identidade. Este é o contexto social em que esta pesquisa se insere. Um mundo aparentemente sem fronteiras, que parece ter-se rendido ao capitalismo e no qual as identidades culturais entre os países vêm-se tornando mais difusas. O desemprego abrange parte significativa da população mundial e a economia informal é responsável por boa parte da produção. Países com economias mais frágeis tornam-se pólos de emigração para países em que, aparentemente, a economia está mais equilibrada. As culturas locais são influenciadas e influenciam as culturas dominantes. Este estudo busca refletir sobre algumas implicações geradas pela utilização da gastronomia enquanto forma de trabalho, cultura e lazer na vida de um grupo de imigrantes bolivianos residentes no Brasil, verificando possíveis reflexos nas vivências associadas ao campo da cultura. Enquanto procedimento metodológico optou-se por uma abordagem qualitativa, combinando os enfoques bibliográfico e de campo. Como objetivo, buscou-se responder à seguinte questão: **O que representa, para os integrantes da Associação Gastronômica, Cultural e Folclórica Padre Bento, as atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta: oportunidade de trabalho, lazer e/ou ambiente para reprodução de sua cultura em terra estrangeira?** Elaborou-se algumas hipóteses sobre o problema descrito e considera-se: que a gastronomia é utilizada como forma de renda; que as atividades gastronômicas, para além do trabalho, são percebidas como forma de reprodução de sua cultura e possibilidade de lazer e por último que a Feira possibilita o desenvolvimento de redes de suporte para os imigrantes que chegam. Desenvolveu-se uma coleta de dados por meio de documentação direta, realizando entrevistas através da metodologia/técnica da história oral (entrevistas temáticas) e tendo como recorte os imigrantes bolivianos que residem no Município de São Paulo e trabalham ou visitam a Feira Kantuta. Realizou-se visitas sistemáticas à Feira e desenvolveu-se conversas com seus integrantes e visitantes, posteriormente escolheu-se dez associados e quatro visitantes para as entrevistas. A Feira acontece todos os domingos na Praça Kantuta, localizada no Bairro do Pari no Município de São Paulo. Como principais considerações percebeu-se que os sujeitos entrevistados, num primeiro momento, pouco reconhecem a importância da gastronomia para a preservação de sua cultura e manutenção de suas identidades. A gastronomia aparece como forma de geração de trabalho e renda, entretanto quando indagados sobre sua representação e levados a refletir sobre o seu papel, percebem-na também como uma das formas de expressão cultural, assim como as danças e festividades ali apresentadas. A Feira Kantuta efetivamente serve de rede de apoio aos imigrantes bolivianos, que chegam à Cidade de São Paulo. Conclui-se que a cultura permeia a ação desses imigrantes e que lhes possibilita uma afirmação identitária, entretanto eles não se veem como protagonistas dessa produção cultural.

Palavras Chave: Cultura. Gastronomia. Bolivianos. Imigração.

ABSTRACT

SANTOS, RF **Gastronomy and Kantuta Fair**: culture and identity of Bolivian immigrants in São Paulo. 2014. 208 p. Essay (MSc) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

If in ancient times nutrition was used to nourish and satiate the human being and was just related to the domestic life, nowadays this relation exceeds that threshold and reaches restaurants, food courts and gastronomy fairs. In this sense, it is understood that food and consequently gastronomy are inserted in a historical process, laden with symbolism, and say a lot of the economic and social structure established in a particular community, which is, in its cultural expressions, a way of maintaining their identity. This is the social context where this research takes place. A seemingly borderless world, which seems to have surrendered to capitalism, in which cultural identities among countries are becoming more diffuse. Unemployment covers significant portion of the world population and the informal economy accounts for much of the production. Countries with weaker economies become centers of emigration to countries where, apparently, the economy is more balanced. Local culture is influenced and influence the dominant culture. This study aims to think over some implications generated by the use of gastronomy as a way of working, expressing culture and promoting leisure in the lives of a group of Bolivian immigrants living in Brazil, checking possible reflections on experiences related to the culture field. As a methodological procedure, we have chosen a qualitative approach, combining literature and field data. As a goal, we sought to answer the following question: What do the gastronomic activities in Kantuta Fair mean for members of the Padre Benedito's Gastronomic, Cultural and Folk Association: job opportunity, leisure and / or environment for reproduction of their culture in a foreign land? We have developed some hypotheses about the addressed issue and concluded that gastronomy is used as a source of income, that the gastronomic activities, other than work, are perceived as a form of reproduction of their culture and an opportunity to promote leisure, and lastly that the Fair enables the development of support network for the arriving immigrants. We have developed a data collection through direct documentation, conducting interviews that made use of the method/technique of oral history (thematic interviews) which took as a sample the Bolivian immigrants living in São Paulo and working in or visiting the Kantuta Fair. We have conducted systematic visits to the Fair where conversations were developed with its members and visitors. Subsequently we have picked up ten associated and four visitors to the interviews. The Fair takes place every Sunday in Kantuta Square, located in the neighborhood of Pari in São Paulo. As main considerations, we have noticed that the individuals interviewed, at first, had little acknowledgement of the importance of gastronomy for the preservation of their culture and maintenance of their identities. Gastronomy appears as a means of generating employment and income, yet when asked about their representation and led to reflect on their role, they have also perceived it as a form of cultural expression, as well as are the dances and festivities shown at the Fair. The Kantuta Fair effectively serves as a support network to Bolivian immigrants who arrive in the city of São Paulo. We have come to the conclusion that culture permeates the action of these immigrants, allowing them an affirmation of their identity, however they do not see themselves as protagonists of this cultural production.

Key words: Culture. Gastronomy. Bolivians. Immigration.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução do número de imigrantes no Brasil 2010/11.....	100
Tabela 2 – Entrevistados Associados.....	171
Tabela 3 – Entrevistados Visitantes.....	172

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Composição da população de emigrantes internacionais – Brasil 2010.....	097
Gráfico 2 – Proporção de pessoas que residiam em país estrangeiro com menos de dez anos ininterruptos na Unidade da Federação, segundo residência anterior – Brasil 2010.....	098
Gráfico 3 – Principais países de origem dos imigrantes internacionais no Brasil entre 2005/2010.....	099
Gráfico 4 – América Latina e Caribe (15 países): taxa de desemprego urbano. Janeiro-setembro de 2012 e 2013 (porcentagens).....	117

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Território da Real Audiência de Charcas. (Sem escala).....	053
Mapa 2 – Mapa do relevo boliviano. Destaque para a chamada Meia Lua.....	068
Mapa 3 – Mapa da divisão política da Bolívia. (Sem escala).....	070

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Feira Kantuta, barraca de comidas típicas.....	108
Foto 2 – Feira Kantuta, barraca de comidas típicas.....	110
Foto 3 – Feira Kantuta, ensaio de grupo folclórico.....	111
Foto 4 – apresentação folclórica do Carnaval de Oruro.....	112
Foto 5 – imigrantes bolivianos que atuam na Feira Kantuta.....	120
Foto 6 – carnaval boliviano, comemorado na Feira Kantuta, uma guerra de espuma.....	129
Foto 7 – carnaval boliviano, grupo folclórico.....	129
Foto 8 – barraca de produtos bolivianos.....	131
Foto 9 – Feira de Alasitas – Feira Kantuta realizada na Vila Guilherme em razão do público ser maior do que a capacidade da Praça Kantuta.....	136
Foto 10 – <i>Casa de Camba</i> , restaurante típico boliviano.	141
Foto 11 – vendedor de café na <i>Plaza 24 de Septiembre</i>	142
Foto 12 – vendedora de frutas – rua de Santa Cruz de La Sierra.....	142
Foto 13 – aji seco vermelho, aji em pó amarelo e vermelho.....	143
Foto 14 – batata congelada desidratada – chuño.....	143
Foto 15 – vista aérea de El Alto – La Paz.....	144
Foto 16 – vista dos morros de La Paz.....	145
Foto 17 – <i>pique macho</i>	146
Foto 18 – <i>trucha del lago Titicaca</i>	146
Foto 19 – comida de rua em feira em <i>La Paz – Saltipapas</i>	147
Foto 20 – almoço servido durante visita ao <i>Salar do Uyuni</i>	148
Foto 21 – subida dos morros de <i>La Paz</i> em direção a <i>El Alto</i>	148
Foto 22 – parada de ônibus de viagem para alimentação e utilização de “banheiros”.....	149
Foto 23 – barraca de <i>salteñas</i>	151
Foto 24 – barraca de pães caseiros bolivianos.....	152
Foto 25 – barraca de <i>chicharron</i>	152
Foto 26 – Festa de Alasitas 2013.....	159
Foto 27 – barracas com miniaturas a serem abençoadas pelo deus <i>El Keko</i> através do xamã.....	160

LISTA DE SIGLAS

AS	- Aliança Social
BSD	- Bolívia Social Democrata
CEPAL	- Comissão Econômica para América Latina e Caribe
COB	- Central Obreira Boliviana
COMIBOL	- Corporação Mineira da Bolívia
EUA	- Organização Internacional do Trabalho
FMI	- Fundo Monetário Internacional
FSB	- Falange Socialista Boliviana
FSTMB	- Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	- Instituto Nacional do Seguro Social
MAS	- Movimento ao Socialismo
MERCOSUL	- Mercado Comum do Sul
MNR	- Movimento Nacionalista Revolucionário
MSM	- Movimento sem Medo
MUSPA	- Movimento de Unidade Social Patriótica
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
ONU	- Organização das Nações Unidas
PIB	- Produto Interno Bruto
PIB real	- Produto Interno Bruto real
PIB <i>per capita</i>	- Produto Interno Bruto <i>per capita</i>
PIR	- Partido de Esquerda Revolucionário
POR	- Partido Operário Revolucionário
PPB-CN	- Plano Progresso para a Bolívia – Convergência Nacional
PSOB	- Partido Socialista Operário Boliviano
PULSO	- Povos Unidos pela Soberania
RNB	- Revolução Nacional Boliviana
SEBRAE	- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UM	- Unidade Nacional
URSS	- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	014
2	CULTURA E GASTRONOMIA.....	020
2.1	Cultura.....	021
2.2	Gastronomia.....	025
2.3	Cultura, Gastronomia e Globalização.....	037
3	CONJUNTURA ECONÔMICA LATINO AMERICANA.....	045
3.1	A Bolívia.....	053
3.1.1	O Movimento <i>Cocalero</i> e a identidade boliviana.....	061
3.2	O Estado Plurinacional da Bolívia.....	067
4	MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS.....	076
4.1	Migração e identidade.....	078
4.2	Movimentos migratórios – algumas abordagens teóricas.....	083
4.3	Migração e documentação.....	091
4.4	Migração no Brasil.....	094
4.5	Migração boliviana no Brasil.....	102
5	A FEIRA KANTUTA.....	108
5.1	A Feira Kantuta enquanto espaço de trabalho.....	113
5.2	A Feira Kantuta enquanto espaço de lazer.....	121
6	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	137
6.1	Bolívia – a viagem.....	141
7	APRESENTAÇÃO DOS DADOS ENCONTRADOS.....	151
7.1	Cultura e gastronomia.....	155
7.2	Migração, lazer e trabalho.....	165
8	CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	171
	REFERÊNCIAS.....	177
	APÊNDICE.....	188
	APÊNDICE A - ENTREVISTAS.....	188
	APÊNDICE B - HISTÓRICO DOS PRESIDENTES BOLIVIANOS.....	218

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa originou-se a partir de um trabalho de conclusão de curso de Graduação em Lazer e Turismo que teve como objeto de estudo o lazer dos imigrantes bolivianos em São Paulo. Uma parcela de seu aporte teórico serviu de base para a execução do projeto de pesquisa. Contribuiu ainda para esse projeto a experiência da pesquisadora com 32 anos de atuação na área de alimentação.

Alimentar-se é mais do que um ato biológico, trata-se de um ato social e por consequência carregado de simbolismos e valores. De predador nômade, no período paleolítico, a produtor e transformador de alimentos, o homem percorreu um longo caminho. Hoje gastrônomos de todo o mundo exercem a atividade de preparo dos alimentos como uma arte, que leva à boca dos apreciadores, não só o alimento que nutre, mas também uma gama de significados culturais. Estes significados conferem aos apreciadores “status”, sentimento de pertencimento a grupos exclusivos ou mesmo, o sentimento de estarem “antenados” com os mais novos modismos do bem comer. Exemplo disso, os mais diversos restaurantes de gastronomia japonesa em São Paulo, que oferecem rodízios de “*sushi*” e “*temaki*”. Além do valor nutricional e leveza conferidos à cozinha japonesa, parece estar na moda gostar de “*sushi*” e comer com “*hachi*”. Muitos travam uma luta inglória para dominar os referidos “pauzinhos”, entretanto esforçam-se para assimilar esse traço cultural e assim sentirem-se integrados.

As tentativas de mundialização dos gostos, impulsionada pelos processos tecnológicos e pela ação de empresas transnacionais advindas dos processos de globalização, favorecem o acesso aos mais novos modismos veiculados em tempo real pela mídia bem como, normalmente ditados pelos países economicamente hegemônicos. A alimentação segue a passos velozes nesse processo. Produtos das mais variadas procedências estão dispostos nas gôndolas dos hipermercados, possíveis a qualquer um que queira e tenha condições de comprar. De trufas brancas a favas de baunilha, passando por caviar rosa, pistilos de açafrão, merluza canadense ou mesmo o nosso bom e conhecido azeite português extra-virgem. A gastronomia internacional está ao alcance das mãos daqueles que queiram aventurar-se nessa arte.

Alie-se à extravagante oferta de produtos importados, a globalização da economia; a transferência de recursos de um determinado país para outro de acordo com os interesses do capital; as empresas transnacionais, que deixam de ter apenas uma sede com um conjunto fabril no mesmo local e distribuem-se pelo mundo (em especial nos países onde os custos com mão

de obra sejam mais baixos, as leis ambientais menos rígidas e a permissividade de fuga dos direitos trabalhistas sejam maiores); junte-se os movimentos migratórios internacionais e tem-se um caldo de cultura rico em nuances, as quais se tentará vislumbrar.

Nesse contexto de globalização, as migrações, principalmente em busca de melhores condições de vida, atingem a maioria dos países, sejam emissores ou receptores de migrantes. Suas culturas são elaboradas e reprocessadas, influenciam e sofrem a influência dos países de origem e destino. Nesse aspecto o migrante é um ser dividido entre a necessidade da permanência e a esperança do retorno. Os países com uma economia mais estruturada são os que encabeçam a lista de países receptores de migrantes. Na outra ponta, os países com economia mais frágil, destacam-se como países emissores. Mas há muitos outros fatores permeando a saída e entrada de pessoas. Além da questão renda, todo um conjunto de subjetividades interfere na decisão individual de emigrar.

A economia informal é responsável por parte considerável da produção global. O desemprego abrange parte significativa da população mundial e é o que aponta a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2014) através do informe “Tendências Mundiais de Emprego 2011 – o desafio para a recuperação do emprego”. Nele a OIT estima haver 205 milhões de desempregados, o que corresponde a uma taxa de desemprego de 6,2% em 2010 contra uma taxa de 5,6% registrados em 2007, sem perspectivas de decréscimo no curto prazo. Aponta ainda para 77,7 milhões de jovens desempregados e 1.530 milhões de trabalhadores em situação de empregos vulneráveis (representando uma taxa mundial de 50,1%) em 2012. Entenda-se por empregos vulneráveis os trabalhadores por “conta própria” e também os trabalhadores que não recebem salário, porém são membros de uma família trabalhadora por conta própria. Não possuem relações formais com um empregador, por exemplo, um contrato de trabalho com salário por empreitada. Trabalhadores vulneráveis são, entre outros, um homem que vende balas no farol, uma mulher e seu filho oferecendo bilhetes de zona azul numa rua.

Os países com economias mais frágeis acabam se tornando polos de emigração para países em que, aparentemente, a economia está mais equilibrada. Nesse sentido países da América Latina como a Bolívia, com seus conflitos internos e economia instável, acabam favorecendo a emissão de trabalhadores para outros países em busca, muitas vezes iludidos, de melhores condições de vida para si e suas famílias. O Brasil é um dos países que se têm tornado importante polo receptor e já ocupa a quarta posição de destino dos bolivianos. Há muitas dúvidas sobre a quantidade real de bolivianos residindo hoje no País. A condição de indocumentados (condição daqueles migrantes que entram e/ou permanecem no país sem

autorização do Departamento de Imigração local) de uma boa parte deles, alimenta essa controvérsia.

No Brasil, a comunidade de imigrantes boliviana tem procurado manter suas manifestações culturais, através de grupos que se reúnem semanalmente, seja na Feira da Rua Coimbra, no Bairro do Brás, seja na Feira Kantuta, no Bairro do Pari, ou mesmo em outros pontos do Município de São Paulo.

Essa pesquisa teve por objetivo tentar entender as motivações que estão favorecendo a vinda de bolivianos para o Brasil e suas possibilidades de práticas culturais, de lazer e de trabalho, através da gastronomia. Neste percurso, buscou-se aproximações com os processos que os levaram à escolha da gastronomia boliviana como forma de trabalho, e se essa atividade pode ter alguma relação, para os entrevistados, com práticas de lazer e de cultura. Em especial, focou-se as atividades gastronômicas oferecidas pelos integrantes da Associação Gastronômica Folclórica e Cultural Padre Bento, desenvolvidas na Feira Kantuta, no Bairro do Pari, no sentido de reprodução dessa cultura. O Brasil apresenta hoje uma relativa estabilidade econômica junto aos seus vizinhos e talvez por isso esteja assumindo o papel de receptor de migrantes latino-americanos.

Buscar compreender a cultura de um país colabora na construção de uma sociedade multicultural mais justa e menos excludente, pode favorecer o fortalecimento de sua identidade ou mesmo representar uma forma de valorização dessa cultura, daí então estudar a gastronomia e tentar identificar o sentimento de pertencimento e de cidadania em terra estrangeira. Esse estudo pode permitir entender um pouco mais de sua cultura e de seu país, bem como possibilitar o enriquecimento de nossa gastronomia através da utilização de alimentos e combinações diferenciadas.

Os motivos pelos quais adota-se esse recorte tiveram relação com a atualidade do tema. A gastronomia, desde tempos imemoriais, está presente em todas as culturas e tem tomado espaço cada vez maior nas sociedades modernas. A escolha dos alimentos, seus modos de produzi-los, as formas de combinação e elaboração demonstram como essa sociedade se organiza econômica e socialmente. A quase inexistência de bibliografia sobre a gastronomia boliviana no Brasil, também instigou a ir em frente.

Buscou-se uma aproximação com as pessoas que atuam na Feira Kantuta, através da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Padre Bento a fim de verificar suas atividades voltadas à gastronomia boliviana e o que essas atividades poderiam representar em suas vidas como possibilidade de trabalho, lazer e cultura.

Quanto à viabilidade do estudo, a existência de um grupo de imigrantes que desenvolve a gastronomia boliviana na Feira Kantuta, reproduzindo sua cultura através dos pratos típicos oferecidos, dá a oportunidade de pesquisar e discorrer sobre o tema. Os bolivianos têm mantido muito de sua cultura através de manifestações populares, expressas em dois pontos de encontro a “Feira Kantuta” e a “Feira da Rua Coimbra”. Nessas feiras são oferecidos para venda, produtos trazidos diretamente da Bolívia, por esses imigrantes, e também pratos típicos da gastronomia boliviana.

A presente pesquisa possui aspectos inovadores no que diz respeito a tentar identificar a cultura boliviana através de sua gastronomia. Ao se considerar que o Brasil tem recebido anualmente um significativo contingente de imigrantes bolivianos (difícil de ser mensurado em razão da falta de dados oficiais), entender um pouco de sua cultura gastronômica, ainda pouco explorada em pesquisas acadêmicas é significativo.

O local de pesquisa teve como ponto de partida a “Feira Kantuta” localizada na Praça Kantuta, altura do número 625 da Rua Pedro Vicente, Bairro do Pari, no Município de São Paulo (SP), por agregar a comunidade como um todo e também porque, na mesma, são desenvolvidas as atividades gastronômicas através da Associação Gastronômica Folclórica e Cultural Padre Bento.

Como problema de pesquisa buscou-se responder à seguinte questão:

O que representa, para os integrantes da Associação Gastronômica, Folclórica e Cultural Padre Bento, as atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta: oportunidade de trabalho, lazer e/ou ambiente para reprodução de sua cultura em terra estrangeira?

Como variáveis de pesquisa considerou-se as atividades gastronômicas desenvolvidas pelos associados como forma de trabalho, lazer, ou reprodução da cultura do povo boliviano.

Elaborou-se algumas hipóteses sobre o problema descrito:

1. A gastronomia é utilizada como forma de renda para os imigrantes bolivianos;
2. As atividades gastronômicas, para além do trabalho, são percebidas como forma de reprodução de sua cultura em terra estrangeira e ainda como possibilidade de lazer;
3. A Feira possibilita o desenvolvimento de uma rede de suporte aos imigrantes, que aqui chegam indocumentados e também àqueles que procuram trabalho.

Através de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa buscou aproximações e levantou informações que permitiram avaliar as influências da atividade gastronômica sobre as relações culturais desenvolvidas pela comunidade de bolivianos no Município de São Paulo.

O primeiro capítulo aponta o entendimento de cultura enquanto “modo de vida”, abordando ainda as relações da cultura com a gastronomia. O segundo capítulo faz um breve relato sobre a conjuntura econômica latino-americana e boliviana, aborda ainda algumas informações sobre a Bolívia. Já o terceiro capítulo discorre sobre os movimentos migratórios, algumas abordagens teóricas, a questão da documentação e por fim traça um breve panorama da imigração no Brasil e da imigração boliviana para o Brasil, relacionando ainda os movimentos migratórios e a questão identitária. O quarto capítulo apresenta a Feira Kantuta como espaço dos imigrantes bolivianos para a prática de atividades culturais, trabalho e de lazer em São Paulo. O quinto capítulo apresenta a pesquisa propriamente dita. Apresenta-se por último os dados obtidos, confrontando-os com o aporte teórico e as considerações finais.

A pesquisa teve início através de um contato com o presidente anterior da Associação Gastronômica, Cultural e Folclórica Padre Bento, que permitiu o acesso aos membros da Associação. A partir daí realizou-se entrevistas através da metodologia da história oral, em razão da necessidade de se ouvir os relatos dos entrevistados, suas experiências, motivações e expectativas para, através desses relatos, reconstruir os processos de reelaboração da gastronomia aqui em São Paulo. A história oral possibilitou o resgate da memória dos entrevistados, que é construída no momento da entrevista, numa circunstância única. As suas lembranças sofrem a influência do momento emocional pelo qual passam. A memória é social e viva.

Dentro da metodologia da história oral optou-se pela entrevista temática com os associados (a partir de um tema que é lançado aos entrevistados) a fim de identificar possíveis relações estabelecidas entre a gastronomia e a cultura em suas vidas. Realizou-se onze entrevistas, devidamente autorizadas e gravadas e mais três entrevistas escritas, pois os entrevistados reusaram-se a gravar. Posteriormente fez-se a transcrição literal de todas as entrevistas e a partir daí analisou-se os dados.

Para a pesquisa fez-se uma série de visitas à “Feira Kantuta” localizada na Praça Kantuta, no bairro do Pari no Município de São Paulo, ponto de partida das explorações, visto ser hoje um reduto de encontro de imigrantes bolivianos em São Paulo e local de atuação da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Padre Bento.

Desenvolveu-se um trabalho de observação e entrevistas com os integrantes da Associação, procurando identificar o que representa (trabalho, lazer e/ou cultura) para cada integrante, as atividades gastronômicas desenvolvidas por eles. De posse dos dados coletados, passou-se para a fase de transcrição literal das entrevistas e de agrupamento desses dados em elementos de análise, de forma a facilitar o entendimento e a explicitação das considerações sobre os fatos encontrados.

Os elementos de análise permitiram perceber e conhecer as atividades culturais desenvolvidas na Feira e dentre elas, especial enfoque à gastronomia. Para os Associados, estar na Feira Kantuta todos os domingos representa uma forma de assegurar trabalho e renda para suas famílias, suprimindo assim suas necessidades básicas. A maioria deles exerce alguma atividade na “Feirinha da madrugada” durante a semana e utiliza-se da gastronomia como complementação de renda; em razão da autonomia do trabalho e de poderem utilizar conhecimentos da culinária que praticavam na terra Natal. Para eles a Feira representa ainda uma forma de lazer, através da socialização com outros bolivianos e oferece a oportunidade da formação de uma rede de suporte para os novos imigrantes que chegam a São Paulo. Dessa forma, as atividades gastronômicas possibilitam o trabalho, lazer e a manutenção da cultura entretanto esses imigrantes não se veem claramente como produtores dessa cultura. Podemos validar nossas hipóteses a partir dos dados encontrados.

O primeiro capítulo, buscou compreender cultura enquanto modo de vida e também as representações culturais desenvolvidas pelos migrantes nos países de destino. Nesse sentido e mais especificamente analisam-se as atividades gastronômicas desenvolvidas pelos bolivianos em São Paulo como manifestações de sua cultura.

2 CULTURA E GASTRONOMIA

Desde há muito, os alimentos são utilizados não só para assegurar as necessidades básicas do homem, mas também como forma de distinção social e cultural.

O ato de reunir-se à mesa para as refeições está carregado de simbolismos e constitui-se em um ritual favorável à transmissão de valores. A comensalidade, seja do ponto de vista religioso ou profano, sempre foi considerada como propiciadora de solidariedade.

Os hábitos culinários são mais do que somente instintos de sobrevivência, são expressão da cultura de um povo. O gosto, considerado por muitos como próprio, constitui-se num campo simbólico moldado culturalmente e controlado socialmente (FRANCO, 2001). Entretanto há um demasiado conservadorismo culinário, mais do que em outros campos da cultura, porque os hábitos alimentares estão arraigados à identidade social dos seres humanos e por isso são mais difíceis de serem alterados nos processos de aculturação dos migrantes por exemplo.

Por ser onívoro¹, o homem é o mamífero mais adaptável quanto à dieta alimentar, substituindo os alimentos de acordo com sua disponibilidade. Entretanto, para além da oferta, cada comunidade elege um grupo de alimentos que a representam social e culturalmente. “A Europa medieval tinha um elaborado código estipulando os alimentos mais apropriados para cada classe social” (FREEDMAN, 2009, p.15). De acordo com o autor, tanto o pão branco, quanto a carne de caça, aves delicadas ou raras, peixes grandes e especiarias exóticas ficavam reservadas para a nobreza. Essa estratificação gastronômica intentava a preservação do *status quo*, e escondia certo receio quanto à ascensão social dos novos ricos e uma possível ruptura da divisão social existente. O consumo de determinados alimentos, identificavam a classe à qual o indivíduo pertencia e portanto, toda vez que algum deles, reservado às classes mais altas, era assimilado pelas demais classes, fazia-se necessário a eleição de novos alimentos, como signos dessa distinção.

Os alimentos estão ainda associados a diferentes representações simbólicas, e podem ser relacionados aos ritos de passagem prescritos ou proibidos. “Em toda sociedade tradicional, os momentos de transição da vida humana são comemorados como antigos ritos.

¹ Aquele que come alimentos de origem animal e vegetal.

[...] Acredita-se que a não observância desses ritos poderia causar a ira dos deuses e dos espíritos ancestrais” (FRANCO, 2001, p.28). Os alimentos fazem parte dessas comemorações e são constituintes desses ritos. Assim procedimentos como o oferecimento de alimentos para os mortos a fim de assegurar sua vida em outra dimensão; o arroz no Ano Novo chinês dedicado aos ancestrais para garantir proteção ou ainda o arroz cozido para alimentar os mortos chineses em sua viagem para o além; o cacau que para a civilização asteca era utilizado em comemorações pois acreditava-se que o deus *Quetzalcoatl* havia trazido do paraíso; além de outros exemplos, fazem parte desses ritos.

Ainda referente a essas representações, Franco (2001) aponta outros exemplos como o uso (ou a falta de uso) do fermento entre os israelitas, que era objeto de restrições em razão da associação da fermentação à deterioração e corrupção; a oliveira que era considerada pelos gregos um presente da deusa da sabedoria ou o vinho que os aproximava das divindades; ou mesmo o pão-vinho-azeite, trindade da alimentação greco-romana assimilada pelo cristianismo como o corpo de Cristo (o pão), o sangue de Cristo (o vinho) e a unção sagrada (o azeite). “A história da humanidade é, além de produto da necessidade do gênero humano de se alimentar, fruto de sua curiosidade e oportunismos onívoros” (FRANCO, 2001, p.34). Enfim a ideia de que a gastronomia de um povo reflete sua alma, sua cultura e mesmo sua posição social, existe desde tempos imemoriais. O capítulo busca entender melhor a concepção de cultura, a gastronomia como expressão cultural de uma sociedade, e como a atualidade pode interferir nestas visões.

2.1 Cultura

Sobre o termo **cultura**, resumidamente tem-se que em sua origem, século XV, ele representava cultivo, cuidado com algo (colheitas ou animais) e ampliou-se a partir do século XVI para o sentido de cuidar dos processos do desenvolvimento humano. A partir de 1950, momento em que a Inglaterra se reestruturava do segundo pós guerra e também da estruturação dos estudos culturais, o sentido de cultura passa a representar então, não mais um modelo elitista e hermético pertencente a uma seleta classe, antes, todo um modo de vida, uma cultura comum, possível a todos (CEVASCO, 2008). Em seus estudos sobre os atributos e significados da

palavra cultura para além do processo físico (cultivo, cuidado) Raimond Williams (2007) assinala três categorias:

(i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do S18²; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral [...] (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser o sentido mais difundido: **cultura** é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema (p.121, grifo do autor).

A palavra cultura apresenta então três conotações distintas: cultura enquanto desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, que aparece no século XVIII; cultura enquanto modo de vida representante de um grupo, um povo, um período e por fim, cultura enquanto manifestações artísticas (mais usual). Esta pesquisa utiliza-se do conceito de cultura enquanto modo de vida de um povo, grupo social ou indivíduo.

Anteriormente a Raymond Williams e aos Estudos Culturais, uma abordagem sobre **cultura como modo de vida** e portanto, a gastronomia como uma das formas de representação da cultura, talvez não fizesse tanto sentido, pois essa era entendida como que reservada a uma elite e ocorria como se fora em uma esfera apartada da vida cotidiana. Considerava-se haver um espaço para além do plano material da existência, em que as manifestações culturais se expressavam e sua compreensão era reservada a poucos, uma elite que detinha o poder de decodificação desses códigos simbólicos. As manifestações mais triviais e populares não faziam parte dos cânones e assim não eram entendidas como manifestações culturais. Foi no período do segundo pós-guerra que uma das concepções de cultura, como campo de distinção social, espaço reservado a um grupo seletivo, perdeu forças, iniciando-se a partir daí todo um referencial que nos levaria ao atual sentido de cultura como modo de vida (CEVASCO, 2008). Foi a partir da instauração dos estudos culturais que abordagens das mais variadas atividades humanas passaram a fazer sentido como campo dos estudos da cultura. De acordo com Williams:

[...] a ideia de cultura é necessária, como uma ideia do cultivo do crescimento *natural*. Conhecer, mesmo parcialmente, qualquer grupo de processos de vida é perceber sua extraordinária variedade e complexidade e maravilhar-se com ela. Conhecer, mesmo parcialmente, a vida do homem é perceber sua extraordinária multiplicidade, sua grande fertilidade de valor e maravilhar-se com elas (2011, p.360, grifo do autor).

Segundo o autor a cultura está associada aos processos de vida de um determinado grupo, todas as suas expressões criativas passam pela construção cultural desse grupo. A

² O autor Raymond Williams opta pela abreviatura S18 para designar o século dezoito.

história da ideia de cultura como modo de vida apareceu como uma resposta da sociedade aos processos industriais pelos quais passava a Inglaterra no período pós Revolução Industrial. De sociedade manufatureira e agrária transformava-se em uma sociedade capitalista e industrial, na qual a primeira alteração significativa caracterizava-se pela centralização dos meios de produção na mão de uma elite burguesa e pela consequente exploração da força de trabalho da classe operária.

Para Williams a luta pela compreensão desse estado de coisas, que não era nem uniforme e menos ainda estático, poderia levar a caminhos diversos. Entender ou não o povo como detentor e produtor de cultura, quebrar o monopólio de uma elite em dizer o que era ou não cultura, entender a cultura como todo um modo de vida, dependeria da interpretação dada, naquele contexto a três principais questões:

- A indústria – primeiramente houve um sentimento de rejeição, por parte da classe trabalhadora, aos processos de produção através das máquinas e as consequentes relações sociais incorporadas ao sistema das fábricas; depois um sentimento contrário ao maquinário em si; e posteriormente ocorreu a aceitação da produção através das máquinas transferindo-se o problema primordialmente para as relações sociais geradas pela produção industrial;
- A democracia – na qual primeiramente viam-se os valores de uma elite minoritária ameaçados por uma maioria popular, seguida de uma suspeita, dessa elite, sobre o poder dessas novas massas; depois houve o desenvolvimento da ideia de comunidade em detrimento da ética individualista predominantemente elitista; e por último o reforço da suspeita sobre o poder das massas em razão da democracia sustentada pelo desenvolvimento da comunicação de massa;
- A arte – nota-se num primeiro momento uma ênfase no valor das artes e a importância da incorporação das qualidades por elas geradas para a vida em geral; num segundo momento a constatação do valor intrínseco da arte; e por fim o esforço para reintegração da arte à vida em comum da sociedade através da comunicação. (WILLIAMNS, 2011).

Vale ressaltar que o autor fazia sérias críticas ao material produzido pelos meios de comunicação de massa, supostamente tido como “cultura da classe trabalhadora” uma vez que esse material era produzido **para** a classe trabalhadora e não **por** ela, o que fazia toda a diferença.

Esses processos agitavam a Inglaterra e alteravam todo um modo de ser e viver, e refletiam-se diretamente nos modos de interpretar o mundo e por consequência o sentido da palavra cultura. O termo cultura era um termo em disputa no sentido de qual seria a sua consciência frente a uma realidade industrial dividida em classes.

Se pensarmos sobre cultura, como é importante que façamos, em termos de um corpo de trabalho intelectual e imaginativo, podemos perceber que com a extensão da educação, a distribuição dessa cultura está se tornando mais equitativa e, ao mesmo tempo, novos trabalhos estão sendo dirigidos a um público mais amplo que uma única classe. No entanto, uma cultura não é apenas um corpo de trabalho intelectual e imaginativo, ela é também e essencialmente todo um modo de vida. [...] A distinção crucial está entre ideias alternativas da natureza do relacionamento social (WILLIAMS, 2011, p.349).

Cultura sob esse aspecto não representa apenas um conjunto de trabalhos intelectuais e criativos elaborados por um determinado grupo, normalmente ligado à classe dominante, antes, representa todo um modo de vida de uma determinada comunidade.

O livro “Cultura e Sociedade” de Raymond Williams é um marco e inaugurou uma nova abordagem no campo dos estudos de cultura. O Autor justifica o livro “[...] como uma forma de encontrar uma posição que me desse a esperança de entender e agir na sociedade contemporânea, necessariamente, através de sua história, que tinha nos entregado esse mundo estranho, intranquilo e estimulante” (WILLIAMS, 2011, p.12). Para seu percurso de construir o significado do termo cultura ao longo do tempo, faz uma distinção na evolução do significado de cinco termos. Destacamos alguns dos principais sentidos apontados pelo autor em cada termo:

1. Indústria – como qualidade humana e instituição ou conjunto de instituições para a produção e comércio;
2. Democracia – governo do povo até o final do século XIX com sentido pejorativo e a partir daí definia governo por representantes eleitos;
3. Classe – primeiramente significava uma divisão de acordo com a propriedade que possuíam os romanos, depois ampliado para organização eclesiástica, e posteriormente termo geral para divisão ou grupo. Entre 1770 e 1840 temos ainda o conceito de classe social para definir classes específicas (classe burguesa, classe operária etc.);
4. Arte – qualquer tipo de habilidade e posteriormente ao final do século XVII conjunto de habilidades não representadas formalmente: pintura, gravura, desenho e escultura e em fins do século XVIII e início do XIX a associação com criativo e imaginativo;
5. Cultura – cultivo e cuidado, no século XVI desenvolvimento humano e por último “[...] argumentação complexa sobre as relações entre o desenvolvimento humano geral e um

modo específico de vida e entre ambos e as práticas da arte e da inteligência” (WILLIAMS, 2007, p.122).

Como argumentação o autor vai defender que a evolução no significado dessas cinco palavras interferiu e se relacionou com as alterações do contexto histórico da Inglaterra pós-Revolução Industrial e influenciou o modo de como pensar a vida comum.

Em síntese, a apreensão dos modos de vida de um dado grupo passa a fazer parte do “capital cultural” desse grupo. Cultura assim deixa de pertencer a um corpo seleto de letrados para abranger todas as manifestações de uma sociedade, criando-se alternativas para a natureza do relacionamento social entre os diversos segmentos dessa sociedade. É essa ideia que permite seguir estudando a gastronomia enquanto cultura realizada pelos imigrantes bolivianos aqui em São Paulo.

2.2 Gastronomia

A palavra **gastronomia**, vem do grego e é formada pela junção de **gaster** (ventre, estômago) mais o radical **nomo** (lei) mais o sufixo **ia** (de substantivo) e pode ser definida como o estudo e observação das leis do estômago. A gastronomia envolve todas as práticas desenvolvidas pelo homem no processo de alimentar-se bem. “Ela atinge esse objetivo dirigindo, mediante princípios seguros, todos os que pesquisam, fornecem ou preparam as coisas que podem converter-se em alimentos” (SAVARIN, 2009, p.57). Ainda para Savarin (2009) a gastronomia é a arte e a ciência que envolve todo o conhecimento referente aos alimentos e suas possibilidades de propiciar a melhor alimentação ao homem. Dessa forma a gastronomia abrange todos os procedimentos que envolvam o estudo e o desenvolvimento dos processos culinários até a sua mais refinada criação e elaboração. Estão inclusos todos os estudos destinados a entender como esses alimentos interferem em nossa nutrição (FLANDRIN, 1998).

Desde tempos imemoriais, a alimentação está presente em todas as culturas e tem tomado espaço cada vez maior nas sociedades modernas:

Algo muy substancioso encierra la coccina además de los sabores, la manera de un misterioso recipiente em el cual se van depositando y sedimentando una infinidad de conocimientos de la vida y costumbres de los pueblos, hábitos culinários, gustus, características de la sensibilidad colectiva. Parte importante de la historia de una

sociedade, la comida es pues, como componente de la vida cotidiana, de lá producción y distribución alimentarias; fuente de información de las transformacioes históricas, económicas y sociales, de la tecnología culinária, de las mesclas, innovaciones y persistências culturale. (MONTALVO, 2009, p.25).³

Ou seja, a escolha dos alimentos, seus modos de produzi-los, as formas de combinação e elaboração demonstram como essas sociedades se organizam econômica e socialmente e traduzem parcela do componente histórico cultural dessas. Alimentar-se é mais do que simplesmente um ato biológico para manutenção da vida. Ao longo da história o homem vem alterando as suas formas de lidar com os alimentos, adaptando-os às suas preferências. Primeiramente como caçador e coletor, posteriormente como criador e agricultor e mais recentemente até reelaborando as constituições genéticas dos alimentos de forma a melhorar suas características ou mesmo para aumentar sua produtividade. “O início das civilizações está intimamente relacionado com a procura dos alimentos, com os rituais e costumes de seu cultivo e preparação, e com o prazer de comer” (FRANCO, 2001, p.21).

Retrocedendo-se à pré-história, os hominídeos mais antigos datam de 500 milhões de anos atrás e não se encontraram evidências de sua alimentação. “De épocas anteriores até 2 milhões de anos atrás, só é possível fazer suposições grosseiras sobre dietas com base na morfologia de esqueletos e em sua dentição” (Outram, 2009, p.40).

De acordo com Outram (2009) o uso do fogo pode ser atribuído ao *Homo ergaster/erectus*. Foram encontradas evidências de seu uso na Caverna de Zhoukoudian, na China, datadas de 500 a 240 mil anos atrás. Antes disso, fósseis encontrados na Grande Falha tectônica da África Oriental, local com grande quantidade de gêiseres e fontes termais, levam alguns paleontólogos a acreditar que mesmo antes da descoberta do fogo, o homem já possuía a noção de que o calor melhorava o sabor e as características dos alimentos. “Em decorrência, teria cozido caça em tais fontes de calor, numa tentativa bem-sucedida de devolver-lhe temperatura e sabor de presa recém-abatida” (FRANCO, 2001, p17).

Para o autor, a descoberta do fogo representa um significativo salto cultural. Além do calor e da luz, ao fogo também foram atribuídas características mágicas e sobrenaturais.

³ A cozinha encerra algo de muito mais substancial além dos sabores, à maneira de um misterioso recipiente no qual se vão depositando e sedimentando uma infinidade de conhecimentos da vida e costumes dos povos, hábitos culinários, gostos, características da sensibilidade coletiva. Parte importante da história de uma sociedade, a comida é pois, como componente da vida cotidiana, da produção e distribuição dos alimentos; fonte de informação das transformações históricas, econômicas e sociais, da tecnologia culinária, das mesclas, inovações e persistências culturais (MONTALVO, 2009, p.25, tradução nossa).

Algumas religiões utilizaram-se do fogo em seus rituais (zoroastrismo, por exemplo) e em diversas culturas ele faz parte dos rituais da mesa e hospitalidade. Estudos à parte, a utilização do fogo eleva o nível do paladar humano uma vez que já podiam escolher o que e como comer (cru ou cozido).

Já o advento da agricultura é marco no desenvolvimento das escolhas desses povos, alterando o equilíbrio de sua dieta, aumentando a disponibilidade de carboidratos e possibilitando a estocagem de alimentos para consumo ao longo do ano. Eles já não dependiam apenas da natureza, podiam fazer escolhas de quais sementes plantar e assim escolher o que iriam comer. Lugares como o Oriente Próximo (cereais como trigo e cevada), América Central (milho e feijão) e China (arroz) descobriram de forma independente como domesticar e cultivar seus próprios alimentos e mais tarde nos Andes a batata e na África Subsaariana o sorgo. (OUTRAM, 2009).

Após dominar o cultivo de alimentos o homem conseguiu domesticar alguns animais selvagens. No Oriente Próximo cabras, gado, ovelhas e porcos foram domesticados; na Ásia Central cavalos e camelos-bactrianos; no Sudeste Asiático, muito provavelmente as galinhas e depois os patos; no México o peru, nos Andes o porquinho-da-índia, na Europa os coelhos, e na Escandinávia e Rússia as renas. Aparentemente as criações eram todas destinadas à alimentação.

O incremento no desenvolvimento da agricultura e da criação de animais dependia de cada região. De presa passa a predador, de coletor a agricultor. O homem não só alterou o antigo equilíbrio natural como dominou e interferiu na natureza. “A humanidade tornava-se, portanto, criadora de animais e produtora de alimentos e deixava de ser um elemento mais ou menos inofensivo da cadeia ecológica, na medida em que evoluía do ritmo meramente biológico para o ritmo econômico” (FRANCO, 2001, p.19). Ainda segundo o autor, o armazenamento dos excedentes permitiu ao homem o fim das migrações cíclicas, favorecendo sua fixação e consequentemente o apego a determinado território.

Com relação às bebidas, deve-se levar em conta, no período pré-histórico, os processos de fermentação e a origem das bebidas fermentadas. Não tão preciso porém, há evidências do aparecimento de bebidas alcoólicas no fim do período Neolítico e início da Idade do Bronze, ligadas a um tipo especial de cerâmica (2500a.C. – 2000a.C.), vasos “campaniformes”, também encontrados feitos em ouro. “Todas as informações arqueológicas, históricas e etnográficas que temos sugerem que as bebidas alcoólicas sempre tiveram grande

importância social” (OUTRAM, 2009, p.57). Acredita-se que o gosto por essas bebidas foi adquirido por razões sociais, em especial para a aquisição de “*status*”.

O sal é um dos temperos mais difíceis de ser estudado arqueologicamente. Por ser solúvel e não deixar resíduos torna-se difícil identificar os locais de seu consumo. O sal era bastante valioso nesse período e ao longo da história, utilizado não só como tempero, mas também como conservante e até moeda de troca. O uso de ervas e especiarias ainda é de mais difícil identificação, entretanto, análises de pólen indicam a existência de determinadas plantas na pré-história. Mais das vezes, entretanto, torna-se difícil identificar se seu uso era como especiaria, medicamento, conservante, perfume ou mais de um tipo de uso (OUTRAM, 2009).

Muito do que se sabe sobre os métodos de cozimento, foi descoberto através dos estudos de resíduos de alimentos em panelas, vasilhas ou mesmo ossos, e ainda através das estruturas culinárias (fornos, buracos em terra aquecidos com rochas quentes). “É impossível precisar quando o alimento, necessidade humana sempre presente, se transformou em prazer da mesa” (FRANCO, 2001, p.22).

Os banquetes e a alta culinária são característicos da atividade social de qualquer sociedade. O consumo de alimentos exóticos ou raros, os utensílios de mesa, revelam sobre o “*status*” social de quem os utiliza, são marcas de distinção hierárquica. Dessa maneira o gosto vai além do paladar para tornar-se uma questão identificação social. “Não obstante, fica claro que existia igualmente na pré-história uma rica variedade de sabores à escolha, e as escolhas eram ditadas por forças sociais (OUTRAM, 2009, p.61). Para Montalvo (2009) parece difícil representar as sociedades antigas sem se considerar a antítese dos agricultores, classe mais baixa, em estado de subalimentação e os ricos em estado de sobrealimentação.

Os animais comem para saciar uma necessidade biológica, já o apetite desenvolvido pelos seres humanos apresenta-se com um componente de fator psicológico e social além da função biológica. A refeição constituiu-se então num ato ritualístico de partilha. Desconhecendo métodos de conservação dos alimentos (além do cozimento), o homem via-se premido a consumi-los em um tempo relativamente curto. “Isso o induziria a dividir com outros caçadores e famílias o produto de seu trabalho e, evidentemente, esperar gestos recíprocos” (FRANCO, 2001, p.23). Credita-se a essa necessidade de partilha com os demais elementos do grupo o início da hospitalidade à mesa. O homem passou a associar-se a outros caçadores em busca do abate de maiores presas, e por isso precisava comunicar-se com os demais. Para suprir essa necessidade, de acordo com o autor, surgiu um elaborado sistema de sinais. Supõe-se que

esse elaborado sistema de códigos simbólicos, utilizados para a compreensão dos mecanismos de caça em grupo, tenha sido o precursor da linguagem vocal.

As relações entre gastronomia e cultura vêm-se alterando continuamente. Do extrativismo à produção de alimentos liofilizados, novos procedimentos revolucionaram a forma com que o homem interage com os mesmos. Para além dos alimentos, os espaços de comer também vêm sofrendo alterações, e nesse sentido a Bolívia apresenta forte incremento na comida de rua. Esse espaço da comida de rua em especial, tem sido cada vez mais explorado em várias regiões do mundo e também aqui no Brasil; mostras disso é a regulamentação sobre a venda de comida de rua na capital de São Paulo. O referido projeto estabelece as normas para venda de alimentos em veículos automotores, carrinhos ou tabuleiros e barracas desmontáveis, e aqui se enquadra os oferecimentos da Feira Kantuta (SÃO PAULO, 2013).

Esse não é um processo técnico apenas, ele está carregado de sentidos e significados culturais, contextualizados em um momento histórico. *“La cocina viene a ser uno los médios más perceptibles a través de los cuales se convierten los objetos o productos de la naturaleza em produtos culturales” (MONTALVO, 2009, p. 100)⁴*. O sistema capitalista trouxe-nos mais avanços tecnológicos e progresso, mas deixou à margem melhorias sociais mais igualitárias no que diga respeito às oportunidades de distribuição dos alimentos e de sanar os problemas de fome e desnutrição no mundo.

O aspecto e sabor das preparações culinárias, não são valores estáticos e comuns a todos, eles variam de acordo com as concepções de cada país, comunidade ou grupo social. O gosto é um produto cultural e, portanto aprendido e transmitido aos demais. “É uma experiência de cultura que nos é transmitida desde o nascimento, juntamente com outras variáveis que contribuem para definir os valores de uma sociedade” (MONTANARI, 2008, p.96). O que é saboroso em uma cultura não o é necessariamente em outra.

Há controvérsias sobre a transmissão do gosto ser cultural ou biológica, Fischler (1995) argumenta que a relação que pode existir deve estar vinculada a fatores socioculturais, aliados à influência indireta dos pais, em especial da mãe, pois ela tende a controlar os gostos através das escolhas dos cardápios servidos nas refeições da família.

Corroborando com a ideia de que o gosto é uma transmissão cultural, Montanari (2003) vai falar da utilização de determinados alimentos em razão de suas disponibilidades e

⁴ “A cozinha vem a ser um dos meios mais perceptíveis através dos quais se convertem objetos ou produtos da natureza em produtos culturais” (MONTALVO, 2009, p.100, tradução nossa).

costumes de uma determinada época. Por exemplo, o óleo, utilizado pelos europeus do norte até o século XVII, caiu em desuso ao longo dos séculos XIV e XV em razão da crescente disponibilidade da manteiga. Aliem-se a isso as preferências da nobreza que buscava nos produtos mais raros suas opções de diferenciação. O autor exemplifica ainda, com o desuso das especiarias por parte das elites quando estas se tornaram abundantes e de custo acessível à população. “Agora que todos podiam usar gengibre, canela e todo o tipo de ‘especiarias finas’, os ricos buscaram alhures um sinal de distinção” (MONTANARI, 2003, p.151, grifo do autor)

O homem é talvez, o único ser vivo que transforma seus alimentos de forma raciocinada. Cozinhar é uma atividade humana, e é após o domínio do fogo que o homem transforma os alimentos da natureza em produtos carregados de significados emocionais e culturais. A produção, armazenamento e conservação de alimentos são processos tecnológicos e por consequência representações culturais da sociedade. (MONTANARI, 2008).

O ato de alimentar-se é natural aos seres humanos, entretanto, o ato de transformar os alimentos em produtos e partilhar o seu consumo é um processo carregado de significados culturais e representativos de um determinado momento histórico. Representa parcela significativa de seu modo de vida e portanto parcela de seu legado cultural. “*La historia del hombre es también la historia del alimento. Su búsqueda fue y sigue siendo preocupación primordial de la humanidad*” (SAAVEDRA, 2012, p.59)⁵.

No caso da gastronomia dos países da América Latina, colonizados pelos espanhóis, Montalvo (2009) afirma que a chegada deles à América descortinou um mundo de origem animal e vegetal completamente diferente. Consolidada a colonização, ocorreu um intenso intercâmbio de produtos, o qual produziu transformações em âmbito mundial, “[...] *trasladando el sistema de producción agrario europeo a Nueva España y el Perú, en lo referido a bases tecnológicas, arquitetura jurídica y formas de cálculo que regían su reproducción*” (MONTALVO, 2009, p.34)⁶. Com o implemento de uma economia colonial, o projeto de desenvolvimento submete-se ao envio de remessas substanciais de prata à metrópole (Espanha), através da subjugação da população indígena. Em 1570 acelerou-se o processo de distribuição de terras aos espanhóis e o incremento do sistema europeu de produção agrária através de farta oferta de força de trabalho indígena. A videira e oliveira tiveram importância e expansão

⁵ “A história da alimentação do homem é também a história do alimento. Sua busca é e segue sendo preocupação primordial da humanidade” (SAAVEDRA, 2012, p.59, tradução nossa).

⁶ “[...] transferindo o sistema agrário de produção europeu à Nova Espanha e ao Peru, no que se refere às bases tecnológicas, estrutura jurídica e formas de cálculo que regiam sua reprodução” (MONTALVO, 2009, p.34, tradução nossa)⁶.

significativas nas colônias espanholas, a ponto de ocorrer uma transferência quase total dos processos de produção agrícolas europeus para o Peru. A localização dos grandes depósitos de minerais e também os grandes mercados consumidores determinaram a geografia das principais zonas de produção de cereais. Não por acaso, a demanda de Potosi (principal capital mineradora) determinou a permanência do Vale de Cochabamba como principal polo produtor de grãos, com destaque para o milho e o trigo.

Muito antes de 1570 entretanto, já se produzia toda uma gama de produtos europeus em terras americanas (Arekipa, la Paz, Chuquisaca e outras cidades) tais como: repolho, rabanete, cebola, alho, salsa, nabo, cenoura, berinjela, escarola, acelga, espinafre, grão de bico, feijão, lentilhas, laranja, lima, cidra (MONTALVO, 2009).

A cultura gastronômica boliviana, resume quatro mil anos de história, “[...] *es el resultado de la fusión cultural de usos y costumbres agrícolas, tradiciones y simbolismos míticos, entre lo andino y lo español, y mas tarde el francés*” (SAAVEDRA, 2012, p.19)⁷. Deve-se ressaltar que em razão da estratificação social da sociedade Inca, a alimentação também seguia esses padrões e obedecia aos privilégios existentes entre essas classes, o que significa que alguns gozavam de privilégios culinários enquanto que à maioria cabiam os alimentos comuns ou as sobras dos privilegiados. A alimentação dos incas era bastante simples e em que pese a bebida ser bastante apreciada, a embriaguez era castigada, o *aji* (tipo de pimenta) era o principal condimento e utilizado em praticamente todos os pratos. Quanto às bebidas alcoólicas, a *chicha* (bebida à base de milho fermentado) era a mais importante e muitas vezes a única, era tomada após as refeições e sempre se derrubavam algumas gotas para dar graças ao sol (SAAVEDRA, 2012).

A chegada dos espanhóis à América em 1492 “[...] *significó el encuentro de dos mundos y a través de ello empezó el más grande proceso de comunicación e intercambio cultural de la historia de la humanidad*” (SAAVEDRA, 2012, p.107)⁸. Os espanhóis trouxeram o trigo e o arroz, os quais se converteriam em alimentos constituintes da base alimentar do continente americano, introduziram ainda a cana de açúcar, café, bananas e a criação de animais domésticos. Os europeus e africanos trouxeram para a América não só plantas e animais, mas também as informações e tecnologias necessárias para a produção de pão, azeite, vinho, cerveja

⁷ “[...] é o resultado da fusão cultural dos usos e costumes agrícolas, tradições e simbolismos míticos, entre o andino e o espanhol, e mais tarde francês” (SAAVEDRA, 2012, p.19, tradução nossa).

⁸ “[...] significou o encontro de dois mundos e através deles começou o maior processo de comunicação e intercâmbio cultural da história da humanidade” (SAAVEDRA, 2012, p. 107, tradução nossa).

e queijo, e na contrapartida levaram o conhecimento da utilização de diversas plantas medicinais. Ocorre mais tarde, por parte dos colonizadores, aristocratas e altos funcionários com maiores cargos políticos e condições econômicas um desprezo e desvalorização da comida Inca e passaram a introduzir alimentos e cultivos mais refinados. *“Al fenómeno de la subvaloración de las culturas precolombinas no escapó su comida, dentro del rígido etnocentrismo cultural europeo de esse entonces. Como se conoce, lo único que mereció realmente su aprecio fue el oro, pero, además, fundido [...]”* (SAAVEDRA, 2012, p. 109)⁹. Os alimentos nativos foram relegados durante um período até que a partir de meados do século XVIII produtos como as batatas, o milho, o tomate e o amendoim passaram a compor a cozinha europeia. *“Algunos hispanos, y eso non es novedad, rechazaron la gastronomía nativa. Pero eso, luego, con paciencia o por el hambre, habría de cambiar”* (SAAVEDRA, 2012, p.109)¹⁰. Um dos principais fatores da migração europeia para a América foi a busca por melhores condições de vida, os espanhóis que aqui aportavam, visavam a aquisição de terras, pois estas significavam ascensão social e possibilidade de autonomia econômica a quem as possuísse, em comparação às ameaças de fome vividas na Europa. A Civilização Inca possuía um sistema de rega, colheita, armazenagem e distribuição de alimentos que não permitia que as pessoas passassem fome dentro do império. Mesmo dividida em classes, todos tinham acesso aos alimentos, no entanto, a Europa em razão de sua estratificação social piramidal, apresentava um quadro de fome quase permanente para uma parcela considerável de sua população. Houve uma relativa resistência quanto à assimilação de alimentos de outras culturas, seja por parte dos Incas quanto da parte dos espanhóis. A interação dos alimentos espanhóis e incas possibilitou uma ressignificação da gastronomia boliviana, temos talvez neste momento uma primeira hibridização cultural e gastronômica de tal forma que esse conjunto de alimentos passou a fazer parte de vários pratos “tradicionais”, que vemos ainda hoje serem utilizados aqui na Feira Kantuta e mesmo na Bolívia. O grau de aceitação de uma outra cultura alimentar tem muito a ver com a necessidade de sobrevivência ou mesmo com o domínio de um povo sobre outro (SAAVEDRA, 2012).

Pero la praxis más efectiva de la culturación alimentaria se verifico a través de las cocineras indígenas. Conocido es el hecho de la escasa inmigración de mujeres españolas a América, no sólo em las expediciones iniciales de descubrimiento y conquista, sino ya asentada la vida colonial. El invasor europeo tuvo que satisfacer

⁹ “Ao fenómeno de desvalorização das culturas pré-colombianas não escapou sua comida, dentro do rígido etnocentrismo cultural europeu de então. Como se conhece, o único que mereceu realmente seu apreço foi o ouro, porém fundido” (SAAVEDRA, 2012, p.109, tradução nossa).

¹⁰ Alguns hispânicos, e isso não é novidade, rechaçaram a gastronomia nativa. Porém isso, logo, com paciência ou por fome, havia de mudar (SAAVEDRA, 2012, p.109, tradução nossa).

sus necesidades sexuales em las mujeres indígenas, iniciándose um processo de miscigenación que no há terminado (SAAVEDRA, 2012, p.131).¹¹

Para além da assimilação da cozinha primitiva dos Incas, a aculturação alimentar mais efetiva, foi a patrocinada através da miscigenação, fruto da associação dos espanhóis com as mulheres indígenas, principalmente tendo-se em vista o inexpressivo contingente de mulheres espanholas na colônia. *“A medida que se fueron difundiendo y consolidando los cultivos de las plantas introducidas y los ganados de todo género, fueron haciendo los espanholes uso gradual de alimentos tradicionales, ya producidos localmente” (SAAVEDRA, 2012, p.132)¹²*. Para o autor, a cozinha boliviana resulta da mescla de três fontes culinárias e que dão origem à chamada Cozinha Crioula. Essa fusão é fruto da somatória da cozinha tradicional indígena (percebida nas matérias primas utilizadas), da herança culinária espanhola (a cozinha dos conquistadores) e da influência estrangeira (com destaque para a culinária francesa). A utilização de gordura animal é a característica marcante da alimentação crioula na Bolívia.

Cada sociedade e cada civilização se organiza com base em determinados recursos e modos de produção disponíveis. Durante o vice reinado e mesmo após a independência boliviana as fronteiras foram abertas aos estrangeiros, de forma que principalmente nas três primeiras décadas da República, conviviam em Sucre, Cochabamba, Santa Cruz, La Paz, Oruro e Potosi bolivianos, franceses, ingleses, alemães, italianos e ainda cidadãos dos países Escandinavos e Mediterrâneo. Todos esses imigrantes aportaram na Bolívia com sua cultura e por conseguinte com sua gastronomia. Assim:

Bolivia, de esta forma, a lo largo de siglos, recibió la influencia española em guisos y sopas, la árabe em sus dulces, la africana em la comida criolla, la influencia italiana em las pastas. Hoy, em pleno siglo XXI, descendientes de gente quéchua, aimará, guaraní, de espanholes que havian vivido em Bolívia, así como de otras nacionalidades han sido participes em la evolucion de la cocina boliviana (SAAVEDRA, 2012, p.20)¹³.

¹¹“Porém a práxis mais efetiva da aculturação alimentar se verificou através das cozinheiras indígenas. Conhecido é o fato da escassa migração de mulheres espanholas à América, não só nas expedições iniciais do descobrimento e conquista, senão quando já assentada a vida colonial. O invasor europeu teve de satisfazer suas necessidades sexuais com as mulheres indígenas, iniciando-se um processo de miscigenação que não terminou (SAAVEDRA, 2012, p.131, tradução nossa).

¹² “À medida que se foram difundindo e consolidando os cultivos das plantas introduzidas e de gados de todo o género, foram fazendo os espanhóis uso gradual de alimentos tradicionais produzidos localmente” (SAAVEDRA, 2012, p.132, tradução nossa).

¹³ A Bolívia dessa forma, ao longo de séculos, recebeu a influência espanhola em guisados e sopas, a árabe em seus doces, a africana na comida crioula, a influência italiana nas massas. Hoje, em pleno século XXI, descendentes de gente quéchua, aimará, guaraní, de espanhóis que tem vivido na Bolívia, assim como de outras nacionalidades tem sido partícipes na evolução da cozinha boliviana (SAAVEDRA, 2012, p.20, tradução nossa).

Assim, a gastronomia crioula foi resultado da fusão da cozinha andina e espanhola, mas ressalte-se que a gastronomia boliviana é resultado não só da comida crioula, mas também das influências gastronômicas trazidas pelos imigrantes que viviam na Bolívia. *“Todo el período colonial es testigo de procesos de aculturación y mestizaje biológico y cultural que presentan dificultades de teorización y concreción por su amplitud y complejidad, pero su existencia como hecho real es indudable”* (MONTALVO, 2009, p. 82)¹⁴. A cultura vai ser sempre mediada por influxos internos e externos ao meio vivido; longe de um purismo imaginário, ela é resultado de uma miríade de influências e não por isso menos autêntica. *“A mediados del del siglo XVII, la vida social se había regularizado em Charcas com el arribo de las mujeres españolas, que trajeron costumbres burguesas más severas y metódicas”* (SAAVEDRA, 2012, p.159)¹⁵. Neste período deve-se destacar o desenvolvimento da confeitaria, elaborada por monjas, provocando grande rivalidade entre os monastérios. Destaca-se também o consumo da Erva do Paraguai à qual era atribuída a propriedade de livrar o corpo de todos os vícios, fleuma, humores e cóleras e da Coca utilizada por homens e mulheres espanhóis para limpar os dentes e que foi proibida pela inquisição em razão de seus poderes alucinógenos. *“Ambas – la yerba y la coca – fueron consumidas em gran abundancia y se constituyeron em las bebidas por excelencia em los siglos coloniales”* (SAAVEDRA, 2012, p.163)¹⁶. Já o chocolate foi símbolo da bebida utilizada pela aristocracia boliviana.

O século XVIII vai encontrar a Bolívia às voltas com o movimento de independência. Com relação à gastronomia, as famílias bolivianas dispunham de uma infinidade de utensílios gastronômicos e rivalizavam-se no preparo de receitas saborosas com o intuito de arranjar maridos para suas filhas, ou mesmo rivalizavam-se na arte de servir a mesa, com travessas de prata e louça inglesa, época dos grandes banquetes. *“En la colônia la comida fue el supremo toque de homenaje y de cariño. Desde el bautismo hasta el velório, había la consabida ceremonia culinária que fijaba la rigurosa etiqueta”* (SAAVEDRA, 2012, p.170)¹⁷. Tempo de fartura e excessos, uma cozinha privilegiada, mas possível a uma classe

¹⁴ “Todo o período colonial é testemunha de processos de aculturação e mestiçagem biológica e cultural que apresentam dificuldades de teorização e concretização pela sua amplitude e complexidade, porém sua existência como fato real é inegável” (MONTALVO, 2009, p.82, tradução nossa).

¹⁵ “Em meados do século XVII, a vida social se havia regularizado em Charcas (Bolívia) com a chegada das mulheres espanholas, que trouxeram costumes burgueses mais tradicionais e metódicos” (SAAVEDRA, 2012, p.159, tradução nossa).

¹⁶ “Ambas – a erva e a coca – se constituíram nas bebidas por excelência nos séculos coloniais” (SAAVEDRA, 2012, p.163, tradução nossa).

¹⁷ Na colônia a comida foi o supremo toque de homenagem e carinho. Desde o batismo até o velório, havia a consagrada cerimônia culinária que fixava rigorosa etiqueta” (SAAVEDRA, 2012, p. 170, tradução nossa).

também privilegiada, para dizer o mínimo. Nos séculos XVI e XVII os indígenas recebiam uma ração diária de trigo e milho, uma libra de carne aos domingos e meio alqueire de milho por semana para que pudessem fazer “*chichi*”, já no século XVIII percebemos melhoras nas condições e os trabalhadores das estâncias jesuíticas recebiam uma ração alimentar maior, a ração alimentar desse século consistia em farinha, charque, feijões com sal e *aji*. Sobre as infusões, o mate era a bebida mais popular e o café e o chá também foram introduzidos no gosto boliviano. Já as bebidas alcoólicas mais conhecidas eram a *chicha*, a aguardente, o vinho (ainda produzido de maneira primitiva) e as mais variadas especialidades regionais ou mesmo caseiras: a “*aloja*”¹⁸ e a “*horchata*”¹⁹. O tempo e novos elementos contribuíram para que algumas receitas pudessem se alterar. Muitos pratos espanhóis ou Incas não deixaram de existir, apenas foram reelaborados. Deve-se dedicar ainda, especial atenção às tradicionais *salteñas* de Sucre: “[...] este bocado de origen europeo, transformado lentamente em el territorio andino hacia los gustos más condensados de los habitantes, como reuniendo en su pequeño corpo um compendio de sabores siempre presente em el paladar de las gentes” (MONTALVO, 2009, p.126)²⁰. Pode-se encontrar *salteñas* em todo o território boliviano, mas certo que vão apontar as *salteñas* de Sucre como as melhores. Fato curioso é que elas são vendidas apenas no período da manhã, até antes das onze horas, pois é considerado um prato para ser servido no café da manhã.

Sobre a gastronomia boliviana, especialmente aquela desenvolvida pelos povos andinos, anteriormente à chegada dos espanhóis, pode-se atribuir uma certa simplicidade em seu preparo, se levarmos em conta a dificuldade desses povos de trocarem experiências com outras culturas. A dificuldade de acesso às tribos, dificultou o intercâmbio de experiências e a reelaboração dos pratos, fazendo com que esses fossem preservados, exemplo disso a utilização constante da *tunta* (batata branca congelada) e do *chuño* (batata escura congelada). Contrariamente à gastronomia ocidental, a andina parece valorizar muito mais o valor nutricional dos alimentos, utilizando-se muito mais de produtos vegetais e animais *in natura*, a questão da acessibilidade favorece essa escolha. Como nada na cultura é estático, essa gastronomia aparentemente mais simples vai sofrendo alterações quando das interações com outras culturas; os espanhóis representaram um primeiro momento de profunda ressignificação

¹⁸ *Aloja*: Tipo de bebida em que o milho é cozido em fogo lento, acrescido de açúcar, canela, cravo, quinina.

¹⁹ *Horchata*: Tipo de refresco elaborado com cevada cozida

²⁰ “[...] este bocado de origem europeia, transformado lentamente no território andino aos gostos mais apurados dos habitantes, como reunindo em seu pequeno corpo um compêndio de sabores sempre presentes no paladar das pessoas” (MONTALVO, 2009, p.126, tradução nossa).

da cultura gastronômica boliviana. Posteriormente ela sofre principalmente a influência dos imigrantes franceses. Longe de ser descaracterizada em razão da dominação espanhola, a gastronomia provoca uma readaptação da cultura dominante, incorporando elementos dessa cultura, sem perder sua própria identidade.

Um outro fator determinante da atividade gastronômica é seu componente emocional. Quem não devorou uma barra de chocolate quando em um momento de grande tristeza ou estresse? A comida e os episódios relacionados a ela, podem ativar a memória emocional recordando momentos vividos, sejam eles de alegria ou tristeza. As transformações no arcabouço gastronômico de uma cultura seguem em paralelo às transformações históricas. Momentos de maior desenvolvimento tecnológico levam a uma maior elaboração nas receitas culinárias em virtude de maior disponibilidade de instrumentos e variedade de alimentos, o contrário também se dá.

A gastronomia tem o particular poder de transformar produtos naturais em culturais, através do trabalho humano, que reelabora o natural a partir de sua cultura; por isso a diversidade gastronômica em várias épocas da história e mesmo entre os diversos países e grupamentos humanos. Esse componente de distinção é que confere uma identidade à gastronomia de cada país ou comunidade, atuando como um espaço intermediário de elaboração e reelaboração cultural, como retrato do vivido.

Durante muitas décadas a comida esteve quase que restrita a uma prática social feminina e quase sempre doméstica; posteriormente, em especial na França, os grandes chefes de cozinha, apropriaram-se dessas práticas e elevaram-nas à categoria de uma atividade profissional. Hoje a indústria avança a passos largos sobre esse espaço e temos uma quase descaracterização dessa prática sociocultural. Alimentos são criados ou transformados, a questão econômica se contrapõe à questão nutricional e apesar da abundância de alimentos vemos consideráveis parcelas da população obesas e desnutridas. Tem-se na contrapartida todo um movimento com relação a práticas agrícolas mais sustentáveis, os alimentos orgânicos são um exemplo dessa vertente, embora ainda bastante caros. Nesse sentido um segmento da gastronomia retrocede a práticas mais saudáveis e alimentos mais naturais. O *Restaurant Gustu* na Bolívia tenta esse equilíbrio, promovendo cidadania através da capacitação de seus colaboradores, e sustentabilidade, priorizando a utilização de produtos locais.

Assim, os bolivianos tentam reproduzir aqui em São Paulo, todo um modo de vida existente ainda na Bolívia. Deve-se considerar, entretanto, que também aqui no Brasil, esse processo vai ser sempre mediado, pelas interferências produzidas pelos modos de viver que

estão representados pelos moradores locais. A gastronomia boliviana, por isso, não é mais a cultura pura e simples trazida da Bolívia e que foi transmitida de geração para geração. Ela vai estar permeada, por todas as influências recebidas por estes migrantes ainda em sua Terra Natal, e posteriormente, pelas influências recebidas aqui. Não por isso, essa cultura possa ter menor valor ou ser menos original. Ela é exatamente produto e processo do modo de viver daqueles que ela representa, os imigrantes que atuam na Feira Kantuta. A escolha dos alimentos, seus processos culinários e sua disponibilidade à mesa, podem falar daqueles que a utilizam.

2.3 Cultura, Gastronomia e Globalização

Aborda-se neste momento, em razão dessa pesquisa, os processos de interferência do fenômeno da globalização junto à cultura e à gastronomia. Para Raymond Williams (2007) o termo globalização:

Pode ser associado, de modo significativo, a um novo ciclo de expansão do capital, em escala produtiva e financeira proeminentemente planetária, que, para se firmar, impõe a desregulamentação dos mercados de trabalho e a revisão dos estatutos tradicionais dos Estados Nacionais com vistas numa maior flexibilidade do movimento transfronteiras dos investimentos lucrativos. Exprime, igualmente, a ideia de interdependência crescente entre relações, estruturas e processos sociais em nível mundial, em que a força combinada (ainda que desigual) do conjunto globalizado passa a sobredeterminar, cada vez mais, as realidades locais ou os particulares. [...] reestruturação radical de todo o sistema político-institucional e econômico-financeiro internacional, com vistas a sua adequação às necessidades de um novo ciclo de acumulação *transnacional* do capital (WILLIAMS, 2007, p.429, grifo do autor).

De acordo com o autor, a globalização representa um novo ciclo de expansão do capitalismo, que para se consolidar, desregulamenta as fronteiras territoriais permitindo uma movimentação de fluxos e capitais em tempo real, maximizando os lucros. Reforça a interdependência desigual entre as nações, ressaltando as diferenças locais. Determina ainda a transnacionalização do capital; este já não tem território, requerendo assim um rearranjo no sistema político-institucional e econômico-financeiro internacional. Há empresas transnacionais que possuem uma receita anual superior ou igual ao Produto Interno Bruto (PIB) de alguns países, o que pode gerar certa instabilidade. A globalização traz consigo três aspectos a serem considerados: o lado econômico, com a possibilidade de produção em escala mundial e em qualquer território do mundo; o financeiro em que os capitais já não têm território fixo e vagam ao sabor das cotações das bolsas de valores mundiais; e o aspecto cultural no qual forças

hegemônicas impulsionam a uma homogeneidade cultural e em sentido oposto ocorre o afloramento das diversidades culturais das comunidades locais, como forma de reforçar suas identidades (COSTA FILHO, 1996).

Para Milton Santos (2007a) a globalização tem ditado normas de conduta enaltecendo o consumo como ideal de vida.

Eu chamo a globalização de *globalitarismo*, porque estamos vivendo uma nova fase de totalitarismo. O sistema político utiliza os sistemas técnicos contemporâneos para produzir a atual globalização, conduzindo-nos para formas de relações econômicas implacáveis, que não aceitam discussão, que exigem obediência imediata, sem a qual os atores são expulsos da cena ou permanecem dependentes, como se fossem escravos de novo. Escravos de uma lógica sem a qual o sistema econômico não funciona. Que outra vez, por isso mesmo, acaba sendo um sistema político (SANTOS, 2007a, p. 180, grifo do autor.).

Neste sentido o processo de globalização impõe sua lógica econômica a todos os países, a hegemonia do capital transcende a autonomia dos Estados-nação uma vez que para sua manutenção há de se levar ao extremo a exploração do processo produtivo, reforçando as desigualdades. Em um ambiente altamente globalizado, o centro cultural está em todo lugar e em lugar nenhum. A cultura se apresenta em um determinado território, mas é difícil precisar sua origem (HALL, 2011).

Em um mundo que se faz cada vez mais global, estudar as manifestações culturais de uma determinada comunidade possibilita entender sua constituição social, seus embates, memórias, seu modo de vida. A gastronomia, desde tempos imemoriais, está presente em todas as culturas e tem tomado espaço cada vez maior nas sociedades modernas. A escolha dos alimentos, seus modos de produzi-los, as formas de combinação e elaboração demonstram como essa sociedade se organiza econômica e socialmente.

No resulta descabelado promocionar la cocina criolla y andina, si se piensa que se trata de un patrimonio cultural formado con el aporte milenário de diferentes sectores de la sociedad, con una despensa enriquecida al máximo por la reunión de productor de varias culturas. Por el contrario se hace imprescindible revisar el estado de la alimentación de los bolivianos, el abandono de dietas del pasado prehispánico que componían comidas elementares pero sabias, las políticas alimentarias nunca más vistas, los logros de la extraordinária agricultura andina, los inventos de cocineras, negras, blancas, mestizas e indígenas de distintos tempos que nos legaron um monumental patrimonio culinário (MONTALVO, 2009, p.136)²¹.

²¹ Não parece descabido promover a cozinha crioula e andina, se pensar que se trata de um patrimônio cultural formado com o aporte milenário de diferentes setores da sociedade, com uma despensa enriquecida ao máximo pela reunião de produtos de várias culturas. Ao contrário se faz imprescindível revisar o estado da alimentação dos bolivianos, o abandono de dietas do passado pré-hispânico que compunham comidas elementares porém sábias, as políticas alimentares nunca mais vistas, as conquistas da extraordinária agricultura andina, os inventos de cozinheiras, negras, brancas, mestiças e indígenas de distintos tempos que nos legaram um monumental patrimônio culinário (MONTALVO, 2009, p.136, tradução nossa).

Se a alimentação é um patrimônio cultural, há de se valorizar esse conjunto de saberes, acumulados pelo tempo, e transformá-lo em experiência que propicie uma melhor alimentação.

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, p.1, 2014).

O conceito de patrimônio imaterial é algo mais recente e envolve os saberes, ofícios e modos de fazer legados de geração para geração, através da transmissão de todo um arcabouço intangível de uma determinada comunidade e que dizem respeito a práticas que se efetivam nas feiras e santuários. “É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade (IPHAN, p.1, 2014).”

Assim vejamos, sociedades mais urbanizadas acabam por incluir em sua dieta, muito mais produtos industrializados e também utilizam-se de restaurantes para as refeições durante a semana (trabalho fora de casa) o que se por um lado, desenvolve a economia no setor de serviços por outro, favorece o aparecimento de doenças (obesidade mórbida, diabetes, colesterol) provocadas por maus hábitos alimentares potencializados a partir do surgimento das grandes redes de *fast food* por exemplo, ou mesmo de vários produtos industrializados que apresentam uma alta concentração de gorduras e sódio. Sobre essa questão Pollan (2008) vai questionar todo um processo de marketing a respeito dos alimentos, inclusive desconstruindo algumas informações nutricionais veiculadas em alimentos processados sob a alegação de que os produtos naturais, combinados de forma harmônica aportam as necessidades nutricionais do ser humano e que a opção pelo que é natural e em especial pelos vegetais, cumpre sobremaneira essa função. “O que provoca uma mudança tão contínua na dieta americana? Um motivo é a máquina de 32 bilhões de dólares do marketing da alimentação, que prospera na mudança pela mudança. Outro é a instabilidade da ciência da nutrição [...] (POLLAN, p. 12, 2008).”

A globalização influência direta ou indiretamente a alimentação das pessoas. As novas tecnologias na área da agricultura e pecuária, novos procedimentos de conservação e processamento de alimentos, a escassez de tempo, tudo condiciona a forma com que os seres humanos se relacionam com o comer.

As refeições feitas em conjunto, com horário determinado e um cardápio planejado, foram se tornando ocasiões cada vez mais excepcionais. Assim, percebe-se que a alimentação de diferentes culturas está sendo transformada muito rapidamente em todo o mundo, como parte de uma cultura que também se modificou (NASCIMENTO, 2007, p. 125).

A alimentação é um ato cultural que como tudo, vem sendo reprocessado, juntamente com as demais manifestações culturais, em todo o mundo. “*Podríamos citar cientos de ejemplos que demuestran que no es unicamente su poder nutritivo lo que convierte a un producto vegetal o animal en un alimento, sino también y sobre todo la elección que realiza la propia cultura*” (SAAVEDRA, 2012, p.24)²². Se antigamente a alimentação dentro de casa era um fator de agregação das famílias hoje isso se torna cada vez mais raro. As diversas redes de *fast food* dão mostras dessa desagregação, os pratos nestas redes, são padronizados e oferecidos para consumo rápido. Há inclusive todo um jogo arquitetônico para favorecer esse processo, de forma que as pessoas tenham um ambiente para comer, mas que não se sintam confortáveis a ponto de querer passar horas conversando, as cores contam muito nesta questão, as cadeiras também. Essas redes, que são mundiais, acabam fazendo algumas concessões no sentido de valorizar a cultura local, seja colocando uma *salsa de palta* (molho de abacate) no hambúrguer caso do *MacDonald's* no Chile ou mesmo uma opção de *plátanos fritos* (banana frita) caso do *Burger King* na Bolívia).

A tendência à homogeneização dos gostos é uma das características dos processos globalizantes, que se utilizam dos avanços tecnológicos para a inserção de produtos, das mais variadas procedências, comercializados por empresas transnacionais. Esses processos favorecem o acesso aos mais novos modismos, veiculados em tempo real pela mídia, bem como, normalmente ditados pelos países economicamente hegemônicos, fazendo com que todos se sintam, aparentemente, fazendo parte da grande “aldeia global”.

Essa tentativa de padronização vai muito além dos sabores, as empresas transnacionais, presentes no agronegócio, estabelecem os modos de produção e comercialização de uma parcela dos alimentos, em escala mundial. Embasados em sofisticados processos de pesquisa e desenvolvimento e de estratégias de *marketing*, interferem nos padrões de produção, comércio e consumo de alimentos, criando novos produtos para atender as necessidades dos cidadãos. (IANNI, 2007).

Entretanto há fatores a serem observados: se por um lado a diversidade de oferecimentos alimentares, favorecida pela globalização, barateou muitos dos alimentos que temos à mesa; por outro, apresenta um aspecto mais perverso, qual seja, as excentricidades expostas ao mundo, mas possíveis apenas a uma minoria, que se utiliza desses produtos para

²² “Podríamos citar centenas de ejemplos que demuestran que no es unicamente su poder nutritivo que convierte un producto vegetal ou animal en un alimento, senão também e sobretudo a eleição realizada pela própria cultura” (SAAVEDRA, 2012, p.24, tradução nossa).

conferência de *status* e manutenção de diferenciação de classes. Parece inquestionável que a produção globalizada permite extrair o máximo de produtos pelo mínimo custo, o que facilitou o acesso de uma grande faixa da população mundial a alimentos que anteriormente destinavam-se a uma elite. Um caso simples de se exemplificar é o do óleo de oliva; antigamente era extremamente caro comprar uma lata de azeite comum, se fosse extra virgem e primeira prensa a frio então, nem se fala! Hoje seu custo é acessível a uma parcela considerável da população e pode-se encontrá-lo em qualquer gôndola de supermercado. Dessa forma, o consumo desse produto deixa de ser considerado sinônimo de diferenciação social ou *status*, o consumo conspícuo explicitado por Veblen (1987). Assim, o tradicional azeite de oliva primeira prensa a frio é substituído pelo azeite “*vintage*”, ou o “colheita ao luar”, ou mesmo o “colheita madura”. Enfim é o mesmo azeite extra virgem só que acrescido de alguma diferenciação que o distingue, sendo melhor e mais caro, e que o torna novamente fator de distinção econômica e social a quem o utiliza! “Hoje em dia o ‘meramente’ local e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é condição de existência do outro” (HALL, 2011, p.44, grifo do autor).

Se em tempos idos a alimentação era utilizada para nutrir e saciar o ser humano e estava restrita à vida doméstica, hoje essas relações ultrapassam esses limites e avançam para os restaurantes, praças de alimentação e feiras gastronômicas. Nesse particular, entendemos que os alimentos e, conseqüentemente, a gastronomia constitui-se em um processo histórico, carregado de simbolismos e representações, “[...] *comer supone incorporar, introducir y procesar elementos en nuestro interior. Por eso no ingerimos cualquier cosa, debemos antes convertirla, simbolicamente, en alimento*” (SAAVEDRA, 2012, p.31)²³. Os alimentos, as comidas e os diversos modos de preparo, de acordo com Nascimento (2007), dizem muito das estruturas econômicas, sociais e culturais estabelecidas em um determinado grupo e seu estudo possibilita conhecer a cultura construída ao longo do tempo por essa comunidade.

Também os bolivianos expressam através da gastronomia sua cultura. O espaço a partir do qual falam, a Praça Kantuta, reflete o preconceito para com o diferente, uma vez que foram proibidos de reunirem-se na Praça Padre Bento, por incomodarem os moradores. Um grupo estranho, com roupas coloridas e linguajar diferente, alegre, com seu olhar rasgado e cabelos bem pretos e escorridos. Faziam algazarra aos domingos, por reunirem-se para

²³ [...] comer supone incorporar, introducir e procesar elementos en nosso interior. Por isso não ingerimos qualquer coisa, devemos antes convertê-la, simbolicamente em alimento. (SAAVEDRA, 2012, p.31, tradução nossa)”

conversar, rir, e relembrar sua cultura com seus irmãos, alguns se embriagavam. Foram “convidados” a se reorganizar em um outro local, ermo, uma praça mal cuidada que fazia fundos com a Escola Técnica Federal e que por isso mesmo, aos domingos era deserta. Foi renomeada como Praça Kantuta (nome de uma flor característica da Bolívia e que tem as cores de sua bandeira).

Esse é o contexto em que os signos da diversidade podem transformar-se em estigmas da desigualdade, instituindo a subalternidade. Assim, no mesmo contexto em que cor, sexo, idade, religião, etnia, raça, condição social, ideologia política ou outro signo aparecem como indícios da diversidade, logo se transfiguram em estigmas do diferente, outro, estranho, indesejável, inferior, exótico, inimigo. É aí que explode a violência urbana (IANNI, 2007, p.69).

Dessa forma, de acordo com o autor, o diferente pode carregar consigo diversos estereótipos e por isso mesmo, ser discriminado. Relações de desigualdade se estabelecem e o estrangeiro, porque exótico, sofre preconceito quanto à sua religião, etnia, gênero, condição social, ideologia, acirrando assim sentimentos de segregação e violência. No caso dos bolivianos essa diversidade fez aflorar sentimentos de superioridade por parte dos moradores do Bairro do Pari. Assim mesmo, esse grupo resiste, sobrevive, se reinventa e perpetua seus modos de vida. Parte significativa deles indocumentados sofre os preconceitos de ser imigrante em terra estrangeira.

Falar da gastronomia boliviana realizada em terra estranha é falar da produção cultural de um grupo de imigrantes que engrossa a “massa” de trabalhadores explorados pelo sistema capitalista. Considerar a produção simbólica dos imigrantes bolivianos como cultura, é entender que ela representa não só as artes eruditas e em especial a literatura, mas todo um modo de vida. Percebê-los como sujeitos de produção cultural, seria uma afronta àqueles que anteriormente aos Estudos Culturais, buscavam posicionar a cultura em um campo simbólico apartado do campo material da vida, acessível a poucos, através dos cânones da literatura. Consideravam que a cultura estava reservada a uma elite, que sabia interpretá-la e por isso, determinavam o que era ou não culto e o que deveria ou não ser oferecido às massas (CEVASCO, 2008).

Há todo um jogo de interesses por trás do conceito de massas, de acordo com Williams (2011) o termo massa foi utilizado como sinônimo de turba, e foram mantidas suas características de significado: “[...] ingenuidade, volubilidade, preconceito de rebanho, vulgaridade de gostos e de hábitos. As massas, por essa evidência, formaram a ameaça perpétua à cultura” (WILLIAMS, 2011, p.324).

As massas eram os trabalhadores, que por sua intenção de alterar a sociedade em muitas de suas concepções e estruturas, eram desaprovados pela minoria dominante. O medo da massa era o medo da posição política que os trabalhadores, “a massa”, poderiam assumir para alterar a sua realidade. Ironicamente, as massas eram sempre os outros. Williams argumenta que quando alguém utiliza o termo massa, os parentes e amigos, ele próprio não se considera a “massa”, somente as outras pessoas, os desconhecidos são a massa.

Nessa medida, todos são os “outros” e convertemo-nos assim todos em massa, turba, seres de pouca instrução e de gosto duvidosos, e por isso, algo que deve ser odiado e temido. Daí a crítica de Williams (2011), para quem, comunicação de massa, necessariamente não precisa ter um valor pejorativo, uma vez que os meios materiais, os veículos de comunicação e produção cultural (de jornais e anúncios comerciais principalmente) são isentos de ideologia e podem ser usados para o bem ou para o mal. A mente daquele que se utiliza desses meios é que está carregada de ideologia. A avaliação deve recair sobre quem está produzindo esses conteúdos, certamente que não é a massa. Deve-se pensar ainda para quais finalidades estão sendo produzidas e distribuídas essas mensagens. Na questão da seleção de material a ser veiculado, deve-se ressaltar que há conteúdos ruins, mas há os bons também, e que ao se avaliar a cultura, não se pode basear apenas no próprio olhar e sim no olhar do sujeito observado.

Para Williams (2011) as pessoas cultas focam-se na leitura como propiciadora de cultura, esquecendo-se da existência de outras formas de atividade que também requerem habilidade, inteligência e criatividade. Essas atividades abrangem não só as expressões artísticas (teatro, concertos, galerias de arte etc.) mas também a jardinagem, carpintaria ou militância política. O descaso com algumas dessas atividades evidencia o preconceito das pessoas cultas que tem na leitura a expressão da cultura intelectualmente mais elaborada.

A igualdade do ser é indispensável, entretanto, uma cultura comum não é uma cultura igual. Assim, ainda segundo o autor, uma cultura da classe trabalhadora, não é uma cultura alternativa. Trata-se sim da produção simbólica elaborada pelos trabalhadores e que dizem muito de sua forma de representar e organizar suas vidas. Williams argumenta que boa parte do material que é veiculado pela mídia como cultura da classe trabalhadora, não é produzida pelos trabalhadores e sim produzida para eles. Menos ainda é considerar que seja produzido somente por ela; ou considerar apenas a pequena produção de escritos e arte proletários como única produção dessa classe. O mesmo vale para a cultura burguesa. A cultura

tradicional reflete o conjunto de obras intelectuais e imaginativas de toda a sociedade num dado momento histórico e não apenas de uma única e determinada classe.

Ao se pensar em cultura como um conjunto de trabalho intelectual e criativo, identifica-se uma maior equidade em sua distribuição e acesso. Entretanto cultura é muito mais que apenas esse conjunto intelectual e criativo, ela é essencialmente todo um modo de vida. É essa interpretação que qualifica os pesquisadores dos mais variados processos do viver a falar, estudar e produzir cultura.

A Bolívia, apesar de todo o seu atraso econômico, lidera a passos largos uma das tentativas, mais recentes na América Latina, de estabelecimento de uma nova ordem social, de compreensão do mundo para além das concepções capitalistas neoliberais. Uma visão que tenta contemplar o respeito e a diversidade. Tal tarefa não se apresenta simples nem de fácil execução, entretanto, a massiva aceitação do governo de Evo Morales, 61% dos votos válidos, expressa nas urnas em outubro de 2014, pode responder às ferrenhas críticas sobre corrupção ou mesmo inexistência de mudanças, divulgadas pela mídia. O próximo capítulo vai tentar percorrer um pouco dos processos de redemocratização na América Latina, contexto fundamental para se entender as trajetórias políticas e sociais dos países latinos e também da história boliviana, mais especificamente. Resumir duzentos anos da história de lutas desse povo é uma tarefa inglória e corre-se o risco de alguma omissão, assim o capítulo próximo, apesar de longo, contém o mínimo de informações possíveis para entendimento dessa trajetória de um povo que não possuía cidadania a um povo que hoje se orgulha de sua origem.

Um governo plurinacional, este é o caminho que escolheu o povo boliviano, o do respeito e manutenção de todas as formas de representação cultural existentes nos diversos grupos que convivem no território boliviano. Tem-se como pano de fundo um país no qual as condições socioeconômicas ainda parecem incertas e talvez por isso, a população ainda opte por buscar melhores condições de vida em outras terras.

3 CONJUNTURA ECONÔMICA LATINO AMERICANA

O mundo atual se apresenta globalizado, especialmente no que tange às tecnologias de informação e comunicação. As informações circulam por todo o mundo em tempo real, um fato ocorrido em um determinado território afeta a comunidade local, mas também a comunidade global. Há um imbricamento de interesses, ações e reações. Nada é descontextualizado o que implica em se tentar entender as dinâmicas que propiciem essa tão propalada integração. Assim, entender o contexto latino americano e especialmente da Bolívia, possibilita uma melhor compreensão do grupo de migrantes do qual trata essa pesquisa.

Percebe-se uma constante reordenação. A queda do muro de Berlim em 1989 pode ser indicada como um marco que divide o mundo antes bipolarizado (Estados Unidos da América - EUA x Ex União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS) em um mundo que tende a ser multipolar. É provável que tenhamos, por algum tempo ainda, um equilíbrio de poder fundado na existência de uma superpotência (EUA) que dividirá sua influência com outras grandes potências mundiais. Veremos ainda potências regionais exercendo influência em seus territórios e ainda potências sub-regionais que exercerão localmente sua influência política, econômica, militar e cultural, causando assim uma fragmentação de poder em âmbito internacional (SEIXAS, 2008).

Ao final do século XX está-se diante de um “[...] novo surto de universalização do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório” (IANNI, 2007, p.13). Tal processo obriga-nos a novas formas de olhar, pensar e agir. O campo passa a ser urbanizado e mecanizado, gerando fluxos migratórios de indivíduos, famílias e grupos para cidades próximas e distantes, nacionais e internacionais. Essa reestruturação implica a dissolução do mundo agrário que passa a ser comandado também pelas empresas transnacionais. Elas reorganizam o uso do solo e as atividades agrícolas provocando a artificialização da produção rural (IANNI, 2007).

A transnacionalização do capital permite extrema mobilidade de fluxos às grandes empresas, possibilitando a exploração da mão de obra. Suas subsidiárias são instaladas em países cujas relações trabalhistas e previdenciárias são mais frouxas, permitindo maiores ganhos em razão dos menores salários e benefícios oferecidos. Silva (2005) complementa que dentro dessa dinâmica, a flexibilização das regras contratuais de trabalho passa a ser norma e

não exceção, distanciando-se assim, cada vez mais dos direitos trabalhistas conquistados ao longo da história.

Frente a este cenário, ao se questionar a urgência da dívida social para com os mais pobres, em especial para com os países em desenvolvimento, pode-se remeter a antigos problemas sociais e econômicos dos anos 60. Entretanto eles parecem semelhantes, na atualidade, embora agravados pelo contexto econômico da transnacionalização, que altera as bases de funcionamento dos Estados-Nação.

Weffort (1992) aponta estar aí uma das raízes da Crise de Bem Estar na Europa e EUA, e também a crise do Estado Latino-americano. Trata-se de um sistema produtivo mundial, do desenvolvimento da produção econômica em escala mundial e que por isso mesmo, transcende a autonomia dos Estados-Nação. As empresas transnacionais têm o mundo como um mercado de produção e venda para seus bens e serviços.

A discussão sobre as relações entre economia e política são absolutamente relevantes no contexto atual. Para Cacciamali e José-Silva (2003) a existência de diferenciações na situação econômico-social dos países latino americanos, no que se refere a desenvolvimento econômico e oferecimentos no mercado de trabalho, requerem políticas que favoreçam o crescimento econômico, e que estejam atreladas à geração de empregos, a fim de combater a insuficiência de empregos e consequente informalidade e perda de direitos trabalhistas. Defendem ainda o incremento às atividades econômicas intensivas que necessitem de grande contingente de mão de obra, redistribuição de renda, e instituições que favoreçam o acesso dos mais pobres aos mercados e serviços que ainda lhes são restritos, como formas de superação e direcionamento da sociedade latino-americana ao progresso social e valorização humana.

A Era da Informação, através das novas condições tecnológicas e organizacionais, provocou alterações no velho modelo de aquisição de lucro a qualquer preço. “[...] franqueou-se o acesso ao desenvolvimento, industrialização e consumo a dezenas de milhões de chineses, coreanos, indianos, malaianos, tailandeses, indonésios, chilenos, brasileiros, argentinos e a outros grupos de menor porte em inúmeros países” (CASTELLS, 2009c, p.95). Há controvérsias, entretanto, uma vez que pode-se constatar a existência de melhorias consideráveis em relação ao padrão histórico, mas para Castells (2009), são indispensáveis estudos aprofundados sobre o sentido de *qualidade de vida*, em razão dos desequilíbrios ambientais gerados pelos processos produtivos, bem como a inexistência de dados objetivos e claros, desprovidos de ideologias e possibilidades de manipulação, para que se possa efetivamente mensurar esses avanços e sua abrangência.

Na América Latina em especial, esses avanços não se apresentam de forma a reduzir as desigualdades. O fraco desempenho econômico e social nos países latino-americanos, na década de 90 levou suas populações a pressionarem seus governantes a reformulações dos modelos econômicos vigentes.

Assim, a década de 1990 na América Latina, se, por um lado, criou investimentos, melhorando os níveis de competitividade da região, por outro, acrescentou às suas desigualdades sociais históricas e estruturais a criação de novos estratos da população de desempregados e subempregados, bem como de ocupados no setor informal ou formal sem participarem do sistema de seguridade social (CACCIAMALI, JOSÉ-SILVA, 2003, p.223).

Os programas de ajuste econômico implementados pelos países latino americanos provocaram recessão gerando um contingente de desempregados ou de trabalhadores com empregos precários, colocando-os à margem do sistema de direitos sociais. O vazio deixado pelo Keynesianismo²⁴ foi ocupado por propostas neoliberais²⁵. A profundidade da crise foi agravada na América Latina, pela sangria financeira gerada pela dívida externa, pelos desafios da redemocratização e pelo novo clima ideológico mundial – neoliberal – fatores que aceleraram a busca de soluções nas supostas virtudes do Mercado. O Estado serviu de bode-expiatório e como fator que originou a crise. O mesmo Estado que no início dos anos 30 era parte da solução através de sua intervenção, agora era a totalidade do problema, por interferir demais na economia e gastar demais em benefícios sociais.

Para Boron (2003) a crise capitalista iniciada na década de 70 estimulou críticas ao intervencionismo estatal, articuladas com base na teoria liberal clássica. O discurso anti estadista repercutiu rapidamente na América Latina. As forças de direita passaram a atacar a figura do Estado, propondo o desmantelamento de setor público, aproveitando-se da insatisfação da população em razão do mau funcionamento do Estado. As forças de esquerda, por sua vez, mantiveram-se numa defesa acirrada do Estado.

Há ainda outra questão que nos permite entender essa aversão da direita ao Estado: o auge das ideologias neoconservadoras que impactaram as sociedades latino-americanas. A crescente hegemonia ideológica dessa corrente de pensamento (neoconservadora) provocou um deslocamento do eixo do debate político. Esse neoliberalismo, contaminado por um fervor

²⁴ Keynesianismo: de maneira bem geral as ideias de John Maynard Keynes defendiam a intervenção do Estado na sociedade e economia de forma a assegurar o pleno emprego e bem estar para população, após a instabilidade gerada pela Crise de 1929, o que ficou conhecido como “Estado de bem estar social” ou “*Welfare State*”.

²⁵ Neoliberalismo: defendia a redução do Estado, pondo fim ao seu intervencionismo, defendendo as privatizações bem como a abertura do mercado e a livre circulação de capitais.

quase religioso, impulsionou o enfraquecimento do Estado, precisamente quando este Estado avançava para a democracia, e simultaneamente exaltava o mercado como garantidor de liberdade e progresso em nossas sociedades. Os diversos experimentos neoliberais, quase sempre tutelados pelas ditaduras militares, pouco se relacionaram com outros componentes do liberalismo tais como tolerância, pluralismo e direitos humanos. (BORON, 2003)

O neoliberalismo argumenta Boron (2003), é uma proposta que contém, em diferentes graus de elaboração, uma teoria política sobre a organização do Estado, sua natureza e suas funções. – que incluem temas cruciais como intervencionismo e planejamento – e sobre o papel que a cidadania e, em especial, as classes populares podem ocupar em seu seio. A ofensiva neoconservadora impôs o tema Estado sem discussões. Sua hegemonia absoluta se transformou em novo sentido comum que permeou a sociedade civil, os partidos políticos e, graças ao controle dos meios de comunicação de massa, saturou com seu discurso privatizador e mercantilista toda a cultura.

Para o autor o que estava em crise era um Estado capitalista em que a intenção de reduzir, redimensionar e privatizar esse Estado, eliminando sua capacidade reguladora e interventora, era uma redução equivocada. Os resultados dessas tentativas ortodoxas foram calamitosos sob o ponto de vista da justiça e igualdade sociais, e as jovens democracias não podiam deixar de ouvir as demandas da população.

Considerando-se a completa incapacidade do mercado em responder a essas demandas sociais fazia-se necessária a intervenção do Estado. Boron (2003) aponta duas razões para o Estado resolver, mesmo que parcialmente, as exigências das sociedades latino-americanas por cidadania: o reconhecimento de que as exigências eram justas e a constatação de que apenas o Estado poderia resolver o problema crucial da transição (a construção de uma nova legitimidade democrática) o que iria requerer significativo gasto social.

Ao considerarmos o comportamento global das economias latino-americanas nos anos 80, segundo estudos da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), percebemos que o Produto Interno Bruto (PIB) latino-americano registrou sensível queda na maioria dos países nesta década. Exceção pode ser feita ao Brasil, embora se verifique uma desaceleração no ritmo de seu crescimento econômico. Apesar do milagre econômico o Brasil apresentou a pior estrutura de distribuição de renda, inclusive comparada à Índia. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres.

Em se tratando dos países da América Latina, a concentração de renda não se alterou e ainda os 10% mais ricos correspondiam a duas e às vezes três vezes a renda dos 40%

mais pobres da população. Para Cacciamali e José-Silva (2003), dentre os países que apresentaram menores índices de desigualdade, destaque seja feito à Costa Rica, Uruguai e Paraguai; no lado oposto encontramos o Brasil, com uma concentração, por parte dos mais ricos, da ordem de quatro vezes em relação à renda dos mais pobres.

A volumosa quantidade de recursos transferidos aos países desenvolvidos, como pagamento da dívida externa, contribuiu substancialmente na redução da capacidade de intervenção dos Estados Nacionais. Os países latino-americanos deviam tanto quanto o que produziam em um ano, e vastos segmentos da população (pequena burguesia, técnicos, profissionais médios) encontravam-se em crescente processo de pauperização. Já não era um problema de pobreza e sim de extrema pobreza. A situação seguia insustentável e insolúvel. O Estado na América Latina se encontrava ante um dilema: a dilapidação dos esforços e sacrifícios em prol do desenvolvimento, realizados nos últimos 20 anos, obrigou o Estado a intervir mais, a fim de aliviar a situação de enormes contingentes de população reforçando sua condição intervencionista, ou na contrapartida obrigou-o a reprimir protestos populares cavando um fosso em seu incipiente processo de redemocratização. Na América Latina o Estado veio corrigindo, com suas intervenções, o rombo da economia e contribuindo com a revitalização do mercado e enfrentando graves problemas para cumprir esse papel.

Constata-se assim o quadro calamitoso em que se debatiam alguns países e a profundidade do processo de empobrecimento sofrido por amplos setores nesses países. Deve-se levar em conta, entretanto estas desigualdades no que pese as exigências liberais de **soltar** definitivamente as forças do Mercado. Principalmente ao se considerar que esse padrão desigual de distribuição é uma tendência generalizada, em especial depois da crise da dívida externa e da implementação de duríssimos programas de ajuste, que golpearam as camadas populares e agravaram a injustiça estrutural dos capitalismos latino-americanos.

Ocorreu assim, na década de 80, um processo de empobrecimento das classes populares. Boron (2003) destaca haver um hiato entre as necessidades básicas humanas e a capacidade efetiva de intervenções estatais, capazes de produzir políticas compensatórias ou reparadoras aos desequilíbrios gerados pelo “capitalismo selvagem”. O resultado é uma alarmante acumulação de tensões, demandas sociais reprimidas que poderiam até provocar um quadro de ingovernabilidade do regime democrático, sua deslegitimação e consequente desestabilização com possibilidades de retrocesso aos governos autoritários.

Em contrapartida aos programas de ajustes forçados aos países em desenvolvimento, que implicaram diretamente na redução drástica dos gastos sociais, os países

desenvolvidos, independentemente de suas particularidades nacionais, não deixaram de assegurar uma notável gama de serviços sociais, havendo inclusive um incremento nestes gastos. Estes países, antes e depois da crise, mantiveram seus gastos sociais sempre acima do Produto Interno Bruto (PIB). À revelia da necessidade, proclamada em todos os fóruns econômicos internacionais, de se efetuar duríssimos ajustes fiscais, a realidade é que a expansão dos gastos públicos seguiu seu curso normal nos países desenvolvidos.

Quanto a esperarem-se respostas para além do Estado, o Mercado tem-se mostrado insensível à solução dos problemas sociais, uma vez que sua função é produzir ganhos. A iniciativa privada mostrou-se ainda refratária ao avanço democrático das sociedades latino-americanas, o que resulta democratizar a partir do Estado. Por isso a presença do Estado ser fundamental para garantir o acesso às necessidades básicas e favorecer a frágil transição democrática. O que não inviabiliza a urgente necessidade de promover uma profunda reforma nos Estados latino americanos (BORON, 2003).

Para Ianni (1991) seria ilusório tomar a América Latina como um todo homogêneo, as diferenças políticas, econômicas, linguísticas e religiosas são mais significativas do que se possa considerar. A divisão de classes sociais está intimamente comprometida com as divisões entre índios, negros, mulatos, mestiços e brancos, “[...] sendo que, às vezes, transparece a polarização nativos ou *lós olvidados*, por um lado, e europeus ou *fidalgos* por outro” (pág.13, grifos do autor).

Os países colonizados pelos espanhóis apresentam grandes diferenças sociais entre os que falam o espanhol e aqueles que falam idiomas ou dialetos tribais, incas, astecas, maias ou outros. “As diferentes classes sociais e os diversos grupos sociais no interior das classes possuem distintos deuses, santos, líderes messiânicos, feiticeiros, *brujos* ou *carismáticos*” (IANNI, 1991, pág. 13). Entretanto a história da América Latina está inserida no contexto do capitalismo mundial.

A expansão do capitalismo industrial inglês está intimamente ligada à independência das colônias espanholas e portuguesas, que acabaram por permitir a consolidação da hegemonia mundial inglesa. Não por acaso ainda que a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, e a consequente depressão na década de trinta refletiu-se em crise econômica nos países da América Latina ocasionando perda de poder ou queda dos governos oligárquicos. Há um caminho histórico-estrutural semelhante para os países latino americanos e que é contrastado por peculiaridades políticas, econômicas, sociais e culturais individuais a cada país. Um conjunto de igualdades e semelhanças que favorecem um desenvolvimento

desigual e combinado característico do funcionamento das leis do capitalismo em sociedades dependentes ou atrasadas. Dessa forma, as diferentes épocas históricas dos países da América Latina seguem determinadas pelo tipo de vinculação desses países à Inglaterra ou aos Estados Unidos (IANNI, 1991).

O incompleto e demorado processo de declínio das ditaduras latino americanas (que respondiam melhor aos interesses empresariais e dos Estados Unidos do que as instáveis democracias antigas) bem como a complicada transição desses regimes para a redemocratização, seguem em paralelo a um reflorescimento do debate em torno das questões atinentes à proposta democrática (BORON, 2003).

Assim para muitos estudiosos, dentre eles um segmento expressivo da esquerda latino-americana, a democracia se reduz à criação e institucionalização de uma ordem política (regras do jogo) que permita a governabilidade e a eficácia administrativa, reduzindo-a a uma questão de método. Esta proposta dissocia o sentido da democracia dos fins, valores e interesses que estimulam a luta dos atores coletivos, afastando-a das concepções clássicas, para as quais democracia é método de governo e condição da sociedade civil.

De acordo com o Boron (2003), reduzir o processo de redemocratização na América Latina a um simples processo de reorganização do regime político é deveras preocupante. Ele acredita que não se pode conceber essa reorganização sem levar em conta o processo inseparável entre um conjunto de regras do jogo, que assegurem uma solução para os conflitos e antagonismos sociais (o que nem sempre passa pelo favorecimento dos interesses das classes dominantes), e uma democracia que contemple uma definição de “boa sociedade” que redunde em relações mais igualitárias. Que a transição democrática siga para um ou outro curso, não é questão menor. “A questão crucial é até que ponto pode progredir e se consolidar a democracia em um quadro de miséria generalizada como o que hoje afeta as nascentes democracias sul americanas e que corrói a cidadania substantiva das maiorias [...]” (BORON, 2003, pág.12).

Somente com o combate à desigualdade social, a reformulação do sistema de produção capitalista e consequente mudança na forma de distribuição e apropriação da riqueza é que se poderá assegurar cidadania e participação democrática às sociedades latino americanas assegura o autor.

Ainda no caminho de uma alteração do contexto social de desigualdades, Zea e Magallón (1999) apontam para a necessidade de uma globalização não mais fundada no imperialismo e sim aquela que se origine pela participação de todos os povos do mundo. “Uma nova globalização que obriga a compartilhar o que antes parecia ser exclusivo, dentro de uma

relação horizontal de solidariedade e não vertical de dependência” (ZEA, MAGALLÓN, 1999, pág. 5).

Nesse sentido apresenta-se algumas considerações sobre a Bolívia e sobre o novo Estado Plurinacional Boliviano, que na atualidade, através da eleição de um presidente, representante do movimento cocalero indígena, tenta contemplar espaços iguais para todos os grupos étnicos que compõem o Estado, permitindo inclusive a manutenção de suas culturas e modos de representação locais. Isso torna-se necessário para que se possa entender a trajetória de um povo que desde há muito luta por representação e cidadania. É a história de um povo, que mesmo humilde não se fez submisso, sempre teve muito presente a necessidade de organização, num primeiro momento através do movimento sindical mineiro e posteriormente através do movimento cocaleiro, para reafirmar a cidadania de seus povos indígenas e manutenção das suas mais diferentes manifestações religiosas e culturais. Pouco se tem de informações sobre a Bolívia, tentemos então explorar um pouco desse ilustre e pouco conhecido país.

3.1 A Bolívia

Habitada há mais de doze mil anos, a Bolívia foi durante quase todo o século XIV uma das quatro grandes divisões do Império Inca (Tahuantinsuyo) e ainda hoje as línguas aimara e quíchua (quéchua) são bastante difundidas. Durante mais de duzentos anos, o atual território boliviano constituiu-se em um dos centros mais prósperos e densamente povoados dos vice-reinados espanhóis, a Real Audiência de Charcas. No mapa, em tons de rosa, temos a divisão administrativa desse território

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Audi%C3%Aancia_de_Charcas

Mapa 1 – Território da Real Audiência de Charcas. (Sem escala)

A Bolívia nasceu a partir do território da antiga Real Audiência de Charcas (apontada em tons de rosa no mapa acima), a qual se constituía no mais alto Tribunal da Coroa Espanhola. Essa região foi conhecida como Alto Peru (La Paz, Cochabamba, Santa Cruz, Chuquisaca e Tarija) e era alvo de disputas entre a Argentina e o Peru. Seus habitantes não desejavam ser anexados por nenhum dos dois países e a partir de 1809 constituiu-se como uma região autônoma. Posteriormente, o célebre decreto do Marechal Antonio José de Sucre, de 9 de fevereiro de 1825, reconheceu o direito dessas províncias altoperuanas a constituírem-se como Estado soberano. Ele convocou uma Assembleia de Representantes para que discutissem o destino da futura nação. Somente em 06 de agosto de 1825 a Assembléia conseguiu declarar as províncias altoperuanas como um Estado soberano e independente de todas as nações, do Novo e do Velho Mundo, e redigiram a Ata de Independência. Em 8 de agosto os assembleístas decretaram a República de Bolívar e sua Capital Sucre em homenagem aos líderes Simón Bolívar e Antonio José de Sucre.

Ao se analisar o quadro de sucessão dos presidentes bolivianos, disponível na página 218 no Apêndice, encontram-se 189 anos de história, divididos em 87 períodos de governo com um total de 65 presidentes, pois alguns deles cumpriram mais de um mandato. Constata-se assim: uma média de dois anos e dois meses de governo em cada período, três guerras, uma Assembleia Constituinte e vários golpes de Estado. Se por si mesma, essa média já propiciaria o caos, uma vez que se torna quase impossível governar uma nação sem o mínimo de continuidade, imagine-se ao considerar governos de menos de um ano de mandato, em meio

a conflitos, golpes e revoltas populares. Mais ainda ao se pensar que a elite dominante era minoria no País e tinha de negociar os conflitos com o sindicato minerador e a maioria indígena, que aos poucos foi-se assenhoreando de sua cidadania. Não por acaso, a ascensão de um ex-minerador e cocaleiro, mobilizou a população. Foram quase dois séculos de repressão às diversas representações indígenas, a ponto de as mesmas não poderem se comunicar no seu idioma nativo e menos ainda, apresentarem-se em seus trajes originais (típicos).

O Governo boliviano, em razão desse caos, era caracterizado por sua inconstância, extremamente frágil e pouco favoreceu o implemento de políticas duradouras e que efetivassem melhorias reais para seu povo. Nesses últimos oito anos o Governo de Evo Morales tem tentado estabelecer um governo de continuidade e que possibilite melhores condições de vida ao seu povo. Em vinte de maio foi promulgada lei que o autoriza a participar das eleições de doze de outubro de 2014 para o período 2005/2010.

Ao falar-se em política, Castells (2009b) afirma que o nacionalismo é a ideologia presente em todos os partidos políticos bolivianos. A história política boliviana é caracterizada pela inconstância, seja na composição dos partidos quanto à constituição dos seus dirigentes, bem como por inúmeras rebeliões e revoluções. O autor aponta que desde a revolução de 1952, o sindicato dos mineiros e camponeses bolivianos apresentava-se como um dos grupos mais mobilizados, organizados e militantes entre os movimentos sociais latino americanos, lugar ocupado hoje pelo movimento cocalero. Busca-se a partir de agora entender um pouco dessa trajetória.

O setor minerador foi extremamente importante para a economia boliviana. A composição da chamada “Rosca”, grupo representante das três maiores famílias donas de empresas de mineração (Patiño, Hochschild e Aramayo), favoreceu a extrema exploração dos mineradores, que no início trabalhavam até 72 horas ininterruptas, bem como o afloramento de novas contradições sociais. O poderio desse grupo lhes permitiu determinar o destino e as condições de vida de milhões de mineiros na Bolívia, entretanto, essa dominação não foi aceita passivamente, lutas e conflitos marcam essa trajetória. “Em **1920, as assembleias mineiras** já lutavam pela jornada de trabalho de oito horas, por segurança contra acidentes, amparo da empresa e do estado, proteção à mulher e filhos” (BARROS FILHO, 1980). Em **1923**, em *Uncía*, foi deflagrada uma **greve de mineiros** que lutavam por melhores condições de vida e salários, os quais foram brutalmente reprimidos pelo exército. Em 1924 uma lei aprovou a redução da jornada de trabalho para oito horas para os empregados do comércio e indústria, mas os mineiros ficaram de fora.

De toda a riqueza extraída das minas bolivianas, apenas uns poucos centavos eram investidos no País para benefício do povo. Com a crise de 1929, os três maiores grupos mineradores, (Patiño, Hochschild e Aramayo – a Rosca) transformaram-se em potências mundiais, mas não investiam um único centavo em novos equipamentos e a situação se fragilizava ao extremo. Em **1932 a derrota boliviana na Guerra do Chaco** (disputa contra o Paraguai por uma saída para o Oceano Atlântico através do Rio Paraguai) afundou ainda mais a economia. Os discursos nacionalistas contra o Paraguai e a força da raça boliviana, não conseguiram anular o fato de que o País entrava em profundo processo de recessão econômica. “Na verdade, o país entrava em crise porque deixava para trás uma etapa de seu desenvolvimento político, e preparava-se para entrar em outra, onde os trabalhadores teriam uma participação maior na existência boliviana, pela violência que imprimiriam às lutas” (BARROS FILHO, 1980, pág.21).

A classe operária boliviana assumia um papel vanguardista na luta revolucionária na América Latina, o descontentamento generalizado atingia níveis quase incontroláveis. **Em dezesseis de maio de 1936**, o presidente José Luis Tejada Sorzano foi derrubado em razão de uma **greve geral** e a elite dominante concedeu algumas medidas acauteladoras e preventivas como forma de amenizar o conflito. O Coronel Davi Toro assumiu a presidência, em vinte e dois de maio do mesmo ano, declarando-se chefe de uma revolução militar socialista e decretou: a criação do Ministério do Trabalho, a obrigatoriedade de sindicalização, a concessão de direitos civis às mulheres e a criação da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB)*. Toro em seu governo serviu como válvula de escape para o descontentamento popular, fazendo algumas concessões democráticas. Após Toro a presidência foi tomada de assalto por um golpe de estado financiado por Simon Patiño que levou ao poder o Tenente Coronel German Busch Becerra; **no contexto global, o mundo preparava-se para a Segunda Grande Guerra**. “Os coronéis Toro e Busch iniciaram o período denominado de “socialismo militar”, em que as figuras dos militares apareciam como tradutores estatais dos anseios populares” (PERICÁS, 1997).

Na década de 30 na Bolívia todos eram “socialistas”, ou seja, as pessoas não se identificavam de acordo com a corrente de pensamento socialista que compartilhavam (stalinismo, trotskismo²⁶), apenas denominavam-se socialistas. Em dezembro de 1934 criou-se

²⁶ Stalin e Trotski divergiam em várias questões, mas a básica era em como construir o socialismo. Para Stalin a revolução socialista deveria ser consolidada internamente na URSS e para Trotski a revolução socialista deveria ser levada onde o capitalismo estivesse em crise

o Partido Operário Revolucionário (POR). Em 1938 ocorreu um rompimento no Partido Operário Revolucionário (POR) e a consequente organização do Partido Socialista Operário Boliviano (PSOB) dirigido por um intelectual da esquerda (Tristan Marof).

Em 1940 nasceu o Partido de Esquerda Revolucionário (PIR), que defendia uma aliança com a “Rosca” em detrimento dos interesses revolucionários do povo boliviano e assumia o papel de avalista da política imperialista boliviana. Seu fracasso fez vir à tona outro partido: o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). O MNR trouxe a pequena burguesia como representação e o nome de Victor Paz Estenssoro como líder do movimento.

A década de 40 vai encontrar os mineiros em condições de extrema penúria, carregando o peso da extração do estanho que era exportado aos Estados Unidos, para alimentar a guerra. O mineral era exportado a preços democráticos, ou seja, pela bagatela constante, durante toda a guerra, de 42 centavos de dólar a libra fina. O ritmo de trabalho era alucinante. Somente no ano de **1940 ocorreram 475 acidentes de morte nas minas.** Em 1941 a Bolívia era o único país produtor de estanho que restava aos aliados. Em 21 de dezembro de **1942** ocorreu um dos mais sangrentos movimentos revolucionários bolivianos: o **massacre do campo de Maria Barzola.** O resultado do confronto do povo com as tropas de Ingavi e Sucre foram quatrocentos mortos e mais de mil feridos, sob o mando do presidente General Peñaranda.

Na sequência veio o governo de Gualberto Villarroel, que apoiado pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e por uma loja maçônica, fez algumas concessões aos movimentos dos trabalhadores, mas sem nunca romper com o imperialismo e interesses da burguesia. Villarroel declarava: “O nazi-fascismo é ditadura, ditadura da burguesia. Nós, sem pretender a ditadura do proletariado, defendemos esta classe e pretendemos sua liberação. É essa a nossa bandeira” (BARROS FILHO, 1980, pág. 25).

Em 1944 os trabalhadores mineiros fundavam o mais importante sindicato operário: a Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), uma ameaça viva aos interesses burgueses, combatido e perseguido pela “Rosca” que queria eliminá-lo em seu nascedouro. As massas, instigadas pela oligarquia mineira e apoiadas pelo Partido de Esquerda Revolucionário (PIR) se insurgiram em La Paz, contra Villarroel que foi morto.

Os “stalinistas” do Partido de Esquerda Revolucionário (PIR) perderam a oportunidade de que a revolta contra Villarroel fosse muito mais do que somente trocar o presidente. Após esses acontecimentos a alternativa de revolução aproximava-se mais e mais

dos trabalhadores, através das ideias “trotskistas” defendidas pelo Partido Operário Revolucionário (POR).

A classe trabalhadora seguiu buscando alternativas revolucionárias. “E é a partir daí que o Partido Operário Revolucionário (POR), que reivindicava desde os anos 30, o programa da Oposição de Esquerda e da Quarta Internacional, invade a cena política nacional” (BARROS FILHO, 1980, pág.26). O Partido Operário Revolucionário (POR) participou da conquista de importante instância programática e ideológica, a Tese de Pulacayo, adotada em 1946 pela Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB) e que munuiu o proletariado boliviano de um programa sindical, no qual afluía a teoria da revolução permanente de Trotski. A Tese orientava o tipo de revolução que deveria ocorrer na Bolívia:

A revolução proletária na Bolívia não quer dizer excluir as outras camadas exploradas da nação, mas sim a aliança revolucionária do proletariado com os camponeses, os artesãos, e outros setores da burguesia urbana. [...] Os trabalhadores, uma vez no poder, não poderão deter-se indefinidamente nos limites democrático-burgueses, e se verão obrigados, cada dia em maior medida, a dar cortes sempre mais profundos no regime da propriedade privada, deste modo a revolução adquirirá um caráter permanente. (BARROS FILHOS, 1980, pág.29)

A revolução proclamada pela Tese de Pulacayo concitava uma aliança do proletariado com camponeses, artesãos e a burguesia urbana em geral de modo a estar e permanecer no poder, intervir na propriedade privada de forma a perpetuar a revolução. Em seus fundamentos a Tese proclamava: o proletariado boliviano como classe social revolucionária; que a Bolívia era um país capitalista atrasado; que mesmo sendo um país atrasado, era um dos elos da corrente capitalista mundial; que os países semi-colonialistas apresentavam como problema central a necessidade de revolução agrária e independência nacional; que os países atrasados deviam combinar as lutas pela atividade democrático-burguesa com a luta pelas reivindicações socialistas e que em se tratando de um país atrasado, o movimento mineiro boliviano era um dos mais avançados da América Latina.

O movimento sindical boliviano dava um salto histórico, sem precedentes até mesmo para o Partido Operário Revolucionário (POR). A classe operária surpreendeu e se superou quando deu um novo e maior salto, quando pegou em armas, derrotou o exército burguês e criou sua própria central sindical: a Central Operária Boliviana (COB). Entretanto em razão da fragilidade do Partido Operário Revolucionário (POR) e da Quarta Internacional, quem ascendeu ao poder foi o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e Paz Estenssoro se encarregou de destruir a revolução que se apresentava vitoriosa. Aliado ao

“stalinismo” o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) procurou descaracterizar a Central Operária Boliviana (COB) como representante do poder operário, atacando o movimento das massas, adiando a nacionalização das minas e tentando acabar com a democracia operária da Central Operária Boliviana (COB). À revelia desse intento, a COB seguiu sendo temida pela burguesia que temia as massas organizadas em torno da Central Operária.

Após os violentos **embates de 1948/49, uma greve geral em 1950** e o triunfo do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) em 1951, Paz Estenssoro não conseguiu os 50% mais um, necessários para sua posse e dependia da decisão do Congresso (era necessário maioria simples de 50% +1- para ser eleito, do contrário o candidato dependia de indicação do Congresso). Pressionado pelas forças armadas O presidente Mamerto Urriolagoitia assumiu o governo interino nos períodos de sete de maio a vinte e dois de outubro de 1949 e de vinte e quatro de outubro do mesmo ano a dezesseis de maio de 1951. Pressionado pelas forças armadas, aplicou um Golpe de Estado em favor de uma junta militar comandada pelo General Hugo Ballivián e fugiu do País (PERICÁS, 1997).

O Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e Hernán Siles Suazo iniciaram um processo de articulação e alianças para deflagrar a revolução (Paz Estenssoro estava no exílio). **A revolução estava em marcha.** “Numerosos chefes e oficiais do exército, e carabineiros, foram aderindo às nossas fileiras, eles compreenderam que nossa causa era a do povo” (BARROS FILHO, 1980, pág.34). Em **06 de abril de 1952** Siles Suazo juntamente com um grupo (Adrian Barrenechea, Federico Alvarez Plata e Hugo Roberts) conseguiram uma declaração de apoio do ministro de governo da junta militar. Algumas horas depois o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) receberia uma pequena quantidade de armas.

Siles Suazo inseguro do sucesso da insurreição buscou apoio ainda com uma organização pequeno-burguesa a Falange Socialista Boliviana (FSB). Ele queria armar um governo compartilhado com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) - Falange Socialista Boliviana (FSB), a saber, um governo de revolucionários e representantes de estratos latifundiários e “rosqueros²⁷”. O convite foi feito a Uzanaga (da Falange Socialista Boliviana FSB) em 08 de abril, os falangistas não aceitaram imediatamente e foram delatar o fato à junta militar. Em 09 de abril a revolução foi deflagrada e os seus representantes ocuparam a rádio

²⁷ O termo rosqueros, refere-se aos três maiores grupos mineradores bolivianos, que se denominavam a Rosca.

Illimani. O povo de La Paz assaltou o arsenal da Praça Antofagasta e se armou em combate, no final do dia os rebeldes dominavam a Cidade. Em contrapartida as forças militares fiéis à Ballivián cercaram a Capital. O alto comando do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) receoso de uma derrota começou a articular um acordo sem consultar as massas. **“O povo era o único ator heroico da insurreição de 1952, quando mais de duas mil pessoas morreram e cinco mil ficaram feridas”** (BARROS FILHO, 1980, pág.37).

Contrariando as expectativas, a revolução progrediu. No interior do País e nos principais centros, os mineiros aderiram ao movimento. Enquanto Siles procurava por todo o País o regimento da Junta Militar para assinar um acordo, o Pacto de Laja, o povo mal armado, com dinamite, velhas pistolas, fuzis e tudo o mais que conseguiam tirar das tropas vencidas, seguiam lutando. O povo, à revelia dos seus líderes, foi vitorioso.

Mas, assim mesmo, o líder do golpe de estado, que se transformou numa insurreição, acabou como chefe do governo provisório do MNR até o dia 15 de abril, quando Victor Paz Estenssoro, dirigente máximo do desenvolvimentismo, que estava na Argentina, retornou a La Paz, e assumiu o posto de presidente constitucional. Chegava o coveiro número um, feliz, mas com a cabeça cheia de problemas. As massas, que se levantaram rebeldes contra a oligarquia, exigiam medidas revolucionárias, ainda que resvassem numa questão vital: durante todo o tempo era um exército sem estado maior, sem um comando centralizado, a que se apoiava apenas em suas experiências anteriores, ganhas na luta, e que sabia que o inimigo seria implacável no caso de um violento retrocesso (BARROS FILHO, 1980, pág.39).

Dessa forma, apesar de duvidar do sucesso da insurreição e pactuar com uma Junta Militar, Siles Suazo, líder do golpe, ocupou o poder até a chegada de Paz Estenssoro à La Paz, pois estava exilado na Argentina, em 15 de abril. A questão que se colocava para as massas era quanto às suas exigências por medidas revolucionárias e também quanto à possível represália da oligarquia boliviana. **A revolução durou de 1952 a 1964** quando ocorreu o golpe militar dos generais René Barrientos e Alfredo Ovando Candia. Este período pode ser dividido em três etapas: o governo de Paz Estenssoro de 52 a 56, Siles Suazo de 56 a 60 e novamente Paz Estenssoro de 60 a 64. Durante esse período houve uma constante ingerência dos Estados Unidos inclusive com aportes vultosos a fim de auxiliar na estabilização e afastar a esquerda do poder (PERICÁS, 1997).

De acordo com Urquidí (2007) o resultado da revolução era o esperado: “[...] o fracasso de um modelo de modernização nacional e a falência da aliança *classista* estabelecida entre o setor que desempenhou o papel da burguesia e os mineiros, no papel de proletariado” (pág.34, grifo da autora).

Ainda em 52 foi instaurado o sufrágio universal e a nacionalização das minas que passaram a ser administradas pela Corporação Mineira da Bolívia (COMIBOL) e em 53 foi realizada a reforma agrária, dando início a uma maior participação do campesinato na política do País (PERICÀS, 1997). Com a nacionalização, a Bolívia era dona das minas, mas não dos processos de produção. Era dona do mineral, mas o estanho processado era pertencente aos grandes oligarcas (a Rosca). As condições compensatórias oferecidas à Rosca foram extremamente vantajosas e lesivas ao Estado agravando ainda mais a economia do País (BARROS FILHO, 1980). O projeto de revolução que almejava a industrialização e modernização da economia boliviana não se concretizou. As forças militares seguiram influenciando a política do País, ao ponto de voltarem ao poder em 64 através de um golpe militar. Os Estados Unidos com sucessivos aportes financeiros conseguiram aumentar a dependência boliviana da América do Norte e fortaleceram suas relações com os militares, com vistas a reprimir o avanço comunista representado pela Revolução que ocorreu em Cuba.

De 1964 a 1982 instaurou-se um regime de ditadura militar na Bolívia. O processo político boliviano tem nítida influência das organizações populares (operários e camponeses) e é durante a Ditadura de Segurança Nacional boliviana, que a luta de classes se revelou mais acirrada, através das ações de violência e terror, por parte dos ditadores, destinadas a frear os avanços das organizações populares. Os governos de Barrientos e Bánzer são exemplos disso, pois é contra os avanços da Revolução de 52 que Barrientos estabeleceu o golpe de Estado e contra os avanços da Comuna de La Paz que em 72 Bánzer tomou o poder. Todas as ações da Ditadura tinham como fim defender a manutenção do sistema capitalista, da propriedade privada e dos interesses americanos, especialmente no que dizia respeito às suas riquezas naturais (BARBIAN, 2008).

A ditadura militar boliviana estabeleceu firme propósito de frear os movimentos populares e Barrientos foi o primeiro dos governos de ditadura. Manteve uma aliança com os militares e os camponeses e enfrentou mineiros e trabalhadores. Em 1967 promulgou uma Nova Constituição, entretanto, a Guerrilha de Nancahuazu comandada por Ernesto Che Guevara obrigou-o a depender dos militares. Em 1968 derrotou os rebeldes e executou Che, o que lhe deu prestígio junto aos americanos. **“Está morto o símbolo da guerrilha na América Latina, que se achou mais útil ao seu povo servindo à causa da Revolução Internacional que à da Medicina”** (GUEVARA, 2014).

De 1969 a 71 vários governos violentos e repressores se sucederam na Bolívia, até que em 1971 Hugo Banzer sucedeu Juan Jose Torres através de novo golpe. Em 78 Banzer

renunciou e uma junta militar assumiu o poder. Apoiado por paramilitares, com um novo golpe de Estado, Luiz Garcia Mesa tomou o poder. Derrubaram Lidia Gueiler Tejada e impediram Hernán Siles Zuazo (que havia sido eleito) de assumir a presidência. O governo de Mesa foi marcado por profunda violência. No início dos anos 80 foi derrubada a última junta militar, findando o período da ditadura militar boliviana.

Em 1986, iniciam-se reformas estruturais tendo em vista menor intervenção estatal e maior abertura para a atuação das leis do mercado, bem como se instaura uma democracia representativa como método de organização política nacional e de troca de governo. O nacionalismo revolucionário, cuja base era a aliança popular, foi substituído pela proliferação de partidos e pela inauguração de uma nova prática política, as alianças partidárias no Congresso, ao passo que a mobilização popular com seus métodos obreiristas e com os mineiros no centro das ações, progressivamente, é dissolvida (URQUIDI, 2007, pág.144).

Ou seja, o fim da ditadura, em 1986, marca o início de um tumultuado processo de redemocratização (democracia representativa como método de organização política e troca de governo) aliado a concepções neoliberais (menor intervenção do Estado, abertura de mercado) e a uma nova ordem nas demandas sociais e mobilização. As alianças e organização populares vão perdendo expressão para as alianças partidárias.

3.1.1 O Movimento Cocalero e a identidade boliviana

Além do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e a Revolução Nacional Boliviana (RNB), Urquidi (2003) argumenta que após a crise do minério na Bolívia, os camponeses indígenas plantadores e defensores da folha de coca (folha sagrada e simbólica para a cultura andina) apresentaram-se como a nova expressão dos anseios populares. Reuniram-se em torno do que veio a ser o **maior movimento social das últimas décadas, os cocaleros** (plantadores da folha de coca). O movimento cocalero além de sua origem étnica e cultural trazia em seu bojo processos identitários complexos. Pragmáticos e conscientes de sua condição indígena em um país marcado pela pobreza, desigualdade social e exclusão, sua origem tem bases também na sua história de lutas.

Ainda de acordo com a autora pode-se localizar o início do movimento em dezembro de 1995 no Chapare Tropical, quando um grupo de mulheres, plantadoras da folha de coca, iniciaram uma marcha em direção a La Paz e à sede do governo, com o objetivo de

denunciar o desrespeito aos direitos humanos na região: tortura, saques e destruição de colheitas. Trinta dias de caminhada durante a qual receberam apoio de amplos setores da sociedade, dois de espera e não foram recebidas pelo governo, conseguindo apenas algumas promessas, ao apelarem à primeira-dama, sendo logo mandadas embora.

Ano a ano as marchas se sucederam em razão de protestarem contra as tentativas violentas de erradicação do cultivo da folha de coca. Durante esse percurso os cocaleiros foram aumentando suas reivindicações e incorporando demandas de outros setores da sociedade, o que na década de 90 provocou uma resposta paulatinamente mais repressiva por parte do governo. O movimento incorporou não só camponeses-indígenas migrantes de todas as regiões rurais do país como também ex-trabalhadores operários e setores populares urbanos que migraram para o Chapare (região tradicional de plantação de folha de coca). Foi-se consolidando e aumentando sua capacidade de mobilização e por sua vez, os cocaleiros aprenderam a canalizar demandas atuais da sociedade (críticas ao neoliberalismo, defesa das tradições indígenas e direitos humanos) em favor de sua causa. **“Durante a década de 1990, os cocaleiros foram o setor mais articulado do campesinato boliviano e o sujeito político mais atuante nas mobilizações e lutas contemporâneas”** (URQUIDI, 2007, pág.32).

Para Urquidi (2003) além das migrações para outras cidades bolivianas ou países, o camponês tem migrado para a região do Chapare (região norte de Cochabamba, composta pelas províncias de Chapare, Carrasco e Arani) para o cultivo da folha de coca, legalizada no país, desde que plantada em locais de cultivo tradicional, e fomentada pela alta demanda da folha pelo narcotráfico. Nesse sentido “[...] populações de distintas etnias, experiências sociais e domínios de técnicas produtivas [...]” (URQUIDI, 2003, p204) compõem o grupo das colônias *cocaleras* (plantadores da folha de coca). A partir da década de noventa, esse grupo se fortaleceu, reunindo-se num movimento em defesa da folha de coca como defesa de sua própria identidade. O movimento se mobilizou, organizou e fortaleceu levando à formação de um partido, o Movimento ao Socialismo (MAS), que em dezembro de 2005, conseguiu eleger um *cocalero* (como se autodenomina Evo Morales) à presidência da Bolívia, e em 2006 conseguiu 50,71% das cadeiras para a Assembléia Constituinte (BRASIL, 2011).

Em razão do aumento da demanda internacional por cocaína nas décadas de 80 e 90 a Bolívia tornou-se um dos maiores exportadores da folha de coca. Ressalte-se que grande parte da produção era contrabandeada para os Estados Unidos, maior consumidor da droga de acordo com estudos realizados pela Universidade Federal de São Paulo (LARANJEIRA, 2012). Não por acaso, esse aumento do cultivo ocorreu em paralelo com o aumento da miséria e o

agravamento da crise social em consequência da forte recessão econômica, ocorridas no mesmo período.

Camponeses-índigenas, ex-operários mineiros, desempregados urbanos e todos os estratos da sociedade excluídos dos benefícios do neoliberalismo, contraditoriamente se organizaram e mobilizaram para combater as injustiças sociais provocadas pela desnacionalização do País, aberto aos interesses neoliberais. A história boliviana destaca-se pela forte organização social e ação coletiva, capital social fruto das interações culturais e solidárias elaboradas em suas origens e no percurso de suas lutas por representação e cidadania (URQUIDI, 2007).

Nesse aspecto, o processo de formação cidadã, para Garcia Linera (2012) está diretamente ligado ao da construção das nações. Considera-se assim, que a Bolívia como invenção cidadã, aconteceu apenas após as experiências da Guerra do Chaco e da Revolução Nacional de 52, nas quais a vida de milhares de pessoas se interconectou com a Pátria, vivenciada como um prolongamento da fazenda, mina ou *ayllu*²⁸. O cidadão não pode criar os efeitos da cidadania, cabendo ao estado essa prerrogativa de criá-los, entretanto o Estado não consegue inventar o cidadão. O Estado é produto da sociedade e da cidadania. Garcia Linera (2012) apresenta três momentos de construção da cidadania boliviana: a cidadania de casta, corporativa e irresponsável. Deve-se entender melhor esses momentos:

- A **cidadania de casta** era aquela na qual, apenas eram cidadãos aqueles que possuísem renda elevada, profissão, soubessem ler e escrever e não estivessem na condição de servidão; ficava claro quem na Bolívia da época seria ou não cidadão. Dessa forma os indígenas eram não cidadãos e considerados como uma externalidade do Estado. O Estado Republicano boliviano era por conseguinte um Estado de exclusão do indígena. O cidadão era o não indígena e a cidadania era decorrente de uma herança familiar e não decorrente da produção de direitos. **Não se fazia um cidadão, se nascia cidadão.** A cidadania era também branqueada (os índios não eram cidadãos, somente os brancos) em razão de suas vultosas rendas divulgadas, eram os comerciantes bem sucedidos, donos de pequenas fábricas, donos de fazendas cocaleras e de trigo, eram também os filhos bastardos fruto dos *encholamientos* oligárquicos²⁹.

²⁸ *Ayllu*: forma de comunidade familiar típica da região andina cujos integrantes possuem um descendente comum e trabalham coletivamente a terra, de propriedade igualmente coletiva.

²⁹ Relacionamentos clandestinos entre homens da oligarquia e as mulheres indígenas (*cholas*). Trata-se de um neologismo.

- A **cidadania corporativa** era aquela na qual a plebe armada se insurgiu e lutou por aquilo que lhe era de direito, um direito coletivo. **Caso ocorrido na Revolução de 52 em que a linhagem deixou de ser a pré-condição de cidadania e o povo adquiriu coletivamente essa condição cidadã.** De acordo com Garcia Linera (2012) essa cidadania deu-se por três condições: o povo, por sua conta e risco, interviu na gestão política; a intervenção popular foi de tal monta que só restou ao Estado acatá-la; a intervenção não foi localizada, ela se deu em todo o território, tornando-se um fato nacionalizador. Tratou-se do primeiro movimento de organização política da sociedade civil boliviana.

Há em tudo isso, contudo, os efeitos de grandeza e de miséria. De grandeza porque se verifica a invenção real de um direito coletivo que não demanda mais da legalidade do que a belicosa enunciação prática. [...] Mas também falávamos de certas misérias coletivas que se infiltram no decurso histórico. [...] a plebe se sente com o novo direito de falar, de resistir, de aceitar, de pressionar, de exigir, de impor um rosário de demandas aos governantes, mas jamais poderá ver a si mesma no ato de governar. [...] a imagem que de si mesmo construirá a sociedade trabalhadora é a do querelante, não a do soberano. (GARCIA LINERA, 2012, pág. 106)

Pode-se perceber então que há neste tipo de cidadania uma ironia perversa uma vez que faz vir à tona um direito coletivo, mas direito ao qual o povo não se vê possuidor do seu exercício por completo. **Apesar de o povo ver-se no direito de reivindicar direitos ele não se percebia em condições de assumir o poder e governar.** A partir desse momento o sindicato assumiu a forma de cidadania. **Ser cidadão era ser sindicalizado** e assim os direitos políticos surgiram atrelados aos direitos trabalhistas, a democracia aos sindicatos e a cidadania ao trabalhador disciplinado (GARCIA LINERA, 2012).

- Destaca-se ainda a **cidadania irresponsável**. A partir de 86 um novo cenário político emergiu, com o neoliberalismo e tentativas de redemocratização em toda a América Latina. “Paradoxalmente, não se trata aqui de uma ampliação dos direitos cidadãos ou de uma democratização de novos espaços sociais, mas precisamente de uma sutil mutilação de direitos sociais adquiridos nas últimas décadas” (GARCIA LINERA, 2012, pág.109). **O sujeito exerce sua cidadania quase que exclusivamente durante o voto.** Em especial no caso boliviano, o tempo democrático quase que se restringe ao momento do voto enquanto que as arbitrariedades dos políticos parecem ser ilimitadas. O Estado neoliberal buscou debilitar os ajuntamentos de cidadãos, debilitando a ação dos sindicatos buscava-se o indivíduo e não o coletivo. O Estado não buscava ampliar os espaços de exercício da cidadania, antes restringi-lo ao momento da nomeação de

“gurus” (os representantes políticos eleitos pelo voto) que decidiriam, por suas mentes, o destino de todos. Entretanto essa desmobilização sindical não implicou a desmobilização por completo da sociedade, como podemos considerar nos movimentos subsequentes.

Exemplo observa-se na *Guerra da Água*, ocorrida em setembro de 1999, em Cochabamba, em razão da privatização da companhia de água. Num processo a portas fechadas, os oficiais bolivianos arrendaram por quarenta anos, a concessão da empresa de águas, para a nova e misteriosa empresa *Águas Del Tunar*. Posteriormente descoberta como subsidiária da multinacional francesa *Suez-Lyonnaise dês Eaux*, e que recebeu a garantia de dezesseis por cento de lucro líquido durante todo o período de exploração (SHULTZ, 2008).

De início, as contas da população de Cochabamba foram elevadas em duzentos por cento ou mais. A partir daí um movimento popular teve início e criou-se um grupo denominado *La Cordinadora* para a defesa das águas em 12 de novembro de 1999. O movimento cresceu e em 04 de abril de 2000 o confronto teve seu auge culminando: com a morte de um jovem, Victor Hugo Daza; com a renúncia do governador Hugo Galindo; com a declaração do Presidente Hugo Banzer de Estado de Emergência (Lei Marcial) e com a fuga dos presidentes da Bechtel. Após uma semana de sangrento confronto, a Companhia de Água de Cochabamba SEMAPA voltou para a administração pública. Essa vitória do povo boliviano foi emblemática em todo o mundo.

Em 2003, os camponeses lideraram uma nova revolta popular, relata Silva (2005), que redundou na morte de oitenta bolivianos e a deposição do então presidente, Gonzalo Sánchez de Lozada. A **venda de gás para os Estados Unidos** foi o estopim desse levante, embora o empobrecimento dos trabalhadores rurais e urbanos, e a impossibilidade dos indígenas de interferência nos processos políticos, serem também atributos dessa crise.

Já em 2005 através de um referendo popular foi aprovada nova lei que determinava a nacionalização dos hidrocarbonetos tendo sido efetivada em 1º de maio de 2006 (3ª nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos). Ainda em dezembro de 2005 Evo Morales foi eleito no primeiro turno, com 53,74% dos votos válidos, e tomou posse em 22 de janeiro de 2006 (BRASIL, 2011). **Essa eleição foi emblemática por ser a primeira vez que um indígena assumiu a presidência, num país em que 85% da população é composta por indígenas ou mestiços** (OLIVIERI, 2005).

Em 15 de agosto de 2006 iniciaram-se os trabalhos da Assembleia, em 16 de dezembro de 2007 parlamentares do Movimento ao Socialismo (MAS) aprovaram a Nova

Constituição mas apenas em 25 de janeiro de 2009 ela foi referendada pelo povo com 61,4% dos votos (BRASIL, 2011).

O apoio popular à Constituição bem como a reeleição em 06 de dezembro de 2009, permitiram que Evo Morales proclamasse o término do Estado Colonial, do neoliberalismo e do leilão dos recursos naturais que ora vinham ocorrendo no país.

Pela Nova Constituição, mais de 80 dos 411 artigos tratam da questão indígena, os “36 povos originários” (aqueles que viviam na Bolívia antes da colonização europeia) passam a ter participação efetiva em todos os níveis administrativos e econômicos. A oposição faz severas críticas alegando a possibilidade de efetivação de duas classes distintas de cidadãos. Temas polêmicos como a terra, reeleição, divisão territorial, recursos naturais, coca, religião e política externa também são contemplados. Pela primeira vez na Bolívia, o povo em sua totalidade e pluralidade é chamado para opinar.

Para Schiel (2008) a eleição de Evo Morales representou uma afronta à ordem social vigente, baseada em privilégios e castas. A mobilização popular consagrou o fim das reformas neoliberais e a necessidade de uma nova ordem constitucional. O povo consagrou não só um índio no poder, mas também uma Nova Assembleia Constituinte. Trata-se de um novo marco na história do País baseado na instituição de autonomias indígenas, direitos coletivos e reformulação da gestão dos recursos naturais e ambientais. Ou seja, o ensaio de um projeto nacional integrador baseado na expansão da cidadania (SCHIEL, 2008, pág.4).

Houve muita controvérsia sobre os prognósticos do novo mandato de Evo Morales. Com um País a ser reestruturado, várias demandas por educação, saúde, equidade social, inclusão, conciliação com partidos de esquerda e direita, redistribuição de terras, economia, e ainda o sério problema das plantações de coca que se tem alastrado pelo país (mesmo com o presidente dizendo que não). Os quatro anos deveriam reestruturar o Estado. “A refundação permanente do País mostra uma dinâmica de rebeldia social talvez sem precedentes na América Latina, mas também deixa em evidência uma verdade mais prosaica: que todas as refundações anteriores terminaram em fracassos” (STEFANONI, 2009, pág.1).

Para o vice presidente da Bolívia, Garcia Linera (2004), já em seu segundo mandato, o Estado deve assegurar a igualdade de direitos políticos e culturais a todas as etnias e culturas existentes no País, daí a razão de chamarem a Bolívia de Estado multinacional ou multicultural. Para ele no País coexistem desarticuladamente hoje, várias civilizações, entretanto, anteriormente a Evo Morales e à Nova Constituição, o Governo apenas reconhecia a moderna civilização mercantil capitalista. Garcia Linera apresenta então um modelo que

distingue quatro diferentes civilizações que coexistem na Bolívia de modo desarticulado a saber:

- A **civilização industrial moderna** que compreende as pessoas detentoras de uma racionalidade prática essencialmente mercantil e acumulativa e que já passaram por um processo de individualização;
- A **civilização da economia e cultura** organizada na atividade mercantil simples, na qual predominam as atividades de pequenos proprietários e compreende boa parte da informalidade, artesãos e pequenos camponeses;
- A **civilização comunal** baseada em procedimentos tecnológicos fundados na força da massa, na gestão da terra familiar e comunal e na fusão entre a atividade econômica e política, possuem suas próprias estruturas de autoridade e instituições políticas que priorizam as ações normativas;
- A **civilização amazônica** baseada na perspectiva itinerante da atividade produtiva, na técnica fundada no conhecimento e trabalho individual e na ausência do Estado.

Deve-se considerar que os três primeiros modelos civilizatórios perpassam a cidade e o campo, os povos indígenas e não indígenas. Para o autor, anteriormente ao governo de Evo Morales, a sociedade boliviana apresentava-se monocultural, monocivilizatória e uniorganizativa e daí decorria sua frequente instabilidade, uma vez que representava apenas uma parte da sociedade pelo todo, uma minoria em detrimento da maioria, diga-se de passagem. Havia um frequente descompasso entre a lógica organizativa do estado e a pluralidade de práticas organizativas da sociedade que é, e sempre foi multicultural.

Esta parece ser a principal diferença que o Governo de Evo Morales traz para a história política e social da Bolívia: o desafio de contemplar dentro do Estado, todas as representações étnico-culturais que foram sistematicamente excluídas não só da vida política como dos direitos sociais.

3.2 O Estado Plurinacional da Bolívia

O Estado Plurinacional da Bolívia foi referendado pela Nova Constituição boliviana em dezembro de 2009 e instituído em 22 de janeiro de 2010, em substituição à República Boliviana criada em 06 de agosto de 1825. *“La flamante Carta Magna señala en su artículo 1 que Bolivia se constituye en un Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario,*

libre, independiente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado y con autonomías” (EMBAJADA, 2013, p.1)³⁰. O mapa abaixo, apresenta o território boliviano, destaques em seu relevo para: a Cordilheira dos Andes que corta esse território em quase toda sua extensão e a ausência de saída para o mar. Do Norte para o Sul: La Paz, Cochabamba, Oruro, Chuquisaca, Tarija e Potosi, onde fica o Salar do Uyuni. Fora da Cordilheira temos Pando, Beni, Tarija e Santa Cruz que formam a chamada “Meia Lua

Fonte: Google Maps, disponível em: <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=il>

Mapa 2 – Mapa do relevo boliviano. Destaque para a chamada Meia Lua.

Há um conflito entre a Região da Meia Lua e os demais Departamentos da Bolívia, isto porque eles compõem os Departamentos mais desenvolvidos e prósperos, resultado da colonização espanhola, do clima mais ameno e hoje, da exploração principalmente do gás e extensas plantações de soja, inclusive por muitos brasileiros, o que lhes rende muitas divisas, as quais são repartidas com os demais departamentos. Eles representam a parte rica e industrializada da Bolívia. Esse choque de interesses culminou na criação do movimento

³⁰ “A recente Carta Magna assinala em seu artigo primeiro que a Bolívia se constitui em um Estado Unitário Social de Direito Plurinacional Comunitário, livre, independente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado e com autonomias” (EMBAIXADA, 2013, p.1).

*Nación Camba*³¹ (*camba* é o nome dado aos moradores dessa região em oposição aos *collas*, nome pejorativo dado aos moradores da região do altiplano), o qual reivindica maior autonomia e reordenação da distribuição de impostos, pois consideram que são os maiores geradores e recebem a menor fatia, vendo-se prejudicados inclusive pela imensa quantidade de pobres bolivianos que chegam às suas cercanias em busca de trabalho.

O mapa abaixo apresenta a divisão política dos departamentos bolivianos, com suas capitais. O Estado Plurinacional da Bolívia está localizado no centro da América do Sul, possui um território de 1.098.580 km², sua capital é La Paz (sede do governo e dos Poderes Legislativo, Executivo e Eleitoral) e Sucre (capital constitucional – sede do Poder Judiciário). Teve sua independência proclamada em 06 de agosto de 1825 e sua mais recente Constituição referendada em 07 de fevereiro de 2009.

³¹ *Nación Camba: Algunos podrán pensar que nos queremos divorciar de los mas pobres, como si fuéramos los mas ricos, pero no podemos omitir que casi un millón de miserables acosan nuestras periferias urbanas intentando encontrar su espacio en un mercado laboral que cada día se vuelve mas exiguo – no tanto por el modelo económico que nos impusieron los imperios, sino por nuestra propia incapacidad estatal para generar labores productivas que exilien la informalidad y el desempleo crónico.* (Movimiento Nación Camba, 2014)

Fonte: <http://www.voyageauperou.info/www.infobolivia/frances/>

Mapa 3 – Mapa da divisão política da Bolívia. (Sem escala)

Como pode-se observar no mapa da divisão política, a Bolívia não possui costa marítima, foi perdida para o Chile desde 1879. Seu solo não é propício à agricultura, mas a região andina contribui com significativa produção de tubérculos e cereais, uma das bases da dieta boliviana.

Junto ao lago Titicaca, o mais alto do mundo, encontramos importante polo cultural chamado de Tiwanaku, nesta região, ainda, encontramos La Paz, sede do governo boliviano, Potosí e Oruro, capital cultural da Bolívia, antigos centros de mineração e na atualidade pólos de expulsão de populações para outros centros urbanos bolivianos e para o exterior. Já as

idades de Santa Cruz e Beni, por possuírem climas tropicais, apresentam culturas de cana-de-açúcar, algodão e recentemente soja. Muitos brasileiros têm-se fixado na região, para o cultivo da soja, em razão da fertilidade e baixo custo do solo (Silva 2005).

Como pode ser identificada no mapa de divisão política, mapa 03, a Bolívia apresenta nove departamentos e faz fronteira ao leste com Brasil e Paraguai, a oeste com Chile e Peru, ao norte com o Brasil e ao sul com a Argentina. Destaque para o maior deserto de sal, localizado em Potosí, o Salar do *Uyuni*. Subdivide-se em três grandes regiões: a região andina ou altiplano (região do planalto elevado), a sub-andina ou vales (a *Yungas*, vales profundos, arborizada e bem irrigada) e as planícies tropicais (o *llanos*, ou Planícies do *Chaco*).

A região andina ocupa 16% do território nacional e abriga 50% da população boliviana, num total de 10,2 milhões de habitantes. Em sua divisão administrativa a Bolívia apresenta nove departamentos: Beni, Chuquisaca, Cochabamba, La Paz, Oruro, Pando, Potosí, Santa Cruz e Tarija (CIA,2012). Segundo Cunha Filho (2010) nas últimas eleições para governadores, o Movimento ao Socialismo (MAS) conseguiu seis dos nove departamentos existentes, perdendo apenas em Tarija, Santa Cruz e Beni, consolidando-se assim a hegemonia do partido do Movimento ao Socialismo (MAS) e de Evo Morales.

A organização político multipartidária boliviana é composta pelo: Movimento Ao Socialismo (MAS), Plano Progresso para Bolívia-Convergência Nacional(PPB-CN), Unidade Nacional (UN), Aliança Social (AS), Movimento de Unidade Social Patriótica (MUSPA), Povos Unidos pela Soberania (PULSO), Bolívia Social Democrata (BSD) e Movimento Sem Medo (MSM – segundo maior partido) .

De acordo com Chasqueti (2003) essa profusão de partidos pode ser um fator destabilizador, na medida em que, caso o partido eleito não possua maioria, necessitará realizar coalisões que podem comprometer a implementação do plano de governo. Para o autor, que defende o presidencialismo bipartidarista, o presidencialismo multipartidarista apresenta três defeitos: estimular os conflitos entre os poderes do governo, promover condições para a polarização do sistema e dificultar a configuração de coalisões de governos estáveis. Essa perspectiva pode ser uma explicação para a instabilidade política anterior à eleição de Evo Morales, uma vez que os presidentes eleitos, porque não obtiveram maioria de votos, tinham a necessidade de serem referendados pelo Congresso e realizar coalizões, as quais normalmente não representavam a maioria do povo boliviano e sim a elite.

Houve muita especulação sobre a reeleição de Evo Morales, que afirmou que seu primeiro mandato não pode ser computado, uma vez que não se completou (ele saiu antes do

término) e também porque o Estado Plurinacional da Bolívia teve sua fundação em 22 de janeiro de 2010. No caso do MAS, os prognósticos são bastante promissores uma vez que o partido vem-se consolidando como o maior partido boliviano, sendo desnecessárias as coalisões. Como afirma Cunha Filho (2010) o MAS está embasado na figura de Evo e nas suas reuniões, mais do que discutir novas proposições, o partido parece apresentar as questões esperando as decisões de seu Líder.

Destaque-se entretanto a massiva votação que Evo Morales conseguiu agora, consolidando seu terceiro mandato, com um total de 61% dos votos válidos. O atual presidente perdeu apenas em Beni, e até mesmo em Santa Cruz teve maioria de votos conquistando também dois terços do Congresso, a oposição teme que essa maioria lhe possibilite encaminhar emenda constitucional que lhe possibilite uma quarta reeleição (ESTADÃO, 2014).

Deve-se ressaltar que Evo é o primeiro presidente a cumprir seu mandato desde a presidência de Gonzalo Sánchez de Lozada (1993/97), e ainda o primeiro candidato reeleito em votação consecutiva desde Victor Paz Estenssoro (1964) e com um índice de aprovação tão alto (CUNHA FILHO, 2010). Evo não só aumentou sua votação nos departamentos em que havia obtido maioria na eleição anterior, como ampliou também o número de votos nos departamentos que compõem a Meia Lua (pode ser observada no mapa do relevo boliviano, são os departamentos que não são cortados pela Cordilheira e que compreende Santa Cruz, Tarija, Beni e Pando) e que lhe faziam franca oposição, só não obteve maioria em Beni. Quando assumir seu terceiro mandato, vai ser o presidente que governou por mais tempo, consecutivamente, desde o Marechal Andrés de Santa Cruz, um dos primeiros presidentes e fundador da Pátria (ESTADÃO, 2014).

Como forma de governo, a Bolívia adotou a democracia participativa, representativa e comunitária, com igualdade entre homens e mulheres. Sua organização e estrutura baseiam-se nos órgãos Legislativo, Executivo, Judiciário e Eleitoral e fundamentam-se na independência, separação, coordenação e cooperação entre estes órgãos. (EMBAJADA, 2013).

O Estado Plurinacional da Bolívia declara-se laico, respeitando e garantindo a liberdade de religião e crenças espirituais de acordo com as diferentes visões de mundo. Os idiomas oficiais são: o castelhano e todos os idiomas das nações e povos camponeses indígenas, a saber: *aymara, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasu'we, guarayu, itonama, leco, machajuyaikallawaya, machineri, moropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua,*

sirionó, tacana, tapiete, toromona, uru-chipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e o *zamuco* (EMBAJADA, 2013).

Sua unidade monetária é o Boliviano (Bs). O tipo de câmbio é de pesos bolivianos por dólares, onde: 7,07Bs = 1US. Seu governante, eleito desde 2010 é Evo Juan Morales Ayma do Movimento ao Socialismo - MAS (BRASIL, 2011d).

Em 1992 a população urbana superou a rural com 57% da população morando nos centros urbanos. As zonas rurais concentram os maiores índices de pobreza, podendo destacar que 80% vivem em estado de pobreza e 55% em estado de extrema pobreza. Ainda nas áreas rurais a taxa de analfabetismo para os jovens acima de 15 anos é de 25%, 75% dos domicílios não possuem energia elétrica, 59% não têm água encanada e 95% não possuem tratamento de esgoto (URQUIDI, 2003).

Apesar desse cenário pouco promissor, a baixa renda “*per capita*” e a altíssima taxa de mortalidade infantil, aliados à falta de perspectivas, são fatores que influem na decisão de emigrar de milhares de bolivianos, para outros países, em busca de melhores condições e oportunidades de trabalho. Com uma população majoritariamente jovem e urbana, cidades como La Paz, El Alto, Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba, são os polos emissivos para os bolivianos que partem para o Brasil, Argentina, Chile, Estados Unidos, Espanha entre outros.

Em janeiro de 2012 o Presidente da Bolívia endereçou ao Congresso e ao povo um balanço dos dois anos de governo do Estado Plurinacional da Bolívia. As estimativas todas apresentavam significativas melhorias, tanto no quadro da economia, como nos avanços sociais. Deve-se ter algo de cautela uma vez que se trata de um líder falando de suas ações, mas mesmo que se subtraia um percentual dos dados apresentados, ao se olhar para trás, na história boliviana de desmandos e descaso para com a população indígena, parece-nos bastante promissor o caminho. Quem sabe estes sejam os primeiros passos no sentido de se reduzir o expressivo contingente de emigrantes daquele país.

Nasce daí uma possibilidade, nem sempre real de escolha, de seleção do que se quer ou não para o próprio país. No aspecto econômico entretanto, a invasão das empresas transnacionais em países cuja mão de obra é farta e barata não permite muitas escolhas. A necessidade de industrialização que promova o crescimento interno faz com que os países ofereçam inclusive incentivos à sua entrada, sob o risco de não conseguirem oferecer empregos à sua população e com isso, gerar um êxodo para países que tem esse oferecimento. Caso atual da Bolívia, que ao fechar-se ideologicamente ao neoliberalismo econômico e às transnacionais, dificulta o acesso de sua população aos empregos, principalmente aqueles sem formação

profissional. Daí a questão que se coloca entre dois grupos identitários em uma mesma Nação: os *Cambas* porque vivem em Departamentos bolivianos mais desenvolvidos, com uma estrutura educacional que atrai inclusive estudantes de outros países por seu baixo custo, e uma economia mais promissora; rivalizam-se com o resto da população, os *Colhas*, como pejorativamente os *cruceños* os denominam. Se considerarmos que esse último grupo é maioria e ainda assim são hostilizados em seu próprio país, quando chegam aqui, necessariamente vão ter de ultrapassar novos preconceitos e talvez por isso, a necessidade de um espaço que lhes fortaleça enquanto grupo.

A Bolívia enfrentou sérios problemas de desemprego e instabilidade econômica; o governo atual tenta reverter esse quadro. O governo popular de Evo Morales tem estatizado seu parque minerador e com isso, deixado de ser atrativo para algumas das empresas internacionais que operavam no país, mantendo ainda a condição de imigração de parte de sua população; entretanto, tem apresentado números promissores de crescimento do bem estar social. De acordo com dados oficiais do *Instituto Nacional de Estadística (INE)*³² o Produto Interno Bruto PIB *per cápita* (PIB *per cápita*) cresceu de U\$ 1.010,00 em 2005 para U\$ 2.794,00 em 2013; o índice de desemprego teve um decréscimo de da ordem de 8,1% em 2005 para 3,2% em 2013 e o salário mínimo teve um aumento de Bs 440,00 (Bolivarianos) para Bs 1.200,00 (BOLÍVIA, 2014).

A Bolívia neste momento apresenta sinais de que as condições de expulsão de sua população parecem estar sendo alteradas. Quiçá o sonho de muitos imigrantes bolivianos que vivem no Brasil, de poder voltar a sua Terra Natal possa ser cumprido, em razão de uma nova ordem estruturante que busca na igualdade de direitos o motivo primordial de sua conduta enquanto nação. Esta é uma possibilidade que só o tempo poderá desvendar.

Esses migrantes bolivianos vêm em busca de oportunidade de emprego, seja ele formal ou informal. Um dos fatores que os forçam a essa migração pode ser atribuído aos processos de reorganização transnacional do trabalho. Trataremos mais especificamente desse fluxo migratório boliviano no próximo capítulo.

Muitos são os que se desterritorializam, buscando outros espaços e horizontes, reterritorializando-se aquém e além do fim do mundo. Agora o exército industrial de trabalhadores atinge dimensões mundiais, mesclando, sob novas modalidades, raças, idades, sexos, religiões, línguas, tradições, reivindicações, lutas, expectativas, ilusões (IANNI, 2007, p.132).

³² Instituto Nacional de Estadística (INE).

Esse reservatório mundial de força de trabalho, em sua maioria provém das áreas rurais dominadas pelo agronegócio e que impulsionam esses trabalhadores para os centros urbanos gerando movimentos migratórios internos e externos em busca de novos empregos e melhores condições de vida. A globalização e a desterritorialização do capital vêm contribuindo com lacunas cada vez maiores para essas desigualdades. As migrações falam dessas desigualdades, o homem em terra estrangeira, busca preservar sua identidade através da manutenção de suas práticas culturais. As culturas locais têm sofrido constantes influências das culturas dominantes, entretanto, cultura não é algo estático e imutável, ela, como reflexo das tensões e avanços de um povo, reconstrói-se ao longo da história.

A flexibilização do trabalho impulsionada pelas novas tecnologias eletrônicas e informacionais parece acentuar e generalizar o desemprego estrutural. Esse desemprego pode ainda ser potencializado de acordo com as políticas adotadas pelas empresas transnacionais. Vejamos um pouco mais sobre esse processo.

4 MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Ao se olhar para a história, pode-se ver alguns processos de interação entre diferentes sociedades e pode-se considera-los como os primeiros passos da globalização. As conquistas de Alexandre o Grande, no século III antes de Cristo podem ser tomadas como o primeiro grande processo de globalização. A cultura helenística foi o resultado da interação entre as culturas grega e do oriente, fruto da tolerância de Alexandre com as demais culturas, que estimulava a interação entre dominantes e dominados. Pode-se considerar depois as conquistas do Império Romano, nos séculos I a V depois de Cristo, ou ainda a consolidação do Império Romano Germano, favorecido pelas conquistas de Carlos Magno e Oto I, em meados do século I depois de Cristo. Destaque ainda para as grandes navegações, que possibilitaram a Portugal e Espanha o domínio da América Latina, nos séculos XV e XVI, que lhes possibilitou trocas comerciais significativas ensejando o início do processo colonizador, sequenciado pela Inglaterra e França nos séculos XVIII e XIX (VILELA, 20062).

Foi essa revitalização comercial, favorecida pela abertura de novos mercados consumidores, no caso as colônias de exploração, que propiciaram um acúmulo de capital, que viria a favorecer os grandes avanços tecnológicos e que posteriormente viriam a ensejar o atual processo de globalização, nos moldes que o conhecemos hoje. Sistema através do qual, para atender à maior eficiência e produtividade, as empresas se fragmentam em três estágios distintos: tecnologia (nível que concentra o capital intelectual), produção (nível gerencial que coordena os processos produtivos em vários locais) e subcontratos (empresas terceiras, contratadas para realizar o trabalho sob condições de grande exploração). Ainda a instantaneidade e a deslocalização são marcas dessa globalização (CASTELLS, 2009a).

Para Ianni (2007) primeiramente deve-se perceber que a história desenvolve-se em continuidades, sequências, recorrências, mas é atravessada por rupturas e que essas, mais do que as continuidades apresentam diferenças e devem ser significativas. Devemos olhar para as diferenças e não para as semelhanças se quisermos entender um novo período histórico e em especial o processo de globalização. O qual possibilitou às grandes organizações um acesso em tempo real, aos mais remotos cantos do mundo. Dessa forma, surgem as empresas transnacionais. Nelas o capital é descentralizado e circula pelas bolsas, explorando ao limite as oportunidades. Não há mais dia ou noite, uma vez que fecham-se as bolsas no ocidente, mas abrem-se as do oriente. O tempo passa a ser algo virtual e quase intangível.

Para Manuel Castells (2009a) há uma reformulação na noção do tempo, que sob o aspecto das novas tecnologias da informação, está ligado ao surgimento do espaço de fluxos, ligado a um contexto social, o tempo é local mas é também transnacional. O aqui e o agora interfere e é interferido pelo global, diretamente vinculado pelo avanço das tecnologias da comunicação.

Milton Santos (2007b) vai chamar a atualidade de período tecnológico, no qual ciência, tecnologia e mídia de massa vão alterar as relações do homem com a natureza, do homem com o homem e do homem com as coisas, e vão ter nas empresas transnacionais sua consolidação histórica em todos os recantos do mundo, impingindo uma homogeneização perversa que caracteriza o cotidiano mundial nos dias de hoje.

O surgimento de um mercado de capitais globalizado funcionando em tempo real, afirma Castells (2009a), faz surgir uma nova forma de exploração de capitais, as transações financeiras passam a basear-se também na geração de valores a partir de captações em tempo futuro realizadas em tempo presente.

Para o autor o capital não apenas condensa o tempo, é o próprio tempo personificado e se alimenta dele. Essa apropriação abstrata do tempo pelo capital pode ser sentida na economia e na vida cotidiana: crises financeiras em um dado país afetam as relações internacionais e interferem na economia local gerando riscos à integração europeia; a falta de estabilidade que possibilitaria uma mínima previsão do futuro prejudica os investimentos na produção levando à especulação; a destruição de empresas em razão da transferência de capitais para localidades que ofereçam melhores condições de maximização de lucros; o abismo entre os lucros gerados pela produção e aqueles gerados pela especulação financeira, levando a transferência progressiva da poupança mundial para o jogo especulativo em detrimento da produção e geração de empregos; a especulação através dos fundos de pensão e passivos gerando incerteza na segurança dos trabalhadores de todo o mundo; a dependência econômica, em especial dos países em desenvolvimento, do instável movimento de capitais especulativos gerado pelas transnacionais; a ideologia do bem estar individual em detrimento do coletivo; e a perda de referencial para diferenciação entre valores tais como produzir e ser recompensado, trabalhar e sua significação, ser ético e ser rico. (CASTELLS, 2009a).

Defrontamo-nos com uma nova divisão transnacional do trabalho, na qual o trabalho flexibilizado³³ combina-se com o “fordismo³⁴” para uma otimização da capacidade de produção e inovação e para ser ainda mais competitivo. Ianni (2007) vai falar em uma reterritorialização de espaços. “Forma-se toda uma cadeia mundial de cidades globais³⁵, que passam a exercer papéis cruciais na generalização das forças produtivas e relações de produção em moldes capitalistas, bem como na polarização de estruturas globais de poder” (p.14).

Em resumo, a globalização é um processo já consolidado, transformando as relações econômicas, laborais e políticas em todo o mundo. As empresas transnacionais se impõem aos Estados-Nação em vias de desenvolvimento, através da movimentação de seus fluxos de capitais. Estes fluxos ora estabilizam suas economias, através do aporte de recursos e investimentos (capital de investimento), ora desestabilizam-nas com a retirada desses recursos para serem aplicados em economias que lhes ofereçam maiores lucros (capital especulativo). A influência dessas organizações transcende a área urbana e já incorpora o campo em sua área de dominação. Nesse contexto, as culturas também são influenciadas. Há uma ação dialética entre cultura local e global em que o global tenta se impor como cultura dominante e em resposta as ações culturais locais são reafirmadas como modos de resistência.

4.1 Migração e identidade

Num mundo globalizado as emigrações processam-se em busca de melhores condições de vida e atingem a maioria dos países com economias mais frágeis. Já os países com economias mais estruturadas acabam dificultando a entrada de estrangeiros, provenientes dos países mais pobres, com a desculpa de que estão protegendo o emprego para a população local, esquecendo-se de que suas grandes multinacionais é que provocam boa parte dessas desterritorializações, através da desativação ou transferência de suas subsidiárias e consequente

³³ Trabalho flexibilizado: aquele que prescinde das leis e direitos trabalhistas e possibilitam novas formas de organização do tempo de trabalho, mobilidade geográfica e funcional dos trabalhadores, a maleabilidade nos custos da mão-de-obra, contempla a gestão dos recursos humanos.

³⁴ Fordismo: relaciona-se com o trabalho em linha de montagem, na qual o empregado exerce uma única e específica função, não tem noção do todo e por isso é meio robotizado, tem por base a produção em massa.

³⁵ Cidades globais: são cidades dotadas de infra estrutura (transporte, serviços e comunicação) privilegiada, centros geográficos privilegiados e integrados às grandes transnacionais.

desemprego local. Não bastasse a condição de imigrante, a não documentação, os oferecimentos de trabalho e condições de vida, em muitos casos são desumanos.

Os processos migratórios livres ou forçados, reconfiguram sua composição, diversificam as culturas e pluralizam as identidades dos antigos Estados-Nação dominantes. Esses fluxos não regulados de povos e culturas são gerais e difíceis de serem contidos, assim como os fluxos financiados pelo capital e tecnologia. (HALL, 2011).

Na atualidade, entretanto, dois acontecimentos marcam uma alteração na tendência dos movimentos migratórios: a crise econômica mundial, que teve seu início em 2008, desde os Estados Unidos até a Europa, refletindo-se nos demais países do mundo; e as revoltas populares caracterizadas pela Primavera Árabe, no norte da África e Península Árabe, a partir de 2011 (ALVES, FARIAS, LUCENA, 2013).

Tem-se neste momento os principais polos de recepção de migrantes: Estados Unidos, Europa e Japão alternando suas posições, vendo alguns de seus cidadãos migrando para fora de seus países em busca de melhores condições de vida. Percebe-se um fluxo de cidadãos espanhóis para países latino americanos e portugueses para o Brasil e Angola bem como fluxos de migrações de retorno de imigrantes aos seus países de origem, também impulsionados pela crise econômica.

Nesse contexto de crise econômica, os países endurecem suas políticas migratórias e aumentam os índices de desemprego para esse grupo, o que provoca em muitos casos, movimentos migratórios de retorno aos seus países. Em 2011, rebeliões populares que deflagraram a Primavera Árabe geraram um fluxo de migrantes árabes e africanos fugindo da guerra da Líbia seja para países vizinhos ou Europa, estima-se neste período, um aumento de 80% de migração ilegal para a Europa (ALVES, FARIAS, LUCENA, 2013).

Destaque para o caso da União Europeia, em razão do tratado de livre circulação de trabalhadores dentro do bloco, em que a Alemanha desponta como país de destino. O mesmo ocorre com Argentina e Chile e mais especialmente o Brasil (considerado “a bola da vez”) que têm recebido um maior fluxo de migrantes latino americanos.

Como pano de fundo tem-se um mundo “aparentemente” sem fronteiras, uma vez que elas existem para barrar a entrada de migrantes indesejados, no qual o capitalismo impera e as identidades culturais entre os países vêm-se tornando cada vez mais difusas. Essas culturas são elaboradas e reprocessadas, influenciam e sofrem a influência dos países de origem e destino. As identidades local e global são questionadas.

Os processos migratórios dão conta de disseminar as culturas periféricas, dos países emergentes. Na contrapartida, sociedades da Europa Ocidental e da América do Norte, angustiam-se por verem suas culturas hegemônicas e ‘puras’ contaminadas, dando margem a um nacionalismo defensivo e racializado. Stuart Hall (2011) argumenta que apesar dessas preocupações parecerem distantes, “[...] o velho modelo centro-periferia, cultura-nacionalista-nação é exatamente aquilo que está desabando” (p.45). Na contrapartida, as culturas dos países periféricos também se sentem ameaçadas e apresentam tendência a fecharem-se na tentativa nacionalista de reafirmarem suas culturas. Para o autor a alternativa não é a preservação de modelos herméticos, individuais e homogêneos e sim estar aberto a modelos mais abrangentes que possibilitem assimilar diferenças e semelhanças provenientes do mundo inteiro, como caminho para uma sociedade culturalmente moderna.

Efetivamente muitos países têm tido posições de defesa de suas culturas locais. Segundo Castells (2009a), “[...] **se tivéssemos de apontar um país do mundo com a maior capacidade de oferecer resistência à globalização da cultura e defender a adoção da política de bases populares, a Bolívia seria um forte candidato**” (p. 387). Esse apego à cultura, entretanto, não os têm impedido de deixar o país em busca de melhores oportunidades.

Os imigrantes reúnem-se em comunidades nos países que os acolhem, e em geral vivem à margem encontrando condições de moradia precárias e trabalhos mal remunerados. “O termo ‘comunidade’ (como em ‘comunidades de minorias étnicas’) reflete o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos” (HALL, 2011, p.62, grifos do autor). Entretanto as tradições não são estáveis, seja entre as pessoas ou mesmo em um indivíduo consigo mesmo, elas se reprocessam de acordo com as trocas entre as experiências migratórias. Há consideráveis diferenças entre os vários grupos comunitários ou mesmo no interior dos mesmos.

Para o autor duas forças podem ser destacadas nas formações culturais. Aquelas que tentam levar à homogeneização cultural, exercida pela cultura ocidental dominante, mais especificamente americana e que ameaça contaminar tudo com sua mesmice – “o que tem sido chamado de ‘*McDonald-ização*’ ou ‘*Nike-ização*’ de tudo” (HALL, 2011, p.44, grifos do autor). E uma força mais sutil e emergente que desloca da centralidade a cultura ocidental dominante e reposiciona as culturas locais, disseminando suas diferenças por todo o mundo.

A questão identitária na atualidade leva-nos a buscar algumas interpretações. Hall (2004) simpático à noção de “descentramento” vai propor que as antigas concepções de identidade como sendo individual e única, devem ser, se não reelaboradas, ao menos

questionadas. O termo descentramento aponta não para uma ruptura com a posição central, mas sim com um deslocamento; o centro se desloca, sendo substituído não com um, mas por vários centros de poder. Sugere que a identidade única dá lugar às várias identidades fragmentadas. Não há mais uma identidade única e central, mas sim várias identidades em vários centros de poder.

Para tanto, Hall (2004) faz uma distinção simplificada entre o **sujeito do Iluminismo** – indivíduo centrado, coeso, racional e consciente, dotado de uma identidade única – o **sujeito sociológico** – indivíduo que ainda possui uma identidade, embora formada e reelaborada através das relações contínuas com o mundo cultural e as identidades oferecidas por esse mundo – e por fim o **sujeito pós-moderno** – fragmentado, formado por várias identidades, muitas vezes contraditórias ou mal resolvidas, descentradas. Para o autor, é esse sujeito pós-moderno que hoje enfrenta, nos processos migratórios, os embates entre a permanência e a reelaboração de suas identidades, no confronto com a cultura do país receptor.

Nesse contexto, a identidade cultural apresenta-se também deslocada de um centro formador, em constante mudança, para estar aberta às diversas identidades que a constituem e reelaboram continuamente. O mesmo serve para pensarmos as identidades nacionais, uma das principais fontes de identidade cultural. A identidade nacional não é nata e sim algo culturalmente construído, só entendemos o que representa ser brasileiro, devido ao modo como a brasilidade nos é apresentada (conjunto de códigos simbólicos construídos e que nos representa enquanto pessoas de uma mesma nação), como um sistema de representação cultural. Como cidadãos, assumimos a mesma ideia de nação e partilhamos a mesma cultura nacional (HALL, 2004). Entretanto, a nacionalidade é uma construção imaginada, não são coisas com as quais nascemos, e para tal, devemos ter em mente três conceitos na elaboração dessa cultura nacional: um conjunto de memórias, o desejo de viver em grupo e a necessidade de transmissão desse legado.

Entretanto, a maioria das nações possuem em seu interior diversas culturas, que só são unificadas através do poder; compõem-se de diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero; as nações colonizadoras impingiram sua cultura aos colonizados, de forma que apenas através do exercício do poder é que é possível essa pretensa unificação. As nações modernas são híbridas, não há aquela que possua um único povo, uma única cultura ou uma única etnia ou raça, no entanto, as culturas nacionais se sobrepõem às demais e o que tem provocado o seu deslocamento é a chamada globalização (HALL, 2004).

A globalização enquanto fenômeno não é recente e ordena uma compressão espaço/tempo que se constituiu numa de suas características mais marcantes. Disso resulta o encurtamento de distâncias, o mundo parece menor, e quaisquer eventos ocorridos num lugar impactam, em tempo real, pessoas e lugares em diversas partes do mundo. Hall (2004) argumenta, entretanto, que “[...] o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*” (p.70, *grifo do autor*).

Se considerarmos que a identidade cultural constitui-se num sistema de representação, temos por consequência a globalização, através da compressão espaço/tempo, influenciando a localização e representação dessas identidades. Como consequência, evidencia o autor, temos um acirramento das tensões entre o local e o global.

O descentramento da identidade cultural pode ser importante para alguns aspectos, mas não podemos perder de vista a capacidade do ser humano de captar e reorganizar os elementos fixando-os num espaço simbólico (necessariamente fixo). O homem reconstrói o caos e o organiza em um espaço simbólico. Na atualidade o homem possui elementos que o possibilitam reprocessar tudo que lhe chega instantaneamente. Deve-se considerar, entretanto, que a velocidade das relações globais é impressionante, mas o homem não vive apenas o tempo do relógio ele transita também em um espaço e tempo simbólicos, nos quais o tempo parecer não ser sentido. Como por exemplo, quando nos encontramos com um amigo que há muito não víamos e parece-nos que estamos em um tempo/espaço em que revivemos todas as emoções de outrora, e elas são refeitas e sentidas como se um enorme lapso de tempo/espaço não tivesse transcorrido. É o tempo e espaço simbólicos que nos mantêm íntegros (ELIADE, 1992).

A manutenção de um discurso genuinamente nacional é insustentável e, portanto, as comunidades iniciam um processo de reformulação a fim de buscarem elementos que em seus discursos identitários locais lhes deem segurança. A vinculação ao local nos defende da fragmentação da identidade nacional criada pelo Estado. Na contrapartida os grupos locais fortalecem seus traços identitários nos elementos da tradição, essa tradição nos confere referenciais seguros, é essa autoafirmação local que nos permite uma ancoragem segura.

Devemos portanto considerar ainda que, nos processos globalizantes, apesar do controle da mídia, a sociedade americana não logrou impor, por completo, sua cultura ao resto do mundo. O processo de recepção é a chave do processo comunicacional. Existe uma mediação do receptor aos conteúdos expostos pelo emissor, que determinam a sua significação para o sujeito e o grupo. De acordo com Certeau (2008) o texto é o lugar da recriação do leitor e portanto, deve-se levar em conta que o consumidor (receptor) reprocessa, recria a partir do que

lhe é exposto pela televisão por exemplo. Logo há uma força hegemônica globalizante, mas não se pode desprezar a força de resistência que o consumidor pode estabelecer, seja dando nova significação ou novo modo de uso, para aquilo que tentam lhe impor. Assim, na relação emissor/receptor (consumidor/produto) há uma mediação que pode provocar um distanciamento do uso que se faz daquele que é sugerido. Ou seja, os processos globalizantes podem sugerir e até tentar impingir sua cultura ou mesmo os modos de uso ou consumo, mas vai depender do receptor assimilar e aceitar essa sugestão ou reprocessar, resistir e fazer o uso que melhor lhe condiz. E é esse processo de resistência que dificulta/impede a homogeneização.

Assim, de um lado tem-se relativa fragmentação das identidades locais resultantes da tentativa de homogeneização cultural e de outro, um aumento da resistência à globalização como estratégia de reforçar suas identidades locais. Não se pode perder de vista a formação de novas identidades culturais híbridas, produtos das novas diásporas, como afirma o autor. Nem local nem global, identidades variadas, complexas e contraditórias, parecem ser o produto identitário dessa tal chamada globalização.

Vamos buscar explicitar algumas abordagens teóricas que, longe de serem consenso, tratam de tentar analisar esse fenômeno que é o ser migrante e os fatores que o impulsionam a deixar sua Terra e suas referências e aportar em um mundo que normalmente lhe vai ser, ao menos num primeiro momento, hostil.

4.2 Movimentos Migratórios – Algumas Abordagens Teóricas

Ao se tratar o tema movimentos migratórios, tem-se uma tendência a buscar nas teorias, definições que possam explicar esse fenômeno que desde a antiguidade ocorre entre os homens. Talvez esses movimentos possam ter seu início no Êxodo de Moisés e dos judeus em busca da terra prometida ou ainda, anterior a isso, nas teorias sobre migração do *Homo Sapiens* durante o período pré-histórico e a constituição dos povos do mundo a partir da África (NEVES, BERNARDO, OKUMURA, 2007). Deve-se considerar que “[...] a migração internacional não é uma invenção do século XX ou da modernidade; tem sido parte da história da humanidade nos últimos tempos, embora tenha aumentado em volume e significância desde 1945 e, mais particularmente, desde meados dos anos 1980” (PATARRA, 2006, p.12).

Não se pode, entretanto, perder de vista que por mais teorizações que se faça, o que está em questão são os impulsos que levam um homem a abdicar de suas raízes, deixar para trás todo um referencial de relacionamentos, sentimentos e valores, para tentar uma vida em terra alheia, onde ele jamais deixará de ser o outro. “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (SAYAD, 1998, p.54)”.

Imerso nessa transição entre o ser emigrante (aquele que sai de seu país) e o imigrante (aquele que entra em outro país), a questão que se coloca segundo Sayad (2000), diz respeito aos vários modelos de relações que esse sujeito estabelece: com o tempo passado e o tempo futuro – a representação do ontem e a projeção do amanhã mediados pelo tempo presente; com a terra (natal) sob as mais variadas formas e valores, seja na dimensão enquanto espaço físico ou social; com a relação com o grupo, aquele que deixou fisicamente, mas ao qual ainda quer pertencer e com o grupo que necessita ingressar, se fazer aceito. Essas três dimensões de relacionamento (passado, presente e futuro), são solidárias entre si e constituem uma unidade que é o ser social. Ainda para o autor emigração e imigração são processos complementares, faces de uma mesma moeda.

A mobilidade espacial da população tem sido uma das mais marcantes características dos processos de urbanização provocados pelo capitalismo. As migrações nacionais e internacionais têm engendrado características altamente peculiares a cada país. “A própria identidade de muitos deles, a sua constituição como nação, foi um produto do movimento internacional de diferentes povos” (BRITO, 1995, p53).

Para efeito de nossos estudos, os movimentos migratórios destacam-se inicialmente com a Primeira Revolução Industrial na Inglaterra e o acelerado crescimento demográfico. A segunda metade do século XIX foi marcada pela relevância das migrações europeias. Posteriormente, a Segunda Revolução Industrial traz consigo profundas reestruturações no sistema capitalista que demandava a necessidade de incorporação de novos mercados. Essa alteração estrutural do capitalismo propiciou a unificação econômica do mundo, suportada pela revolução tecnológica nos transportes. O mundo passa a estar integrado não só em relação aos fluxos de mercadorias e recursos naturais, mas também os fluxos de capital financeiro (BRITO, 1995).

Na atualidade, especialmente após 1980, dentro de um contexto globalizado, a reestruturação dos processos de produção impacta diretamente a mobilidade do capital e da população em todos os países.

O debate evidencia posturas ideológicas e visões de mundo que se confrontam na tentativa de enfrentamento das contradições e crise da ordem capitalista hegemônica na atual etapa de desenvolvimento sustentável, modelo hoje institucionalizado, que, depois do fim da guerra fria e da expansão da etapa de flexibilização de acumulação de capital, alinha os países desenvolvidos e em desenvolvimento, colocando em xeque as possibilidades daqueles que não pertencem ao banquete dos ricos, industrializados, desenvolvidos e felizes *versus* os pobres, sempre em desenvolvimento dificilmente completado, cuja dinâmica gerou os novos contornos da pobreza e exclusão, novos pequenos “oásis” internos de dinamismo econômico e novos limites para a ação de políticas de *welfare state* e de proteção social (PATARRA, 2006, p.7).

Dessa forma, a flexibilização do capital que circula em tempo real pelos países, permite que os detentores desse capital migrem seus investimentos especulativos e por isso, deixem de investir em produção o que acaba acirrando as diferenças entre os países mais ricos e aqueles que parecem estar fadados a estar sempre em desenvolvimento.

O caso do onze de setembro, ocorrido nos Estados Unidos e a crise iniciada com a guerra contra o Iraque; as tensões no Oriente Médio; os conflitos entre comunidades de imigrantes muçulmanos, bem como vários outros conflitos despontados no mundo, trazem à tona um acirramento das questões de racismo e xenofobia. Movimentos de migrantes questionam a ordem vigente, buscam novos entendimentos e seu gerenciamento deve passar necessariamente pelos movimentos sociais e pela sociedade civil organizada, mediado pelo reconhecimento dos direitos humanos (PATARRA, 2006). A crise financeira, iniciada em 2008, que ameaça muitos países da Comunidade Europeia e afetou severamente os Estados Unidos, reforçam posicionamentos nacionalistas que buscam impedir ou dificultar a entrada de imigrantes, engendrando com isso um fértil campo para a ilegalidade, seja dos imigrantes indocumentados, seja daqueles pretensos comerciantes facilitadores da entrada desses imigrantes. “Na globalização, os capitais, a tecnologia e os bens circulam livremente, mas as pessoas não [...]” (PATARRA, 2006, p.19).

Os movimentos migratórios, na atualidade, constituem-se como um fenômeno econômico-social cujas características complexas, suscitam inúmeras controvérsias, a começar por sua problemática definição.

[...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente, ou ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um imenso sentimento de provisoriedade. Oscilando, segundo as circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato [...] (SAYAD, 1998, p.45).

O conceito de imigração carrega em si, uma contradição que vem de uma desigualdade entre uma situação de direito e de fato. Dessa maneira o imigrante necessita ignorar-se a si mesmo, para suportar a carga emocional e social gerada pelo ato de emigrar de

sua terra natal e imigrar em terra alheia, terra essa mais das vezes desconhecida. Ignorar o caráter provisório de sua permanência e, contraditoriamente, a condição quase definitiva de sua ausência, como única forma de suportar sua condição de viver à margem de uma sociedade que o recebe como necessário, mas que não o acolhe. Fica assim implícita sua condição provisória, e é essa provisoriedade que o faz suportar uma situação de quase rejeição.

A ironia dessa condição é de que, caso esse imigrante retorne, ele não mais é o mesmo de quando partiu, pois como afirma Sayad (2000) não existe em verdade o retorno, volta-se no mesmo espaço, mas os homens, o tempo e o contexto já não são os mesmos. Não é igual quem regressa, não é igual quem permaneceu.

As relações entre a comunidade de origem e de destino são geralmente complexas, mas isso parece de fácil compreensão, ao examinarmos a natureza dessas relações. Para Sayad (1998) há um duplo fenômeno no processo de emigração (emigração a partir de um país com escassez de trabalhos assalariados) e imigração (imigração para países com escassez em mão de obra e, por isso, com oferta de empregos). Esse fenômeno pode ser tomado como indicador do nível de desigualdade, principalmente econômica, entre os países emissores e receptores de migrantes bem como indicador do desequilíbrio de forças entre os dois blocos de países, constituindo-se geralmente em dominantes (países receptores) e dominados (países emissores).

Em certa medida os fluxos migratórios ocorrem de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos, cujas economias, da mesma forma são mais desenvolvidas, oportunizando assim relações de dominação dos países de destino sobre os de origem. “A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante (SAYAD, 1998, p.55)”.

Entretanto, de mais difícil entendimento são as relações de poder estabelecidas dentro de uma mesma comunidade de origem. Se considerarmos dois grupos de imigrantes com características absolutamente iguais, pode parecer impossível justificar a existência de uma relação de dominação, estabelecida apenas em razão do tempo de permanência desses dois grupos de imigrantes em uma dada região do país de destino.

Em um estudo sobre uma comunidade de imigrantes residentes em Winston Parva, Norbert Elias (2000) apontou que ao analisar dois grupos de uma mesma nacionalidade, encontrou entre as famílias mais antigas (residentes há mais tempo na localidade) os “estabelecidos”, e as famílias mais recentes (residentes há pouco tempo na mesma região) os “outsiders”, relações de dominação que implicavam no desenvolvimento de sentimentos de

superioridade por parte dos “estabelecidos” sobre os “*outsiders*”. Ele via nos moradores mais antigos a necessidade de posicionarem-se como superiores, inclusive conseguindo fazer com que os mais novos se sentissem efetivamente inferiores. Os dois grupos “estabelecidos” e “*outsiders*” eram semelhantes em nacionalidade, etnia, cor, tipo de ocupação, renda, educação, enfim, mesma classe social. A única diferença que lhes caracterizava era o tempo de permanência no território em questão, e isso lhes era suficiente para afirmar a distinção (ELIAS, 2000).

Ainda de acordo com esses estudos, os estabelecidos efetivavam seu controle, excluindo os *outsiders* de qualquer contato social, que não profissional, através de fofocas elogiosas àqueles que observavam sujeição às normas ou depreciativas aos transgressores. Após algum tempo identificava-se entre os *outsiders*, uma aparente aceitação, perplexa e resignada, de sua condição inferior. Quanto maior o poder, maior o valor humano do grupo e vice-versa. Os “outsiders”, que ocupavam situação inferior na hierarquia estabelecida pelo grupo (para o autor seria ingenuidade acreditar na não existência de hierarquia e diferenciação social no grupo) pareciam mais propensos a aceitar os trabalhos mais pesados, instáveis e mal remunerados.

Dentro do grupo de imigrantes, quem já se estabeleceu há mais tempo escolhe os melhores postos, destinando os de menor remuneração e prestígio aos recém-chegados, fato aceito pelos mais novos. O estigma social de inferioridade afeta a autoestima do grupo inferiorizado, enfraquecendo-o e desarmando-o. Como forma de autopreservação, os estabelecidos desencorajavam qualquer relacionamento com o grupo estigmatizado, como se corressem o risco de contágio dessa condição humana supostamente inferior (ELIAS, 2000).

Para o sociólogo americano Alejandro Portes (1997), os cientistas sociais fundamentam o estudo da imigração em alguns aspectos fundamentais como: a elasticidade da oferta de trabalho que alimenta a demanda de imigrantes; as pressões e esforços desenvolvidos no sentido do estabelecimento da soberania dos Estados-Nação em países em desenvolvimento; a existência de microestruturas (redes sociais) de suporte, criadas pelos próprios imigrantes, através das fronteiras políticas dos países emissores e receptores.

Para o autor, não existe uma teoria de imigração com abrangência global. A possibilidade de uma grande teoria da imigração tende a ser vã em razão da disparidade entre as diferentes áreas que compõem o campo de estudos, só podendo ser unificados em uma alta abstração que por isso mesmo redundaria em níveis muito superficiais e, portanto, vazios de conteúdo. Levanta, entretanto, algumas questões macroestruturais que influenciam os processos

migratórios tais como: o papel da expansão capitalista sobre o aparecimento dos fluxos de migração, em um mundo altamente globalizado, e o poder do Sistema de Estado para regular tais fluxos migratórios. Aponta ainda uma questão microestrutural sobre como o efeito das redes de comunidades influenciam nas decisões individuais de migrar.

Ao considerarmos as principais teorias sobre migrações existentes, percebemos muitas vezes a necessidade de recorrer a mais de uma interpretação para dar conta de explicar determinado fenômeno migratório.

Inicialmente a **teoria clássica** ou assimilacionista entende que o imigrante deve absorver a cultura do país de destino em detrimento da sua. O sucesso de sua imigração é proporcionalmente ligado à sua capacidade de assimilar a cultura local, podendo assim, ser aceito pela comunidade receptora. Para Alba (1997), esse conceito normativo em que o Estado intervém para que a cultura receptora seja assimilada pelo imigrante, erradicando sua cultura de origem, como condição para sua aceitação, foi repudiado. Entretanto, o conceito de assimilação como processo natural de interação cultural entre grupos minoritários e majoritários, no qual nenhuma cultura é extinta, ainda é aceito e pertinente.

Já a **teoria neoclássica**, fixa na economia e no mercado as decisões migratórias. Para essa linha, o imigrante baseia sua decisão de emigrar em fatores econômicos. A possibilidade de aumento de renda é que impulsiona o emigrante, sua decisão é fundamentada na lógica. Essa teoria baseia-se nas explicações de atração e expulsão, “*push and pull*”, que vê na racionalidade a base da decisão migratória por melhores condições de vida (SALES, 1998).

Contrapondo-se à teoria neoclássica a **teoria histórico-estrutural** pode ser apresentada por duas vertentes: a **primeira** representada por Michael Piore na economia e Alejandro Portes na sociologia norte-americana, está baseada na segmentação do mercado de trabalho. Essa teoria dialoga com a teoria neoclássica ao distinguir características particulares entre o mercado de trabalho e o mercado de produtos. As causas de migração geralmente são estruturais e via de regra de fundo econômico. A **segunda** tem pontos em comum e complementa as teorias de Piore e Portes, é apresentada por Saskia Sassen e vincula as migrações ao fluxo de capitais (SALES, 1998).

Para Sales (1998) há críticas à teoria neoclássica porque se considera que mesmo que houvesse aumento de renda ou redução de população no país de destino, ainda assim ocorreriam fluxos migratórios, pois se devem buscar as motivações das migrações no contexto dos países de destino e não nos de origem. Já para Saskia Sassen (2002) a mobilidade do capital é que favorece a mobilidade do trabalho. Contrapondo aos tradicionais fatores de impulsão dos

movimentos migratórios, pobreza, superpopulação e estagnação da economia, a autora sugere que a reformulação econômica mundial, através dos investimentos estrangeiros, explica as migrações internacionais, favorecendo os fluxos não só de capitais, mercadorias, serviços e informações como também os fluxos de mão de obra.

Sassen (2002) argumenta ainda que as políticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) para com os países em desenvolvimento favorecem a concentração de renda e o empobrecimento da população, o que tem incentivado os processos migratórios. Tais fluxos refletem-se em políticas de endurecimento das fronteiras nos países de destino para com a entrada de imigrantes. Tais medidas reforçam a condição dos imigrantes indocumentados, alimentando o tráfico ilegal, atividade altamente lucrativa na atualidade.

Outra abordagem teórica para explicar os fenômenos migratórios, baseia-se no estabelecimento de redes migratórias, redes de contatos e sistemas de apoio nos países de origem e destino. “Os fluxos migratórios tendem a ser, portanto, fortemente influenciados pelas redes sociais, que contribuem não apenas para fornecer os referenciais do local de destino, como a acomodação inicial do imigrante e sua inserção no mercado de trabalho” (SALES, 1998, p.36).

A partir desse referencial destaca-se que situações de crise no país de origem não são suficientes para impulsionar o indivíduo a emigrar, sua decisão apoia-se também na existência de redes sociais que o auxiliam e apoiam nesse movimento. No caso dessas redes sociais de migração, podemos dizer que são pontos de apoio, desenvolvidas tanto no país de origem quanto de destino (não se relacionam com a “internet”). Os migrantes utilizam essas redes para estabelecer relações econômico-sociais entre os países. A imigração não acontece com base só em fatores individuais, mas em grupos de indivíduos que participam de um mesmo processo social. Essas redes se estabelecem baseadas no parentesco, amizades ou mero conhecimento. Há casos em que o emigrante não possui contatos com essas redes, mas algum outro emigrante em seu grupo de relacionamento possui esses contatos o que lhe serve de apoio.

É um processo social que leva tempo para operar, de modo que as comunidades filhas se desenvolvem mais devagar no começo, e depois mais rapidamente, quando um volume maior de migrantes sustenta as redes de forma mais sólida, fato que exerce um efeito magnético para as migrações subsequentes (FUSCO, 2001, p.13).

O estabelecimento de uma rede é um processo lento, mas que depois de consolidado, altera o processo migratório, carreando os fluxos para onde estas redes estão estabelecidas. É indispensável para essa consolidação que essas relações entre origem e destino sejam confiáveis.

Para essa abordagem, os fatores econômicos por si não sustentam a imigração, há que haver um contínuo fluxo de informações entre origem e destino que suportem esse trânsito, para que os movimentos se efetivem e mantenham. Outras dimensões da imigração, além da renda, são fundamentais para justificar senão o início, a continuidade dos fluxos migratórios: a questão simbólica, gênero, família etc.

O conceito de rede se aplica praticamente a qualquer tipo de migração. As redes de suporte aos migrantes existem independentemente do conceito de Estado-Nação. Elas estão presentes tanto no país de origem quanto de destino. A teoria de redes não se aplica ao plano macroestrutural, pois olha para as relações micro estruturais, individuais que acontecem com os migrantes entre o país de origem e de destino. As redes estabelecem-se em dois níveis: sistemas de informação, contato (informações sobre os países de origem e destino) e apoio entre os imigrantes (suporte para viagem, estadia, emprego, envio de remessas) (TILLY, 1990).

De acordo com Tilly (1990), migrantes em potencial desenvolvem seus projetos de migração de longa distância, baseados nas informações de suas redes pessoais. Estabelecida a emigração, as informações que o imigrante passa para o país de origem nem sempre são reais, elas partem de um viés de sucesso, uma vez que este não vai apresentar suas dificuldades e frustrações. Tal fato, entretanto não desmerece a importância das redes. Aliás, isso é um dos fatores que as alimentam. Elas estabelecem um espaço delimitado para o migrante, que orienta sua ida para os locais onde já existem estas redes. Criam um contato permanente com o país de origem, com outras redes e com o país de destino.

Temos ainda uma teorização que trata o fenômeno migratório como transnacional. Nesse processo os migrantes mantêm relações sociais múltiplas (familiares, econômicas, sociais, organizacionais, políticas, religiosas) entre os países de origem e destino. Constroem campos sociais entre as duas sociedades, o que lhes permite influenciar decisões familiares, compra de imóveis, remessa de renda para o país de origem.

A abordagem da transmigração (transnacional) apresenta três características: os problemas do limite da unidade social, a experiência desse migrante que está ligada às condições do capitalismo global e a existência da categoria do transmigrante que leva-nos à necessidade de reconsiderar os conceitos de nacionalismo, etnicidade e raça (SASAKI, ASSIS, 2000).

Esses migrantes transnacionais (ou transmigrantes) caracterizam-se por: manter ligações com família na sua terra natal; não estabelecer residências permanentes na sociedade

hospedeira, e ainda retornar para viver em seus países em algum momento de suas vidas; estar em mobilidade ascendente (SASAKI, ASSIS, 2000).

Desenvolvem identidades dentro das redes sociais que os conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente, provendo importante canal bidirecional para o fluxo de ideias que impactam tanto o imigrante quanto aqueles que ficaram. As decisões desses migrantes influenciam os membros da família que ficaram no país de origem, assim como as decisões dos familiares na origem impactam o migrante no destino. O desenvolvimento dos processos tecnológicos e com eles as transferências de fluxos de capital e informação em tempo real, é que possibilitam esse movimento. (SCHILLER, BASCH, BLANC-SZANTON, 1992).

Importante reforçar, que a complexidade do tema e das teorias possibilita contemplar apenas algumas delas sem encontrar um denominador comum, e perceber que nenhuma dessas abordagens esgota o complexo universo dos movimentos migratórios. Portanto, cada movimento pode necessitar de uma ou mais abordagens para explicitar o fenômeno de sua gênese e manutenção. Tentar entender a questão da entrada e permanência desses migrantes em terra estrangeira, no que diz respeito à sua documentação ou à falta dela e as implicações que podem ser geradas é importante.

4.3.Migração e documentação

Ainda no campo das teorizações tem-se a questão da documentação desses migrantes. Para Magalhães (2011) seria como um rito de passagem para quem vive no exterior, pois até o momento em que ele está indocumentado, seus laços estão mais amparados no país de origem. Entretanto, quando ocorre a possibilidade do migrante conseguir os documentos que o legalizem, fortalecem-se os laços com o país de destino. A documentação é sua possibilidade de conquistar cidadania e acolhimento.

A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e de seus Familiares, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 18 de dezembro de 1990, define a categoria "Migrantes indocumentados ou em situação irregular" como aqueles que ingressaram no país, permanecem e trabalham sem autorização; aqueles que mesmo tendo permissão para residir no país, não providenciaram sua documentação, ou se a providenciaram, não a validaram; e pode-se referir ainda àqueles que fazem parte da população

de um país, mas que por razões inúmeras, não se documentaram (nem possuem carteira de identificação). Tanto os indocumentados nacionais quanto os estrangeiros permanecem alijados dos direitos civis e políticos e ainda mais suscetíveis às condições de exploração (IMDH, 2012).

Não mais ilegais ou clandestinos e sim **indocumentados** ou em **situação irregular**, esse termo é aplicado aos trabalhadores migrantes após 1990. Esses sujeitos não foram autorizados a entrar, permanecer e a trabalhar no país. No caso do migrante que reside no Brasil, contemplam todos aqueles, que mesmo com direito de residir, não tem sua documentação validada pelos órgãos competentes. O termo refere-se ainda àqueles, nacionais ou estrangeiros, que por diversas razões não se documentaram, ficando à margem dos direitos civis e políticos.

Crime e imigração não podem ser sinônimos, a discussão sobre se é ou não permitido morar em outro país não é nova e sempre existiu. A década de 1980 traz um novo marco nas discussões sobre cidadania e direitos, a soberania do Estado-Nação resvala nos direitos individuais das pessoas entrarem e saírem dos territórios à revelia do controle dos órgãos responsáveis. As migrações de um Estado para outro se intensificam, e os movimentos individuais se sobrepõem aos acordos bilaterais e estão sujeitos às determinações e regulamentações de cada Estado-Nação. O direito individual de ir e vir subordina-se à regulação e soberania do país de destino.

É o Estado que vai definir como vai ser a vida desse migrante em seu solo, determinando o acesso a alguns direitos, mas não ao sistema previdenciário por exemplo. O imigrante, normalmente, trabalha para voltar e dessa forma, não impacta esse sistema. O governo por sua vez faz vistas grossas à inexistência de direitos sociais e mesmo à exploração por parte dos empregadores. Por mais que se tenham discussões nacionais e transnacionais sobre os direitos dos migrantes, prevalecem os estatutos e interesses de cada Nação.

“O ideal” teria sido que, assim definido, o imigrante fosse pura máquina, um sistema integrado de alavancas, mas, neste caso como em qualquer outro, “uma vez que o homem não é um puro espírito” – sabemos disso há muito tempo – e uma vez que o imigrante não é puramente mecânico, é forçoso conceder-lhe um mínimo (SAYAD, 1998, p.58, grifos do autor).

Ou seja, o ideal seria que aquele imigrante que vai ocupar funções, que normalmente o nativo não quer exercer, e receber salários abaixo da média do país, não carecesse de nada, mas não sendo isso possível por ser humano e possuir necessidades básicas, concedessem-lhe o mínimo necessário para sua sobrevivência. Deve-se assim ressaltar que a maioria dos direitos adquiridos pelos grupos de imigrantes nos países receptores, não foram concessões do Estado, livres de disputas e pressões, ao contrário, são frutos dessas disputas e

pressões. Aliás, de acordo com Sayad (1998) este mesmo Estado, mede o valor desses imigrantes pela relação custo/benefício que geram, seja maximizando sua produção ou minimizando os recursos sociais com ele despendidos. Não é preciso dizer que o saldo positivo dessa balança deve estar nos benefícios gerados ao país e não naqueles gerados ao imigrante. O país que recebe, por ser o detentor do destino desse sujeito, acaba por inverter a condição, passando o imigrante da condição de credor de direitos, uma vez que contribui com sua força de trabalho para a economia local, a devedor dos direitos adquiridos.

Ainda de acordo com o autor, porque a relação de forças é desigual, o Estado tende a contabilizar para si os benefícios que concede em razão das lutas desses imigrantes, pela concessão de melhores condições de vida e trabalho. Dessa forma, apesar de apenas conceder algum benefício aos imigrantes mediante disputas, acaba por tomar para si o mérito das lutas desenvolvidas por esses imigrantes por seus direitos. Lembremos ainda que o Estado recebe esses imigrantes e não contabiliza os custos que deixou de investir em sua criação e educação, ainda mais se levarmos em conta que a maioria deles está em plena capacidade produtiva e chega no país receptor para realizar trabalhos que normalmente o nativo não quer realizar e sob condições desiguais.

Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes” (SAYAD, 1998, p.55).

Portanto o trabalho é condicionante e a base da existência do migrante, trabalho de imigrantes atribuído em um mercado de trabalho para imigrantes. Pode-se considerar que os processos migratórios são tolerados, seja pelos órgãos oficiais, seja pelo mercado e mesmo pela comunidade receptora, pois esses imigrantes chegam, normalmente, para trabalhar já em plena força produtiva. Dessa forma, vão usar pouquíssimos recursos sociais para seu desenvolvimento, saúde e educação, e ainda, principalmente se indocumentados, contribuem para o preenchimento de vagas em setores da economia informal que primam pela exploração, falta de direitos sociais e baixos salários (SAYAD, 1998).

O trabalho é o fator de distinção do imigrante e sua documentação ou a falta dela, vai determinar sua existência no país de destino. Se documentado terá acesso a um mínimo de direitos, se indocumentado sujeitar-se-á a empregos mal remunerados e na maioria dos casos alijado até desses mínimos direitos. Tenta-se a seguir explicitar brevemente os caminhos da

imigração no Brasil, desde a vinda dos portugueses para a colonização, passando pelos europeus e asiáticos para as lavouras de café e cana, até a chegada dos bolivianos para atuarem na confecção.

4.4 Migração no Brasil

Até o início do século passado, o Brasil caracterizava-se como um país essencialmente imigrantista. Podemos marcar seu início com a vinda dos portugueses ainda no contexto do movimento de colonização, objetivando a apropriação econômica e militar da terra. Posteriormente a grande lavoura de exportação favoreceu o tráfico de escravos africanos, caracterizando uma migração forçada que se estendeu ao longo de três séculos (até 1850) e totalizou aproximadamente quatro milhões de escravos (BASSANEZI, 1995).

Posteriormente à extinção do tráfico de africanos, e consequente abolição da escravatura, o Brasil necessitava substituir a mão de obra escrava, e para tanto, abriu suas portas para os imigrantes europeus e asiáticos. As transformações sociodemográficas bem como a expansão do capitalismo na Europa e em outros países do mundo, geraram um excedente populacional, que foi a base das grandes migrações internacionais dos séculos XIX e início do XX.

Num primeiro momento a economia cafeeira paulista subsidiou a chegada desses migrantes europeus através de acordos bilaterais. “Acrescente-se, ainda, o reforço da ideologia liberal do século XIX, que tornou o imigrante europeu extremamente necessário à construção da sociedade na nova ordem que se apresentava” (BASSANEZI, 1995, p.3). O Brasil queria reforçar na composição étnica de sua sociedade a ascendência europeia, realizando assim um “branqueamento” da população. Em razão disso inclusive, restringiu-se a entrada de asiáticos, considerados inferiores. Apenas após a proibição da Itália de emigração subsidiada para o Brasil (1902) é que se iniciou a imigração japonesa (1908).

A imigração desse período pode ser caracterizada em quatro estágios. O primeiro com a expansão da cafeicultura paulista e entrada maciça de italianos até 1902; o segundo representado pela política de revalorização do café e a entrada de imigrantes portugueses, espanhóis e início da imigração japonesa, interrompido pela Primeira Guerra Mundial; o terceiro caracterizado pela recuperação da lavoura cafeeira, pelo desenvolvimento de outros

setores da economia e entrada em maior número de portugueses, imigrantes designados como “outras nacionalidades” (poloneses, russos, romenos, judeus etc.) e japoneses; e o quarto e último estágio, caracterizado pelo seu término, culminou com o fim dos subsídios paulistas, a crise de superprodução do café, as restrições à imigração estabelecidas pelo governo brasileiro e o início da Segunda Guerra Mundial. “A história dos grupos, o volume, o espaço de tempo abrangido, a estratégia migratória adotada, o local de destino etc., não foram os mesmos para os diferentes segmentos migrantes que se dirigiram às terras brasileiras” (BASSANEZI, 1995, p.16).

Após 1930 percebe-se um declínio significativo das imigrações internacionais para o Brasil e um incremento nas migrações internas como forma de suprir a necessidade de mão de obra para o desenvolvimento da economia brasileira.

É a partir da década de 1980 que o Brasil assume característica antes inusitada, uma ambivalência de país emissor de emigrantes em especial para os Estados Unidos e Japão e, novamente, de país receptor de imigrantes, principalmente oriundos dos países da América Latina.

O Centro de Estudos de Migração de Porto Alegre estima que viviam aqui no Brasil, na década de 90, cerca de cinco milhões de latinos, em sua grande maioria indocumentados. Aponta para indícios de que parcela considerável desse contingente fosse de mulheres, com destino para São Paulo para trabalhar na indústria, principalmente confecções, chegando a trabalhar 18 horas por dia. Nesse movimento migratório prevaleciam os bolivianos e colombianos (PATARRA, BAENINGER, 1995, p. 85).

Nesse contexto, dar-se-á atenção aos movimentos migratórios dos bolivianos que têm aportado no Brasil, uma grande parcela em São Paulo, para trabalhos na economia informal como indocumentados. Segundo Silva (2005) de acordo com os dados da Pastoral do Imigrante do Município de São Paulo, até meados de 1994 estimava-se uma população média de 80 mil bolivianos em São Paulo, nos bairros do Pari, Bom Retiro, Brás, Vila Guilherme, Vila Maria, Guaianazes e São Mateus.

Em contrapartida, o Censo de 2000 apontava o Brasil como possuidor do quarto maior estoque de estrangeiros, num total de 118.525 pessoas ao redor da década de 90. Ainda de acordo com o Censo, desse total, 20.388 pessoas eram imigrantes bolivianos, sendo que 2.658 bolivianos chegaram antes dos anos 1960; 2.594 chegaram entre os anos de 1960 e 1969; 3.263 imigrantes entre 1970 e 1979 e 7.000 bolivianos chegaram depois de 1990.

A discrepância entre os números oficiais do Censo 2000 e os da Pastoral justificam-se em razão da expressiva imigração de bolivianos indocumentados, característica, aliás, dos modernos processos migratórios na América.

Para entender um pouco mais sobre esse complexo universo, buscou-se dados sobre migração no Censo de 2010 do IBGE, que passou a estimar não só os imigrantes (aqueles que chegam) como também os emigrantes (aqueles que saem). Sobre o total de emigrantes brasileiros vivendo no exterior há muita controvérsia, o Ministério das Relações Exteriores acena com um total de 2 a 3,7 milhões de brasileiros vivendo no exterior, já a Organização Internacional para a Imigração indica um número entre 2 e 3 milhões de brasileiros vivendo fora. Os números apurados pelo Censo 2010 apontam para 491.243 (número subestimado, mas que pode servir de parâmetro para entender essa movimentação e suas características mais gerais) vivendo no exterior. Para efeitos dessa pesquisa, optou-se pelos dados do IBGE, em razão de facilidade de acesso e detalhamento do perfil desses migrantes.

De acordo com os dados do gráfico abaixo, sessenta por cento desses quase quinhentos mil brasileiros emigrantes, têm idade entre vinte e trinta e quatro anos e as mulheres são maioria em todos os grupos etários. “Esses dados sinalizam deslocamentos eminentemente determinados pela necessidade da venda da força de trabalho no estrangeiro e que foram realizados de forma individual, ou seja, em maior medida sem acompanhamento da família” (CENSO, 2014, pag.56). Do total desses emigrantes 23,8% dirigiram-se para os Estados Unidos, 13,4% para Portugal, 9,4% para a Espanha, 7,4 para o Japão, 7% para a Itália e 6,2% para a Inglaterra. De acordo com as avaliações do Censo, questões históricas e a existência das redes sociais de suporte parecem justificar essas preferências.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 1 – Composição da população de emigrantes internacionais – Brasil 2010

Quando se olha para a imigração interna, dados do Censo revelam que 35,4% da população brasileira, reside em um município diferente daquele que nasceu, e no que concerne às Unidades da Federação, 14,5% da população reside em uma Estado diferente daquele que nasceu. “O estoque de imigrantes das Grandes Regiões ao longo do tempo resultou em uma população de 17,8 milhões de pessoas residindo em uma região diferente daquela em que nasceram” (CENSO, 2014, pag.88). Desse total 53,6%, ou seja, 9,5 milhões de habitantes são nordestinos vivendo em outras Regiões, o Sudeste foi o principal destino. Destaque-se ainda que dos 600 mil indivíduos que nasceram em terra estrangeira 66,4% também se fixaram na Região Sudeste, destacando-se como o principal destino dos imigrantes internos ou externos.

Relevante também é o aumento do número de imigrantes internacionais de última etapa³⁶. Se compararmos o Censo de 2000, tínhamos 279 mil imigrantes e em 2010 esse número passou para aproximadamente 455 mil pessoas. Quanto ao país de origem: 17,6% são provenientes dos Estados Unidos, 13,7 Japão, 9,8 Paraguai, seguidos por Portugal, Bolívia e Espanha.

³⁶ Imigrante de última etapa para o Censo 2010, refere-se ao último movimento realizado pelo indivíduo.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 2 – Proporção de pessoas que residiam em país estrangeiro com menos de dez anos ininterruptos na Unidade da Federação, segundo residência anterior – Brasil 2010.

Quanto ao número total de imigrantes internacionais no Brasil, este passou de 143 mil entre 1995 e 2000 para 268 mil entre 2005 e 2010. Dos imigrantes que chegaram no Brasil, entre 1995 e 2000, 61% eram brasileiros de retorno e entre o período de 2005 e 2010 esse número saltou para 65,5%. Ressalte-se que dos 51.933 imigrantes vindos dos Estados Unidos 84,2% eram brasileiros, dos 41.417 de imigrantes oriundos do Japão 89,1% eram brasileiros e dos 15.753 imigrantes bolivianos que chegaram ao Brasil apenas 25% eram brasileiros retornando ao Brasil.

Principais países de origem dos imigrantes internacionais do Brasil entre 2005-2010

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 3 – Principais países de origem dos imigrantes internacionais no Brasil entre 2005/2010.

Deve-se observar que a Bolívia se encontra no quarto lugar na questão de imigrantes que aportaram no Brasil no período de 2005/2010. Ressalte-se entretanto, que dos 51.933 imigrantes vindos dos Estados Unidos, 84,2% eram brasileiros de retorno ao País, apenas 6.607 eram estadunidenses. O mesmo vale para os 41.417 imigrantes vindos do Japão, 89,1% também eram brasileiros e apenas 4.515 eram japoneses, já entre os 15.753 imigrantes que vieram da Bolívia, apenas 25% eram brasileiros e 11.815 eram bolivianos.

Em julho de 2009, quarenta e um mil oitocentos e dezesseis imigrantes tiveram sua situação regularizada em razão da LEI Nº 11.961, que tratava da concessão de autorização de residência provisória ao estrangeiro em situação irregular no território nacional. A maior parte deles eram bolivianos (dezesseis mil e oitocentos e oitenta e um). Em seguida, estavam os chineses (cinco mil e quatrocentos e noventa e dois), peruanos (quatro mil e seiscentos e quarenta e dois), paraguaios (quatro mil e cento e trinta e cinco) e coreanos (um mil e cento e vinte e nove). Cerca de oitenta por cento destes imigrantes (trinta e quatro mil) fixaram residência em São Paulo (BRASIL, 2012).

O Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça acena com um aumento no número de estrangeiros regulares (registrados junto ao Departamento da Polícia Federal) da ordem de 50% em 2011 em comparação com 2010, é o que mostra a tabela 1. Se em dezembro de 2010 o número de estrangeiros regulares não ultrapassava 961mil, em junho de 2011 esse número era de 1,466 milhões. Em sua maioria portugueses (de 276.703 para 328.856 imigrantes), bolivianos (de 35.092 para 50.640 migrantes), chineses (de 28.526 para 35.265) e paraguaios (de 11.229 para 17.604) no referido período (BRASIL, 2012). Ou seja, os números oficiais já confirmam o aumento no número de imigrantes internacionais, considerando-se ainda aqueles que não estão regularizados, estes números podem ser ainda maiores.

País de imigração	Nº de imigrantes em 2010	Nº de imigrantes em 2011
Portugueses	276.703	328.856
Bolivianos	35.092	50.640
Chineses	28.526	35.265
Paraguaios	11.229	17.604

Fonte: BRASIL, 2012. Ministério da Justiça

Tabela 1 – Evolução do número de imigrantes no Brasil 2010/11.

Ironicamente, deve-se ressaltar a ocorrência, na atualidade, desse novo movimento de imigrantes portugueses em direção ao Brasil, fugindo da crise econômica pela qual Portugal e a União Europeia estão passando, deflagrada pela crise imobiliária de 2008 nos Estados Unidos.

O Estado de São Paulo publicou matéria em 17 de maio de 2012, que o governo pretendia uma possível alteração na Lei de Imigração, erigida ainda sob o regime militar. O presidente do Conselho Nacional de Imigração, Paulo Sérgio de Almeida, argumenta que o fio condutor dessa nova lei deve ser a garantia de direitos aos imigrantes. Em 2011 foram concedidos setenta mil vistos de trabalho a estrangeiros (22% a mais que 2010), o presidente reconhece, entretanto, a dificuldade com os números em razão dos “trabalhadores ilegais” (indocumentados), mas argumenta que os acordos de livre circulação com os países vizinhos deve ter contribuído para esses números (SANT’ANNA, 2012).

Lembrando Sayad (1998) e pensando na condição do imigrante, cuja razão de ser se constitui principalmente no trabalho, tem-se nos movimentos migratórios direcionados ao

Brasil uma confirmação dessa assertiva. A questão migratória ultrapassa as instâncias jurídicas decisórias sobre a legalidade desse movimento e constitui-se numa questão social emergente, principalmente ao considerarmos a atual crise que interfere globalmente na geração de emprego e renda. A maioria dos países, assim como o Brasil, com uma economia aparentemente mais estável se prevalecem dessa condição e ainda permitem, mesmo que indiretamente, que empresas nacionais e transnacionais, aproveitem-se dessa reserva de operários, precarizando as relações de trabalho.

Os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2014) apresentados no capítulo quatro (pág. 49) falam por si. Estima-se que em 2014 cerca de 48% do total de empregos do mundo sejam empregos vulneráveis³⁷. Este indicador fornece indícios valiosos sobre as tendências da qualidade de empregos, visto que um número expressivo trabalhadores em situação de vulnerabilidade laboral representa parcela significativa de acordos de trabalho informal, os quais carecem de proteção social e acesso aos mecanismos de diálogo social.

Tal cenário não vislumbra um futuro muito promissor para os movimentos migratórios, uma vez que apontam para a continuidade, para não dizer incremento, das taxas de desemprego e consequentemente, da necessidade de emigrar para países que em princípio possam oferecer maiores possibilidades de emprego. Bem como acenam para uma provável manutenção dos oferecimentos de empregos precários no mundo, destinados mais das vezes, àqueles que por sua condição provisória e fragilizada, veem-se forçados a aceitar essa condição, sem grandes possibilidades de se rebelar.

Pode-se perceber uma alteração no perfil dos movimentos migratórios no Brasil, uma vez que deixou-se de enviar migrantes para o Japão e Estados Unidos, o número de brasileiros imigrantes de retorno, podem comprovar essa condição e passou-se a receber imigrantes principalmente portugueses, refazendo a história, e também dos países latino americanos, com destaque aos bolivianos. É sobre esse movimento de imigrantes bolivianos que vai-se tratar.

³⁷ Para efeito de estudos a OIT considera como emprego vulnerável a somatória dos trabalhadores por conta própria e dos trabalhadores familiares não remunerados.

4.5 Migração boliviana no Brasil

No sentido de uma teorização dos processos migratórios que expliquem o que ocorre com os bolivianos, recorre-se à abordagem sociológica, na representação da vertente francesa explicitada por Sayad: “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. [...] revogável a qualquer momento” (SAYAD, 1998, p.55). E ainda recorrer à abordagem que vê os processos migratórios mantidos e suportados pela existência de redes, uma vez que apenas os fatores econômicos, são motivadores, não são suficientes para tal manutenção, defendendo que há de haver um fluxo contínuo de informações entre o país de origem e de destino, para a efetivação desses movimentos. Não é só o fator econômico que vai impulsionar o movimento migratório desse grupo, embora ele seja decisivo, questões sociais também afetam essa decisão.

Na década de 1950, relata Silva (2005), os primeiros imigrantes bolivianos aportaram no Brasil em razão de estudos ou questões políticas, mas foi a partir da década de 70, com a industrialização, que esses fluxos se consolidaram. Ressalta ainda que esses imigrantes bolivianos, antes de chegarem ao Brasil, já haviam vivenciado processos migratórios internos, em virtude da queda dos preços do minério, baixo nível de industrialização e falta de políticas voltadas ao pequeno agricultor, fazendo com que muitos se direcionassem às zonas urbanas e ao plantio da folha de coca.

Como perfil possuíam um nível médio de escolaridade, eram jovens, solteiros, e na grande maioria do gênero masculino. Havia ainda entre esses imigrantes, expressivo contingente de profissionais liberais, cujo principal problema residia em conseguir a revalidação de seus diplomas bolivianos aqui no Brasil.

Com base em dados encontrados no arquivo do Centro Pastoral dos Latino-americanos em São Paulo, a partir de 1995, através da consulta de 334 fichas de cadastro dos imigrantes bolivianos, Silva (1999) reelabora esse perfil. Destaca-se então um equilíbrio na relação de gênero, 55,1% homens e 44,9 mulheres.

Quanto à faixa etária, mantém-se o predomínio de população jovem, entre 18 e 44 anos. Ressalva-se, entretanto o pequeno número de imigrantes menores, o que pode ser atribuído ao fato de que esses jovens escondem sua idade, em razão dos problemas trabalhistas que a contratação de menores acarreta aos empregadores, bem como, ao fato de não se

apresentarem à Pastoral com objetivo de regularizar sua situação, pois isso demandaria a necessidade de serem tutelados por alguém, estrangeiros ou não, em situação regular no País.

Sobre grau de escolaridade os números ficam comprometidos pela falta de dados, apenas 39 registros de todas as 334 fichas estão preenchidos. O ramo da costura continua prevalecendo na ocupação desses imigrantes 44%, mas aparecem também comerciantes, médicos, dentistas, advogados, engenheiros, eletricitas, mecânicos, marceneiros, artesãos, serviços domésticos, pedreiros, dentre outras.

Fato importante refere-se ao número de casais que tiveram outro filho aqui no Brasil, talvez como estratégia de regularização da permanência da família. A incipiente cifra de 4,5% de pessoas que passaram pelo albergue demonstra a significância e consistência das redes sociais para esse grupo e manutenção dos fluxos migratórios.

Os bairros centrais da Cidade permanecem como principal local de residência, mas destaca-se a evasão das oficinas de costura para a periferia do Município de São Paulo, provavelmente em virtude dos altos custos com aluguel e também como tentativa de afastar-se dos locais já visados pela fiscalização trabalhista. Aparecem novos bairros como Guaianazes, Itaquera, Vila Maria, Vila Guilherme, Jardim Brasil, Edu Chaves, Engenheiro Goulart, Pirituba, São Miguel etc.

Esses imigrantes têm encontrado no setor da costura possibilidades de emprego. O autor relata que a jornada dos que trabalham no setor, é desumana. Acordam por volta das seis da manhã, fazem uma pequena e rápida refeição matinal, iniciando na sequência seu dia de trabalho. Ao meio dia, param para almoço (cuja base é constituída de carboidratos e uma pequena quantidade de proteínas). Por volta das seis da tarde param para jantar (cardápio de composição semelhante ao almoço) e continuam sua jornada, trabalhando até as nove, dez horas da noite. Para amenizar esse quadro, há normalmente um CD de música boliviana ou um rádio sintonizado em alguma estação voltada para a comunidade boliviana. As mulheres ainda se encarregam de uma segunda jornada com os afazeres da casa.

Por acordo entre os dois países (Brasil/ Bolívia) esses imigrantes bolivianos circulam sem a necessidade de carimbar seus passaportes, apenas apresentando seus documentos de identidade, passando a viver no País sob a condição de *indocumentados* (Silva, 2005).

Faz-se aqui um parêntese para entender as relações de trabalho entre coreanos e bolivianos no setor da confecção. Assim como os bolivianos, os coreanos também sofreram o estigma de um povo “diferente”. Estima-se que o primeiro grupo oficial de imigrantes coreanos

aportou no Brasil em 19 de dezembro de 1962, resultado de acordo bilateral, subvencionado pelo Governo da Coreia do Sul, interessado em contornar a alta densidade demográfica do país, as pressões sociais em razão de forte desemprego, o receio de uma invasão pela Coreia do Norte e promover a cooperação com países não comunistas.

Em princípio essa migração destinava-se à agricultura, mas foi desencorajada por uma comissão coreana, entretanto mesmo desencorajadas as famílias não desistiram da vinda, possivelmente influenciadas pelo medo da invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte. Ao final de três anos aqui, apenas 10% do grupo ainda continuava no campo e os outros 90% já tinham migrado para São Paulo, mais especificamente para dedicarem-se ao ramo de confecção, fato que levou os dois países a decretar o término desse fluxo. A partir da década de 70 a clandestinidade dá a tônica na continuidade dessa migração. A primeira anistia veio em 1980 e uma segunda em 1988 (GALETTI, 1995).

Os imigrantes coreanos tinham como objetivo primordial, o estabelecimento e enriquecimento rápido. A comunidade coreana diligentemente, não sem esforço é claro, se consolidou no ramo da confecção. A barreira da língua, bem como a dificuldade no trato com os empregados brasileiros, que exigiam direitos trabalhistas, afastou-os das atividades comerciais, levando-os a serem microempreendedores nas oficinas de costura. “As “fabriquetas” – duas ou três máquinas de costura operadas dia e noite, até por velhos e crianças, dentro dos próprios apartamentos e casas dos coreanos – começaram a multiplicar-se a partir de 1975” (GALETTI, 1995, p.139).

Alie-se a isso a rede de solidariedade entre a comunidade coreana, chamada de “*kye*” – sistema de autofinanciamento entre membros de um grupo, uma cultura secular coreana. Nesse sistema, coreanos com capital excedente, no lugar de investir no mercado financeiro, participam de diversos “*kyes*” e dessa forma contribuem para bancar projetos de conterrâneos.

Esse sistema de produção e autofinanciamento, natural aos coreanos, levou-os a dominar o mercado de confecção, base de sua sobrevivência no país. Ainda segundo Galetti (1995) de acordo com a Associação Brasileira dos Coreanos 50% deles são atacadistas de roupas, 15% varejistas, 20% proprietários de confecção e apenas 1% profissionais liberais.

Em meados da década de 80, aproveitando-se do movimento migratório dos bolivianos para o Brasil, os coreanos iniciaram um processo de substituição da mão de obra barata de seus conterrâneos pelos bolivianos, todos na condição de indocumentados. Muitos coreanos foram à Bolívia para recrutar essa mão de obra (GALETTI, 1995).

Segundo Silva (2006) além dos sonhos por melhores condições, os imigrantes bolivianos trazem consigo também o imaginário veiculado pela mídia sobre o Brasil ser o país do futebol, samba, belas praias, natureza exuberante, belas mulatas, empregos etc. “Se para muitos brasileiros o Brasil já não é mais o país das oportunidades, para os bolivianos (as), ele continua sendo” (SILVA, 2006). Razão da vinda de milhares de bolivianos fugindo da pobreza de seu país, vislumbrando alguma possibilidade de mobilidade social, sonho efetivado na posse de uma oficina de costura, em que ele vai perpetuar as mesmas condições desumanas, sofridas por ele, aos seus conterrâneos.

A relação de exploração observada entre coreanos e bolivianos assemelha-se à exploração de imigrantes indocumentados no mundo inteiro, inclusive entre conterrâneos. Num primeiro momento, os coreanos buscaram trazer seus conterrâneos para serem explorados, somente depois é que voltaram-se para os bolivianos. Neste momento, já há um grupo de bolivianos, donos das pequenas oficinas de costura, explorando seus conterrâneos (trazendo-os da Bolívia) para trabalharem em suas oficinas, sob condições precárias. Estabelecida uma corrente, o imigrante indocumentado coreano, mais antigo na cidade se legalizou e passou a explorar o coreano indocumentado. Esse após um período também se legalizou e passou a explorar o boliviano, que por sua vez se legalizou e passou a explorar seus conterrâneos que continuam a chegar. Galetti (1995) questiona sobre como esses migrantes poderiam sobreviver, sem perpetuar essa condição de exploração.

Não bastasse a condição de exploração, a discriminação afeta diretamente esses bolivianos e como argumenta Silva (2005) até que se prove o contrário, em razão da Bolívia estar associada ao narcotráfico, através do plantio da folha de coca, todo boliviano é um traficante em potencial. Essa discriminação é extensiva aos filhos, pois em virtude de seus traços físicos, são taxadas de índios, pelos colegas de escola. A contrapartida também existe, em gestos humanos e solidários de pessoas que acolhem e rompem as barreiras étnico-sociais.

Em São Paulo, relata Silva (2005), pode-se ilustrar essa exclusão, através dos moradores do Bairro do Pari, que se mobilizaram para afugentar da Praça Padre Bento, no mesmo bairro, um grupo de pessoas estranhas, de olhos rasgados, com cabelos lisos e negros e com roupas típicas que enchiam a praça aos domingos, em busca de momentos de socialização e lazer entre seus pares. Em junho de 2002, essa reunião de bolivianos foi transferida para uma praça isolada da comunidade do Pari, e no dia 24 de setembro de 2004, foi regulamentada a Praça Kantuta como reduto de encontro dos bolivianos em São Paulo. Na Feira passou-se a oferecer além da feira gastronômica, produtos (trazidos diretamente da Bolívia) e serviços

(como fotos, cabeleireiros, agência de empregos etc.) e diversas manifestações folclóricas desse povo, em especial suas festas (Alasitas, o Carnaval, dentre outras).

Consolidado enquanto grupo, os bolivianos ainda são estigmatizados e através da exposição de sua cultura, nas festas típicas e devocionais, tentam elaborar e recriar sua identidade étnico-cultural fundada na diversidade de seu povo a fim de combater esses estigmas.

Para Silva (2003) o que se tem observado nas últimas festas devocionais é a tentativa de se mostrar uma Bolívia, que é recriada para os paulistanos e caracterizada por sua diversidade étnico-cultural e social, através dos ritmos e danças com a temática indígena ou camponesa. Essa Bolívia ressignificada tem fundamental importância para aqueles que se veem cotidianamente explorados como “mão de obra barata”, e que tem na expressão de sua cultura a oportunidade de apresentarem-se, através de seus festejos, como uma comunidade. Como portadores de uma tradição que é expressa no ritmo e estética de seus dançarinos. Para esses a dança não é apenas diversão, faz parte de sua relação visceral com a devoção à Virgem/Mãe/Terra (a Pachamama) que lhes dá o alimento para o corpo e o espírito.

A dificuldade por que passam esses imigrantes em sua jornada para chegar até o Brasil, os relatos encontrados por Silva (2005) são eloquentes na descrição das agruras passadas por esses imigrantes, o estranhamento sofrido em razão da língua, os preconceitos por parte daqueles que não conseguem ultrapassar as barreiras daqueles que lhes parecem diferentes (com o que não nos identificamos), o trabalho duro sob condições difíceis que enfrentam diariamente, talvez sejam fatores que os façam calar.

Acrescente-se a condição de indocumentados e tem-se um “caldo de cultura” permissivo à exploração daqueles que deixam suas origens em busca de uma melhor condição de vida. Estudos mostram que em alguns casos (SILVA, 1997) mesmo na condição de explorados, o sujeito aponta a imigração como uma melhoria na sua condição de vida em relação ao país de origem, e isso é por demais triste, numa sociedade que se diz moderna e globalizada. Afinal globalizou-se a pobreza e a desumanidade?

Enfim resumindo, a questão dos movimentos migratórios é assunto candente na atualidade. Pode-se considerar alguns aspectos desse movimento. Ao analisar o país de origem, se por um lado a emigração atenua as tensões relativas ao desemprego e favorece a melhoria das condições socioeconômicas das famílias em razão do recebimento de remessas do familiar que emigrou; por outro perde o capital social (educação, saúde) investido nesse emigrante, bem como perde uma mão de obra em plena capacidade de produção.

Analisando-se o país de destino, se por um lado esse imigrante chega em plena capacidade produtiva, sem que para isso, esse país, tenha despendido um dólar sequer; vai ocupar postos de trabalho cuja remuneração, normalmente, é inferior à recebida pelo nativo; não impacta nos custos sociais; vai trabalhar em atividades que o nativo não mais se interessa em desempenhar; por outro lado a presença desse imigrante gera insatisfação na população local que argumenta ter seus postos de trabalho tomados; intensifica os discursos nacionalistas e acirra questões de racismo e xenofobia.

As questões migratórias na atualidade intensificam-se em razão da nova reestruturação do modelo capitalista hegemônico, favorecendo a desigualdade entre ricos e pobres. Nesse caminho, os países ricos, com suas políticas migratórias, não visam a redução dessas desigualdades, quando muito, desculpam-se alegando que o envio de enormes somas de remessas dos imigrantes para seus países de origem atenua a pobreza, sendo essa a contribuição deles.

Longe de se ter uma solução ou consenso quanto ao trato com os imigrantes bolivianos indocumentados, urge a necessidade de se olhar com mais atenção e respeito para esses sujeitos que ao fim e ao cabo, apenas buscam a oportunidade de uma vida mais digna, mesmo que para isso, tenham de enfrentar a contradição de sua eterna provisoriedade.

Os bolivianos têm mantido muito de sua cultura através de manifestações populares, expressas nas atividades desenvolvidas por migrantes aqui no Brasil. Esta pesquisa, vai buscar nas atividades realizadas na “Feira Kantuta” seu recorte de estudo, por oferecer não só oportunidade de socialização, como também manifestações folclóricas, religiosas, artesanato e comidas típicas. A gastronomia aparece nesse contexto como possibilidade de trabalho e renda para esse grupo de migrantes que constitui a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Padre Bento. O próximo capítulo vai apresentar a Feira e relacionar esse espaço enquanto oportunidade de trabalho e lazer não só para os associados mas também para os visitantes através das atividades gastronômicas.

5 A FEIRA KANTUTA

Foto 1 – Feira Kantuta, barraca de comidas típicas.

Em 2001, um reduzido grupo de imigrantes bolivianos iniciou uma reunião na Praça Padre Bento no Bairro do Pari. Alguns oferecimentos de comidas típicas bolivianas, alguns produtos e artesanatos trazidos diretamente da Bolívia e foi assim que Feira Kantuta teve seu início. Ainda na Praça Padre Bento, ela não tinha esse nome, era apenas uma Feira que reunia imigrantes bolivianos na qual eram comercializados produtos originários de seu país bem como comidas típicas. Ela acontecia todos os domingos, foi crescendo e acabou por incomodar os vizinhos, pois junto com os imigrantes bolivianos que vinham à Feira para encontrar amigos, provar os pratos típicos e lembrar suas origens, também vieram imigrantes que, em razão de vários bares ao redor da Praça, exageravam na bebida e acabavam por sujar as calçadas e casas. A Feira encerrava e os imigrantes embriagados permaneciam nos bares. Logo o conflito estava estabelecido e após quase 3 anos, a Praça foi transferida para a Praça localizada na Rua Pedro

Vicente, próximo à Escola Técnica Federal. A Associação Gastronômica Folclórica e Cultural Padre Bento foi criada para possibilitar essa transferência, responsabilizando-se pelos feirantes e pela organização da Feira, quando de sua transferência do Pari para a Armênia.

Localizada em uma região de fácil acesso à todos os bairros de São Paulo, por estar bastante próxima ao metrô, a Feira Kantuta oferece oportunidade de apresentação das diversas manifestações culturais bolivianas e é acessível a todas as classes uma vez que é gratuita e aberta à toda a comunidade boliviana e também ao público em geral. Através da técnica de observação sistemática, realizou-se visitas semanais à Feira Kantuta, no intuito de entender sua dinâmica, observar Feirantes e Visitantes, conhecer os pratos oferecidos. Observou-se também o Espaço da Feira durante a semana para conhecer seus frequentadores neste período. A técnica de observação sistemática foi escolhida em razão de possibilitar realizar uma descrição fiel do objeto de estudo, bem como reunir elementos para validação ou não das hipóteses levantadas (GIL, 2009).

A Feira acontece todos os domingos, na Rua Pedro Vicente, no Bairro do Pari, no Município de São Paulo, no período das 11 às 19 horas, o que pode variar um pouco de acordo com o clima (em tempos chuvosos tudo se torna mais lento) e tem uma dinâmica de público muito peculiar. **Tem-se na descrição abaixo a vivência de um dia na Feira Kantuta:**

- Entre nove e dez da manhã, os associados começam chegar e montar suas barracas, sejam de comidas, artesanatos, produtos alimentícios bolivianos, produtos diversos, fotos, CDs e DVDs e um pouco mais tarde as barracas dos “*peluqueiros*”³⁸.
- A partir das onze horas da manhã, observa-se um movimento de carros importados no estacionamento da Escola Técnica federal, o que causa estranheza. De acordo com uma das entrevistadas são bolivianos já bem estabelecidos no Brasil, provavelmente migrantes que vieram na primeira leva de bolivianos que vieram para estudar – fruto de acordos entre os dois países – principalmente medicina e odontologia. Ela nos diz: **“são os bolivianos médicos e dentistas ricos”**. Ainda de acordo com a entrevistada, eles vêm em busca de produtos alimentícios e também para degustar a gastronomia boliviana logo que se inicia a Feira, talvez por razões de segurança alimentar. Considerando a fala da mesma entrevistada pode-se supor que a questão se justifica, e levantar algumas possibilidades e razões dessa preferência pelos primeiros horários, tais como: estar mais à vontade, pois a Feira em seu início é mais vazia; outra questão é a sensação de

³⁸ *Peluqueiros*: termo em espanhol para designar os cabeleireiros.

segurança pessoal, pois ainda não há aglomerações e esses frequentadores supostamente são ricos; e por último a questão de segurança alimentar, como não há controle de tempo e temperatura desses alimentos quanto à sua exposição, na medida em que o tempo avança, aumentam as possibilidades de proliferação de bactérias. Considerando-se que sejam profissionais da área da saúde e que conheçam os fundamentos de toxinfecções alimentares, parece-nos cabível essa afirmação da entrevistada, pois quanto mais cedo for consumida essa comida, menos risco oferece.

Foto 2 – barracas de comidas típicas.

- Após o meio dia observa-se grupos de imigrantes bolivianos e famílias caminhando pela Rua Pedro Vicente em direção à Praça Kantuta, muitos deles com filhos. Mulheres e homens em seus trajes típicos, com suas saias rodadas e coletes bordados. Em dia de festa então nem se fale! É um ir e vir de homens e mulheres em seus melhores trajes, todos brilhantes, bordados e coloridos. Grupos que percorrem o pequeno trajeto apressados, a maioria deles vêm de Metrô, descem na Estação Armênia e caminham pela Pedro Vicente paramentados. Neste período as barracas de comida estão em plena

atividade. Pratos de todos os odores, sabores e cores são apresentados aos frequentadores ao som das músicas bolivianas. Enquanto isso, na quadra, um grupo folclórico inicia seu ensaio. Passos cadenciados, um alarido de guizos fixados nas botas dos rapazes marca o compasso. As moças volteiam os rapazes com suas saias e roupas de dança. Este é o ponto alto da Feira, uma da tarde e o alvoroço é pleno. Crianças correm, mães correm atrás, os pais esperam placidamente sentados ou em grupos de conversas. Moças e rapazes sozinhos ou acompanhados, e as barracas dos *peluqueiros* em pleno movimento.

Foto 3 – Feira Kantuta, ensaio de grupo folclórico.

Foto 4 – apresentação folclórica do Carnaval de Oruro.

- Já mais para o final do dia presencia-se um movimento de jovens, muitos deles em grupos, outros sozinhos, todos bem arrumados, vão se juntando. Considera-se se não estarão tentando fazer novas amizades ou mesmo encontrar uma companhia para namorar. Os grupos folclóricos continuam seus ensaios na quadra existente na Praça. Essa quadra já foi palco de muitas disputas. Até anos atrás, eram organizados campeonatos de futebol. Em 2011 os alambrados foram retirados pela Prefeitura do Município de São Paulo, para reforma da Praça. A quadra ficou inutilizada por um período e nunca mais eles foram repostos. Hoje ela serve de palco para o ensaio das danças folclóricas. Grupos animados continuam ensaiando seus passos, marcados pelo ritmo da música folclórica boliviana.
- A Praça ganhou este ano um conjunto de equipamentos para prática esportiva, mas que pouco se veem utilizados durante o percurso da Feira.
- A Feira segue lenta e compassada, pessoas perambulam pelas barracas de comidas, cortam seus cabelos, sentam nas muretas improvisadas como bancos (não há bancos),

outros passeiam simplesmente observando, grupos de jovens animados correm para lá e cá sem destino certo, enfim... O tempo vai passando e os grupos vão permanecendo.

- Já no final da tarde, após as dezoito horas, uma curiosa multidão de pessoas reúne-se na Pedro Vicente, em frente à Escola Técnica Federal. Trata-se de grupos que vão recrutar mão de obra para a costura. Um movimento enorme, um ir e vir agita esses grupos. Ao caminhar pela Rua, já quase próximo da Avenida Tiradentes, qual não foi a surpresa: uma barraca, anunciando em letras garrafais a oferta de empregos para costureiros.
- Após as 19 horas a Feira já está no final. Este é o movimento observado aos domingos na Praça Kantuta. Já ao longo da semana, ela é quase deserta, exceção aos mendigos e andarilhos. Já ao longo da Rua Pedro Vicente, o movimento de estudantes é diário e constante.

5.1 A Feira Kantuta enquanto espaço de trabalho

Na atualidade, o conceito de trabalho vem-se reformulando e consequentemente há uma mudança nas demandas por profissionais, ocasionando alterações estruturais na composição da força de trabalho. Para Castells (2009a) o trabalho é e permanecerá ocupando a centralidade da vida do homem moderno. Entretanto, aponta também para significativas diferenciações na duração das jornadas de trabalho entre países e dentro deles na atualidade, após um período em que havia uma padronização na quantidade média de horas trabalhadas.

O autor apresenta dois fatores para tal distinção, primeiro as diferentes regulamentações institucionais dos mercados de trabalho e segundo a concentração das altas jornadas de trabalho em dois grupos extremos: profissionais de alto nível altamente qualificados (realização de valor) e profissionais não qualificados trabalhadores do setor de serviços (baixo poder de negociação, aliados à condição de imigrantes e/ou informalidade). Ainda ocorrem jornadas alternativas menores ou de horários atípicos (jovens com baixo nível escolar ou mulheres). “A capacidade tecnológica de reintegração das contribuições de vários trabalhadores em horários diversos em uma rede de informação armazenada ocasiona a variação constante do tempo real de desempenho de trabalho na vida cotidiana” (CASTELLS, 2009a, p. 535). Acrescente-se ainda a esses fatores, o aumento da expectativa de vida, o ingresso tardio dos

jovens na força de trabalho em razão de expectativas culturais e o maior acesso às universidades, consequência das exigências do próprio mercado.

Castells (2009a) aponta ainda, uma redução relevante no número real de empregos para cidadãos na faixa acima de cinquenta anos e maior ainda para aqueles com cinquenta e cinco anos. Desses, cerca de um terço saem em definitivo do mercado de trabalho por questões como aposentadoria precoce, invalidez, desemprego permanente, desgaste ou desânimo, como consequência de políticas trabalhistas errôneas do setor público e privado e ainda, da concepção de que esse trabalhador idoso não tem condições de absorver, na medida da velocidade desejada, as novas tecnologias e modelos organizacionais.

Fruto dessa complexa dinâmica econômico-social, as relações de trabalho vêm sendo reestruturadas. O trabalho que era algo menos nobre e, portanto, desconsiderado por aqueles que detinham o poder, volta-se para as atividades naturais ligadas à terra ou manufatura de produtos e é exercido em sociedade. O trabalho acontecia próximo das residências e seguia o ritmo da natureza, tempo cíclico. Com a Revolução Industrial essas formas de relacionamento alteram-se novamente e o trabalho passa a ser valorizado e contabilizado. Vendia-se o esforço do operário em troca de salário, e esse passa a ser explorado em grau máximo. Essa exploração excessiva de homens, mulheres e crianças é que vai deflagrar as lutas, por direitos trabalhistas e consequente luta por direito a tempo livre. “Partimos de um mundo onde os espaços eram compartimentados a partir da natureza. [...] E, ao mesmo tempo, vamos de um lazer artesanal localizado ao lazer industrial globalizado; de um lazer entranhado na sociedade, entrelaçado com ela, a um lazer autonomizado” (SANTOS, 2000, p.32).

Em razão do frequente desgaste das relações trabalhistas, a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), aparece como uma tentativa de se estabelecer relações mais igualitárias para os trabalhadores de todo o mundo. A Organização (OIT, 2014) estima que cerca de 50% da população economicamente ativa no mundo esteja desempregada. Número não muito tranquilizador, para quem quer pensar em benefícios e no lazer. Mas talvez esse seja um desafio que se apresente no nosso século. Como favorecer melhor distribuição de renda, melhores condições de vida e ainda assegurar relações mais humanas entre as diversas sociedades do mundo capitalista. Para a OIT “se alguma nação não adotar condições humanas de trabalho, esta omissão constitui um obstáculo aos esforços de outras nações que desejem melhorá-las para os trabalhadores em seus próprios países” (OIT, 2014, p.3).

A economia mundial encontra-se em desaceleração, em resposta ainda à crise de 2008. O Fundo Monetário Internacional (FMI) que projetava um crescimento do PIB mundial

da ordem de 3,6% em 2013, já acena com um crescimento apenas 2,9%. Tal cifra confirma a tendência de queda do crescimento. Para 2014 o Fundo projeta um crescimento de 3,6%, o que representa uma alta porém não muito expressiva, como a que ocorreu no período pós crise (2010/2013) que foi de 3,8%, e confirma os prognósticos de que a recuperação segue lenta (OIT, 2014).

O desemprego abrange parte significativa da população mundial. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2014) através do informe “*Tendencias Mundiais del Empleo 2014 – ¿Hacia una recuperación sin creación de empleos?*” estima que havia 202 milhões de pessoas desempregadas no mundo em 2013, um aumento de quase 5 milhões se comparado à 2012. Destaque feito para a Ásia Oriental e Ásia Meridional que somaram 45% do total de desempregados, seguidos pela África Subsaariana e Europa, e por último a América Latina que contribuiu com apenas 1% do total de desemprego no mundo. O Relatório prevê ainda que se a tendência permanecer teremos mais 13 milhões de desempregos em 2018, ou seja, mais de 215 milhões de pessoas desempregadas no mundo.

O pior cenário apresenta-se aos jovens, mais afetados por essa recuperação fraca e desigual. Cerca de 74,5 milhões de jovens entre 15 e 24 anos estão desempregados, o que representa um aumento de quase um milhão a mais se comparados à 2013.

O período de permanência em desemprego tem aumentado principalmente nas economias mais avançadas. Em países da Zona do Euro, como a Grécia e a Espanha, esse período tem estado em torno de 9 e 8 meses respectivamente. Já em economias que começam a dar sinais mais seguros de recuperação, como os Estados Unidos por exemplo, o desemprego de larga duração afeta mais de 40% da população que busca um emprego.

Estes períodos maiores de desemprego, de acordo com o Relatório (OIT, 2014), não só contribuem para a desaceleração econômica, como sobrecarregam as contas públicas, obrigando o governo a aumentar os impostos ou realizar corte de gastos. E o que é o mais significativo, aqueles que passam por longos períodos de desemprego, começam a perder suas competências a um ritmo acelerado, dificultando seu ingresso em uma ocupação semelhante àquela em que estava (OIT, 2014).

O desemprego afeta também as melhorias alcançadas ao longo do tempo, tais como:

- as taxas de participação no mercado de trabalho, uma vez que tem caído, principalmente nas economias avançadas;

- da mesma forma, o emprego vulnerável³⁹ aumentou 1% em relação à 2013 e 5 vezes mais que nos anos anteriores à crise, os empregos vulneráveis representam 48% do total do estoque de empregos no mundo;
- observa-se ainda uma redução de apenas 2,7% no número de trabalhadores que vivem em condições de extrema pobreza (menos de 2 dólares ao dia)
- e por último o emprego informal segue elevado. Considerando-se a Europa Oriental, os países da Comunidade Européia e algumas economias avançadas, o emprego informal representa aproximadamente 20% do total de empregos. Já se considerarmos a informalidade em alguns países de América Latina ela sobe para 50% e em alguns países andinos e na América Central esse número chega a 70% do total de empregos. Entretanto os piores cenários encontram-se em algumas economias da Ásia Oriental e Sudoriental, onde o emprego informal alcança cerca de 90%.

O Relatório (OIT, 2014) afirma que o aumento da economia informal pode obstaculizar os avanços de redução sustentável da pobreza. O *déficit* de demanda mundial impede a recuperação dos mercados de trabalho.

Ainda de acordo com o relatório sobre as Tendências para 2104, a OIT (2014) estima que:

- aproximadamente 23 milhões de trabalhadores abandonaram o mercado de trabalho;
- em 2018 teremos um aumento de mais de 13 milhões de pessoas em busca de trabalho;
- por volta de 839 milhões de trabalhadores viveram em 2013 com menos de 1,25 dólares com suas famílias;
- cerca de 375 milhões de trabalhadores viveram com suas famílias com menos de 1,25 dólares por dia em 2013.

Aguçando o olhar e fixando-se mais proximamente nos dados exibidos para a América Latina e Caribe, o quadro não é muito diferente. De 1994 a 2003 o crescimento econômico foi interrompido por recorrentes crises internas e externas, já no período 2004 a 2013 os indicadores econômicos e laborais começaram a dar mostras de crescimento mas foram

³⁹ Entenda-se por emprego vulnerável - os trabalhadores por “conta própria” e também os trabalhadores que não recebem salário, porém são membros de uma família trabalhadora por conta própria. Não possuem relações formais com um empregador, por exemplo, um contrato de trabalho com salário por empreitada. Trabalhadores vulneráveis são, entre outros, um homem que vende balas no farol, uma mulher oferecendo bilhetes de zona azul numa rua, um menino que ajuda sua mãe a vender os bilhetes de zona azul.

estagnados em razão da crise externa de 2008/2009, seguida pela recessão na Europa. O crescimento econômico perde forças atingindo um crescimento em 2013 da ordem de 2,7% (América Latina e Caribe) e o FMI estima 3,1% para 2014. Tem-se um cenário de incertezas na economia internacional, se esse cenário for mantido, a taxa de desemprego também mantém-se estável, ou seja 14,8 milhões de desempregados.

O quadro abaixo demonstra a evolução da taxa de desemprego em 15 países da América Latina e Caribe, que no período do terceiro trimestre de 2012/2013 caiu de 6,6% para 6,5 pontos percentuais. Observa-se que no Brasil temos um decréscimo de 0,1% na comparação entre o III trimestre de 2012 que é de 5,7% e o III trimestre de 2013 que é de 5,6%, já o cenário boliviano apresenta um decréscimo de 0,5% na comparação entre o III trimestre de 2012 que é de 8,5% e o III trimestre de 2013 que é de 8%. Não por acaso deve-se ainda considerar uma taxa 2% maior de desemprego na Bolívia, o que pode ser entendido como fator impulsionador de migrantes.

Fonte: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_232760.pdf

Gráfico 4 – América Latina e Caribe (15 países): taxa de desemprego urbano. Janeiro-setembro de 2012 e 2013 (porcentagens)

Entretanto há de se cuidar da qualidade desses empregos, uma vez que 130 milhões de pessoas atuam na economia informal, tem-se que de cada 10 trabalhadores latino-americanos e caribenhos, 3 não possuem acesso a nenhum tipo de benefício social. Os prognósticos seguem desanimadores uma vez que quase metade dos desempregados urbanos são jovens. “O desalento e a frustração sem dúvida contribuem para que aproximadamente 22 milhões de jovens não estudem nem trabalhem. Não é casual que em diversas cidades sejam os jovens que encabeçam os protestos questionando o sistema e as instituições” (OIT, 2014, pag.6).

Ainda com relação à qualidade dos empregos, o crescimento dos salários também vem perdendo forças. Ao se considerar os salários médios, percebe-se que cresceram apenas 1% em 2013, abaixo dos 2,6% de 2012, o que afetou também os salários mínimos que cresceram 2,6% em 2014 contra 6,9% em 2012. O crescimento econômico é a chave para a melhoria da oferta e da qualidade dos empregos, mas não suficiente. É fundamental o desenvolvimento de empresas que contribuam na geração de empregos de qualidade, o diálogo social e o desenvolvimento de políticas ativas de mercado do trabalho bem como políticas destinadas a preservar a capacidade aquisitiva dos trabalhadores e demanda interna, bem como melhorias profundas na educação e formação profissional (OIT, 2014).

Estima-se a necessidade de:

- criação de 43 milhões de empregos para manter a taxa de desemprego ao redor de 7%,
- que para reduzir de 47,7% para 42,8% a taxa de informalidade, será necessário um crescimento médio de 3,4% além de que 84% dos novos empregos gerados sejam formais.

O *Panorama laboral* alerta para a necessidade de melhorar a qualidade do emprego como forma de contribuir no fortalecimento do desenvolvimento econômico. Os imigrantes bolivianos engrossam essas estatísticas de informalidade e exploração no Brasil. Na Feira Kantuta, encontra-se um agenciamento de imigrantes para a costura, todos os domingos.

Em 19 de dezembro de 2008, através da Lei Complementar nº 128 criou-se condições especiais no Brasil, para que o trabalhador da economia informal se formalizasse, tornando-se um *Empreendedor Individual Legalizado*, conforme apresentação do Portal do Empreendedor disponível no sítio do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Essa lei visa regularizar a situação de milhões de trabalhadores que viviam na marginalidade, uma vez que não eram legalizados. Não cabe a esse trabalho avaliar o alcance

ou mérito de tais medidas, mas fato concreto é que de lá para cá, os índices de informalidade caíram e a taxa de desocupação também, conforme indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego, aplicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Se esses milhões de trabalhadores que antes engrossavam as estatísticas da economia informal migraram para a economia formal, elevando qualitativamente nossas estatísticas, seus direitos trabalhistas não tiveram a mesma sorte, pois ao ingressarem como empreendedores legalizados continuam sem a maioria dos direitos trabalhistas (férias, décimo terceiro salário, descanso semanal remunerado, pagamento de horas extras) conquistados ao longo do tempo. O que mais das vezes os obrigam a jornadas de trabalho estafantes.

O Portal do Empreendedor acena com benefícios tais como: cobertura previdenciária – aposentadoria por idade: mulher aos 60 anos e homem aos 65, desde que tenham completado 15 anos de contribuição, recebendo a renda de um salário mínimo; aposentadoria por invalidez sendo necessário um ano de contribuição; auxílio doença, sendo necessário um ano de contribuição; salário maternidade (mulher), sendo necessários 10 meses de contribuição; benefícios assegurados mediante uma contribuição mensal reduzida de 11% sobre o salário mínimo. O Portal oferece ainda a possibilidade de: custos menores para contratação de um funcionário; isenção de taxas para o registro da empresa; ausência de burocracia; acesso a serviços bancários e compras e vendas em conjunto; redução da carga tributária e controles simplificados; emissão de alvará pela *internet*; apoio do SEBRAE; possibilidade de venda para o governo; segurança jurídica e resgate da cidadania (BRASIL, 2011a).

Certo é que esses trabalhadores ao se formalizarem recolhem impostos, mesmo que em valores menores, e assim, ironicamente resgatam sua cidadania, entretanto, pouco se fez para a melhora da qualidade desses trabalhos. Apesar de uma aparente estabilidade, o governo brasileiro é incapaz, por si, de assegurar os direitos básicos de cada cidadão. É fundamental que setor público, privado e a sociedade discutam novas relações de trabalho, de forma a permitir a inclusão de parcela da população excluída dessas relações. Passo não menos importante, será o estudo de como possibilitar tempo livre e lazer a todas as classes sociais, e fazer desse tempo, não artigo de luxo, mas sim, possibilidade de usufruto para todos os cidadãos com a ampliação de acesso à todas as atividades de lazer.

Em virtude do jogo de forças do mercado, Werneck (2001) argumenta que o trabalhador na atualidade vê-se premido para a manutenção do seu emprego a trabalhar mais horas, a produzir muito mais no mesmo tempo ou ainda trabalhar menos horas e receber menos

por isso. Essa lógica não visa o bem estar dos trabalhadores e sim o próprio capital uma vez que a necessidade de mais dinheiro gera a necessidade de mais trabalho, o que não compatibiliza com expectativas das forças produtivas por menores jornadas.

O Brasil vem estabelecendo uma política de acolhimento aos estrangeiros. “Aqui nós defendemos a regularização migratória como um instrumento de inserção social [...] afirmou Luis Paulo Barreto. O Brasil, historicamente, é formado por estrangeiros. Os novos que chegam podem professar a sua fé, manter os seus costumes” (BRASIL, 2011d).

Nesse sentido o Brasil lançou no início de 2009 uma terceira anistia aos imigrantes irregulares no país. Dessa forma todo o imigrante que ingressou no Brasil até 01 de fevereiro de 2009 poderia solicitar sua regularização, desde que preenchesse alguns requisitos, como idoneidade moral. Entre julho e dezembro aproximadamente 43.000 estrangeiros tiveram sua situação regularizada. Os bolivianos com cerca de 17.000 pessoas, sendo 16.300 só no Estado de São Paulo, encabeçavam a lista. Muitos deles por sua condição indocumentados viam-se explorados pelo setor de confecção, obrigados a jornadas extenuantes, condições insalubres e mediante pagamento de salários baixíssimos.

O tempo de trabalho não prescinde do tempo de lazer, e também os migrantes bolivianos, mesmo com tempo livre reduzido, aos domingos principalmente, aproveitam o tempo para atividades de lazer, muitos deles, dirigem-se semanalmente à Feira Kantuta em busca de lazer.

Foto 5 – imigrantes bolivianos que atuam na feira Kantuta.

5.2 A Feira Kantuta enquanto espaço de lazer

O processo histórico de industrialização e urbanização ocasiona transformações nos hábitos e formas de vida do homem. A diferenciação entre o campo e a cidade se dá primeiramente pela divisão de trabalho, a produção de alimentos é feita no campo e oferecida às cidades (SINGER, 2002). O crescimento desordenado, a valorização de algumas das áreas centrais das grandes cidades em detrimento da periferia, o espaço urbano contribuindo para o isolamento das pessoas, faz com que o lazer deva ser repensado. Exemplo disso, os condomínios que temos hoje, que são verdadeiros enclaves, segregando as pessoas que nele vivem, supostamente oferecendo múltiplas opções de lazer, para que seus moradores não necessitem sair do lugar.

A cidade é um lugar de concentração demográfica, onde as pessoas vivem, sobrevivem e convivem com, e a despeito da diversidade, das diferenças de classes sociais, da violência, da carência de infraestrutura, dos problemas de transporte e da falta de tempo. Mas é também onde as pessoas desenvolvem os relacionamentos sociais, conquistam a renda para sustento e onde se divertem. Portanto cabe ao poder público o oferecimento de oportunidades e meios para que o cidadão consiga prover moradia, sustento, saúde, educação, deslocamento e lazer para si e sua família.

O capitalismo traz uma nova dimensão da sociedade com a ascensão da burguesia e ainda a divisão do tempo. Este passa a ser contado pelo relógio, tempo ao qual se submete a força de trabalho em longas e exaustivas jornadas, privilegiando a produção. A força de trabalho é um recurso a mais no processo produtivo.

Werneck (2001) vai chamar esse tempo marcado pelo relógio de “tempo linear”, tempo esse consolidado ao longo dos séculos XVII e XVIII, que emergiu da necessidade de se regular o ritmo da produção. Imprimindo-o não só nas horas em que o trabalhador está produzindo mas também em todos os momentos de sua vida. Ele já não mais inicia seu trabalho com o nascer do sol e encerra com o poente. O tempo da natureza é um tempo que não faz mais sentido na sociedade urbana, o relógio é que determina suas atividades, seu sono e sua vida.

Porém, se há o tempo de trabalho, há o tempo de não trabalho, um tempo supostamente livre, que não pode ser considerado apenas pela visão funcionalista como necessário à reposição das energias do trabalhador ou mesmo para suprir as necessidades

biológicas (sono, alimentação etc.), mas como tempo preenchido também por atividades de lazer (MAGNANI; TORRES, 1996).

De Grazia (1966) afirma que os homens se reúnem para manterem-se vivos e permanecem juntos para terem uma boa vida. A paz e a prosperidade são perigosas se uma sociedade não sabe o que fazer com o lazer, uma vez que o homem livre pode gerir seu tempo de forma autônoma, tomando as rédeas de sua vida. Para o autor:

El trabajo es el antónimo Del tiempo libre. Pero no del ocio. El ocio y el tiempo libre viven en dos mundos diferentes. Nos hemos acostumbrado a pensar que son lo mismo, pero todo el mundo puede tener tiempo libre, u no todos pueden tener ocio. El tiempo libre es una idea de la democracia realizable; el ocio no es totalmente realizable, y, por tanto, es un ideal y no sólo una idea (DE GRAZIA, 1966, p.XIX)⁴⁰

Embora chamado de tempo livre, esse tempo não é de liberdade total. Para o autor o trabalho é o oposto do tempo livre, mas não do lazer, porque todos podem ter tempo livre, mas nem todos podem ter lazer. O tempo livre é uma ideia concreta e o lazer um ideal a ser conquistado. O homem, condicionado por seus papéis sociais, vai ser diretamente influenciado e condicionado em suas escolhas. Weber (2009) argumenta que o puritanismo abominava o desfrute da vida, criticando qualquer forma de lazer pelo lazer e não como oportunidade de reposição de forças para ter mais saúde, para produzir mais.

Contra isso, os puritanos sustentavam sua característica mais marcante: o princípio da conduta ascética; sua aversão pelo esporte não é mera questão de princípio. O esporte seria aceito se ele servisse a um propósito racional, o da recuperação necessária à eficiência física. Mas, como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, era-lhes suspeito; e na medida em que fosse apenas um meio de diversão, de estímulo ao orgulho, do despertar de baixos instintos ou do instinto irracional da aposta, era obviamente condenado. O regozijo impulsivo da vida, que afastava tanto do trabalho na vocação como da religião, era, como tal, inimigo do ascetismo racional, quer fosse na forma de esporte senhorial, de salão de baile ou do instinto irracional da aposta, era obviamente condenado (WEBER, 2009, p.130).

Dessa forma as atividades de lazer, em especial as atividades físicas deveriam ser praticadas com o intuito de obter-se mais saúde e não por prazer simplesmente. O prazer afastava o homem do trabalho e da religião e, portanto deveria ser evitado, como forma de não se afastar do ascetismo como ideal de vida.

A sociedade impõe papéis ao homem, fazendo com que estes de alguma forma se imiscuem no que o ser realmente é e o que a sociedade espera e impinge a ele. Também para

⁴⁰ O trabalho é o antônimo do tempo livre. Porém não do ócio (lazer). O lazer e o tempo livre vivem em dois mundos diferentes. Acostumamo-nos a pensar que é o mesmo, porém todo mundo pode ter tempo livre, e nem todos podem ter lazer. O tempo livre é uma ideia da democracia realizável; o lazer é um ideal e não só uma ideia (DE GRAZIA, 1966, p.XIX, grifos e tradução nossa)

Adorno (2009), o tempo livre está acorrentado ao seu contrário, o tempo de trabalho e, “segundo a moral do trabalho vigente, o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho – precisamente porque é um mero apêndice do trabalho – vem a ser separado deste com zelo puritano” (ADORNO, 2009, p.106).

Temos assim o aparecimento de um tempo contraposto ao tempo de trabalho, que Dumazedier (2004a) vai chamar de “tempo de não trabalho”. E que tempo é esse? Para o autor é um tempo que se divide entre as obrigações sociais, políticas, religiosas, familiares e ainda para o desenvolvimento de atividades de lazer.

O tempo, na atualidade, é o resultado de um longo processo de condicionamento social. “Tempo é dinheiro”, essa máxima nasce da alteração fomentada pelo capitalismo, uma vez que o trabalhador vende a sua força de trabalho através da venda do seu tempo. Sua remuneração passa a ser regulada pela quantidade de horas trabalhadas. Corroborando com essa ideia, Werneck (2001) vai falar na mercantilização do tempo, ou seja, não só o tempo de trabalho pode ser vendido, o tempo livre do trabalhador também pode ser negociado, em jornadas extras, pode ser vendido (horas extras, descanso, negociação de férias).

Vemos assim, as conquistas sociais por mais tempo livre, férias, descanso semanal remunerado, sendo comercializadas em favor de maior possibilidade de consumo ou mesmo como forma de assegurar seu posto de trabalho, uma vez que, muitas vezes, o medo de perder o emprego, força-o a aceitar o cumprimento de jornada adicional. Esse novo contexto pode gerar distorções sociais, uma vez que o aumento do tempo de lazer de uns torna-se possível em virtude da exploração do trabalho e miséria de outros. Ao levar ao extremo, o sistema capitalista força os trabalhadores a uma jornada exaustiva, reduzindo seus salários e tempo livre em razão de necessidade de aumento de produção e lucro, o que vai gerar mais oportunidades de lazer aos contratantes.

O que falar então do lazer? Esse tempo, fruto de lutas sociais, tão disputado e ao mesmo tempo tão escasso? Dumazedier (2004b) ao tratar da evolução das relações entre trabalho e lazer afirma que para uns, o lazer é simplesmente um fenômeno compensatório e para outros, possibilidade criativa que interfere no trabalho, determinando até mesmo sua escolha.

Ainda sobre o tempo de lazer, Bramante (2001) argumenta que tradicionalmente, uma das formas de se conceituar o lazer, é contrapondo-o ao trabalho e que a evolução da sociedade industrial em uma sociedade predominantemente de serviços afeta significativamente

a concepção de lazer, a qual gravita hoje em torno de três eixos: o tempo de não trabalho, o espaço da sua vivência e a atitude do indivíduo.

Coadunando ainda com essa ideia, Bruhns (2001) explicita que a compreensão das relações do homem com o meio e seus semelhantes é que nos vai permitir uma real apreensão do sentido do brincar e conseqüentemente das atividades de lazer. Esse é então, expressão da cultura de uma determinada sociedade e pode tanto representar valores conformistas quanto de resistência à ordem social vigente. Ainda segundo a autora, pode ser assumido como uma atitude de vida, e assim permear todas as ações do indivíduo ou como um tempo de não trabalho, livre das obrigações institucionais. Há de se entender, entretanto, que o lazer vai ser sempre condicionado por fatores socioeconômicos (renda, família, religião, política etc.).

O lazer pode ser entendido como o tempo de não trabalho, um tempo disponível⁴¹, descontadas as obrigações sociais, religiosas e familiares, onde o indivíduo, de forma livre e desinteressada, vivencia a prática de atividades culturais (MARCELLINO, 1995). Essa prática vai propiciar aos homens o descanso, o divertimento, o desenvolvimento, e ainda o conhecimento dos seus diversos conteúdos culturais (artístico, físico, intelectual, social, manual, turístico), assegurando um universo maior de escolhas e participação na prática dos lazeres. Ainda sobre o lazer Gomes (2008) observa:

Do meu ponto de vista o lazer vai além da mera realização de atividades, sendo um campo da vida humana e social dotado de características próprias, que ocorre em um tempo/espaço específico. Assim, o lazer inclui a fruição de diversas manifestações da cultura, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e as diversas formas de artes (pintura, escultura, literatura, dança teatro, música, cinema), entre inúmeras outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que esta manifestação cultural pode constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer – não como um privilégio de classe, [...] mas como um convite à meditação, à reflexão, à contemplação ou relaxamento (GOMES, 2008, p.125).

Para a autora, o lazer é muito mais do que simples práticas, ele está permeado pela cultura de uma dada sociedade e integra a vida humana e social com características próprias, suas práticas por isso são desenvolvidas em um tempo e espaço próprios. Com relação ao espaço, Camargo (2009) aponta a casa como o principal equipamento de lazer da população urbana, e inclui nesse equipamento, a vizinhança. É na casa que a maioria das pessoas desfruta

⁴¹ O autor faz uso do termo “tempo disponível” e não “tempo livre”, por entender que nenhum tempo pode ser totalmente livre das influências e obrigações sociais e culturais.

do lazer, até por falta de outros equipamentos ofertados pelo poder público ou mesmo por dificuldades de acesso aos existentes.

O termo lazer nem sempre foi utilizado da forma que conhecemos hoje, na literatura podemos encontrar outros termos associados ao lazer como: ócio, lúdico, *scholé* etc. Foi na Grécia antiga que surgiu a palavra *scholé*, que pode ser considerada um antecessor do ócio que conhecemos hoje, como possibilidade de contemplação. Os gregos utilizavam seu tempo livre (*ocio*) para autodesenvolvimento.

Scholé significava, simultaneamente, lazer e educação de si mesmo, um tempo que se situava entre a prática ativa do cidadão responsável pela gestão da cidade e a prática dos cultos. Esse era, na essência, o privilégio do cidadão grego: a liberação dos gestos, dos rituais, da monotonia do trabalho cotidiano (que se resumia a obrigações familiares, espirituais e políticas), para poder dedicar-se apenas ao culto do corpo e do espírito (CAMARGO, 2004, p. 237, grifo do autor).

Os gregos achavam que o trabalho reduzia o tempo livre e atrapalhava a vivência dos valores, que eles acreditavam. Assim apenas os cidadãos gregos livres tinham direito ao lazer, à contemplação, ao ócio ou como chamavam à *scholé*; no entanto todo o trabalho árduo sobrava para os escravos e imigrantes que não possuíam tempo livre para praticar o ócio. Ainda sobre os gregos e o tempo para a contemplação Melo (2003) argumenta que “Somente o tempo livre enquanto princípio de vida, contrário à sujeição ao trabalho, poderia permitir o completo alcance do desenvolvimento humano” (MELO, 2003, p. 3).

Sobre a questão atual do ócio enquanto contemplação e autodesenvolvimento, Camargo (2004, p.248) argumenta que “O principal problema da moderna *scholé* é que apenas uma pequena minoria vê no tempo de lazer a instância da busca individual de formas de desenvolvimento pessoal”. Ainda de acordo com o autor, o sistema capitalista de produção, apoiado e aproveitando-se das opiniões da igreja católica, apresentava o trabalho como fator de dignificação das classes assalariadas. O ócio passou a não ser mais bem visto, o trabalho é que enobrecia e desenvolvia o ser humano.

Em alguns discursos, coloca-se o ócio como um tempo desocupado, porém De Grazia já em 1966 alertava que o tempo desocupado, mal gasto, não é ócio. O ócio é uma condição ou um estado de estar livre da necessidade de trabalhar. Porém, há que se alertar que o ócio é ativo, ainda que não seja uma atividade necessariamente muito visível. O autor ainda acrescenta que o ócio é uma atividade em si mesma, e pode ser considerado como base para a felicidade do homem.

Ao contrário da Grécia antiga, atualmente ocorre uma supervalorização do trabalho, é comum ouvirmos as pessoas dizerem que não têm tempo livre menos ainda, momentos de lazer. “A vida contemplativa foi gradativamente substituída por uma preocupação com a atividade constante: compreende-se que é sempre necessário fazer algo, preencher o tempo, como se fosse algum crime não fazer nada” (MELO, 2003, p.3).

Nos dias atuais, através dos processos de globalização, a indústria cultural apresenta o oferecimento do consumo de um lazer mais genérico, formatado aos padrões e gostos da maioria da população. Apesar das inúmeras críticas e preconceitos, a indústria do entretenimento, perpassa o lazer, e apresenta-o como produto de venda e consumo rápidos e de fácil entendimento. A explosão da urbanização em consonância com a expansão da sociedade de consumo faz surgir uma acirrada luta interna do consumidor em detrimento do cidadão (SANTOS, 2000).

Os lazeres, em especial aqueles veiculados pela mídia, frequentemente refletem a ideologia dominante. Os programas de lazer geralmente são padronizados de forma a atingirem e agradarem às diversas classes sociais em qualquer canto do mundo. Não há uma preocupação com a adequação de conteúdo à cultura local, antes, ela deve superar o particular e gerar uma sensação de pertencimento global, por isso são fáceis de assimilar. Não é da ideologia desses programas a reflexão ou mesmo o conflito. Esses programas devem ter uma linguagem tal que permita uma fácil assimilação, sem gerar no espectador conflitos ou questionamentos. Para tal, há de se encontrar fórmulas criativas de sucesso, que são tomadas e reproduzidas à exaustão. É nesse aspecto que a indústria cultural apropria-se das criações originais e locais, transformando-as em pacotes reproduzidos ao mundo e já desprovidos da originalidade inicial. São quase que totalmente previsíveis. “Essa conexão crucial se opera segundo equilíbrios e desequilíbrios. A contradição invenção-padronização é a contradição dinâmica da cultura de massa. É seu mecanismo de adaptação ao público e de adaptação do público a ela. É sua vitalidade” (MORIN, 1980, p. 303).

Com as alterações socioeconômicas ocorridas no decorrer da história da humanidade, a organização estrutural da sociedade trouxe outras significações às ações humanas. De acordo com Marcellino:

A gestação do fenômeno lazer, com esfera própria e concreta, dá-se, paradoxalmente, a partir da Revolução Industrial, com os avanços tecnológicos que acentuam a divisão de trabalho e a alienação do homem do seu processo e do seu produto. O lazer é resultado dessa nova situação histórica – o progresso tecnológico, que permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho. Nesse aspecto, surge como resposta às

reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho, ainda que, num primeiro momento, essa partilha fosse encarada apenas como descanso, ou seja, recuperação da força de trabalho (MARCELLINO, 1983, p. 14).

O fenômeno lazer é fruto dessa nova estruturação da sociedade após a Revolução Industrial. Contraposto ao tempo de trabalho, o tempo livre passa a ser fruto de disputas e reivindicações e com ele o espaço para o lazer, mesmo que num primeiro momento, reivindicado apenas como oportunidade de reposição de forças para mais trabalho. Há uma ação dialética entre trabalho e lazer.

Na atualidade a maioria da população vive nas cidades. O processo histórico de industrialização e urbanização ocasionou transformações nos hábitos e formas de vida do homem. “Também o espaço sofre os efeitos do processo: a cidade torna-se estranha à região, a própria região fica alienada, já que não produz mais para servir às necessidades reais daqueles que a habitam” (SANTOS, 2007b, p. 29). Ainda para o autor, o espaço que une os homens é o mesmo que os separa, para e em razão, do processo de produção.

Sabemos que espaço geográfico é uma categoria abrangente nos estudos da geografia e está em constante transformação a partir da dialética entre a sociedade e o meio. O espaço da cidade foi descaracterizado, e já não oferece muitas oportunidades de espaços públicos para o convívio e/ou exercício de atividades de lazer. A cidade presta-se mais como espaço de trânsito de pedestres e automóveis do que como espaço de convívio ou mesmo para a prática de atividades de lazer (passear, conversar, ir a parques etc.)

A noção de desenvolvimento assumida na atualidade, não visa o bem estar. Para tal, seria necessária outra lógica, ou seja, deslocar-se a centralidade do dinheiro para o homem. E como ponto de partida, o exercício de uma política existencialista, na qual toda a inteligência e criatividade, utilizadas hoje apenas para o desenvolvimento da produção, fossem canalizadas para a busca desse bem estar e de um mundo mais humano e sustentável (SANTOS, 2007a).

Tanto o território quanto o lugar são esquizofrênicos, porque acolhem os vetores da globalização, que passam por eles para impor essa nova ordem – que, eu espero, seja passageira. Mas, de outro lado, produz-se a partir de cada lugar a contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados, isto é, de pessoas que não têm como se subordinar permanentemente à racionalidade hegemônica e que estão juntas, como parte de uma vizinhança (SANTOS, 2007a, p.187).

Para o autor os processos de desenvolvimento não levam em conta a necessidade de que o espaço deva acolher aqueles que nele vivem. Há uma exploração dos espaços centrais e por isso as pessoas mais pobres são marginalizadas. Nos grandes centros urbanos em geral,

uma grande parcela dos equipamentos de lazer está localizada em regiões centrais e por isso acabam por marginalizar ou no mínimo dificultar o acesso daqueles que moram na periferia, principalmente se não houver uma boa estrutura de transportes coletivos. Em São Paulo, relata Silva (2005), pode-se ilustrar essa injustiça e exclusão, através da Associação dos Moradores do Bairro do Pari, que se mobilizaram para afugentar da Praça Padre Bento, um grupo de pessoas estranhas, de olhos rasgados, cabelos lisos e negros, roupas típicas, que enchiam a praça aos domingos, com sua alegria, música, gastronomia e atividades culturais, em busca de momentos de socialização e lazer entre seus iguais. Neste caso ocorreu um conflito de interesses, em que o bem coletivo de uns, acarretou prejuízo ao bem coletivo de outros, prevalecendo a vontade daqueles que detém o poder (visto terem inclusive direito a voto) uma vez que pressionam o Município a agir em sua defesa.

Em junho de 2002, a reunião de bolivianos que ocorria na Praça Padre Bento no Pari foi transferida para uma praça isolada, e no dia 24 de setembro de 2004, foi regulamentada a Praça Kantuta como reduto de encontro dos bolivianos. Nela passou-se a oferecer: além da feira gastronômica e dos produtos alimentícios trazidos diretamente da Bolívia, serviços como fotos, cabeleireiros, agenciamento de empregos etc.; bem como passou a ser palco das atividades folclóricas desse povo, em especial suas festas (*alasitas*, o carnaval, dentre outras).

A Associação Gastronômica Folclórica e Cultural Padre Bento foi criada para poder legalizar a transferência da Feira para outra praça, a qual denominaram de Kantuta (flôr boliviana, que possui as cores da bandeira boliviana).

‘Me chamaram da regional da Sé. Existia um movimento de bairro para nos tirar de lá’, conta Carlos Garcia, presidente da associação há 38 anos no Brasil. ‘Aí a regional disse pra gente formar uma associação porque eles gostavam da feira’. Com a associação, a regional da Sé podia legalizar a feira. Foi o que aconteceu. Associação formada, feira legalizada desde 2002 (IGNÁCIO, 2009, p.1, grifos do autor).

O Senhor Carlos, um dos associados que já foi presidente da Associação conta que eles foram até a subprefeitura e tiveram de percorrer vários locais em São Paulo, a fim de escolher um local para onde a Feira pudesse ser transferida. Muitos dos locais não ofereciam segurança, por estarem perto de ruas muito movimentadas. A preocupação era com as crianças, uma vez que a Feira acolhe as famílias dos bolivianos. Depois de muito ir e vir, acabaram por decidir pela praça que ficava próximo à Escola Técnica Federal. A partir daí a Praça Kantuta, passou a representar um espaço no qual os imigrantes bolivianos podem perpetuar sua cultura através de manifestações artísticas, de lazer, socialização e mesmo suas atividades rotineiras como um simples corte de cabelo. “Fazemos festa de carnaval, apresentamos folclore, festa de

dia das mães... Aqui é um ponto de encontro, comemora Carlos. E os bolivianos – e paulistanos – têm muito gosto pela praça” (IGNÁCIO, 2009, p.1).

Foto 6 – Carnaval boliviano, comemorado na Feira Kantuta, uma guerra de espuma.

Foto 7 – Carnaval boliviano, grupo folclórico (*pepinos*).

As atividades desenvolvidas na Feira Kantuta vão além da manifestação cultural. Para muitos que trabalham na Feira, além de possibilidade de geração de renda, ela serve também como possibilidade de formação de vínculos de socialização e lazer, para outros, uma forma de reencontro com seu País, seus amigos, suas raízes. A Feira possui características bastante peculiares, os oferecimentos gastronômicos passam pelo espetinho de *anticucho*:

Berta não consegue esconder seu orgulho ao ver que a Kantuta cresceu tanto. Seu espetinho de anticucho foi pioneiro nessa empreitada. Ela começou sozinha com sua churrasqueira - que ainda é a mesma-, nos anos 1990, vendendo a iguaria na praça Padre Bento, no mesmo bairro do Pari. "Nem sei quando cheguei aqui. Faz tanto tempo!", exclama, pondo a mão na cabeça como quem tenta lembrar. Ela fala em espanhol, sua língua-mãe, para me contar do passado. Um dia, a filha de Berta levou-a para uma praça no Pari ponto de encontro entre latino-americanos. "Achei uma senhora de Copacabana [cidade à beira do Lago Titicaca] que também vivia muito sozinha e logo ficamos grandes amigas. Aí eu não queria mais voltar para a Bolívia", sorri. Veio então a idéia de vender o típico churrasquinho boliviano. "No começo, não tinha cadeiras, nem nada. Mas sempre tinha gente e, aos poucos, foram chegando mais feirantes" (CAMARGO, 2006).

Para muitos associados, a Feira é mais do que simplesmente um espaço de trabalho, ele permite-lhes o contato com seus pares. Muitos desses bolivianos são hostilizados por seus vizinhos brasileiros, e é na Feira que encontram oportunidade de falar sua língua, praticar seus costumes, rever amigos e parentes.

A alimentação é utilizada também como forma de socialização, os alimentos estão carregados de simbolismo; a maçã no Éden, o chocolate com os ovos de Páscoa, o peru do Natal; enfim, a comida transmite aos grupos sociais memórias e significados únicos e pode ser utilizada ainda como fator de integração social ou mesmo de difusão de culturas. Nesse aspecto, as barracas de alimentos oferecidos na Praça Kantuta, servem como possibilidade de resgate de uma cultura familiar aos bolivianos que se encontram no Brasil, ou mesmo para conhecimento por parte dos brasileiros dos hábitos alimentares bolivianos e serve ainda como ponto de encontro para esses imigrantes.

Nas barracas de temperos, pimentas de todos os tamanhos, cores e ardências. "Esta é muito forte", avisa a vendedora, indicando uma leguminosa preta e seca, de aparência similar a um pimentão, um *aji*. Há inúmeros tipos de milho, batatas, quinua, latarias, chás, pães e temperos desidratados para levar pra casa e colorir algumas receitas tradicionais. Os produtos bolivianos vendidos na Feira são muito peculiares e coloridos e com eles pode-se não só preparar receitas típicas, mas também incrementar receitas brasileiras. Essa é a beleza da gastronomia, a criatividade está ao alcance das mãos de qualquer um que queira arriscar e inovar.

Foto 8 – barraca de produtos bolivianos.

Podem-se conferir deliciosas *salteñas*⁴² de frango, carne, queijo ou fricassê (carne suína) e empanadas. Para beber, marca presença em toda a extensão da feira, o refrigerante peruano Inca Kola, de cor amarela ou mesmo a cerveja *paceña*, um pouco caros é verdade. Mais barato, em contraponto, também faz sucesso o suco de *mani* (amendoim) e o delicioso refresco *mocochinchi*, feito com pêssego seco, água e especiarias. Chamam atenção os vasos de refrescos repletos de bolinhas de pêssegos. A Feira enquanto espaço de lazer possibilita aos frequentadores um contato com a cultura boliviana em seus diversos aspectos.

De uma forma geral, as vivências do lazer podem permitir uma apreensão diferente do mundo, onde a busca pelo que é belo, pelo que dignifique, preponderem. As emoções, os sentimentos, a fruição, o desenvolvimento, devem ser características dos conteúdos

⁴² *Salteñas*: espécie de pastel assado cujo recheio pode ser de carne bovina, frango ou suína, e cujo recheio produz um caldo que permite até o uso de colher. Sabor marcante e picante.

culturais do lazer; vale lembrar, entretanto, que esses não se apresentam desconectados da realidade.

É notório que as desigualdades sociais, não facilitam que todas as pessoas possam vivenciar essas experiências. Há pessoas que tem mais acesso e possibilidades de escolha de atividades lazer do que outras o que em geral, é determinado por sua classe social. Os mais ricos, geralmente possuem automóveis o que facilita o acesso aos equipamentos de lazer ou mesmo suas escolhas, pois o valor do ingresso não é uma barreira. O lazer não deveria ser entendido como um bem de consumo, e sim questão fundamental para a qualidade de vida do cidadão. As atividades de lazer, no geral, favorecem a saúde e bem estar das pessoas, por proporcionarem momentos de descontração, alegria, convívio social, práticas culturais e mesmo cuidados com o corpo, através das atividades físicas, por exemplo. A busca da felicidade não precisa de justificativa e, portanto o lazer deve ser direito de todos (MARCELLINO, 1995).

O que se constata são as vivências de lazer associadas a modismos ou mesmo atribuição de *status* aos seus participantes, valorizando-se assim, muito mais os resultados do que propriamente o processo envolvido. Lembrando Dumazedier (1980) o conhecimento dos diversos conteúdos culturais do lazer (artístico, físico, intelectual, manual e social) permitiria aos participantes um universo maior de atividades, possibilitando assim melhores escolhas e participação no desenvolvimento dos diversos lazeres.

Fatores econômicos e sociais podem ser entraves ao desenvolvimento do lazer, ainda mais ao se pensar nas programações disponibilizadas pelos meios de comunicação, através da indústria cultural⁴³, para a grande massa. Entretanto todas as semanas esses imigrantes bolivianos se reúnem na Praça Kantuta, não apenas para consumir. Eles utilizam-se efetivamente do espaço, apesar deste carecer de melhor infraestrutura e uma revitalização do espaço da quadra e jardins da Praça.

À revelia do desconforto, famílias sentam-se nas muretas da quadra, ou nas barracas e passam o dia, contemplando os ensaios dos grupos folclóricos, conversando. Fazem uso do espaço público e muitas vezes nem se dão conta de que estão vivenciando atividades de lazer. Quando questionados surpreendem-se e argumentam falta de tempo e dinheiro para

⁴³ O termo foi utilizado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer, para designar uma indústria que se apropria da arte, transforma-a em séries e massifica sua produção, dessa forma a indústria cultural absorve o novo, o original e replica, nessa condição importam os lucros e não a emancipação daqueles que consomem a arte, que torna-se um produto, valorado pelo retorno financeiro que gera.

práticas mais elaboradas de lazer. Realmente o tempo de lazer de muitos deles restringe-se ao domingo, mas no geral todos acenam com passeios aos parques e praças públicas como forma de descanso e lazer.

Neste aspecto pode-se questionar qual oferece mais possibilidades de desenvolvimento, se aquele oferecido pela mídia ou se este, praticado pelos bolivianos em seu tempo de lazer e que oferece no convívio, na troca de experiências não só o conteúdo cultural (em suas mais diversas representações oferecidas na Feira), mas também no conteúdo social e mesmo físico (quando ainda realizavam suas partidas de futebol ou mesmo nos ensaios folclóricos).

Werneck e Isayama (2001) salientam que hoje a “cultura” representa o conjunto de ações e criações de uma determinada sociedade, sua interação com o meio e o momento histórico vividos. Nesse contexto, a cultura popular acaba por revelar a existência de desigualdades sociais. O popular pressupõe a existência do não popular, manifestações culturais diferentes em uma mesma sociedade. A indústria cultural tende a formatar a realidade aos objetivos do consumo, tentando padronizar gostos, estimulando necessidades, em especial pelos meios de comunicação de massa, televisão, rádio, cinema, jornais e revistas.

Para a indústria do entretenimento⁴⁴, o lazer apresenta-se como uma mercadoria a ser oferecida às massas, no formato que lhes seja compreensível e que lhes possa proporcionar divertimento. Tanto pode ter valores culturais ou apresentar-se como simples oportunidade de relaxamento. O entretenimento é uma parte significativa do lazer da Sociedade Pós-Industrial e tem importância social, cultural e econômica na vida das pessoas. Ao analisá-lo devemos nos abster de preconceitos e aceitar que ele é expressão dos mais diversos tipos de manifestação cultural, desde os mais edificantes até os mais simplórios ou grotescos. Não deixam de ser significativos os olhares de repulsa por parte das elites intelectuais, em especial religiosas e políticas, uma vez que nunca viram com bons olhos as possibilidades de prazer e diversão para as massas (TRIGO, 2003).

As práticas desses bolivianos podem resgatar valores culturais das comunidades locais, não como saudosismo romântico, mas como possibilidades de vivência do lúdico. A cultura de um povo é uma somatória de experiências de todos os atores sociais, e não apenas de

⁴⁴ Surge um grande e difuso espaço que pode ser denominado “entretenimento” – ou espetáculo, para usar a terminologia de Guy Debord. Ele perpassa todas essas atividades e possibilita transformar tudo, literalmente tudo, em mercadoria para consumo, das mais ordinárias e baratas até as pretensiosamente mais exclusivas, sofisticadas e caras (TRIGO, 2003, p.22).

uma parcela elitizada, cujo acesso a essa cultura, em parte, pode ser fruto da exploração da classe menos favorecida.

Há neste momento talvez uma encruzilhada para o desenvolvimento do lazer. Se de um lado ele deve ser oportunidade de todos e por outro, possibilitar descanso, divertimento e desenvolvimento humano, como conciliar com os oferecimentos? A sociedade atual é caracterizada pelo consumo e como tal, parece aos menos avisados, que o lazer resume-se aos oferecimentos da indústria cultural. Como então relacionar e propiciar novas possibilidades de lazer?

Sobre essa perspectiva, Santos (2000) fala de um lazer popular, produzido de baixo para cima, formas ingênuas e espontâneas de distração coletiva, e porque produzidos pelo povo, asseguram sua permanência, criatividade e renovação. A cultura como forma de expressão popular, pode ser tão gratificante e criativa, quanto formas mais elaboradas de espetáculos. O lazer popular, nascido nas classes mais baixas, pode ser revolucionário a esses oferecimentos da cultura de massa. O autor define-os como formas puras (festas de rua, jogos, pagodes, forrós, bailes) e impuras ou mistas (formas mais institucionalizadas, escolas de samba, “oloduns”, “trios elétricos”), os quais muitas vezes, acabam por sofrer influências estrangeiras ou são criadas na própria comunidade, mas são representativos da cultura dessa comunidade e por isso, representativos da política dessa comunidade. O autor salienta:

Lazer é também política. Mas, por enquanto, é sobretudo, política das empresas. Há, já, sem dúvida, o atrevimento de algumas instituições que interferem com o meio ao seu alcance no sentido de estimular a produção de um lazer que se aproxima da sensibilidade popular, isto é, da cultura, e, não propriamente do mercado. Isso vem sendo feito com sucesso e com aprovação dos principais interessados. Tais iniciativas podem e devem ser multiplicadas e estimuladas por diferentes caminhos e podem e devem obedecer a um projeto mais amplo, um projeto político coerente e inovador. (SANTOS, 2000, p.36)

As práticas ofertadas na Feira Kantuta podem ser tomadas como exemplo dessa afirmação de um lazer desenvolvido e fruído pela própria comunidade. As atividades de lazer, para além do mero consumo, podem por meio das referidas manifestações culturais, assumir representatividade nas distintas realidades sociais e então romper barreiras. Não há de se fazer então apologia contra ou a favor da indústria cultural de massa, mas devemos estar cientes de que ela pode, se usada indevidamente, tentar impingir ideologias e comportamentos ao ser humano. Nesse aspecto deve-se observar o oferecimento de outras possibilidades de atividades de lazer às classes menos favorecidas, para além daquelas veiculadas pela mídia televisiva, em especial às classes de trabalhadores informais e desempregados, mais sujeitas a esse tipo de

influência, visto suas limitações de acesso, tempo e renda. Há um grave problema quanto aos desempregados que são vistos com preconceitos se visitam museus ou qualquer outro tipo de lazer gratuito pois algumas pessoas poderiam considerar que esses deveriam estar procurando emprego.

Na sociedade pós-industrial, o esperado tempo livre, apresenta-se como provável sonho. As taxas de desemprego são bastante expressivas, pressionando os trabalhadores a aceitarem o subemprego como modo de vida. Essa informalidade coloca-os à parte dos direitos trabalhistas e do tempo livre remunerado, necessário para o pleno desenvolvimento do lazer

Ao se analisar as implicações geradas pela globalização em uma determinada comunidade, há uma tendência a enxergar seu lado perverso, no qual a comunidade vê-se impingida a consumir um modelo já formatado e homogeneizado. Uma avalanche de produtos, formas de ser e vestir aparecem como ideal de vida, levando-se a acreditar que ao imitar essas tendências, adentra-se em um mundo novo e fazendo parte de algo muito maior: a modernidade.

Deve-se, entretanto ter um olhar mais crítico e entender que se por um lado a globalização tenta padronizar por outro lado, ela torna acessível informações e conhecimento em tempo real. Nunca antes na história, o conhecimento pode ser tão difundido, possibilitando até mesmo que essas comunidades locais apercebam-se das suas diferenças em contraposição às demais culturas.

O lazer desses imigrantes passa também por suas visitas à Praça Kantuta, que é utilizada como ponto de encontro e sociabilidade de uma comunidade que se reconhece como grupo social e que vê nas festas de seu povo, apresentadas na Feira, uma oportunidade de relembrar sua cultura em terra estranha. Essas atividades, no entanto, aparentemente apresentam-se como necessidade de reposição de energias para o trabalho.

Foto 9 – Feira de Alasitas – Feira Kantuta realizada na Vila Guilherme em razão do público ser maior do que a capacidade da Praça Kantuta.

Fruto do esforço e trabalho de muitos, em resumo, a comunidade boliviana pode reunir-se, falar de suas vidas, conhecer novos amigos, encontrar namorados, ouvir os mais recentes sucessos ou ainda aqueles antigos, mas por isso mesmo, inesquecíveis. Em dias de Festa poderão rever as danças e cantigas típicas de sua região. Alguns estão ali a trabalho, outros a lazer, todos, entretanto, comungam o mesmo ideal de uma vida melhor. Deixaram suas raízes, lembranças e viajaram milhares de quilômetros em busca de um sonho que nem sempre se concretiza. Fazem parte de um contingente humano que sai de seus países por acreditar que em outras terras poderão encontrar trabalho, dignidade, e uma vida melhor. Estes são os imigrantes bolivianos que todos os domingos povoam a Feira da Praça Kantuta. Além de espaço de lazer, as atividades desenvolvidas na Feira Kantuta são expressões da cultura boliviana desenvolvidas aqui em São Paulo.

6 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Apoiando-se numa abordagem qualitativa, fez-se uma aproximação com os estudos existentes (livros, revistas, periódicos, artigos), visto a necessidade de todo um embasamento teórico para uma melhor compreensão e análise dos dados coletados. Já como foco principal da pesquisa optou-se pela metodologia da história oral. Como apoio à história oral e técnica de coleta de dados, conciliou-se a observação sistemática a fim de melhor conhecer os sujeitos e também a dinâmica da Feira, as relações que os feirantes estabeleciam não só com seus pares mas também com os visitantes. Elaborou-se um roteiro de observação, no intuito de buscar elementos que pudessem auxiliar na avaliação das hipóteses levantadas. A mesma técnica de observação embora assistemática foi utilizada em durante a viagem a fim de estabelecer maior aproximação com o universo gastronômico boliviano (GIL, 2009).

Através da história oral intentou-se valorizar as memórias e histórias de um grupo de migrantes bolivianos, que tem na gastronomia sua expressão de trabalho, identidade e cultura. Para Matos e Senna (2011) cada sujeito sintetiza as experiências vividas em uma dada sociedade e percebe-a de forma individualizada. Não se trata de falar de uma história verdadeira, mas sim de percepções verdadeiras do real, emitidas por cada sujeito.

A opção justifica-se em razão da história oral ocupar-se com o subjetivo, o individual, tratando cada entrevistado como pessoa única, portadora de experiências únicas. Em especial preocupando-se também com pessoas comuns, ou mesmo minorias, para quem mais das vezes não são oferecidas oportunidades de se verem como protagonistas dos acontecimentos. Ou seja, cada sujeito é co-partícipe da história, faz parte, uma vez que somos acostumados a considerar que quem faz a história são aqueles personagens tidos como “importantes”, “ilustres”, aqueles nomeados nos manuais de história. A história oral por sua vez, permite aos sujeitos verem-se incluídos nos acontecimentos. Através da oitiva de suas histórias o pesquisador pode compor a mesma história apenas vista sob outros ângulos. “Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar ou social por exemplo, de tal maneira que suas lembranças são permeadas por interferências coletivas, moralizantes ou não” (MATOS, SENNA, 2011, pag. 96).

A história oral dialogando com o velho conceito de que apenas as figuras marcadas pela história oficial eram personagens históricos, oferece outra visão, na qual todos os cidadãos, “ilustres” ou comuns, são partes de um mesmo processo histórico. Portanto, “[...] a história

também trabalha a questão do cotidiano, evidenciando que a história dos ‘cidadãos comuns’ é trilhada em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente” (MEIHY, 1998, p.15, grifo do autor).

Para tanto a história oral vai ocupar-se dos depoimentos individuais dos sujeitos, obtendo-se assim diferentes testemunhos sobre um mesmo objeto. Deve-se lembrar de que as memórias individuais estão inseridas num mesmo contexto histórico social. Como numa colcha de retalhos, cada quadrado é único, representa-se por si, mas também representa o coletivo e é representado por ele. Para Delgado (2010) a história oferece conceitos, símbolos e métodos que permitem ao indivíduo pensar-se a si mesmo, num caminho que vai do presente para o passado. Possibilita-lhe ainda “[...] empenhar-se para diminuir o impacto do consumo diuturno do esquecimento e da perda de identidades, que são marcas importantes do mundo pós-moderno” (DELGADO, 2010, p. 53).

Para Alberti, um dos maiores desafios postos ao pesquisador é conseguir estabelecer evidências e correlações que contribuam com os objetivos propostos na pesquisa a partir de depoimentos tão singulares. “Nesses casos, o que interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto” (ALBERTI, 2012, p.36). Cabe então ao pesquisador ordenar os depoimentos, nem sempre narrados de forma linear.

Esta pesquisa utiliza-se das entrevistas temáticas no intuito de uma abordagem mais direta sobre a participação dos entrevistados no tema estudado. Quanto ao posicionamento do pesquisador, optou-se pela entrevista diretiva, na qual se estabelece um diálogo entre entrevistado e entrevistador, dando sempre maior espaço e peso para o discurso do entrevistado. “Essa opção pela entrevista diretiva se baseia na crença de que uma entrevista conduzida em forma de conversa, na medida do possível prolongada, produz melhores resultados do que aquela em que o pesquisador não intervém diretamente” (ALBERTI, 2012, p.119).

Durante todo o ano de 2012, desenvolveu-se o referencial teórico e realizaram-se visitas frequentes à Feira Kantuta. Estabeleceu-se um contato com a direção da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Padre Bento e compareceu-se a uma reunião mensal dos associados em 06 de março, às 19 horas, na Praça Kantuta, onde se localiza a sede da Associação, para apresentação do projeto. Explicitou-se a natureza da pesquisa quanto ao seu objeto de estudo, ou seja, a gastronomia boliviana desenvolvida aqui no Município de São Paulo, mais especificamente naquela Feira. Apresentou-se o projeto de pesquisa e foi oferecido

aos associados, a possibilidade de desenvolver-se um treinamento de manipuladores de alimentos adaptados às exigências da vigilância sanitária brasileira. Não houve posicionamento da direção quanto a realização desse treinamento.

O roteiro abaixo, foi apresentado a todos os entrevistados, que ficaram à vontade para discorrer ou não sobre as questões apresentadas. Não se levou em consideração a necessidade de identificar idade ou gênero.

ROTEIRO TEMÁTICO

Nome:

Conte sua história.

Por que veio para o Brasil?

Onde morou?

De qual região da Bolívia migrou?

O que fazia como ocupação na Bolívia?

O que faz como ocupação no Brasil?

Qual a importância da Feira?

Havia alguma ligação com a gastronomia na Bolívia?

Quais suas relações com a gastronomia aqui?

Tem mais alguma atividade além do trabalho na Feira?

Quanto às entrevistas, nos casos em que os entrevistados não fizeram alusão à cultura boliviana, questionamos se o entrevistado vê alguma relação entre cultura e gastronomia. Deve-se ressaltar que este roteiro não é fechado e nem rígido, menos ainda as questões seguiram a ordem apontada. Ele serviu de base para que as informações relevantes fossem abordadas, deixando os entrevistados livres para as suas falas. Deve-se ressaltar que todos os nomes dos entrevistados foram alterados no sentido de preservar suas opiniões.

Durante o mês de abril foram feitas visitas regulares e em 14 de abril de 2012, estive presente à Praça Kantuta o Cônsul da Bolívia, o Sr. Claudio Luna Marconi (no cargo há seis meses)⁴⁵. O consulado boliviano em São Paulo é representado pela figura do Cônsul Geral Jaime Pedro Valdívila Amanza, pelo Cônsul Claudio Martin Luna Marconi (que esteve presente na Feira) e os Vice Cônsules Edgard Herrera Campos e Vania Escarley Claros Semele.

⁴⁵ O Cônsul Geral é o Sr. Jaime Valdívila Amanza no cargo há oito anos.

Sua visita teve por objetivo divulgar o lançamento de um projeto destinado a levar mais esclarecimentos e auxílio à comunidade boliviana que reside indocumentada. O Cônsul, a partir dessa data, passou a estar quinzenalmente na Feira Kantuta para, pessoalmente, atender às demandas de todos os bolivianos que necessitem de esclarecimentos quanto aos seus direitos, regularização de permanência ou problemas trabalhistas no Brasil.

O Sr. Claudio Luna apresentou ainda um projeto lançado na Bolívia, destinado aos bolivianos que estão fora do país. Trata-se de cursos de capacitação profissional, não presenciais via internet, desenvolvidos pelo *Ministério de Educación Del Estado Plurinacional de Bolivia* em conjunto com a *Cancelleria boliviana*. Os cursos têm por objetivo formar e certificar os bolivianos que residem fora do país, na tentativa de possibilitar-lhes melhores inserções no mercado de trabalho. Segundo o Cônsul é uma preocupação do Governo Evo Morales com aqueles que vivem fora de seu país.

Ao longo do ano, e em razão da grande diferença cultural principalmente no que diz respeito à gastronomia, uma vez que muitos dos produtos utilizados são específicos da Bolívia, sentiu-se a necessidade de uma viagem que aproximasse mais esse país, pouco conhecido aqui no Brasil, dos estudos realizados.

A viagem foi realizada em julho, com o intuito de conhecer *in loco* um pouco da gastronomia boliviana. Como projeto visitou-se as cidades de Santa Cruz de La Sierra (maior e mais populosa cidade boliviana, centro econômico do país), La paz (sede do governo e uma das cidades expulsoras de migrantes), Sucre (antiga capital boliviana) e ainda o Salar do Uyuni, o maior deserto de sal do mundo.

Ressalta-se alguma dificuldade para organizar uma viagem para a Bolívia. Primeiramente a falta de oferecimento do destino Bolívia por parte das agências de viagem. Em contato com duas agências a Viva Terra e a Cia Eco que se apresentam como especializadas no destino Bolívia, os roteiros foram elaborados de forma personalizada, pois não há ofertas de pacotes. Cada um dos roteiros, não saiu por menos de três mil e quinhentos dólares, mesmo solicitando-se acomodações básicas, uma vez que pouco se permaneceria nos hotéis e que enquanto pesquisadores não se tem uma verba muito elástica. Por fim elaborou-se um roteiro alternativo, com chegada e partida de Santa Cruz, pois os voos da Companhia Gol saem mais em conta, e de lá seguindo-se para La Paz de avião, para o Uyuni e Sucre de ônibus e por fim uma viagem de 17 horas em ônibus comum para regressar à Santa Cruz.

Nossa escolha baseou-se na tentativa de estabelecer um comparativo entre as diversas ofertas de comidas: de rua, restaurantes, *fast food* etc. Teve também a intenção de

estabelecer contato com a cultura e comparar os pratos oferecidos na Feira Kantuta com pratos típicos servidos em La Paz e as famosas *salteñas* oferecidas em Sucre. Foram feitas visitas aos mercados centrais, restaurantes e barracas de rua.

6.1 Bolívia – a viagem

Aterrissar no Aeroporto Internacional Viru Viru, em Santa Cruz de La Sierra, é meio que como voltar no tempo, chegar a um ambiente desconhecido, pesado, lento, com funcionários militares uniformizados, a bandeira boliviana em um pedestal e a foto de Evo Morales em uma das paredes é algo meio surreal. Ultrapassada a barreira da língua, o estranho vai-se fazendo presente e talvez, por impertinente insistência, vai-se fazendo comum...

Aos poucos descobre-se as peculiaridades do local, e o que parecia “diferente e antigo” cada vez menos causa estranheza e desconforto. Santa Cruz é urbanizada, mas poderia ser confundida com qualquer cidade do interior de São Paulo, não fosse a diferença da língua e os traços marcantes de sua gente. Encontram-se muito bolivianos oriundos de todas as partes da Bolívia, mas também pessoas de várias partes do mundo, de forma que alguma confusão poderia ser feita. Fez-se algumas visitas a restaurantes, em especial o *Casa del Camba* que serve os tradicionais pratos bolivianos e pode ser frequentado com segurança, de acordo com as pessoas do local.

Foto 10 - *Casa De Camba*, restaurante típico boliviano.

Além dos restaurantes observou-se a comida de rua:

Foto 11 – Vendedor de café na *Plaza 24 de Septiembre*.

Foto 12 – Vendedora de frutas – rua de Santa Cruz de La Sierra.

Extremamente interessante a visita a um de seus Mercados: a *Cooperativa Multiactiva 2 de Junio Abasto Ltda.* Muito diferente dos Mercados brasileiros, os alimentos são vendidos em barracas de madeira ou mesmo no chão. Há uma infinidade de batatas, e isso é o que mais chama a atenção, lisas, congeladas, brancas, escuras, amarelas, rosadas, difícil para um leigo entender a diferença entre elas. Legumes e verduras, alguns deles muito maiores do que os vendidos aqui, como por exemplo as abóboras e os milhos (brancos, amarelos, vermelhos, negros). Um setor específico vendendo comida, barracas também em madeira, e com pouca estrutura, oferecem os pratos típicos de Santa Cruz, a comida “*Camba*” (denominação utilizada pelos *cruceños*, habitantes de Santa Cruz, para distinguiem-se dos demais bolivianos, principalmente os moradores de La Paz, Cochabamba e Oruro). Uma verdadeira incursão em cores, aromas e sabores dos mais diversos.

Foto 13 – Aji seco vermelho, aji em pó amarelo e vermelho.

Foto 14 – Batata congelada e desidratada – *Chuño*

Após três dias seguiu-se para La Paz e aí sim a Bolívia. Cinco mil metros de altitude, com a Cordilheira sob os pés, a experiência é única!

Das nuvens a visão de El Alto parece insólita. Um brilho vai-se adensando no chão, e em razão da altitude, fica difícil precisar o que seja. Ao iniciar o procedimento de aterrissagem um vermelho cor de terra toma conta de todo o chão, superposto pelo brilho dos telhados de zinco. Um mar de casas de bloco de tijolo cobertas de zinco vai-se formando. Na Bolívia o imposto predial para as casas em construção é menor e talvez por isso, a imensa maioria das casas nunca é acabada... Tem-se então a impressão de se estar num canteiro de obras, a céu aberto, exponencialmente multiplicado.

Foto 15 – Vista aérea de *El Alto* – *La Paz*.

Tem-se ainda a impressão de que a Cidade de La Paz, que fica num vale, aparentemente foi subindo os morros que a volteiam, até que não havendo mais para onde subir se esparramou pelo planalto.

Foto 16 – Vista dos morros de *La Paz*.

Novamente a impressão de retrocesso embora já mais atenuada. Dentro de uma van coletiva, a experiência é impagável: cores, aromas e sabores sobem e descem durante todo o percurso, de milho a mamão, passando por sorvete e outros petiscos que nem sempre pode-se identificar, mulheres em seus trajes típicos, jovens em jeans e camiseta, uma profusão de estilos.

Estar em La Paz, é estar no coração da Bolívia... *Cholitas*⁴⁶ com crianças penduradas no colo, em seus trajes típicos e seus chapéus, andando displicentemente pelas ruas, num desfilar de saias multicoloridas, integradas com pessoas trajando roupas mais ocidentalizadas, se é que pode-se dizer assim. Fotos de Evo Morales em *out doors* descrevem as melhorias que já foram e estão sendo implementadas.

Falar de Evo Morales em La Paz foi totalmente diferente de falar em Santa Cruz. Em La Paz ele é muito bem avaliado e em Santa Cruz há muita controvérsia e muito descaso com o Presidente cocaleiro. Em conversa com uma pesquisadora em La Paz ela fala sobre a

⁴⁶ Cholitas: nomenclatura para as bolivianas em seus trajes típicos.

vida em seu país e as divergências entre as cidades que compõem a “meia lua” e o resto da Bolívia, corroborando com muito do que já se leu sobre a questão. Diz-se que hoje em dia, pós governo de Evo, as *cholitas* podem andar nas ruas em seus trajes tradicionais (e usuais para elas) sem vergonha o que não ocorria anteriormente quando tinham de trocar-se para entrar em um banco.

Andar pelas ruas de La Paz, sentir seus cheiros, cores, sabores, arriscar-se no mercado das bruxas, negociar nas primeiras horas da manhã roupas, a maioria delas provenientes da China e arredores, em uma feira a céu aberto, enfim, tentar experienciar a vida desse povo anonimamente é quase impossível. Os traços fisionômicos do boliviano são tão característicos que você sempre vai sentir-se e ser tratada como estranha. Ao entrar em um restaurante tradicionalmente boliviano, Restaurante Atalaya, recebe-se olhares de todas as mesas, não de acolhimento mas de estranheza. Observando-se os pratos servidos, não diferem daqueles oferecidos na Feira Kantuta. Ressalva e destaque especial para a truta fresca, que vem do Lago Titicaca.

Foto 17 – Pique macho⁴⁷

Foto 18 – *Trucha del Lago Titicaca*.

Iniciou-se então as observações sobre a gastronomia boliviana, pratos oferecidos nas ruas, restaurantes, quiosques. Há na Praça São Francisco, em La Paz, um shopping no qual muitas barracas oferecem pratos completos. As condições de cada barraca são mínimas, com

⁴⁷ Pique macho: pedaços de carne bovina cozida, salsichas, batatas fritas, tomates, temperado com locoto, cominho, alho, pimentão e cebola.

um espaço exíguo e sem muito cuidado higiênico sanitário. Também são oferecidas frutas picadas em taças, com iogurte e canudos de *waffer*.

Em todos os relatos de viagem há sempre uma indicação para não se comer nas ruas bolivianas e entende-se após a visita o porquê. Deve-se dizer que não há restrições quanto às barracas, ou ao aspecto às vezes mal cuidado ou mal limpo. Comer nas ruas é bastante comum e em qualquer lugar você encontra alguém oferecendo algo, de frutas a pratos prontos em marmiteix, em carrinhos, em sacolas improvisadas, enfim não importa o local.

Foto 19 – Comida de rua em feira em *La Paz* – *Saltipapas*.⁴⁸

⁴⁸ *Saltipapas*: Batatas fritas misturadas à salsicha grelhada, servidas em um saquinho ou prato descartável.

Foto 20 – Almoço servido durante visita ao *Salar do Uyuni*.

Aos poucos acostuma-se com o jeito meio fechado dos bolivianos, não é um povo que sorri abertamente quando abordado. Mas após alguns momentos, muitos deles tornam-se mais abertos, gentis e solícitos, outros em contrapartida querem lhe cobrar até para tirar uma foto. Ser brasileiro sempre fez a diferença, há muitos migrantes que vem para o Brasil.

Para se chegar em El Alto serpenteia-se os morros de La paz.

Foto 21 – Subida dos morros de *La Paz* em direção a *El Alto*.

Em São Paulo há reportagens sobre a Cidade que hoje é uma das maiores expulsoras de imigrantes, para o Brasil, que vêm trabalhar na costura. Elas falam dos espantinhos que os

moradores colocaram nos postes para afugentar os ladrões. Os cartazes advertem para que os ladrões se acautelem, pois se a polícia não os prender serão mortos pelos moradores. Em nossa passagem por El Alto vimos vários desses espantalhos pregados aos postes. Aparentemente a cidade parece vazia, pouca gente nas ruas, muita poeira e um infinito de casas de bloco de tijolo e telhados de zinco.

De La Paz para o Salar do Uyuni, do Salar para Sucre e enfim o regresso de Sucre para Santa Cruz, que foi um sacolejar por 17 horas em um ônibus, sem ar condicionado, sem banheiro, e sem as mínimas condições de segurança, um ônibus de viagem comum à maioria dos bolivianos. Vivenciou-se as experiências pelas quais um cidadão comum boliviano passa em uma viagem de 17 horas. Na foto abaixo à esquerda, os banheiros feitos em zinco, sem portas, sem latrina, apenas com um buraco no chão, à direita da foto o restaurante e os carrinhos vendendo comida, e ao fundo um paredão de terra em que a maioria dos viajantes utiliza como sanitário para não pagar. Os homens abrem as calças e sem a menor cerimônia urinam, as mulheres urinam em pé em meio às suas saias e anáguas, ninguém lava as mãos (nem nos banheiros nem no paredão), todos vão comer e sobem no ônibus depois. Muitos abrem suas mochilas e comem o que trouxeram. Um casal com os dois filhos (mais de seis anos cada, sentados os quatro em duas poltronas) comeram frango e farofa e depois limparam as mãos nos bancos. Enfim é um mundo novo, ou velho, diferente, onde deve-se desprezar de preconceitos para respeitar os modos de vida de um povo que luta e vive. Na Bolívia, ao menos uma vez, viva como os bolivianos! Ou tente!

Foto 22 – Parada de ônibus de viagem para alimentação e utilização de “banheiros”

Aparentemente não há muito controle por parte das companhias de ônibus. Eles permitem que famílias de quatro pessoas embarquem com dois bilhetes e viagem em dois bancos apenas (um casal e dois filhos no colo do casal), durante a viagem o pai deitou no chão e dormiu; uma senhora com a neta viajando da mesma forma em apenas um banco, durante a viagem a avó deixou a menina sozinha e foi para frente, a menina dormiu e apoiou-se literalmente no ombro de um passageiro e no seu banco; fazem paradas no meio do nada, as pessoas descem e usam a “pretensa estrada” (uma picada de terra batida no meio do nada) como sanitário, homens e mulheres todos juntos. Nesse precioso momento pode-se sentir um pouquinho como um boliviano em suas agruras.

Passear pela Bolívia é uma experiência riquíssima tanto enquanto turista, pois oferece a oportunidade de pensar o porquê de tantos europeus e asiáticos vagando por lá e conhecer lugares maravilhosos pouco divulgados aqui no Brasil. Para esta pesquisa, a viagem foi um divisor de águas, pois ver esse povo em seu território, donos de suas vidas e histórias, entender como a gastronomia se desenvolve nos mais diversos espaços, entender um pouco da cultura em que essa gastronomia está inserida, ver as questões de deficiência de higiene e segurança alimentar nos mais diversos locais de venda de comidas típicas, permite rever pré-conceitos realizados sobre o grupo que trabalha na Feira da Kantuta. Entender o porquê do estranhamento quando lhes é oferecido um curso de higiene e manipulação de alimentos. Todos os procedimentos presenciados semanalmente na Feira são de longe muito mais seguros do que os vistos em qualquer canto da Bolívia, sejam nas barraquinhas, carrinhos ou quiosques. Permite agora falar com a propriedade de quem, mesmo que por pouco tempo teve contato com sua cultura, suas dificuldades e experiências.

Explicitados os procedimentos de pesquisa, desenvolve-se a partir de agora a análise dos dados encontrados.

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS ENCONTRADOS

Ao se conversar com os associados e em algumas entrevistas, percebe-se que muitos têm na gastronomia uma segunda ocupação. A maioria deles trabalha durante a semana na “Feirinha da Madrugada”⁴⁹ no Bairro do Brás e aos domingos trabalham na Feira Kantuta. Parte dos entrevistados migraram para o Brasil para trabalhar no ramo da costura e apenas posteriormente passaram ao trabalho com a gastronomia.

A Feira Kantuta possui 07 barracas de comida boliviana, 03 barracas de comida peruana, 04 barracas de venda de produtos alimentícios bolivianos, 02 barracas de pão caseiro, 01 barraca de doces e bolos, 02 barracas de *salteñas* e 01 barraca de sorvete. Há alguma polêmica sobre o aceite de uma nova barraca de sorvete, que iniciou suas atividades há poucos meses, pois além de ser um sorvete de máquina não há nenhum sabor característico.

Foto 23 – Barraca de *salteñas*.

⁴⁹ Há 10 anos acontece a Feirinha da Madrugada, antes na rua na região da Rua 25 de Março, centro de São Paulo, agora na região do Brás. A Feirinha da Madrugada funciona de segunda a sábado das 3h00 às 10h00. Hoje a feirinha não está mais na rua, são vários bolsões (estacionamentos onde as bancas ficam) e shoppings da região que abrem nesse horário. Em alguns shoppings esse horário é estendido até o fim do horário comercial. Disponível em: <http://www.feirinhadamadrugada.com.br/>

Foto 24 – barraca de pães caseiros.

Foto 25 – barraca de *chicharron*: carne de porco frita, chuño, choclo (milho grande e branco) e molho picante.

Deve-se ressaltar a dificuldade em abordar os associados, uma vez que no início da Feira, dizem estar ocupados não podendo atender e ao final o mesmo acontece. Aparentemente há um medo velado quanto às gravações. Com muita insistência, e assegurando que as entrevistas não eram para jornais, televisão ou revistas, e cheios de reservas, conseguimos algumas falas. Os entrevistados são sempre tímidos e parcimoniosos em suas respostas e há de se insistir para que essas sejam um pouco mais longas. Ao término da gravação, ficavam mais tranquilos e acabavam fornecendo mais informações e conversando sobre o tema abordado. Ressalva seja feita ao dono de uma das barracas de *salteñas*, o senhor Marcos, boliviano originário de Santa Cruz de La Sierra, que teve uma trajetória bastante diferente dos demais. O senhor Marcos foi um dos responsáveis pela transferência da Feira e pelo nome dado à Praça. Contou-nos sua história ainda quando vivia na Bolívia, posteriormente sua vinda para o Brasil e suas relações com a Feira Kantuta e com a gastronomia boliviana. Pouco se necessitou perguntar, pois o entrevistado tem muito domínio e orgulho em contar a sua história e em especial seu envolvimento de vida com a Feira, houve momentos de profunda emoção em que seus olhos chegaram a ficar marejados.

Entrevistou-se quatorze pessoas, das quais dez são associados (sendo nove bolivianos e um brasileiro) e quatro são visitantes (dois bolivianos e dois brasileiros). Realizou-se um total de cinco horas de gravação autorizada e muitas horas de conversas e entrevistas sem autorização para gravação. Em dezessete de março de 2013 realizaram-se quatro entrevistas e em quatorze de abril mais duas, uma gravada e uma escrita; em quinze de junho de 2014, realizaram-se oito novas entrevistas, seis gravadas e duas escritas. Ao considerar-se as respostas e relembrar o problema de pesquisa e as hipóteses tem-se a validação das mesmas, ou seja:

Problema de pesquisa:

O que representa, para os integrantes da Associação Gastronômica, Folclórica e Cultural Padre Bento, as atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta: oportunidade de trabalho, lazer e/ou processo para reprodução de sua cultura em terra estrangeira?

De acordo com as respostas pode-se afirmar que as atividades gastronômicas representam oportunidade de renda e trabalho para todos os integrantes da Associação, entretanto, apesar de constatar-se que elas também representam oportunidade de lazer e de manutenção de sua cultura, a maioria dos entrevistados não tem isso claro. Os Associados que trabalham na Feira não se veem como produtores ou reprodutores da cultura de seu país.

Como hipóteses:

1. A gastronomia é utilizada como forma de renda para os imigrantes bolivianos.

Sim a gastronomia é utilizada para a maioria como composição de renda dos imigrantes e para alguns representa a única fonte de renda.

2. As atividades gastronômicas, para além do trabalho, são percebidas como forma de reprodução de sua cultura em terra estrangeira e ainda como possibilidade de lazer.

Apesar de percebermos todos os associados em uma interação social entre eles e com amigos que visitam a Feira, eles não têm isso como um pressuposto claro em suas vidas; uma pessoa apontou a socialização como oportunidade da Feira, mas porque instigada por uma pergunta. Quanto à cultura, apenas um entrevistado fez uma relação clara da cultura com as atividades ofertadas na Feira, os demais, apenas relacionam as atividades que desenvolvem com cultura quando perguntados. Podemos apreender entretanto que mesmo não explicitado pelos entrevistados, as atividades desenvolvidas representam sim cultura e socialização para esses imigrantes.

3. A Feira possibilita o desenvolvimento de redes de imigrantes como suporte para os que chegam.

Sim a Feira atua como uma rede de suporte para a chegada dos novos imigrantes inclusive, no final de Feira, após as 18 horas, ocorre uma reunião de donos de oficinas com o oferecimento e recrutamento de bolivianos para ocuparem postos de trabalho na costura.

A partir deste momento analisam-se os dados obtidos, agrupando-os em categorias de análise confrontando-os com os estudos apresentados no referencial teórico desta pesquisa.

7.1 Cultura e gastronomia

“Bebida é água. Comida é pasto. Você tem sede de quê? Você tem fomo de quê? A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida a gente quer saída para qualquer parte” (Comida, Titãs).

A gastronomia está presente em todas as manifestações humanas, não só porque representa uma condição essencial para manutenção da vida, mas também porque interfere em todas as relações humanas, seja no seu contato com as festividades, com os rituais sagrados ou mesmo com a morte.

Assim como no mundo todo, também a gastronomia boliviana tem sofrido as influências da globalização, em especial no que diz respeito aos restaurantes *fast food* que também marcam sua presença no país. Em 2002 houve toda uma polêmica sobre a derrocada da poderosa rede de hambúrgueres *MacDonald's*. A mídia muito divulgou sobre sua saída da Bolívia e até encontram-se muitos vídeos no *Youtube* fazendo alusão às escolhas saudáveis e à rejeição dos bolivianos frente às comidas rápidas. É fato que a Rede saiu da Bolívia sob o argumento de que as lojas não eram rentáveis e que a Bolívia é o único país em que a franquia faliu, mas isso não pode radicalizar a aversão dos bolivianos para com a comida rápida. Haja vista que a Bolívia tem ainda várias redes de *fast food* principalmente em Santa Cruz e La Paz. A Rede *Subway*, por exemplo, conta com 9 lojas, todas estabelecidas em Santa Cruz e La Paz. Já a Rede *Burger King*, cuja franquia pertence ao empresário e ex-candidato à presidência da Bolívia, Samuel Doria Medina, líder do Partido da Unidade Nacional (UN), está no país há 11 anos mas não possui um site para maiores informações sobre suas lojas (está em construção), a Rede está presente apenas na Rede Social *Facebook*, com publicidade sobre seus lanches e eventos. Encontram-se ainda em Santa Cruz as Redes: *Pizzas Hut*, *Kentucky Fried Chicken*, *Starbucks*, *Chili's Grill & Bar*, *Hard Rock Café*, *T.G.I. Friday's* y *Sbarro*.

Entende-se assim, que a discreta presença dessas redes reafirma algo sobre os costumes e escolhas do povo boliviano quanto ao seu paladar, mas não quanto a escolha sobre a comida rápida, pois há uma forte presença da Rede boliviana de *Fast Food Pollo Copacabana* em La Paz e Santa Cruz, sendo bastante frequentada pelos bolivianos. A Rede oferece diversos cardápios todos à base de frango, inclusive as *hamburguesas*. Entrar em uma Loja *Pollo Copacabana*, é uma experiência totalmente diferente das redes às quais se está habituado aqui

no Brasil. Se estiver na hora do *rush* então, vai-se notar um grande alvoroço, muito barulho e pessoas animadas comendo pedaços de frango com a mão, sem se importarem muito com a ausência de guardanapos suficientes para limpar as mãos, ou mesmo com a superlotação e higiene do salão, a loja visitada situa-se no centro de La Paz. Além da compra para consumo no local, há também muitas pessoas que comprem para consumirem em suas casas. Os preços são bastante mais acessíveis do que os da Rede *Burger King* por exemplo, que no mesmo horário, não possuía um quarto dos clientes da *Pollo Copacabana*.

Dessa forma, deve-se avaliar se a questão passa efetivamente pela aversão às comidas rápidas, pela questão do gosto ou mesmo do preço dessas comidas. Não se deve esquecer da imensa oferta das mais variadas comidas típicas bolivianas seja em barraquinhas ou mesmo em carrinhos, a preços muito mais acessíveis, inclusive carrinhos de *hamburguesas*.

Ainda em se tratando de globalização tem-se a instalação do Restaurante *Gustu* em La Paz, sob a supervisão do renomado *Chef* e empresário Claus Meyer e sua Fundação *Melting Pot Bolívia* criada para impulsionar a gastronomia boliviana através da melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos e utilização de produtos locais e sustentáveis, com vistas a posicionar a Bolívia como um destino turístico gastronômico de primeira linha. Desde 1992 o Chef Clauss através de sua Fundação, leva sua experiência a vários países, buscando através da gastronomia, elevar o nível de vida dos cidadãos qualificando-os e promovendo emprego e renda, desenvolvendo pratos que se utilizem dos produtos típicos de forma sustentável, dinamizando assim a economia local.

Entende-se assim que se por um lado a globalização atua no sentido de padronizar produtos e gostos nas redes de *fast food*, atua também no sentido inverso ao tornar a experiência gastronômica ímpar quando da degustação de um prato inovador, mas não por isso, menos carregado de toda uma carga cultural, porque obedece a processos de produção ancestrais, possibilitando a manutenção de uma identidade nacional baseada nos antigos costumes locais. Neste caso, vemos o global tentando preservar o local, através de técnicas sustentáveis e que buscam a emancipação desses grupos.

Encontra-se a gastronomia dessa forma representando algumas estruturas sociais e econômicas de um país. Nesse aspecto, a maneira como os bolivianos utilizam, transformam e consomem os seus alimentos, as diferentes técnicas culinárias peculiares a cada departamento, ou mesmo a propalada resistência às influências externas na cultura alimentar de seus povos, falam das estruturas sociais e culturais desse País. Ao considerar-se, por exemplo, o *chuño* (batata preta desidratada) e a *tunta* (batata branca desidratada), vamos entender que se trata de

um processo de conservação extremamente antigo, ainda originário da época em que não existiam os aparelhos eletrodomésticos de refrigeração, e que é preservado até os dias de hoje.

A entrevistada Marlene conta-nos que:

Marlene – A história antiga é que nos tempos atrás não tinha geladeira boa de guardar a batata aí foi estragando... é tipo estragando. Como é frio lá na Bolívia ele fica preto, então ele é todo um processo... a gente chama de *chuño*.

O fato de se congelar e desidratar a batata repetidas vezes até escurecer ou mesmo se congelar a batata na corredeira de um rio e depois desidratá-la para que elas possam ser mantidas por meses intactas, demonstra muito da cultura desse povo, que mesmo hoje, mantém os processos originários de seus povos indígenas. Isso denota a importância da manutenção dessa cultura que é ancestral, de um grupo, indígena em sua maioria, que até bem pouco tempo, não era considerado como cidadão e que ainda mora em regiões muito afastadas das cidades urbanizadas e que tem pouco acesso às facilidades tecnológicas. Essa estrutura econômica e social também pode ser observada ao considerar-se a manutenção dos processos artesanais antigos, nos diversos povoados, e que são utilizados para conservação de seus alimentos para consumo e sobrevivência.

Considera-se portanto, após intensivas observações, que as atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta são efetivamente expressões da cultura boliviana reproduzidas por um grupo de imigrantes, que vê nessa atividade uma oportunidade de renda, mas que também possibilita ao grupo, manter-se unido por uma mesma identidade. A entrevistada Marlene fala sobre a Kantuta e as expectativas dos frequentadores e explica que:

Marlene – Que eles (**os imigrantes bolivianos mais recentes**) são de oficinas de costura ou às vezes eles vêm encontrar os próprios amigos, comer, fazer essas coisas. E aqui eles encontram vários tipos de costumes, a nossa comida... a nossa dança, a nossa música, os nossos amigos, é um encontro na verdade, porque a semana toda eles trabalham e final de semana eles vêm encontrar, ou às vezes vêm procurar emprego, ou às vezes também a maioria vem ensaiar. Que a gente tem os nossos grupos de dança, que participam aqui na Praça... pra... o costume não morrer né... a nossa cultura não morrer. (Grifo nosso)

Os pratos típicos oferecidos aqui na Feira Kantuta, representam mais diretamente a culinária regional dos departamentos de La Paz (que inclui El Alto) e Cochabamba, não por acaso, os mesmos apontados pelos estudos como expulsores de emigrantes bolivianos, os quais vêm para trabalhar na costura aqui no Brasil. Dessa forma os visitantes e mesmo os associados, relembram suas origens semanalmente, ao se encontrarem, dançarem, ouvirem músicas e mesmo ao degustarem as comidas típicas, principalmente levando-se em consideração o reduzido número de restaurantes bolivianos em São Paulo; ou a dificuldade de oferta dos

alimentos que integram as receitas, uma vez que grande parte deles só são encontrados na Bolívia. Como exemplo temos o *choclo blanco* um milho branco e muito grande, nada semelhante ao milho brasileiro; ou ainda as variedades de batatas como o *chuño* (batata preta) ou a *tunta* (batata branca), as duas congeladas e desidratadas. Marlene argumenta que muitos dos alimentos que compõem a gastronomia de seu país têm de ser importados de lá porque:

Marlene – Não há plantação nenhuma... se há, há na fronteira mas... aqui não pega... o milho não pega... a *quiquinha* também não nasce... já tentaram plantar mas não pega. A batata também tentaram, mas não pega... a batata o *chuño*? O *chuño* é congelado.

Alguns desses processos, principalmente com relação à batata, acabam por restringir-se a áreas geladas e daí não serem tão difundidos ou copiados. São processos exclusivos de um povo que teve de vencer as dificuldades para sobreviver e isso faz parte do seu acervo cultural. Aparentemente para muitos dos associados, imigrantes bolivianos, a cultura ainda é algo reservado às pessoas instruídas (cultas) e por isso não conseguem ver-se como produtores de cultura. Quando perguntados sobre suas atividades, entendem que reproduzem processos passados de geração a geração, mas não os identificam como processos culturais. Isso pode ser atribuído inclusive a um certo preconceito, uma vez que até algumas décadas atrás, a culinária e a cozinha em especial eram reservadas às mulheres, e portanto, apenas como atividade menor, necessária para alimentar as famílias mas desprovida de qualquer *status*. É em razão disso que Williams propõe a noção de cultura enquanto modo de vida, afinal, as atividades que esses imigrantes bolivianos desenvolvem na Feira e principalmente suas comidas, representam a sua cultura, regional e nacional, reproduzida fielmente em terra estrangeira para que possam ter uma referência de si mesmos. Para que mantenham a identidade de sua nação.

Aqui no Brasil, esses imigrantes vão trazer um costume bastante tradicional na Bolívia que é a comida de rua vendida em barracas e carrinhos, reunindo-se na Praça Kantuta. Marita, Dona Victória e Dona marisol relembram o início:

Marita – Foi ela (sua mãe) que trouxe todas as ideias da... Carnaval, foi ela que trouxe a ideia das Alasitas, foi ela então nossa culinária, a base da comida típica a gente o que faz? [...] De semana a gente cozinha normal, batata, cenoura, feijão, macarrão, mas o final de semana sempre a gente varia nossa culinária.

Victória – então eu conhecia a comida boliviana, eu conhecia os produtos, então eu pensei... alguém não pode vender aqui, não há comida boliviana, será que posso vender? E comecei uma tarde de domingo na Praça de eventos do Pari (Praça Padre Bento). E aí eu levei um pouco de panelas e uns pratos pequenos, aí que eu vendi, e comecei a vender quase tudo, aí na semana que vem também fiz a mesma coisa, acabei minha comida. Aí eu comecei e depois comprei barraca, e as mesas... e já comecei...

Marisol – Cheguei aqui, eu falei para minha filha, para meu marido, eu vou viajar para a Bolívia, então chego e vou trazer todas essas coisas, e vamos vender e vendemos. [...] Ahã ... é muita coragem, essa é uma Feira que tem de ter permissão. Aí depois os vizinhos, meio dia e foi no dia de *Alasitas* né, meio dia foi que saíram da lanchonete, contam os vizinhos, vinha para mim... não sei... alguém, foi uma de nós,

porque vai vender, o homem disse: – Cadê Dona Marisol? Eu estive procurando Dona Marisol. Senhor sou eu. – De onde você tirou permissão para você vender aqui? Para você sentar-se aqui com sua barraca? Não, em nenhuma parte, eu falei. Então vamos pegar, rapa essa venda, rapa essa venda também. Não, não senhor, só um pouquinho, já vamos levantar, já vamos embora, vamos embora... para pouco, já estava acabado também a venda, já não tinha também, tinha pouca coisa aí. Foi o que trouxe. [...] Depois domingo de tarde, eu saí outra vez com comida, às cinco horas da tarde, eu cozinhei comida, saí também. Saí também a cozinhar todos os domingos, aí foi as vendas, a Feirinha cresceu.

Dona Marisol, como todo boliviano bastante ligado às tradições religiosas, atribui à *Alasitas* (e por conseguinte ao deus *El Keko*) a proteção à Feira:

Marisol – Vieram umas outras pessoas, já não era sozinha. *Alasitas* todas as manhãs estava a vigiá-los, aos vizinhos, aos amigos. Voltaremos em *Alasitas*, venderemos no dia vinte e quatro (de janeiro dia de *Alasitas*), e poucas coisas... depois agora é grande. Hoje *Alasitas* é muito grande, assim... essa foi minha história senhora.

Deve-se entender que a cultura boliviana é bastante rica e reverencia a Mãe Terra, e vários deuses. De acordo com a tradição, todo o dia vinte e quatro de janeiro, é comemorado o dia de *Alasitas*, e os bolivianos pedem ao deus *El Keko*, tudo o que necessitam para o ano. Nesse dia, aqui em São Paulo, a Feira desloca-se para algum outro local, pois ela aumenta muito em tamanho e frequência. Miniaturas dos mais variados produtos, são confeccionados pelos artesãos e vendidos. Diz a lenda que deve-se comprar todas as miniaturas do que se quer, desde casamento, passando por dólares, oficinas, casas enfim, e embrulhá-las em um pano e levar para ser abençoado por um Xamã.

Foto 26 – Festa de *Alasitas* 2013.

Foto 27 – barracas com miniaturas a serem abençoadas pelo deus *El Keko* através do xamã.

É a essa tradição que Dona Marisol se remete. Neste dia, aumentam-se as ofertas gastronômicas. Dessa forma a Feira e seus associados realizam não só um trabalho, para a maioria, alternativo, mas também preservam seus laços com a Bolívia, oferecendo inclusive a oportunidade aos seus conterrâneos de manterem sua identidade nacional, através de suas festas folclóricas e religiosas e sua gastronomia. É o que se pode verificar na fala da entrevistada:

Marisa – Sim é a nossa cultura, é um jeito de a gente não esquecer a nossa cultura. Aqui, aqui a gente já é ensinada a atender o cliente, atende, ensina, ensina como ele pode fazer, como ele tem que fazer.

Ou ainda na fala de Dona Vilma que durante a semana trabalha na costura e aos finais de semana vai trabalhar como empregada em uma das barracas:

Vilma – É assim né, a comida, mas como nós falamos né, a gente vem aqui a São Paulo né, mas quando nós trabalhamos essa comida outra, que nós fazemos no trabalho né, é sempre... a gente quer comer, mas a comida tradicional de cada Departamento, nós chamamos isso né. Querem comer e é por isso que nós oferecemos né, porque quando vem aqui a gente fica contente porque encontra uma comida que é do seu lugar, então acho que é isso.

Há o senhor Manoel, brasileiro que é Associado na Praça e que argumenta sobre a necessidade de preservação de um espaço de encontro próprio aos bolivianos:

Sr. Manoel – [...] o trabalho deles é muito voltado para a Feira aos domingos. Mais voltado à própria comunidade. Realmente o boliviano ele tem essa dificuldade de ...

de comunicação. Ele é mais voltado à comunidade, ele dá pouca atenção ao turista [...].

Nesse sentido, ao observar-se a Feira, nota-se uma frequência massiva de migrantes bolivianos, que todos os domingos, encontram-se na Praça Kantuta com o intuito aparente de estar em seu território, ouvindo seu idioma, entre seus pares. É como se nestes momentos, esse imigrante deixasse de ser um estrangeiro e readquirisse sua condição de cidadão e em consequência sua identidade. Dividido entre a necessidade da permanência, na luta por uma vida melhor, e o sonho de retorno, para suas raízes e referências sociais e culturais, ele encontra um ponto de conexão que o acolhe e que lhe permite ser boliviano, talvez por isso, não se note muito interesse em ampliação da Feira. Tem-se em algumas falas do Sr. Marcos, traços dessa necessidade de preservação de um espaço boliviano genuíno:

Sr. Marcos – [...] mas eles gostavam da nossa Feira, porque era diretamente boliviano, não tinha essas quinquilharias de bairro chinês [...] eu falei então põe Kantuta (nome da Feira), ah Kantuta é... Eu falei: primeiro, brasileiro não sabe o que é Kantuta, mas boliviano, escuta Kantuta em qualquer lugar do mundo, e sabe que é com ele...

Ainda na fala do Sr. Marcos, embargada de emoção, olhos marejados, nota-se a importância da Feira como espaço de memórias, não só da identidade boliviana, mas também da história de luta desses imigrantes por esse espaço, uma vez que foram expulsos da Praça Padre Bento e não teriam mais como reunirem-se:

Sr. Marcos – Essa é a sua vida, isso aqui é sua vida (fala a pesquisadora)! É ultimamente tem sido assim, minha... a menina dos olhos! [...] E eu falava para a Prefeitura né, poxa vida, essa Feira faz o que ninguém faz, nós temos folclore, fazemos comida, poxa vida, tem que aceitar como ela é, com essa modulação e aceitaram a modulação. [...] Um camarada estrangeiro (Sr. Marcos) vir aqui num lugar, que não é país dele, colocar nome numa praça, essa a melhor coisa que eu acho que eu fiz como boliviano. Não teve custo, não teve nada, não teve politicagem, nada, eu falei com os cabeças, com os administradores diretos, não foi através de vereador, foi direto com as pessoas, e... um trabalho bonito, limpo, fiquei cheio de orgulho né.

Percebe-se ainda, quando da inauguração da Praça, uma posse simbólica do território conquistado, observada ainda pelo Sr. Marcos:

Sr. Marcos – Eu lembro quando estava tocando... foi tocado o Hino brasileiro, o Hino boliviano estava tocando, a Praça estava lotada de gente, eu estava detrás da bandeira, longe, curtindo sozinho e ... de repente o som parou, quando estava no meio do Hino Nacional (boliviano), que nem num jogo do Brasil lá em Pernambuco ... não sei aonde, que ficou sem, a orquestra parou de tocar e o público continuando a cantar, aqui foi igualzinho... e o boliviano dificilmente canta, é tímido, naquele dia estava cantando. Mesmo nossa bandeira, porque o Adriano (secretário do Verde e do Meio Ambiente da época) quando subiu no palco falou: - este território que estamos inaugurando, é principalmente boliviano, onde vocês vão tecer, vão cultivar sua cultura, e tá, tá, tá, falou bonito. Então o sentimento era grande né, cantando ... ah! Foi bonito! Eu com minha esposa ficamos assim, porque foi um trabalho de nós dois né, sempre estávamos trabalhando juntos, e ... eu fazia uma coisa, ela, ela organizava!

Deve-se ressaltar que a Feira, quando da Presidência do Sr. Marcos possuía um site e tinha maior visibilidade em suas ações. Hoje as atividades são publicadas basicamente no site Bolívia Cultural, um site sobre a comunidade boliviana que vive aqui no Brasil. A fala de dois visitantes, Mario e Ivan, também pode esclarecer a falta de divulgação de informações sobre as atividades da Feira:

Ivan – Ah! Geralmente não, geralmente só vem eu e ele, vem eu e ele aqui pega... tá, visita pra ficar na Feira, pra vir nos dias de festas, isso não, a relação é rápida, é vir...

Mario – Comprar...

Ivan – Comprar o que tem que comprar ... a gente come aqui. Comer alguma coisa... tá...

Mario – Sai fora.

Ivan – A gente nem sabe se tem alguma coisa, tipo alguma festa...

Observamos ainda a fala do entrevistado:

Sr. Manoel – A impressão que eu tenho é que é do boliviano em geral, eles se relacionam muito bem entre eles, mas entre os outros eles são arredios.

Questiona-se se a preservação desse território, como espaço quase que exclusivo de bolivianos ou descendentes deles, não seja algo intencional. Se por um lado, a abertura da Feira para visitantes permitiria uma renda maior a todos os Associados, na contrapartida tolheria a sua liberdade. Se considerar-se que grande parte desse grupo de imigrantes vive sob quatro paredes trabalhando, comendo e morando no mesmo espaço, ter uma Praça para poder ser boliviano pode parecer algo reconfortante. Ter um espaço que reafirme sua identidade, e que lhe possibilite momentos de socialização e lazer, não é pouco para alguém que vive entre a incerteza de sua permanência e aceitação.

Há alguma controvérsia quanto ao uso do espaço, o Senhor Marcos durante o período em que assumiu a presidência da Associação, buscou incrementar a visitação na Feira não só no sentido de aumento de vendas mas também como possibilidade de reafirmar e aumentar as apresentações folclóricas. Ele argumenta que ao colocar um site no ar e anunciar as apresentações dos grupos Folclóricos, esses disputavam espaço para apresentarem-se pois tinham publicidade gratuita:

Sr. Marcos – Mas nos dois anos que estava de presidente, todos os domingos tinha folclore. Ah... eu tinha... sustentava um site[...] Me trazia um monte de gente, brasileiro tava aumentando, já tinha mais ou menos meio a meio, brasileiro e boliviano. [...] Quando os grupos a dançar eu filmava e no dia seguinte estava na internet, então chovia de grupo aqui, porque queriam aparecer na internet, no site oficial da Feira. [...] Então falaram isso (que estava se promovendo com o site) eu tirei (o site) para não fazer... depois passou um tempo eu falei besteira né? A Praça está vazia, cadê brasileiro, quando vinha brasileiro o consumo era bom, era bom! O boliviano já conhece bem, sabe o que vai comer, é metódico, come duas *salteñas*. Brasileiro vem come, come, acha uma maravilha, no outro domingo traz a turma, bem atendido, traz a turma e gasta!

Não por acaso o senhor Marcos é um dos poucos Associados que tem na gastronomia sua única fonte de renda, talvez por isso aliar o interesse em desenvolver a Feira e promover a sua cultura. Com uma visão maior, entende que quanto mais a Feira for divulgada, mais consolidado está esse espaço boliviano e também assegurada a renda de cada Associado. Ele relembra a condição em que no início a Feira se estabelecia e sua luta pela capacitação daqueles que trabalhavam nas barracas de comida:

Sr. Marcos – Tem algumas barracas que a turma já sabe, onde tem mais cerveja para beber, tem. Então eu sempre fui contra a venda de cervejas aqui. [...] Cerveja vendiam de garrafa, eu falei, nós não vamos vender não, já fez uma briga aí, que é isso... se vende, vende de lata. Aí não, e depois, quando a Prefeitura começou... isso aconteceu quando eu entrei lá no Pari, fui contra a cerveja em garrafa, vendiam em copos de vidro, eu falei: nada disso! Ou copos descartáveis, quebra, cai em cima, corta, depois como lavam? Como lavam. Lá eles tinham três né, três águas, um balde, então três baldes, não tinha... né... com um pano... era uma nata aqui, uma nata um pouco menos aqui.... ah! Que isso! Estávamos aqui quando veio a Prefeitura, antes de vir aqui, fizemos curso no DIMA – Departamento de Inspeção e Manuseio de Alimentos – era aqui perto na Vila Guilherme, aí ensinavam né, dos perigos, ah como se mantém os alimentos para que não se deteriore, alimentos que se deterioram rápido, e tudo mais, manuseio...

Nesta fala do Sr. Marcos encontra-se algo que chama a atenção uma vez que as condições encontradas na Bolívia, com relação à comida de rua é exatamente a que foi descrita ou seja: as barracas não se utilizam de material descartável e também não tem água potável disponível, dessa forma, a higienização de tudo é bastante precária. Há um shopping popular na Praça de São Francisco em La Paz, onde encontram-se dois andares de comidas servidas em barracas improvisadas, e em todas observa-se essa falta de estrutura para higienização. Em uma das visitas realizadas à Feira, a entrevistada Marlene também argumenta que para o grupo que trabalha com a gastronomia aqui na Feira, as condições de higiene são infinitamente melhores do que aquelas oferecidas na Bolívia e por isso os associados não demonstram interesse em melhorar ainda mais as condições de higiene na Feira e na manipulação dos produtos. Parece haver algo de cultural na forma em que se organizam para o oferecimento de alimentos, que num primeiro momento foi transferido para o espaço da Kantuta, mas que posteriormente teve de ser adequado minimamente às exigências públicas do Estado. Longe entretanto está de se poder dizer que a manipulação de alimentos na Feira seja segura. Mas ela é infinitamente superior ao tratamento dado na Bolívia à comida de rua.

Apesar do interesse do Sr. Marcos na divulgação da Feira, seja para aumento de renda ou para incremento das apresentações folclóricas e fortalecimento da identidade cultural boliviana, ele aponta a dificuldade em se manter um trabalho voltado à manutenção dessa

cultura, e argumenta que a feira tem sido desacreditada em razão das últimas administrações nas mãos de dirigentes brasileiros que fazem parte de Associação e lamenta:

Sr. Marcos – [...] depois a Feira caiu muito (após sua presidência), agora então, está largada às traças, não tem mais folclore, esse carnaval, o dinheiro, não sei se você veio (dirige-se à pesquisadora). Os grupos, por dinheiro, sem seus grupos, sem sua roupa de dança, vieram com roupa de ensaio no Carnaval. Coisa que no carnaval, eles têm de estar em sua roupa de folclore, não com grupo de dança, com ensaio... tradicionais, de bailar mesmo, não com a roupa de ensaio. Descrédibilidade, olha, cinco anos de presidente brasileiro, dois anos um boliviano, durante dois anos o folclore afluiu, aí de novo presidente brasileiro... aí os grupos não vêm. Eles vêm porque sentem necessidade do carnaval né, mas é ... depois virou um negócio também...

A gastronomia desenvolvida aqui na Feira, traduz a cultura boliviana passada de geração para geração, e é uma das possibilidades de reafirmação dessa identidade. Entretanto porque não se veem produtores de cultura, os Associados não relacionam os conhecimentos passados de mãe para filho, como transmissão de cultura, e assim, as receitas, os ensinamentos sobre as técnicas culinárias, que são preservadas até hoje, parecem apenas atividades desenvolvidas e necessárias para sobrevivência. Nesse sentido, questiona-se uma provável ruptura, ao menos parcial, desses ensinamentos aos filhos desses imigrantes. Haverá uma hibridização nessa transmissão?

Considera-se que não apenas as receitas bolivianas mas também as receitas brasileiras serão transmitidas. Infere-se com isso que, quando da passagem desses conhecimentos dos filhos de imigrantes bolivianos (segunda geração) para a terceira geração, muitas dessas receitas bolivianas podem se perder ou serem reelaboradas. Curso da história, curso da cultura que jamais é estática e menos ainda fechada! Essas transmissões culturais aparecem nas falas dos entrevistados carregadas de memórias, e a maioria delas remetem-se à infância dos entrevistados, vejamos:

Dona Manoela: ... você fica olhando a mamãe preparando não? Aí mamãe fala: - próxima vez que você vai cozinhar esse prato. A mãe disse: - Ah! O mais fácil, fácil... nós fala assim ... *aji de fidel*... *aji de fidel*, é mais fácil, fácil, fácil esse daí. Então aprende por aí cozinhar comida, *aji de fidel*... Aí... já com dez anos, doze anos, a gente já faz comida.

Marlene: Eu faço em casa, porque a gente compra cereais de lá, a gente faz em casa, porque quando a gente mora aqui há tempo, a gente, nossos pais ainda... criam a gente com essa comida, com a cultura de lá. Eu fui criada com a cultura de lá.

Dona Alcinda: Eu aprendi com dezessete anos a cozinhar, minha mãe me ensinou mesmo: - Vamos fazer comida né? Eu aprendi a cozinhar com dezessete, lá com minha mãe. [...] É e também a gente tem as crianças nascidas aqui, elas não querem a comida boliviana, elas querem arroz, feijão, carne. Na minha casa faço mais feijão e arroz mesmo. Por causa das crianças. É, eles estão acostumados, porque eles nasceram aqui. Não, alguma coisa eu faço, quando... pra degustar né? Ao final de semana aí eles comem comigo (comidas típicas bolivianas), mas assim, não comem como arroz e feijão né? [...] A gente já sabe de cabeça (as receitas)... já aprendeu já.

Sr. Marcos: Tava com mais de cinquenta anos já [...] Eu não sabia o que fazer, não conseguia nada (trabalho), então... comecei a vender *salteña*, no ano dois mil...

aprendi a fazer salteña, eu variei, mudei, mudei o recheio, acertei, eu fiz do meu jeito né... ficou boa, e ainda escutando as críticas dos clientes, eu escuto muito o que falam, pra melhorar né! [...] A maioria dos bolivianos não usa colher para comer.

Cozinhar não parece um ato cultural e sim uma rotina diária, uma atividade que vai permitir suprir uma necessidade biológica dos seres humanos, mas se assim o fosse, tão somente uma atividade corriqueira, não teríamos tantas diferentes técnicas, muitas das quais distinguem a origem de quem as executa. Ato social e cultural, as técnicas culinárias vão se reformulando ao longo da história, a gastronomia vai se reinventando, abrindo novos caminhos, retomando antigos, essa é a trajetória encontrada no grupo estudado. As receitas elaboradas aqui na Feira correspondem aos mesmos processos verificados na Bolívia, não encontramos mostras de hibridização em nenhum dos pratos oferecidos.

7.2 Migração, lazer e trabalho

**“Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra, vai pela serra, vai pelo ar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar, no ar” (Ferreira Gullar).**

Contraditória por natureza, a condição de provisoriedade do ser migrante, faz com que sua identidade seja sempre confrontada, uma vez que já não parece fazer parte do grupo que deixou e menos ainda sente-se acolhido pelo grupo ao qual tenta e precisa ingressar. A necessidade então de preservar sua cultura em terra estrangeira, faz-se como oportunidade de reafirmar suas origens, seus laços familiares e suas referências enquanto indivíduo. A busca por trabalho parece impor-se aos bolivianos, até para justificar sua condição de imigrante, o que os torna mais suscetíveis pois a maioria migra na condição de indocumentados e assim mais difícil ainda sua adaptação e acolhimento.

Como já apontado anteriormente, há basicamente dois fortes e distintos movimentos migratórios de bolivianos ao Brasil, um primeiro na década de 50 com a vinda de bolivianos para estudar ou mesmo atuar na medicina e odontologia e um segundo movimento,

a partir da década de 80 com a vinda de imigrantes bolivianos com pouca ou nenhuma formação profissional, para atuarem no ramo da costura. Essa pesquisa foca mais precisamente esse segundo movimento, uma vez que os imigrantes que atuam na Feira Kantuta, em sua grande maioria, argumentam ter vindo ao Brasil em busca de melhores condições de vida e para, ao menos inicialmente, atuarem na costura. As falas de alguns entrevistados podem ilustrar esse movimento:

Dona Alcinda: Não, eu vim com meu marido. Aí vim, trabalhei de costura, nunca gostei de trabalhar com costura. Aí eu trabalhei quatro anos, não, eu não gosto de costura não...

Marita: bom dia, meu nome é Marita, eu cheguei na época de 1989, minha mãe, minha família toda, minha mãe, meus pais, minha irmã. A gente veio para trabalhar na costura. Na época a gente trabalhava na costura.

Vilma: eu deixei (os filhos) com minha mãe. Deixei pois é um pouco difícil, complicado, porque eu não podia trazer aqui sem ter onde morar né, um pouco difícil assim né. Então a gente trabalhou um ano e logo fui trazer meus filhos porquê... É ... quando eu cheguei aqui, nesse momento eu trabalhei porque eu sou costureira né, eu sou costureira. Costura, somos costureiros, mas assim, meu trabalho é de segunda a sexta costura, mas aos sábados (e domingos) eu sempre venho trabalhar ajudando a vender comida.

As difíceis condições de emprego na Bolívia favoreceram a saída de bolivianos em busca de melhores oportunidades e possibilitaram aos coreanos, que na década de 80 já estavam estabelecidos no ramo de costura, explorar esse grupo de imigrantes que entrava no Brasil com pouca escolaridade e sem formação profissional. Dessa forma, inicia-se um movimento forte de chegada de bolivianos para trabalhar nas oficinas de costura sob condições desumanas, em regime de semiescravidão; trabalham e vivem no mesmo local, sob uma jornada estafante de em média 12 horas por dia de segunda a sábado. Dona Alcinda relembra seu início na costura:

D. Alcinda – Aí vim, trabalhei de costura, nunca gostei de trabalhar com costura. [...] Sim já era casada. Sim moravam os dois. Trabalhavam os dois também na mesma casa. Aí eu tive um filho, aí veio o segundo, aí tive de pensar. Não ficar mais trabalhando para outra pessoa, e trabalhar para mim né?

A entrevistada Vilma fala de sua jornada de trabalho, de segunda a sexta na costura e de sábado e domingo na Feira Coimbra e Kantuta respectivamente:

Vilma – Não, como eu falei antes, nós viemos aqui porque lá estava um pouco difícil o trabalho. [...] Quatro anos estou aqui. No primeiro ano eu vim aqui à São Paulo em 2009, eu e um filho pequeno, mas é um pouco difícil né, porque eu deixei outros filhos lá na Bolívia né, então depois de um ano eu fui trazer eles. [...] Costura, somos costureiros, mas assim, meu trabalho é de segunda a sexta costura, mas aos sábados eu sempre venho trabalhar ajudando a vender comida.

Vilma fala das dificuldades para viver, mas mesmo assim, optou por ter uma filha (hoje com três anos), o que permite considerar que talvez esse filho seja a segurança de

permanência no país. Ela ainda justifica-se por não estar com a filha uma vez que trabalha todos os dias:

Vilma – É porque tenho quatro filhos né, um pouco difícil, pequenos, mas um pouco difícil aqui porque... o mais difícil é o aluguel muito caro né para nós um pouco difícil, mas com os filhos né, os quatro pequenos, a comida, tudo então graças a Deus está bem né. [...] (tem algum filho que nasceu aqui?) Tenho, tenho uma filha... tenho uma filha de dois anos, tem dois anos, mas agora aqui ela vai fazer três, então eu não estou cuidando dela porque estou no trabalho, porque de dia trabalho.

O irônico e trágico da situação é que em pouco tempo, os bolivianos assumiram o posto de dono das oficinas e perpetuam essa situação de exploradores. Marita e Dona Marisol argumentam:

Marita – Meu pai tinha uma oficina de costura e a gente veio trabalhar com ele. Nos primeiros dias, nos primeiros anos, a gente trabalhou forte na costura pra ajudar ele. [...] Então pra ela ficar aqui, fazer costura, ela não gostava, nunca gostou.

Dona Marisol – Então souberam uma mudança e a gente soube que estava no Brasil melhor, então deixamos nossos trabalhos (o marido alfaiate e a esposa comerciante) e serviços que tínhamos lá e viemos aqui. [...] Ele estava aqui há dois anos. Ele voltou para nos pegar lá. Chegamos, depois estudar, eu consegui casa, eu aluguei casa, um coreano me vendeu a casa, então tínhamos casa, não vamos trabalhar de empregado, vamos trabalhar de patrão. Chegamos aqui e trabalhamos sempre de patrão né, meu marido já tinha três, quatro máquinas, e dois empregados. E chegamos aqui eu, meu irmão, minha sobrinha e todos os meus filhos. Aí começamos a trabalhar, trabalhar, trabalhamos dez anos, trabalhamos de costura. Mas muita escravidão, exploraram-nos os coreanos, nos pagavam assim (faz um gesto com os dedos de uma quantidade mínima), não alcançava para nada.

No caso da imigração boliviana, o explorado também é o explorador. Vê-se as grandes cadeias de lojas explorando as confecções coreanas terceirizando o trabalho, que por sua vez “quarteirizam⁵⁰” esse mesmo trabalho para as oficinas de costura dos bolivianos, pagando preços irrisórios pelas peças produzidas em escala. Nesse sistema, os oficineiros bolivianos recebem partes de confecção, como por exemplo: uma oficina faz as mangas, outra os colarinhos e assim por diante, de maneira que nenhum deles tenha a noção da cadeia como um todo. Esses donos de oficinas bolivianos por sua vez recrutam e contratam seus contrerrâneos para trabalho de semiescravidão, sem direitos trabalhistas, mais das vezes trabalhando e dormindo no mesmo local. Grande parte desse contingente tem sido recrutado em La Paz, mais especificamente em El Alto e em sua maioria chegam ao Brasil na condição de indocumentados.

⁵⁰ Há hoje, principalmente no setor de costura, um processo em que as grandes redes de lojas que vendem marcas próprias, não produzem suas roupas, transferem a produção para confecções ou seja terceirizam a produção. Essas confecções tem o controle do processo integral e por sua vez, elas também transferem para confecções muito menores a produção parcial dos produtos. Dessa forma, cada confecção menor (grande parte delas já nas mãos de imigrantes bolivianos) recebe parte do produto, no caso de uma camisa, algumas recebem as golas, outras as mangas enfim... é neste ponto que já se utiliza o termo quarteirização. Ressalte-se que originalmente a quarteirização é um benefício de gestão que visa melhorar a administração dos grandes conglomerados de empresas.

Nota-se nesse movimento migratório as características destacadas por Sayad de que a condição do trabalho é fator condicionante, não única entretanto, e base da existência desse grupo de imigrantes e sua documentação ou a inexistência dela, vai determinar muito das relações empregatícias que vão se estabelecer com esse imigrante. É sabido que todos os domingos nos finais de tarde, vários oficineiros acorrem à Feira Kantuta para recrutarem bolivianos para a costura. A Feira acaba atuando como uma rede de suporte para esses imigrantes, seja no oferecimento de trabalho, ou mesmo socialização ou ainda com informações sobre documentação direitos e deveres dos imigrantes aqui no Brasil. Há um compromisso do Consulado em manter quinzenalmente um canal de esclarecimento de dúvidas para os frequentadores da Feira. Na contrapartida, também há um quiosque representando o movimento “*si yo puedo*” lançado primeiramente na Bolívia no intuito de promover a alfabetização e cidadania, principalmente ao povo indígena, e que está acontecendo também na Praça Kantuta com vistas a oferecer formação profissional e esclarecimentos aos imigrantes bolivianos que aqui vivem.

Deve-se ressaltar que se desde a década de 80, um grande fluxo de bolivianos aportou no Brasil em razão das precárias condições de vida na Bolívia, hoje, algumas dessas pessoas que participam da Feira, já acenam com a possibilidade de regresso, em virtude de notícias que lhes chegam, e mesmo de constatação de alguns deles quando visitaram a Bolívia, de que as condições têm melhorado no país. Se a razão da vinda tem a ver com melhores condições de vida e trabalho, o regresso desses imigrantes resulta no mesmo fator, o sonho constante de um futuro melhor para si e suas famílias.

A Feira Kantuta atua hoje, para esses imigrantes, como um espaço que oferece oportunidades de cultura, lazer e trabalho para a comunidade boliviana que vive em São Paulo. As atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira, representam para os Associados uma possibilidade de renda e também de socialização com seus conterrâneos; e mesmo, aparentemente, sem a devida consciência do fato, representam a mais genuína expressão da cultura boliviana, através da transmissão dessa cultura por gerações, de mães para filhas principalmente.

A entrevistada Marlene faz um panorama dos frequentadores da Feira:

De manhã você vindo das dez até as duas da tarde você só vai encontrar médicos que exerceram a profissão lá na Bolívia e vieram exercer aqui no Brasil, médicos, doutores que vem para cá, vem brasileiros conhecer a nossa Feira também, tem uma página na internet, que é o Bolívia Cultural, que ele apoia muito a Kantuta, tem... durante a tarde tem os ensaios dos grupos, que são filhos de bolivianos e bolivianos que vem ensaiar suas danças típicas da Bolívia e durante a tarde, no finalzinho, das cinco às seis, tem

um encontro de costureiros que vem procurar um emprego aqui na Praça Kantuta. Que eles são de oficinas de costura ou às vezes eles vêm encontrar os próprios amigos, comer, fazer essas coisas.

Num primeiro momento, ainda quando a Feira acontecia no Pari, na Praça Padre Bento, havia uma população de imigrantes que não eram bem vindos pelo grupo e menos ainda pelos residentes do local. Dona Marisol relembra:

Lá, como já estava cheio a Praça, muito chinês, não demos conta dos vizinhos também que brigaram conosco, já não queriam ver-nos, porque havia uma lanchonete na esquina, aí... como os bolivianos gostam de beber tanta cerveja, tanta cerveja, havia muito bêbados na Praça, fazendo xixi em cada porta dos vizinhos, muita coisa. Então os vizinhos já não queriam saber de nós. Já não tinham gosto, semana que vem o rapa vai vir, que vocês não podem... aí... três anos fizemos briga lá, três anos.

O senhor Marcos complementa:

Foi bem interessante, quando eu entrei lá, foi o primeiro domingo de dois mil e um, a vender na Praça Padre Bento, e um mês depois, esse dia eu não fui na Feira, nesse dia eu não fui na Feira, diz que foi a Federal lá, pra criar problemas, porque não tinha documentos. Porque os Amigos do Bairro do Pari, a ARPA, tinham feito um abaixo assinado para tirar a Feira do local, porque aqui você não vê bêbado. Mas lá, a feirinha, era rodeada de bares, e os bolivianos que bebem, iam beber lá, estão perto de meus patrícios, então se sentiam em segurança, bebiam, bebiam, a feira ia embora eles continuavam lá. E que faz um bêbado? Faz sujeira na rua... não tem banheiro pra ele, é árvore, é parede, é um canto escuro... então incomodou muito o bairro.

Ainda com relação a conflitos, temos o ingresso de um brasileiro em “território boliviano” não sem resistência. O senhor Manoel, que é brasileiro, tem uma barraca na Feira, desde que ela se estabeleceu na Praça Kantuta. Num primeiro momento, quando entrevistado, o Sr. Manoel disse ser “quase boliviano”, mas ao longo da conversa entretanto, vai relatando seus impasses para poder se estabelecer. Hoje é um Associado já consolidado pela participação em duas diretivas (diretorias) como ele mesmo conta. Entende-se que o principal argumento que lhe possibilitou a permanência, foi ser brasileiro, documentado e com o firme propósito de disputa pelo espaço:

Sr. Manoel – Olha eu só não estive na Bolívia ainda, mas eu... o que eu posso... sou quase um boliviano. [...] Olha eu cheguei próximo, porque eu sou brasileiro, tô na minha terra e eu cheguei e pus aí minha banca, e tive um pouco de dificuldade no começo e tal... aí eu impus mais a condição de ser cidadão que eu sou, se ele pode eu também posso! Uma porque tô no meu país né? Não... foi meio tumultuado. [...] Eu tô na minha pátria, no meu país... e com esse discurso eu fui ficando todos esses doze anos aí, hoje eu me relaciono bem, muito bem mesmo.

Com esse discurso, vê-se perpetuar uma série de preconceitos com relação à condição do ser migrante, pois ele é aquele que ainda não possui cidadania, não está no seu país, não está na sua pátria e menos ainda é bem visto ou quisto por aqueles residentes que consideram que o imigrante rouba postos ou oportunidades de trabalho aos cidadãos locais. Há

um preconceito implícito e mesmo uma imposição na fala do entrevistado, mesmo que não intencional ou consciente, e são essas ações que acabam por fomentar atitudes xenofóbicas. A aceitação do mais forte é incontestável, mesmo que ele não guarde nenhuma relação identitária com o grupo. Neste caso, por sorte houve uma compreensão e aceitação que não redundaram num conflito maior e acabou gerando uma reação de identificação do diferente com os iguais. Porque minoria, o senhor Manoel acabou por se acomodar e até assimilar algo da cultura boliviana, hoje assumindo uma condição de quase boliviano, como se o imigrante fosse ele e não o contrário. Mas certamente, isso deve-se também pela sua condição de minoria. Nesse aspecto o Sr. Manoel teve inclusive de buscar na gastronomia boliviana, algo que o permitisse estar na Feira e assim desenvolveu um sorvete de quinua.

Ser migrante, é uma condição favorecida pela busca por trabalho, e no caso dos bolivianos, determina a sua existência uma vez que o ramo da costura, oferece oportunidades de trabalho, para esse grupo sem maior qualificação. Parte significativa da imigração boliviana vem para ser absorvida no setor de confecção. Muitos saem já da Bolívia com empregos arranjados, outros vêm pela promessa dos que aqui estão e outros ainda, arriscam-se na incerteza do que vão encontrar, mas confiantes de um futuro melhor.

Apesar de o governo estabelecer ações fiscalizadoras, elas não são efetivas para coibir ou mesmo acabar com esse quadro. Pode-se até mesmo questionar o quanto de vontade política pode haver para erradicar de vez uma situação que favorece poderosos grupos econômicos. As leis existem, mas nem por isso são cumpridas ou acabam com a situação por existirem. Parte da solução desse problema passa pela legalização dos imigrantes, pois dessa forma, deixar-se-ia de explorar sua fragilidade que é mais das vezes, sua condição de indocumentado. O risco de serem deportados, a falta de documentos que possibilitem sua permanência e trabalho no país, muito contribuem para a manutenção desse quadro vergonhoso.

As grandes redes de lojas quando questionadas sobre a utilização de mão de obra escrava ou precária, se dizem contra tal situação. Entretanto, do discurso à prática, vemos as grandes redes envolvidas em escândalos, que após um ou dois dias saem da cena da mídia, sem que providências maiores possam ser tomadas. Realmente essas grandes lojas não aliciam trabalhadores para regime precário, seu erro é que em busca da maximização de seus lucros, fecham os olhos para as pequenas oficinas que muitas vezes enclausuram trabalhadores com jornada de trabalho desumana e salários baixíssimos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresenta-se abaixo um breve perfil de cada entrevistado:

Tabela 2 – Entrevistados Associados

Nome Fictício	Procedência	1ºtrabalho 2ºtrabalho	Peculiaridades
Alcinda	Boliviana La Paz	Costura Cozinha Proprietária	Veio em busca de melhores condições Mãe ensinou cozinhar com 17 anos, tradição Morava com a família no local de trabalho Mesmo prato pode ter nome e características diferentes em cada departamento Alimentação aqui mescla pratos brasileiros e bolivianos em dias especiais
Marita	Boliviana La Paz	Costura Cozinha Proprietária	Veio em busca de melhores condições Culinária utilizada em dias especiais e para lembrança de sua cultura Mãe sempre trabalhou com alimentos e fundou a Feira Kantuta
Marcos	Boliviano Santa Cruz	Autônomo Cozinha Proprietário	Feira resgata identidade boliviana através das manifestações culturais Luta pela conquista de um espaço para a Feira. Participou da escolha e transferência do local da Feira. Deu o nome à Feira Kantuta Durante o período em que foi presidente da Associação, incentivou as manifestações culturais e a divulgação da Feira. Pretende que a Feira retome suas ações culturais.
Vilma	Boliviana Santa Cruz	Costura2à6ª CozinhaSáb/dom Empregada	Veio em busca de melhores condições Comida como identidade boliviana Teve uma filha no Brasil Mesmo trabalhando de segunda à segunda é mais feliz aqui.
Manoela	Boliviana El Alto/La Paz	Cozinha Proprietária	Mãe ensinou a cozinhar com 12 anos, tradição Alguns pratos são utilizados como distinção para dias especiais (Festas) Pretende voltar para suas raízes
Victoria	Boliviana La Paz	Costura Cozinha Proprietária	Veio em busca de melhores condições Feira é trabalho e encontro com amigos Cansativo trabalhar com comida Está no Brasil há 9 anos e tem 5 filhos brasileiros Em sua família todos tinham uma profissão, somente ela que não
			Continua

Nome Fictício	Procedência	1ºtrabalho 2ºtrabalho	Peculiaridades
Maria	Boliviana La Paz	Costura Cozinha Proprietária	Veio em busca de melhores condições A gastronomia é hoje sua única fonte de renda Inicia suas atividades às duas da manhã e encerra por volta das dezenove horas, sábado e domingo Filho também tem barraca na Feira
Liz	Boliviana Copacabana/La Paz	Cozinha Proprietária	Iniciou na gastronomia através de suas lembranças de como a mãe fazia os pães Apesar de dizer que não tem condições de regressar à Bolívia para morar, tinha acabado de chegar de uma visita à Bolívia
Manoel	Brasileiro São Paulo	Sorveteiro Proprietário	Reconhece que a Feira resgata a identidade cultural boliviana através da comida e Festas Relação entre brasileiro e boliviano inicialmente não foi amigável Impôs sua presença através de sua cidadania brasileira Mesmo sendo brasileiro participa da Associação e da direção Identifica que o boliviano não toma destilado mas gosta de cerveja (um dos motivos de expulsão da Feira da Praça Padre Bento) Conclusão

Tabela 3 – Entrevistados Visitantes

Nome Fictício	Procedência	1ºtrabalho 2ºtrabalho	Peculiaridades
Marlene	Boliviana La Paz	visitante Estudante	Mãe ensinou a cozinhar Praça encontro de cultura e lazer Gastronomia representa a cultura Estuda turismo
Gomes	Boliviano Santa Cruz	Visitante Médico	Apesar de argumentar que seu departamento (Santa Cruz) não está representado, acredita a Feira resgate a cultura boliviana Está há mais de 30 anos no Brasil, veio para estudar medicina Não se diz vinculado à cultura boliviana, entretanto compra produtos bolivianos para cozinhar os pratos que comia em Santa Cruz Argumenta que a Feira representa a identidade gastronômica da cultura Inca Entende que não há cultura melhor (a de Santa cruz ou a de La Paz) apenas diferentes
Mario	Brasileiro São Paulo	Visitante	Produtos e pratos representam a identidade latino americana e boliviana Trabalha há muitos anos com pessoas latino americanas Desconhece a relação da Feira com a cultura boliviana Gosta da comida andina e boliviana
Ivan	Brasileiro São Paulo	Visitante	Produtos e pratos representam a identidade latino americana e boliviana Trabalhou em vários países da América Latina Desconhece a relação da Feira com a cultura boliviana Conhece e prepara pratos andinos e bolivianos

Ao caminhar pela Praça Kantuta em um dia qualquer da semana, pode-se observar mendigos, pessoas que moram no entorno e estão de passagem e em alguns momentos um ou outro estudante da Escola Técnica Federal localizada próximo dali. Entretanto, ao se realizar o mesmo trajeto em um domingo de sol (ou mesmo de chuva), pode-se encontrar já na Rua Pedro Vicente, pessoas andando apressadas, outras nem tanto, em uma única direção: a Feira Kantuta.

Algumas em roupa do dia a dia, outras aparentemente fantasiadas, com saias rendadas, chapéus, xales, enfim uma infinidade de cores e estilos, todos provenientes da mesma Terra Natal. Seus olhos meio puxados, suas expressões marcantes, seus cabelos pretos e muito lisos, faz parecer que não se está em São Paulo, e essa impressão é confirmada ao se chegar na Praça. Sim, um cantinho da Bolívia.

Fruto do esforço e trabalho de muitos, a comunidade pode reunir-se, falar de suas vidas, conhecer novos amigos, encontrar namorados, ouvir os mais recentes sucessos ou ainda aqueles antigos, mas por isso mesmo inesquecíveis. Em dias de Festa poderão rever as danças e cantigas típicas de sua região. Alguns estão ali a trabalho, outros a lazer, todos, entretanto, comungam o mesmo ideal de uma vida melhor. Deixaram suas raízes, lembranças e viajaram milhares de quilômetros em busca de um sonho que nem sempre se concretiza. Fazem parte de um contingente humano que saiu de seu país por acreditar que em outras terras poderiam encontrar trabalho, dignidade, e condições mais favoráveis. Estes são os imigrantes bolivianos que todos os domingos povoam a Feira Kantuta, na Praça de mesmo nome.

A conquista desse espaço não foi simples, resultado de alguns anos de conflito com os moradores da Praça Padre Bento no Pari e da luta de muitos associados; alguns já nem atuam mais nessa Feira, migraram para outra que acontece na Rua Coimbra no Bairro do Brás. A trajetória até chegar a esse espaço, remete aos enfrentamentos vividos por esse povo em seu país em vários momentos. Preservadas as proporções, esses imigrantes também defenderam sua possibilidade de exercício de cidadania (mesmo que restrita) e de manutenção de seus laços culturais em terra estrangeira. Essencial para que conservem algo de sua identidade nacional, a cultura permite que se reconheçam como grupo e como bolivianos. O ser migrante, principalmente o grupo que vem em razão de trabalho e sem maior formação educacional e profissional, sofre a instabilidade da permanência, porque esta só está assegurada enquanto houver trabalho. Sua existência justifica-se enquanto forem necessários como mão de obra barata, abundante e sem condições de grandes reivindicações em virtude de estarem indocumentados. Esses imigrantes normalmente entram em um país em plena capacidade produtiva e portanto, são incorporados à força de trabalho, geralmente em empregos aos quais

os habitantes locais não se interessam em ocupar, seja pelo tipo de atividade ou então pela precariedade que o trabalho oferece, não exercem cidadania e recebem poucos benefícios sociais. Em um mundo quase sem fronteiras, a necessidade de se reconhecerem como iguais, fortalece os laços de identidade através das atividades culturais que desenvolvem e participam na Feira Kantuta. A gastronomia está entre essas atividades.

A trajetória dessa pesquisa possibilitou, através da metodologia da história oral, entrevistar quatorze pessoas, dez delas integrantes da Associação Gastronômica Folclórica e Cultural Padre Bento e quatro visitantes da Feira. Realizou-se visitas sistemáticas à Feira, estabeleceu-se um contato e muitas conversas informais com os associados, para posteriormente dar início às entrevistas temáticas. A opção pela história oral, deu-se em razão da oportunidade de acessar a memória dos entrevistados e através de suas respostas, elaborar um estudo sobre a ação exercida pela gastronomia, nas suas vidas. Nota-se que muitos associados trabalham no setor da costura e tem nas atividades gastronômicas um segundo emprego. Alguns estão sob jornada de trabalho desumana, outros já conquistaram uma condição melhor e tornaram-se donos de seu próprio negócio. E é talvez essa pequena minoria, um dos fatores que alimente a continuidade dessa imigração. Eles servem de estímulo para aqueles que chegam. Temos na informalidade das relações de trabalho, um fator propiciador dessa exploração.

Como problema de pesquisa buscou-se entender o que representa, para os integrantes da Associação Gastronômica, Cultural e Folclórica Padre Bento, as atividades gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta: oportunidade de trabalho, lazer e/ou ambiente para reprodução de sua cultura em terra estrangeira?

Entende-se que ao analisarmos os dados coletados, pode-se concluir que os imigrantes não veem claramente a gastronomia como uma das possibilidades de manutenção e produção de sua cultura. Para muitos é um trabalho e mal percebem o quanto de suas tradições são representadas semanalmente na Feira, em cada prato típico que é oferecido. Cada visitante da Feira, também necessariamente não tem claro que ali, naquele pequeno território, ele vai buscar não só o convívio com seus conterrâneos, mas sim um espaço simbólico no qual ele se reconhece como cidadão boliviano, reconhece suas origens através do que come, da livre utilização de sua língua e também da música e danças que encontra. Esse espaço simbólico no qual a cultura se perpetua, nem sempre é reconhecido, uma vez que por muitas décadas condicionou-se que a cultura era possibilidade de um grupo diferenciado, elitizado, chegando mesmo a se confundir erudição com cultura. Talvez por isso, manifestações humanas triviais

como cozinhar, não pareçam aos olhos daqueles que a produzem, expressões da cultura de um povo, isso é claramente observado nos associados. Raymond Williamns (2007) já criticava essa visão parcial e elitista de cultura, buscando através dos estudos culturais alargar esse conceito para todo um modo de vida. E é exatamente isso que as atividades da Feira Kantuta, resgatam e mantêm: todo um modo de vida, presente na memória de cada imigrante; nelas a gastronomia atua como um espaço de interações sociais, reservando inclusive alguns pratos específicos para determinadas ocasiões. Dessa forma tivemos confirmada nossa hipótese de que a gastronomia resgata a identidade cultural desse grupo.

Considerando-se as hipóteses levantadas, pode-se afirmar que as atividades gastronômicas elaboradas na Feira representam ainda uma forma de renda para todos os associados. Alguns desenvolvem-nas não só na Feira, mas também durante a semana, o caso dos donos das barracas de *salteñas* é o mais significativo. Os dois associados (donos das barracas) iniciaram a venda, fora da Feira, como recurso para o desemprego, e vendiam já em lanchonetes e festas. Apesar de serem bastante atuantes na Associação, os dois foram presidentes, mas não estão entre os fundadores. Outros utilizam a gastronomia como segunda fonte de renda, esses são a maioria, e normalmente ou são as mulheres as donas das barracas, e seus maridos assumem a carga de trabalho durante a semana; ou são trabalhadores que vão realizar um bico aos sábados e domingos para complementar a renda, estes acabam trabalhando de segunda à segunda feira.

Essas atividades oferecem a oportunidade de socialização e lazer tanto para os associados, quanto para os visitantes. Pode-se constatar ao longo do dia, um conagraçamento entre os trabalhadores das barracas e também com os visitantes. Para além do trabalho, todos estão ali, conversando, rindo e confraternizando. Veem-se famílias almoçando juntas, após o pico de trabalho, abraços entre todos, um clima festivo paira no ar. Nem sempre os associados ou mesmo os visitantes percebem ou apontam que o que estão desenvolvendo naquela Praça, são laços de socialização, mas eles estão presentes em todas as manifestações observadas.

A Feira é utilizada como rede de suporte para os imigrantes. Notícias de familiares ou mesmo remessas são trazidas e levadas por aqueles que chegam ou que retornam à Bolívia. Há um intercâmbio de informações que circula todos os domingos entre aqueles que lá estão. E sobretudo, a Feira é utilizada para o recrutamento de mão de obra para costura. Dessa forma, aqueles que chegam ou já estão empregados, ou vão à Feira para buscar uma colocação. Ao final da tarde, há um intenso agenciamento de vagas, expostas até com faixas. Pode-se dizer que essa rede de apoio, mantém ou pelo menos auxilia a manutenção desse movimento

migratório em busca de trabalho. Hoje em dia, El Alto é uma das regiões bolivianas que mais exporta imigrantes, inclusive, muitos donos de oficinas de costura, já agenciam diretamente seus empregados lá, de forma que as despesas de transporte e moradia, num primeiro momento são suportadas pelo empregador, o que prende mais ainda o trabalhador ao seu patrão.

Nossa hipótese pode ser completamente confirmada, nossas observações permitem compreender nas práticas gastronômicas o desenvolvimento e a produção da cultura boliviana. O lazer de muitos desses entrevistados passa, entretanto por suas visitas ou sua permanência na Feira Kantuta, que é utilizada como ponto de encontro e sociabilidade de uma comunidade que se reconhece como grupo social e que vê nas festas de seu povo, uma oportunidade de relembrar as suas tradições, seu folclore, suas festas em terra estranha. Entretanto, produtores de cultura, não se reconhecem como tal.

Enfim, as práticas gastronômicas desenvolvidas na Feira Kantuta representam não só oportunidade de trabalho e socialização, elas falam de todo um processo cultural, desenvolvido ao longo de séculos. Técnicas ainda da época dos Incas e que convivem com técnicas recentes, tornando a gastronomia boliviana ímpar; identificam esse povo, seja em seu próprio país ou em qualquer outro lugar. Essa é a importância da manutenção dessa atividade, por parte dos imigrantes bolivianos, aqui em São Paulo, possibilitar-lhes a unificação do grupo através da identidade gastronômica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Indústria cultural e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009

ALBA, Richard. NEE, Victor. Rethinking Assimilation Theory for a New Era. In: **International Migration Review**, Vol. 31, No. 4, Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans (Winter, 1997), pp. 826-874. The Center for Migration Studies of New York, Inc. Stable. Disponível em: <<<http://www.jstor.org/stable/2547416>>>. Pesquisado em 02/04/2012.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ed. 5reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

ALVES, Lais Azeredo; FARIAS, Nara; LUCENA, Mariana. **Segurança Humana e Segurança Estatal: O caso dos refugiados da primavera árabe na Europa**. 4º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais – ABRI. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.encontronacional2013.abri.org.br/resources/anais/20/1368890144_ARQUIVO_ArtigoABRI2013LAAversao18maio2013.pdf>>. Pesquisado em 01/05/2014.

BARBIAN, Luciano. **A Ditadura de Segurança Nacional na América Latina e as especificidades do caso boliviano**. IX Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul – ANPUH-RS. 2008. Disponível em: <<<http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/site/anais eletronicos>>>. Pesquisado em: 30/12/2012.

BASSANEZI, Maria Silvia B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p.1-38.

BOLIVIA. Estado Plurinacional de Bolivia. **Informe de Gestión 2013 del presidente Evo Morales en el 4to. Aniversario del Estado Plurinacional de Bolivia (enero 2014)**. 2014. Disponível em: <<<http://www.bolivia.gob.bo/>>>. Pesquisado em: 06/07/2014.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Qualidade no gerenciamento do lazer. In BRUHNS, H. T. (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. 1 reimp. Campinas, São Paulo: UNICAMP. 2001. p. 123-141.

CENSO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em:<<<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>>. Pesquisado em 20/02/2014.

BARROS FILHO, Ormar. **Bolívia: vocação e destino**. São Paulo: Ed. Versus Ltda. 1980.

BORON, Atilio. **Estado, capitalismo y democracia en America Latina**. Coleccion Secretaria Ejecutiva, Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad de Buenos Aires, Argentina. Agosto 2003. pág. 320. 950-9231-88-6. Disponível em: <<<http://biblioteca.clacso.edu.ar//clacso/se/20100529013505/estado.pdf>>>. Pesquisado em: 9/10/2012

BRASIL. Ministério da Justiça. **Estrangeiros**. Disponível em: <<<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BA5F550A5%2D5425%2D49CE%2D8E88%2DE104614AB866%7D&Team=¶ms=itemID=%7B8F198A79%2DA156%2D4F6D%2D871A%2D385DE1969871%7D%3B&UIPartUID=%7B2218FAF9%2D5230%2D431C%2DA9E3%2DE780D3E67DFE%7D>>>. Pesquisado em 23/05/2011.

BRITO, Fausto. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p.53-66.

BRUHNS, Heloisa Turini. Relações entre a educação e o lazer. 1 reimp. In: _____. (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, SP: UNICAMP. 2001. p. 33-59.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

CACCIAMALI, Maria Cristina; JOSÉ-SILVA, M. F. Emprego e seguridade social: mais uma década perdida no mercado de trabalho da América Latina. In: COGGIOLA, O. (org.) **América Latina - encruzilhadas da história contemporânea**. São Paulo: Xamã, 2003. p.215-232.

CAMARGO, Beatriz. **Kantuta é um pedaço de Bolívia na capital paulista**. RepórterBrasil.org.br, 2006. Disponível em: <<<http://reporterbrasil.com.br/imprimir.php?id=668>>>. Pesquisado em 04/06/2010.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. Sociologia do Lazer. In. ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.) **Turismo como aprender como ensinar 2**. 3 ed. São Paulo: Editora SENAC. 2004. p. 235–275.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Perspectivas para o lazer com o impasse da luta pela redução da jornada de trabalho: o caso brasileiro**. Licere, Belo Horizonte, v.12, n.2, 2009

CHASQUETTI, Daniel. **Democracia, multipartidismo y coaliciones en América Latina:** evaluando una difícil combinación. In: Tipos de presidencialismo y coaliciones políticas en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003. Cap. 10.
CIA. Central Intelligence Agency. **South America:** Bolivia. The World Factbook. Disponível em: << <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/bl.html>>>.
Pesquisado em: 28/12/2012.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede.** Vol.1. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009a.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Vol.2. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009b.

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio.** Vol.3. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009c.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais.** 2 ed. BOITEMPO, 2008

COSTA FILHO, Alfredo. **Globalização e políticas regionais nacionais na América Latina.** ILPES – Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social. Documento 96/35. Série Ensayos, 1996.

CUNHA FILHO, Clayton M. **O novo mapa político boliviano:** uma interpretação a partir dos últimos resultados eleitorais. Observador On-Line, v.5, n.6, jun.2010. ISSN: 1809-7588. Disponível em: << http://www.academia.edu/248881/O_novo_mapa_politico_boliviano_uma_interpretacao_a_partir_dos_ultimos_resultados_eleitorais>> Pesquisado em: 28/12/2012.

DE GRAZIA, Sebastian de. **Tiempo, trabajo y ocio.** Madri: Tecnos, 1966

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral:** Memória, tempo, identidades. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva. 2004-a.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular.** 3 ed. São Paulo: Perspectiva. 2004b.

ELIADE, Mircea. O tempo sagrado e os mitos. In: ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes. 1992, p.38-58.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.19-50.

EMBAJADA de Bolívia em Brasil. **Bolívia**. Disponível em: <<
<http://www.embolivia.org.br/bolivia/informacion-general>>>. Pesquisado em 07/06/2013.

ESTADÃO. Evo Morales é reeleito presidente da Bolívia. **Internacional**. Disponível em:
 <<<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,evo-morales-e-reeleito-presidente-da-bolivia,1579289>>>. Pesquisado em 26/10/2014.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

FLANDRIN, Jean Louis. Da dietética à gastronomia, ou a libertação da gula. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Máximo. **História da Alimentação**. Org., 7ª ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998. p.667-688

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet**: uma história da gastronomia. 5ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

FREEDMAN, Paul. Uma nova história culinária. In: FREEDMAN, Paul. **A história do sabor**. São Paulo: Editora SENAC, 2009. p.7-34.

FUSCO, Wilson. **Redes familiares na emigração valadareense para os Estados Unidos**. Travessia – Revista do Migrante, nº40, mai/agost. 2001, p.11-16.

GALETTI, Roseli. Migração de estrangeiros no centro de São Paulo: coreanos e bolivianos. In: PATARRA, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p.133-143.

GARCIA LINERA, Álvaro. **Democracia Liberal versus Democracia Comunitária**. In: Rede Voltaire. Archivos, 20 enero de 2004. Disponível em: <<
<http://www.voltairenet.org/article122845.html>>>. Pesquisado em: 28/12/2012.

GARCIA LINERA, Álvaro. **A Potência Plebeia:** ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia. São Paulo: Boitempo. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2009.

GUEVARA. **Último combate.** Disponível em: << <http://www.guevara.com.br/index.htm>>>. Pesquisado em: 25/06/2014.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação** – relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações. 1 ed. atual. 1 reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

IANNI, Octavio. **A formação do Estado Populista na América Latina.** São Paulo: Ed. Civilização Brasileira. 1991.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

IGNÁCIO, Ana. **Kantuta:** um pedaço da Bolívia em São Paulo. Wordpress.com. 2009. Disponível em: <<<http://blogkantuta.wordpress.com/>>>. Pesquisado em 04/06/2010.

IMDH. Instituto Migrações e Direitos Humanos. **Glossário.** Disponível em:<<<http://www.migrante.org.br/IMDH/ControlConteudo.aspx?area=90211527-9d7f-4517-a34c-84ae25cdabac#i>>>. Pesquisado em 13/05/2012.

IPHAN. Patrimônio Imaterial. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>>>. Pesquisado em: 10/10/2014.

LARANJEIRA, Ronaldo. **Levantamento nacional de Álcool e Drogas:** O uso de cocaína e crack no Brasil. Org. INPAD-Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas. UNIAD- Unidade de Pesquisas em Álcool e Drogas. FAPESP. 2012. Disponível em: <<

[>>](http://www.inpad.org.br/images/stories/LENAD/press_release_cocaina05_09.pdf)

Pesquisado em: 30/12/2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. **Na metrópole**. (Org.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 1995.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como Fonte**: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em: <<

[>>](file:///C:/Users/rosana/Downloads/2395-6480-1-PB%20(2).pdf) Pesquisado em 20/06/2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. de D. A emergência do lazer. In: MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. de D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003. Cap. 1, p. 1-22.

MONTALVO, Beatriz Rossells. *La gastronomía en Potosí y Charcas siglos XVIII, XIX y XX*. 3 ed. La Paz: Producciones CIMA, 2009.

MONTANARI, Massimo. **A fome e a abundância**: história da alimentação na Europa. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

MORIN, Edgar. A indústria cultural. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. (Org.) **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1980.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Comida**: prazeres, gostos e transgressões. 2 ed. Vers. ampl. Salvador: EDUFBA, 2007.

NEVES, Walter A.; BERNARDO, Danilo V.; OKUMURA, Maria Mercedes M.. A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações?. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, June 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012007000100001&lng=en&nrm=iso><http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012007000100001>. Pesquisado em: 03/06/2012.

OIT. *Organización Internacional del Trabajo. Informes Globales*. 2014. Disponível em: <<<http://www.ilo.org/global/research/global-reports/lang--es/index.htm>>>. Pesquisado em 28/03/2009.

OLIVIERI, Antonio Carlos. **O que se pode esperar do governo socialista de Evo Morales?** Atualidades. UOL. 2005. Disponível em: <<<http://educacao.uol.com.br/atualidades/ult1685u217.jhtm>>>. Pesquisado em: 28/03/2009.

OUTRAM, Alan k. Caçadores- coletores e primeiros agricultores. In: FREEDMAN, Paul. **A história do sabor**. São Paulo: Editora SENAC, 2009. P 35-62.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, ago. 2006 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso>>. Pesquisado em: 02/06/2012.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. Migrações Internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p.78-89.

PERICÁS. Luis Bernardo. **Processo e desenvolvimento da Revolução Boliviana**. In: Lutas Sociais, Vol. 3, 1997. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/neils/downloads/v3_artigo_pericas.pdf>>. Pesquisado em 29/12/2012.

POLLAN, Michael. **Em defesa da comida**. Rio de Janeiro, Intrínseca. 2008.

PORTES, Alejandro. Immigration Theory for a new century: some problems and opportunities. **International Migration Review**. V.31, n.4, winter/1997. P.799-825.
RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **A globalização do ponto de vista de Pascal Boniface**. Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza”. Disponível em: <<<http://www.ecsbsdefesa.com.br/defesa/fts/GPVPB.pdf>>>. Pesquisado em: 11/12/2012.

SAAVEDRA, Fernando Suárez. *Historia de la gastronomía en Bolivia*. Sucre: Imprenta Digital ICOLOR, 2012.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez Editora Ltda, 1998. p.13-43.

SANT'ANNA, Lourival. Governo quer nova lei de imigração. In. **O Estado de São Paulo**. A12, 17 de maio de 2012. Disponível em: << <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,governo-quer-nova-lei-de-imigracao-com-foco-em-direitos-para-estrangeiros,874136,0.htm>>>. Pesquisado em: 30/06/2012.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA. 2000. p.31-37.

SANTOS, Milton. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007a.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007b.

SÃO PAULO. Lei 15.497. **Diário Oficial**. Decreto Nº 55.085 de 06 de maio de 2014. São Paulo. Disponível em: << <http://www.capital.sp.gov.br/static/2014/05/Cb6j5vWE-peBYUT2w5dkhA.pdf>>>. Pesquisado em 10/10/2014.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Glaucia de Oliveira. Teoria das Migrações Internacionais. **XII Encontro Nacional da ABEP 2000**. Caxambu, outubro de 2000. GT de Migração. Sessão 3 – A migração internacional no final do século. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>>. Pesquisado em: 02/06/2012.

SASSEN, Saskia. Será esse o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº 64, dezembro de 2002, p.41-54. Disponível em: <<www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=808>> Pesquisado em: 03/06/2012.

SAVARIN, Brillat. **A fisiologia do gosto**. 6 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração** – ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno**: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia – Revista do Migrante, nº especial, jan 2000.

SCHIEL, Ricardo Cavalcanti. **As duas Bolívias que se enfrentam**. Le Monde Diplomatique. Ano @, nº 14, setembro de 2008.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration. In: SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. **Towards a transnational perspective in migration**. New York: The New York Academy of Sciences, 1992. p.1-24.

SEIXAS, Renato. Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica. **Cadernos PROLAM/USP**: Brazilian Journal of Latina American Studies. Ano 7. Vol. 01 – 2008.

SHULTZ, Jim. *Desafiando la globalización*. Bolívia, 2008.

Disponível em: << <http://democracyctr.org/publications/desafiando/>>>. Pesquisado em: 03/06/2012

SILVA, Sidney Antonio . **Costurando sonhos**. São Paulo:Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney Antonio. **Hispano-americanos em São Paulo**: alcance e limites de um processo de integração. Travessia – Revista do Migrante, nº33, jan/abr 1999, p.24-32.

SILVA, Sidney Antonio . **Virgem/Mãe/Terra**. Festas e tradições bolivianas na Metrópole. São Paulo:Hucitec/FAPESP, 2003.

SILVA, Sidney Antonio. **Bolivianos**. São Paulo:Companhia Editora Nacional, 2005.

SILVA, Sidney Antonio da. **Bolivianos em São Paulo**: entre o sonho e a realidade. Estudos Avançados, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, Instituto de Estudos Avançados, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a12v2057.pdf>>>. Pesquisado em: 11/12/2012.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
STEFANONI, Pablo. **Reeleição à vista**. Le Monde Diplomatique Brasil. 2009. Disponível em: << <http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=567>>>. Pesquisado em 30/05/2010.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: McLAUGHLIN, Virginia Yans. **Immigration Reconsidered**. History, sociology, and politics. New York: Oxford University Press. 1990. p.79-96

TRIGO, Luis Gonzaga Godói. **Entretenimento: uma crítica aberta**. São Paulo: SENAC, 2003.

URQUIDI, Vivian Grace Fernández Dávila. O movimento *cocalero* na Bolívia. In: COGGIOLA, Osvaldo. (org.) **América Latina - encruzilhadas da história contemporânea**. São Paulo: Xamã, 2003. p.197-214.

URQUIDI, Vivian Grace Fernández Dávila. **Movimento Cocalero na Bolívia**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa**. 2 ed., São Paulo: Nova Cultural. 1987.

VILELA, Túlio. **Alexandre, o Grande**: Como o rei da Macedônia construiu seu império. 2006. Disponível em: <<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/alexandre-o-grande-como-o-rei-da-macedonia-construiu-seu-imperio.htm>>>. Pesquisado em: 11/12/2012.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4. ed. 6. Reimp. São Paulo: Martin Claret, 2009.

WEFFORT, Francisco. Democracia política e desenvolvimento econômico. In: _____. **Qual democracia?** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer e mercado: panorama atual e implicações na sociedade brasileira. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira (Org.). **Lazer e mercado**. Campinas, São Paulo: Papirus. 2001. p. 13-44.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Helder Ferreira. Lazer, cultura, Indústria Cultural e consumo. WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira (Org.). **Lazer e mercado**. Campinas, São Paulo: Papirus. 2001. p. 45-49.

WILLIAMNS, Raymond. **Palavras Chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. 1 ed. São Paulo: BOITEMPO, 2007.

WILLIAMNS, Raymond. **Cultura e sociedade:** de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZEa, Leopoldo; MAGALLÓN, Mário. **Geopolítica de América Latina y el Caribe.** México: Fondo de Cultura Económica/UNESCO, 1999.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

MARLENE - 17/03/2013 Entrevistada 1 – 13:14minutos – voz 11

Meu nome é Marcela e tenho 32 anos. Moro aqui há 26 anos, vim pequenininha para cá, moro com meus pais, e os meus pais vieram aqui porque era uma situação boa no passado, e agora eles trabalham. Minha mãe trabalha no hospital, meu pai é autônomo, meus irmãos são formados, trabalham na profissão exercida e eu estou me formando em turismo esse ano. Na minha cultura tem várias formas de ser que... são várias etapas de cultura, tem Cochabamba, La Paz, Potosi e Santa Cruz. Entre si eles se dividem né. Então, tem suas comidas típicas, seus costumes típicos, pessoas diferentes e pessoas do interior, pessoas da cidade, então são vários, diversos, que você encontra aqui nessa Praça Kantuta. De manhã você vindo das dez até as duas da tarde você só vai encontrar médicos que exerceram a profissão lá na Bolívia e vieram exercer aqui no Brasil, médicos, doutores que vem pra cá, vem brasileiros conhecer a nossa Feira também, tem uma página na internet, que é o Bolívia Cultural, que ele apoia muito a Kantuta, tem... durante a tarde tem os ensaios, dos grupos, que são filhos de bolivianos e bolivianos quem vem ensaiar suas danças típicas da Bolívia e durante a tarde, no finalzinho, das cinco às seis, tem um encontro de costureiros que vem procurar um emprego aqui na Praça da Kantuta. Que eles são de oficinas de costura ou às vezes eles vêm encontrar os próprios amigos, comer, fazer essas coisas. E aqui eles encontram vários tipos de costumes, a nossa comida... a nossa dança, a nossa música, os nossos amigos, é um encontro na verdade, porque a semana toda eles trabalham e final de semana eles vêm encontrar, ou às vezes vem procurar emprego, ou às vezes também a maioria vem ensaiar. Que a gente tem os nossos grupos de dança, que participam aqui na Praça... pra... o costume não morrer né... a nossa cultura não morrer. Porque são vários brasileiros que gostam da nossa cultura, da nossa música, ficam admirados, querem participar dos grupos de dança.

Você faz parte?

Eu faço parte do grupo que vai ensaiar daqui há pouco, que é às dez horas, mas o pessoal está chegando um pouquinho atrasado.

A chuva atrapalha...

A chuva atrapalha um pouco... então, ah! Sobre a nossa comida, sobre a nossa comida são produtos vindos lá da Bolívia mesmo, que as famílias trazem, que é cozinhado do mesmo jeito lá na Bolívia, a única diferença é que a carne, a carne é daqui e os trigo, aqui, na batata, o *chuño*, tudo é da Bolívia. Não tem nada que diga, ah é feito daqui...

Não há plantação nenhuma.

Não há plantação nenhuma... se há, há na fronteira mas... aqui não pega... o milho não pega... a quiquina também não nasce... já tentaram plantar mas não pega. A batata também tentaram, mas não pega... a batata o *chuño*? O *chuño* é congelado. A história antiga é que nos tempos atrás não tinha geladeira boa de guardar a batata aí foi estragando... é tipo estragando. Como é frio lá na Bolívia ele fica preto, então ele é todo um processo... a gente chama de *chuño*. Aí quando perguntam pra gente que que é isso? A gente fala é o *chuño*. Mas que que é *chuño*? É uma batata preta congelada. Muita gente fala, ah! Sim. Ah! Não, não gosto, não quero provar. Mas depois que prova gosta, ainda mais com amendoim que é misturado, é muito bom. E aí então ele é cozido, colocado sal, temperado a gosto e tal. É como se fosse um ovo mexido, uma coisa assim. Eles fazem vários tipos de comida... eles fazem com amendoim e com ovo... é

gostoso. Então! A gente tem também a sopa de amendoim, que muita gente fala assim: ah! Mas sopa de amendoim! É como é feito uma sopa comum, só que é batido no liquidificador, joga o amendoim dentro da panela, fica uma delícia. Aí depois tem o *charquicán* que é a carne seca com milho, queijo e ovo, ele é servido... e tem o *fricassê*, que é carne de porco com *chuño*, milho e tipo uma sopinha, gostoso também. E tem o... ah! O *salchipapas*, *salchipapas* é batata frita salsicha e ovo e um pouquinho de carne. A maioria pede isso. Tem a sopa de trigo, também há muito nutriente. Sopa de trigo, sopa de quinua.

Você tem esse conhecimento desses pratos todos, você faz?

Eu faço em casa, porque a gente compra cereais de lá, a gente faz em casa, porque quando, a gente que mora aqui há tempo, a gente, nossos pais ainda... criam a gente com essa comida, com a cultura de lá. Eu fui criada com a cultura de lá. Eu ainda com 32 anos, ainda digo pros meus pais onde eu estou, com quem eu estou, é uma cultura que a gente tem. E a gente se importa muito com o que as outras famílias vão falar sobre o nosso comportamento.

Sim a gente é, algumas culturas, algumas famílias aqui em São Paulo, que são criadas restritamente. Hoje em dia não sei como é que é. A juventude de hoje tá assim meio desligada da família, mas no meu tempo, e continua até hoje é, com quem tu andas, com quem tu vais, que horas que vai chegar. Então você tem de dar uma satisfação imensa para a sua mãe e para o seu pai. E os meus amigos que cresceram junto comigo até hoje são assim. Tem esse negócio de sair com a família, tem... nos parques são as pessoas que vem lá da Bolívia pra cá. E final de semana é o único dia que eles têm para passear, e eles fazem grupinhos, fazem piquenique, fazem churrasco, vão jogar bola, então é uma maneira de se distraírem, verem os amigos, ficar com a família. Mas ainda há, há esse respeito entre mãe e pai.

Qual a sua relação com São Paulo e com a Bolívia?

A minha relação com São Paulo e Bolívia, é eu moro em São Paulo, nunca fui pra Bolívia desde que eu vim pra cá. Então eu só acompanho eles por internet. Tenho, meus pais viajam muito pra lá, porque a gente têm família lá, mas eu ainda não tive a oportunidade de ir conhecer a minha terra mesmo. Vontade não falta, mas eu quero um dia, mas esse dia eu quero pra ficar lá, porque como meus pais já moram há 29 anos aqui, a minha mãe quer se aposentar e ir morar pra lá, e eu quero acompanhá-los pra ficar lá com eles, porque como eu sou a menor eu sinto responsável pelo que possa acontecer com eles, então eu pretendo ir lá, morar lá. Todo mundo fala, há! Mas você não vai se acostumar, mas eu acho que estando com os meus pais, é muito melhor do que ficar aqui. Porque aqui desde os meus 12 anos eu trabalho com eles, e hoje eu estudo, trabalho, tenho minhas coisas, mas é... como eu posso dizer... é um costume que a gente tem, acompanhar os pais até eles ficarem velhinhos ou se acontecer alguma coisa... não, com o grupo de dança. Aí todo o final de semana a gente vem se encontrar, quando tem reuniões a gente vem se encontra... vem come alguma coisa, bebe... é como dizem bater o cartão. Tem que vim bater o cartão. Então aqui acontecem várias festas, comemorando o dia dos pais, dia das crianças, dia de Cochabamba, dia de La Paz, então... sempre há desta aqui, hoje por exemplo vai ter ensaios de grupos de dança, acontece na quadra, domingo passado também aconteceu ensaio, aconteceu eleição dos guias... pra apresentação de agosto, dia 06 de agosto, dia nacional da Bolívia, né? Então a gente se apresenta no Memorial da América Latina, todos os grupos de dança. E aí levam a gastronomia também pra lá. A Feira vai pra lá. Então aí os grupos se apresentam, aí a senhora vai ver vários bolivianos de todos os lugares de São Paulo. Não sabia que tinha tanto boliviano!!! A senhora vai ver de tudo lá. De tudo, de tudo, aí não só boliviano. Aqui na Feira também não frequenta só boliviano, tem a barraca de peruano, tem a barraca de paraguaio, então é uma cultura no geral, misturada, agora tá vindo até colombianos. Isso é bom, nesse Praça, pra lá a senhora vai encontrar paraguaio, pra lá vai encontrar colombiano, pra lá peruano, é um grupinho que se forma assim,

Porque o turismo?

Porque eu escolhi o turismo? Na verdade eu estava fazendo nutrição, que mexia com comida, eu adoro comer, aí quando eu... no segundo semestre quando me falaram a gente vai no laboratório para gente ver um cadáver, eu falei ah! É? Entrei na sala e saí. Não tem mais, ver um morto pra mim é o fim... aí desisti, aí voltei, meu irmão é formado em turismo, só que ele é guia. Ele falou Má, você trabalha sempre comigo, porque a gente faz muito evento de *free*, a gente faz de Aeroporto, Fórmula 1. Faz turismo, vai tá em alta, você é espontânea, você gosta de conversar, você gosta de dialogar, você gosta de respeitar a cultura dos outros, você gosta de se enfiar em tudo que é canto, faz turismo, você dá bem nisso. Aí eu falei, vou pensar! Aí ele foi me cobrando: Aí vai fazer o quê? Fazer o quê dessa vida, vai ficar parada? Aí eu me animei, com a ajuda dele eu estou terminando, né. Eu faço na Uninove. Aí com a ajuda dele eu já estou terminando, esse ano eu me formo, se Deus quiser, aí o ano que vem eu quero fazer pra seguir mesmo. Porque eu acho bonito, cultura, pessoas, viajar, eu acho lindo, porque turismo não é só viajar, turismo é você saber lidar com as pessoas, né? E eu gosto disso, eu gosto de conversar, que nem, quando tem prova aqui na FATEC, eu to aqui conversando com minha amiga, eu vi uns brasileiros querendo conhecer eu falei ah! não eu vou lá. É um desafio pra mim, adoro gente... aí eles começam curioso aí eu falo: dá um pouco de *chuño*, carne seca, pra eles experimentarem né? Eles vêm comem, eles gostam que você trate eles bem, eles gostam porque eles não conhecem, então eles querem saber entendeu, e não é a primeira vez que uma pessoa vem na barraca da minha amiga, perguntar sobre a gastronomia, já vieram vários, e eu sempre estava no dia, aí eu pensei caramba! E aí eu faço as pessoas virem comer, experimentar, e elas voltam, trazem a família, e é bem legal, eu gosto.

ALCINDA - 17/03/2013 Entrevistada 02 – 10:08 minutos – voz 12

Seu nome.

Dona Arminda,

A senhora está no Brasil há quanto tempo?

Estou há 12 anos

Conta um pouquinho dessa história, de como é que foi chegar, como era na Bolívia, a senhora trabalhava com comida lá, aprendeu com mãe... enfim, como é que é essa história.

Eu aprendi com 17 anos a cozinhar, minha mãe me ensinou mesmo, vamos fazer comida né? A gente veio aqui trabalhar né?

A senhora veio aqui, mas cozinhou lá?

Eu aprendi a cozinhar com dezessete, lá com minha mãe.

E veio sozinha, ou veio com os pais?

Não, eu vim com meu marido.

Aí veio?

Aí vim, trabalhei de costura, nunca gostei de trabalhar com costura.

Não?

Aí eu trabalhei quatro anos, não, eu não gosto de costura não...

E da comida gosta?

Da comida, fazer comida sim. Eu gosto de fazer. Aí eu trabalhei quatro anos, trabalhava ali mesmo e morava ali mesmo

Ah! Trabalhava na mesma oficina? Mas a senhora já era casada?

Sim já era casada

Moravam os dois?

Sim moravam os dois. Trabalhavam os dois também na mesma casa. Aí eu tive um filho, aí veio o segundo, aí tive de pensar. Não ficar mais trabalhando para outra pessoa, e trabalhar para mim né?

Sim...

Aí que entrei para...

Como é que conheceu a Associação, como é que chegou aqui?

Ah eu cheguei, vim a passear, vim a conhecer como que era a Feira, depois a gente entrou. Deu uma entrada... pra começar é difícil... eu comecei assim, não aqui... era com duas barracas que comecei... umas barraquinhas assim, não essas barracas aqui...

Menorzinhas...

Sim, menorzinhas, aquelas fininhas... aí a gente passou dificuldade para melhorar... quase que eu desisti... aí eu pensei não vou desistir não... aí a gente foi trabalhando, trabalhando, melhorando... cada vez mais melhorando...

Trabalha a senhora e sua família? Só a senhora?

Aqui na barraca trabalha eu e meu marido e três, quatro pessoas.

Os filhos não?

Não, os filhos não.

Eles não se interessam pela comida?

Quem?

Seus filhos?

Não, o maior tem 12 e o outro tem 9 anos. Eles ficam em casa.

E como é essa relação, como é a comida? A senhora é de que região da Bolívia?

Eu sou de La Paz.

Tem diferenças entre os grupos, entre a forma de cozinhar?

Tem

Pode falar um pouquinho a respeito disso?

Tem diferença que nós fazemos salsa de pollo e que eles chamam de picante de pollo, esse é diferente, mas é a mesma coisa.

Os nomes são diferentes, não os processos de cozinhar?

Os processos também, são diferentes.

O que a senhora vende aqui na sua barraca? É tudo de La Paz?

Tudo de La Paz.

O que a senhora vende aqui são os pratos vendidos em La Paz? Pratos que as pessoas comem lá todos os dias, ou são pratos que se comem só pra de vez em quando? É o prato que a gente como como o nosso arroz e feijão?

É e também a gente tem as crianças nascidas aqui elas não querem a comida boliviana, elas querem feijão, arroz, carne. Na minha casa, faço mais feijão e arroz mesmo. Por causa das crianças.

Então elas já foram se acostumando a cultura nossa?

É, eles estão acostumados, porque eles nasceram aqui. Não, alguma coisa que eu faço, quando... pra degustar né? Ao final de semana aí eles comem comigo, mas assim, não comem como arroz feijão né?

E o que que a senhora vende aqui?

São muitos pratos. Posso falar?

Pode.

Eu vendo lechon, fricassê, chicharrón, pollo frito, que é frango frito, aí charque, silpancho, pique.

Essas receitas, a senhora trouxe de cabeça, a senhora segue algum receituário

A gente já sabe de cabeça... já aprendeu já. Aí...

Esses pratos todos, a senhora fazia na sua casa?

Na Bolívia?

É

Eu fazia. É. Eu comia lá.

Qual o que a senhora mais gosta?

Ah gostar mesmo... gosto de silpancho porque tem mais salada né? A gente faz com carne moída, coloca ovo, alho, salsinha, farinha de rosca, aí forma uma bolinha e faz assim tipo milanesa. Aí então estica a bolinha e faz tipo milanesa e serve com bastante salada, arroz e batata frita.

O que a senhora acha da comida de vocês e da cultura de vocês aqui? A senhora acha que a comida representa a sua cultura da Bolívia?

Eu acho que apresenta... há muitos brasileiros, não só brasileiros, latinos que moram aqui,

A senhora consegue através da comida guardar a cultura, tem saudades, como é que é?

Não, eu tenho toda a minha família lá na Bolívia, então fim de ano eu vou lá, matar as saudades deles. Também a gente se fala por telefone, fala com mãe, irmão, sempre se fala.

É um pouco difícil de falar.

Não pensa em voltar?

Ah depois que as crianças terminassem na escola, aí depois morar lá, ou ficar... eles eu acho que não. Ainda chega muitos bolivianos, gente que volta também, gente que vai para não voltar, então a gente vai e volta de novo aqui. A gente vai e fica uns quinze dias e tem de voltar para trabalhar, ir à escola... então a gente que vai e volta dá pra ver que não está bem ne?

A senhora só trabalha aos domingos ou durante a semana a senhora faz comida também para vender pra fora, boliviana?

Não, só aqui na Feira. Só domingo que eu faço comida.

Seu esposo também, ou seu esposo trabalha na semana?

Meu esposo trabalha fora.

MARITA - 17/03/2014 Entrevista 3 – 13:22minutos – voz 13

Bom dia, meu nome é Marisa, eu cheguei na época de 1989, minha mãe, minha família toda, minha mãe, meus pais, minha irmã. A gente veio para trabalhar na costura. Na época a gente trabalhava de costura. Meu pai tinha uma oficina de costura e a gente veio trabalhar com ele. Nos primeiros dias, nos primeiros anos, a gente trabalhou forte na costura pra ajudar ele. Aos poucos a gente foi saindo, minhas irmãs foram estudando, minha mãe já conhecendo melhor assim, foi ela que fez... ah sabe? Teve a ideia, 89 imagina! Trinta, vinte cinco anos atrás, ela que teve a ideia, ela foi fundadora da Praça Kantuta, ela que teve a ideia de fundar um cantinho... ela que teve a ideia, e a gente aos poucos, ainda na Padre Bento, é lá que ela teve a ideia. Isso. Lá que ela teve a ideia de montar uma barraca pra vender comida... e as pessoas, os bolivianos mesmo ah! Olhavam isso com um susto sabe, comer na rua, comer na rua... o pessoal assim naquela época, olhavam assim, nem, nem olhavam minha mãe, nem paravam. Minha mãe aos poucos foi pegando clientes, pessoa já veio mais... uma semana veio um pouco, outra semana veio outro pouco... assim aos poucos, foi ideia dela disso. Ela sempre mexia na Bolívia com produtos alimentícios, tá... frescos, batata fresca, abóboras, cenoura né? Tudo fresquinho. Sempre ela mexeu com comércio. Então pra ela ficar aqui, fazer costura, ela não gostava, nunca gostou. Foi três quatro anos no máximo que a gente trabalhou, logo ela foi se desvencilhando de meu pai, meu pai já trabalhava lá, minha mãe já viajava... minha mãe nunca gostou essa monotonia de ficar assim na costura sabe, nunca. A gente trabalhou sim, mas pra alguma coisa, não com... costura, costura não! Ela trabalhou sim, mas ela viu que não dava mais e pronto, ela já pensou em outra coisa, por que não? Por que na Argentina na época já tinha isso, no mínimo em 1989 na Argentina já tinha as feirinhas e ela viajava pra Argentina e via... ela trouxe de lá a ideia. Foi ela que trouxe todas as ideias da... carnaval, foi ela que trouxe a ideia de Alasitas, foi ela. Então nossa culinária, a base da comida típica a gente o que que faz? Na feira a gente

compra cenoura, mas sempre a gente, de vez em quando, fim de semana, a gente usa todos os temperos, é sempre usa. Vem o povo vem, compra o milho, compra uma batata seca e ela cozinha domingo né? Domingo e sábado. De semana a gente cozinha normal, batata, cenoura, feijão, macarrão, mas o final de semana sempre a gente varia a nossa culinária.

Então a comida boliviana ficou pros finais de semana como um prato diferente?

Isso. Como uma coisa melhorada. Também na época, naquela época, a gente quase esqueceu disso aqui, que na época ninguém trazia isso, a gente não era... havia malas na fronteira... não dava pra você... o policial vê isso aí que ele já prendia, ele falava que que é isso? Aos poucos até isso mudou. Até isso o povo já foi deixando, deixando.

Como é essa frequência que vocês vão para lá. Vocês mesmo que trazem?

Antigamente, era minha mãe que viajava, por isso eu falo, minha mãe fez tudo! Ela que viajava e trazia todos os produtos pra ela, isso durou uns dez anos. Agora ela já tem uma certa idade, já não viaja mais, a gente já depende daquelas pessoas que já ganham com isso.

Ah! Então já tem pessoas fazendo esse transporte?

Isso. Elas trazem para cá, a gente compra delas, a gente revende. O pessoal já deixa o dinheiro e já traz. Ela só, que trabalho? Trabalho é trazer para cá. Só que isso tá tendo uma dificuldade agora, porque a fronteira está fechada. Eles não estão deixando entrar nada, porque no meio disso, entra outras coisas. Isso tudo é assim, um faz bem, o resto não faz certo? Às vezes de dez, sempre tem dois ou três que faz errado né? Então com isso é a mesma coisa.

O que representa pra você trazer esses produtos? Para a tua vida, isso tem a ver com a tua cultura?

Sim é a nossa cultura, é um jeito de a gente não esquecer a nossa cultura.

E como é que isso, por exemplo, pra passar para as pessoas, porque eu vejo que você atende, você mostra, você fala o que é, não é muito comum.

Aqui, aqui, a gente já é ensinada a atender o cliente, atende, ensina, ensina como que ele pode fazer, como que ele tem que fazer.

Fala um pouquinho desses produtos pra mim. Pelo menos os mais diferentes.

Os nossos pratos mais conhecidos aqui, é o chicharron, o fricassé, a sopa de many que o rapaz falou. Que é uma sopa à base de amendoim, à base de amendoim descascado, aquele amendoim peladinho. Bate no liquidificador e faz uma sopa. Tipo uma canja, com carne... com pedaços de frango inteiro, pedaços de frango, faz uma canja com batata, com legumes, e amendoim batido no liquidificador. Isso é uma sopa tradicional da Bolívia. O primeiro que eles experimentam é a sopa de many, aí vai salteña, um salgado nosso conhecido mundialmente, todo mundo conhece. O chicharron, o chicharron é à base de um milho branco, uma batata preta, e carne de porco torrada no óleo. É um prato que todo mundo conhece, que é muito bom. Agora tem o fricassê, que é à base de um milho, tudo é milho e batata preta, milho, batata preta, carne de porco, mas eles faz um molho, tudo isso aí é um molho à base de uma pimenta amarela, a pimenta, que é p aji amarelo. Bate ele, cozinha todos os temperos já no meio. Fricassê que é à base de um caldo com pimenta amarela, do aji amarelo. Que mais eu posso falar.

Eu queria um pouquinho da história do *chuño*, da tunda...

Ah! O *chuño*, o *chuño* é uma batata desidratada, uma batata desidratada, ela é desidratada e ela é conservada naturalmente, ela é uma batata que foi congelada, então a batata desidratada ela é natural tá? Ela é congelada e seca, o milho ela já é seco. Aquela batata branca chamada tunta, ela vai ao molho, e enche o pimen... o locoto lá no meio... ele recheia, recheia no meio, também faz um molho, que é uma salsa apimentada, dá pra fazer de todo esse jeito. Eu não sei como que eles comem isso com recheio, se ele é ardido né? A batata branca é a tunta, a tunta ela é uma batata congelada. É uma batata congelada à geada, e ainda colocada no rio, submerge lá no fundo do rio, ela fica semanas inteiras lá, até ela ficar branquinha desse jeito.

Esses processos continuam até hoje?

Até agora, até agora esses processos são mantidos ainda.

Onde são feitos? Em que regiões?

Bom essas regiões das batatas desidratadas são de rio em Altiplano. São do altiplano sabe, é... La Paz, Oruro, Potosi. Essas cidades fazem a tunta e o *chuño*. Agora o milho é de Cochabamba. Cochabamba é um clima mais ameno, o clima lá é mais ameno, é um clima mais parecido daqui.

A diferença dessa batata miudinha pra essa batata maiorzinha?

É a qualidade da batata. Vocês escolhem uma batata bonita branca. Ela faz o *chuño* grande. Vocês escolhem uma batata miudinha, assim mais baratinha, do mesmo jeito tem diferença de preço. Essa aqui é doze, essa aqui é dez.

Mas a maior é melhor?

Não é que é melhor, depende do que você acha. Quem que essa pequeninha é pra quem não tem tempo de ficar cortando, em dois três, ela já... não é que é menos, é mesma qualidade. As batatas da Bolívia são muito boas, e tem uma variedade infinita de batatas.

E essa batata fresca, vocês também tem?

Eu não tenho no momento, mas eu também vendo ela.

Então, ela vem fresca de lá?

Ela vem da Bolívia desse jeito, assim pretinha, mas ela é boa pra tudo.

E essa vermelhinha?

Vermelhinha colorida, é uma papa lisa, não é uma batata, é uma papa lisa, é uma... tipo uma abobrinha. Não abobrinha... tipo mandioquinha. Mas ela não desmancha, ela cozinha desse jeito, você que tem que dá um soco pra cozinhar. Você tem que socar ela grosseiramente pra fazer o tempero.

E pra você, hoje você vive só... é o seu trabalho? É sua ocupação? Você vem só aos domingos ou você tem outras...

Eu não tenho loja, mas eu vendo, os meus produtos, típicos da Bolívia todos os dias.

Ah, então as pessoas já te conhecem e na sua própria casa você faz essa venda?

Isso, eu já, vou de pessoa em pessoa e vou oferecendo meu produto. A senhora quer uma batata, um *chuño*. Ah eu quero um quilo de batata, um quilo de *chuño*... então eu não tenho um ponto certo. Também na Coimbra de sábado. Eu fico na Costa Valente, não na Coimbra, Costa valente é uma rua pra baixo. Onde tem o Chicharron, tem bastante barraquinha de chicharron, eu fico lá. Ela é até um pouquinho vazia, mas aos poucos a gente vai encher lá também. Porque é nova essa feirinha de lá.

MARCOS - 17/03/2013 Entrevista 04 – 1:22 minutos – voz 14

Sr. Don Carlos. Então eu tomei conta das propriedades da minha avó. Ela tinha bastante propriedade, tinha fazendo da criação de carneiros. Então semanalmente me traziam um carneiro em casa, eu não cozinhava em casa, mas eu fazia parrilhada, tipo churrasco. Lá nós chamamos parrilhada. Na Espanha também deve chamar assim. Então fazíamos semanalmente uma parrilhada, com um carneiro enorme... e uma turma de vinte e cinco colegas universitários, de todas as faculdades de direito, de engenharia industrial, de economia e da faculdade de engenharia, essas quatro faculdades...

Então era uma festa...

Era... antigamente o dinheiro lá... que eu administrava a casa, sozinho, estudante, então ficava pra mim. Era um padrão de estudante, era muito dinheiro. Eu gostava sim.

Essa era a época dos militares? Como aqui.

Época dos militares, do ano 67 ao 70, e eu participava muito das passeatas, sabe estudante, era sempre o primeiro que levava a bandeira né, contra o governo, eu era um desses. Aprendi a usar dinamite, nos davam estopim de dinamite... pavio curtinho, lançava, militar atrás de nós. Usava

pra jogar no ar, não pra machucar. Então era assim, eu era muito conhecido lá. E era muito amigo de todo mundo, namorado, como não podia deixar de ser não? Tudo facilitado. Eu estudava normal, lá as aulas eram durante o dia, de manhã e de tarde... e as provas, toda noite pra não perder horário de aula, ou seja ninguém, tem condição de trabalhar. Quem estuda é só pra estudar. As faculdades eram de graça antigamente, agora já tem muita universidade particular. Naquela época estavam inaugurando uma faculdade particular em La Paz. Todo mundo falava ah o ensino particular é pra quem não tem capacidade de estudar não? O ensino do governo era bom, como era aqui antigamente. Aqui diz que era muito bom.

Sim exatamente. Nós tínhamos a mesma coisa.

Então assim, quando eu vim aqui pro Brasil, vim como turista, eu comecei a tramitar a minha permanência aqui. Se eu tivesse alguma coisa, como documentação, na época, eu teria feito rápido porque já tinha família aqui com documento, meu irmão, meu pai, meu tio, minha avó, minha tia, cinco pessoas com documento de permanência. Era só fazer uma carta de chamamento, de chamada familiar, que chama. Já existia na época. Mas eu fui parar num despachante, e ele me enrolou, me enrolou, levou meu dinheiro. Só sabia levar o dinheiro. No final eu tive de viajar na Bolívia, ano setenta e dois, eu pedi a tramitação lá. De lá eu já vim com permanência no passaporte. E... tranquilo, foi fácil, cheguei aqui dei entrada no de grande, na polícia do estrangeiro. Não, eu não fui estudar, precisava fazer vestibular, quis revalidar as matérias que tinha lá, porque eu não tinha terminado lá, eu não poderia fazer o vestibular, porque era um requisito passar no vestibular. Porque como não tinha terminado, se teria terminado de estudar, era só fazer... complementar as matérias que tem aqui e não tem lá né? Mas como eu deixei na metade, pra cima da metade né? Eu tinha de fazer vestibular e depois revalidar. Então eu não consegui entrar no vestibular, entrei numa faculdade lá no... em setenta e cinco... análise de sistemas... e fui o oitavo classificado no vestibular. Mas não era uma coisa que me chamava né? Análise de sistemas... era bom na época, muito promissora né... mas não era nenhuma coisa que eu queria, larguei... tinha até parabéns dos professores, na redação né, porque na ortografia não sei né... era um grupo de direito, porque tem direito... mas eu fazia a redação... eu fiz, encabeçando né, desculpas a minha ortografia, porque não sou brasileiro, quando ele na outra semana foi ler as provas, ele diz tenho aqui uma redação que é muito boa, e ele pede desculpas por erros ortográficos, mas ele tem menos erros ortográficos que vocês. Que pra aprender o português eu lia muito.

Ah! Tá... é a melhor coisa...

Eu lia, assistia cinema, muita televisão, música.

Eu estou aprendendo espanhol assim ...

Música, compra aqui a música, boleros cantados... música de Alzira Cruz, é música boa de se escutar, então aí dá pra escutar direitinho.

Certo.

Assim então eu saí, fiz um semestre e saí, nem tranquei a matrícula. Quando já voltei com meu passaporte de permanência, fui trabalhar numa empresa de arquitetura, como projetista. Mas não era registrado em carteira, era como autônomo. O meu salário era grande, porque eles pagavam como se fosse uma firma... como uma firma tem de pagar um monte de coisas, eu não pagava nada... ganhava bem, um salário base de arquitetura era oito salários mínimos na época, não sei quanto é agora...

Não tenho ideia...

Eu ganhava quatorze salários mínimos, assim por mês, na época né... isso de segunda à sexta, e horas simples, quando fazia hora extra era bem mais. Sempre ia trabalhar sábado também. Um sábado sim um dia não, um sábado sim outro não, ia trabalhar, e nos outros sábados que não trabalhava era praia. Eu acostumei a trabalhar como autônomo.

O senhor aproveitou a vida!

Aproveitei! E acostumei a trabalhar como autônomo, quando saí de lá trabalhei numa empresa sete meses, registrado em carteira, mas tinha que chegar no horário, às vezes não tinha o que fazer mas tinha que ficar lá, até o último minuto, porque tinha o cunhado do dono, era uma empresa pequena né. Não tem o que fazer mas tem de esperar a hora bater pra sair. Então eu não gostava muito disso então comecei a trabalhar novamente como autônomo, como topógrafo. Aí viajava muito como topógrafo, vidinha boa, bem pago, no campo, em todo lugar, fazia muita fazenda, sítio, divisão de sítio, repartia herança, todas essas coisas. Durante muito tempo trabalhei como projetista de instalações elétricas, de baixa tensão né, apartamentos, casas, de tubulações industriais, de concreto armado, mas a maioria do tempo, sempre como autônomo. Saí da vida de autônomo, ano dois mil, porque o ano setenta e ... noventa e sete fui trabalhar numa empresa em Araçatuba, para fazer o gasoduto que vem da Bolívia né. Então o gasoduto, tava trabalhando, fiquei três meses lá, saí de lá porque eu trabalhava dezesseis horas, isso era escravidão. Era Argentina... Argentina... e italiana parece que a empresa, exploram o camarada. Ainda o salário também não era muito grande, eles achavam que tavam pagando bem, salário de confiança, falavam eles!!! E nos faziam trabalhar assim, só na confiança. Aí passei dois meses, primeiro mês cadê as horas extras? –Não, não tem. Não, seguramente vai vir no próximo mês, não veio.

A esposa do Sr. Don Carlos me oferece uma empanada de queijo, receita particular deles. Você não vai sair daqui sem experimentar a nossa empanada de queijo. (...) Prova, é receita nossa, vem gente de todo o Brasil ... buscar aqui.

Eu estou dizendo que vou ficar com vergonha...

Não, não fica com vergonha não, Essa daí é bom quentinha,

É a mesma massa?

É a mesma massa mas parece que é outra. Porque combina com o alimento, é uma massa que se combina bem com o que tem dentro. Parece outra né?

Ela fica mais macia.

É versátil essa massa. Então assim comecei a trabalhar, saí dessa empresa, e fui trabalhar na concessionária da Via Oeste, da Castelo Branco, da Raposo Tavares, fiquei três anos lá, quando saí de lá, ano dois mil, final do ano dois mil, quis trabalhar como autônomo, com topografia, cadê meus clientes? Três anos sem contato, perdi tudo. Que passa!!! Tava com mais de cinquenta anos já... para conseguir um bom trabalho assim de... registrado... tem de ter menos idade do que isso. Eu não sabia o que fazer, não conseguia nada, então... comecei a vender salteña, no ano dois mil ... aprendi a fazer salteña, eu variei, mudei, mudei o recheio, acertei, eu fiz do meu jeito né... ficou boa, e ainda escutando as críticas dos clientes, eu escuto muito o que falam, pra melhorar né! E fui melhorando, não era assim a salteña, era mais seca, reclamavam que não tinha caldo. Porque eu fazia para as faculdades, para as cantinas das faculdades, em Santo André, São Bernardo, aí não podia fazer contato, durante a semana. Foi quando comecei a vender na Praça do Pari, começaram a reclamar do caldo, eu comecei a por caldo.

Na Bolívia ela é pra comer de colher mesmo? Com caldo?

A maioria dos bolivianos não usa colher, pra comer. E na escola, pra comer no recreio, na primeira lanchonete, no meu colégio era assim, não tinha portão, éramos sete alunos na minha aula, eram aulas de quinze, vinte alunos, então não tinha portão, ninguém... passava a lista e já sabia quem faltou, só de ver. Então saíamos pra comer salteña, como está comendo a empanada é que se come a salteña, sem colher. Agora se você vai num passeio, assim ... senta numa mesa, aí se serve com colher. Mas...

Aí vai equilibrando aquele caldinho. Porque é quente né?

É mas quem está acostumado a comer salteña, faz saúde primeiro né, com o biquinho...

Por isso que ela é como um copo, mais arredondado, porque aí dá pra beber.

Dá, dá, se vira e...

E aí o senhor começou...

Aí comecei a ampliar a barraca, porque como disse, era uma coisa pequeninha, mudamos aqui.

Como foi essa coisa de mudar para cá.

Foi bem interessante, quando entrei lá, foi o primeiro domingo de dois mil e um, a vender na Praça Padre Bento, e um mês depois, esse dia eu não fui na feira, nesse dia que eu não fui na feira, diz que foi a Federal lá, pra criar problemas, porque não tinha documentos. Porque os Amigos do Bairro do Pari, a ARPA, tinham feito um abaixo assinado para tirar a feira do local, porque aqui você não vê bêbado. Mas lá, a feirinha, era rodeada de bares, e os bolivianos que bebem, iam beber lá, estão perto de meus patrícios, então se sentiam segurança, bebiam, bebiam, a feira ia embora eles continuavam lá. E que faz um bêbado? Faz sujeira na rua... não tem banheiro pra ele, é árvore, é parede, é um canto escuro... então incomodou muito o bairro. Tinha feito esse abaixo assinado, e um tempo depois o presidente, que era o Jorge Merúvya né? Nos chama para uma reunião na igreja, no salão da igreja, sempre fazíamos nossas reuniões no salão da igreja. Aí nos chamam, era a Administração Regional da Sé e a SEMAB, a Secretária de Abastecimento (Secretaria Municipal do Abastecimento – SEMAB), e leram a carta, o abaixo assinado, e falaram que tínhamos prazo pra sair, mas eles gostavam muito da nossa Feira, porque era diretamente boliviano, não tinha essas quinquilharias de bairro chinês de agora, não tinha isso, era uma feirinha satélite que se formou lá, e foram admitidos depois. Porque quando vinha a Prefeitura eles não tinha o que fazer, eles se reuniam e coitados, não podiam perder o que tinham, então foram colocados aí. E gostavam da nossa Feira, porque lá se fazia folclore, nas Festas Cívicas vinham grupos dançar, quando era dia das mães, fazíamos uma vaquinha e comprávamos presentes para as mães, e dávamos presentes assim, não era rifa, não era sorteio, nada, nos perguntávamos: qual é a mãe que tem mais filhos? E dávamos presente. Qual a mãe mais nova, a mãe mais velha e coisas assim. No dia das crianças também fazíamos a mesma coisa, quando era Natal fazia uma... chocolatada para a criançada, então a Prefeitura gostava. Então através da Administração da Sé, nos orientaram para que formemos uma Associação e para ir a procura de outro local, porque nós tínhamos de sair de lá mesmo... tá bom, assisti a reunião, discutimos, eu tenho alguma fotografia disso, dessas reuniões e... tinha o Jorge Merúvya que era presidente, o Demétrio que era o vice, a mulher do Demétrio que era... que era... então eles eram três, então a Bete era tesoureira, uma senhora de idade né... e assim então a... eles foram a ver Praças, e sempre iam a ver, eu não sabia o que estava acontecendo, nada, até que arrumaram um terreno, falaram a vamos ver um terreno pra fazer a Feira, vamos vá, é preciso fazer um mutirão de limpeza. Onde tem esse (...) particular do shopping? Tinha que ser aí a feira. Era um joga fora de entulho, entulho de ferro velho, então vamos fazer a faxina e carpir, limpar tudo, às terças feiras, fomos duas terças-feiras fazer esse mutirão, quando fomos a quarta terça-feira, a terceira vez que fomos ir, a portaria nos falaram olha, não vai poder mais fazer nada aqui,

Por que falei.

Porque essa área tem projeto de habitação popular, e o governo vai mexer, vai usar essa área. Então não vão poder ficar.

Bom para quando viemos essa área, o presidente disse, não Carlos você quem sabe de projeto e tal, faz um projeto dos banheiros, como era área confinada, tínhamos que ter banheiros, então o projeto para banheiros, e calcula quanto vai custar, todo o material e você vai ser o encarregado da obra e o tesoureiro da obra. Então me nomeou tesoureiro dois né, segundo tesoureiro, para a obra, então calculei mais ou menos um... uma parte inicial para comprar material tal, era duzentos Reais a cota para cada feirante né, acho que deram dois aos todo, quando nos falaram isso, eu peguei e devolvi o dinheiro para quem deu. Mas eu já era da diretiva, então eles saiam junto comigo a procurar Praças e escutava falar que a Prefeitura tinha

oferecido um lugar assim, um lugar longe, que dava para fechar três ruas, mas é longe de tudo, abandonado... eu escutei falar, se fosse noutro lugar, mas um lugar assim feio... e fomos em muitas Praças, haviam Praças boas, mas o trânsito muito, muito trânsito e é perigoso, na Feira muita criança, e lá na Feira do Pari tinha muito bêbado, eu imaginava que os bêbados faziam parte da Feira, eu imaginava né, que eram parte da Feira, falei não perigoso... e tem que atravessar essas avenidas de ônibus, saída de viadutos tinham umas Praças lá, eu falei não. Aí que me falaram: Vamos conhecer aquela Praça estamos pertinho... falei vamos... era do lado do terreno, esta Praça! Quando vi nossa que maravilha! As calçadas largas, não tinha esse gramado aí nessa calçada, largas, largas... puxa vida aqui dava... falei aqui dá pra colocar as barracas, mais pra cá, e vai ter... ninguém tinha barracas assim na rua, só na calçada. Falei, não sei porque vocês não quiseram, falou ah é porque aqui não tem bares, não tem padaria, nada para fazer trocar dinheiro. Não tem nada aqui, tem a garagem dessa... da SPTrans, tem esse colégio que não abre aos domingos, tem a fábrica de bolachas lá, não incomoda ninguém. O portão de saúde não abre, a creche não funciona aos domingos, não tem quem reclame. Eu falei maravilha! Aí fomos lá, na Regional da Sé, falamos com o Francisco... Francisco Oliveira da SEMAB, e Sergio Tordesilhas, Tordesilhas, que era o administrador regional. Não me lembro bem o nome se era Tordesilhas... e falamos nós queremos aquela Praça. Onde fica? Aí vimos, em tal rua, tal rua... Rua Tanol e Rua Pedro Vicente, aí localizamos, disse – Não tem Praça! – Tem! – Não tem! No mapa oficial de São Paulo não tinha. Nem constava como área verde. Era um quarteirão, aí ele veio conosco, voltamos pra lá. Aí eu falei bom já que encontramos uma Praça, vamos a batizá-la. (...) aí Jorge Merúvya falou... não dona Alícia... a mulher do vice-presidente falou. – Ai queria que se chame Bolívia... falei dona Alícia... falei, nos está expulsando de lugar, conhecidos por bolivianos, nojentos, bêbados e tal... então colocar o nome numa Praça com nome de Bolívia, vamos... estão pegando... confronto... confronto ou pior... provocação... aí o Jorge falou: – Ah então melhor, vamos colocar Virgem de Copa... Copacabana... piorou... falei... piorou!!!! Porque brasileiro é muito devoto pra... Nossa Senhora Aparecida, colocar nome de uma padroeira da Bolívia aqui... vai ser pior do que colocar Praça Bolívia falei... eu já estava fazendo essas... os bonés, já tinha feito o logotipo da Associação, já tinha nome, já tinha nome, já tínhamos tudo, nome tudo, só que não saía o CNPJ, estava em tramitação, mas já estava com logotipo e o logotipo tinha a Kantuta, eu falei então põe a Kantuta, ah Kantuta é... Eu falei primeiro, brasileiro não sabe o que é Kantuta, mas boliviano escuta Kantuta em qualquer lugar do mundo e sabe que é com ele... aí o Sergio e o Francisco disseram que que é Kantuta? Eu falei... tá vendo? Não sabe... aí eu expliquei, é uma flor que tem as cores da bandeira boliviana e é nosso símbolo. – Ah que bonito, simpático eu vou colocar. Então informalmente foi aceita a minha opção de nome, de escolher nome, depois... cerca de um mês depois estava mudando pra cá. Nós mesmos tivemos que fazer duas plaquinhas que falava, na parede grudado Praça Kantuta. E já estava informal o nome, depois que regulamentamos a Praça, a Feira, depois que regulamentamos a Feira, fizemos a primeira... ah primeira, vamos a ver, aqui dia dois de junho de dois mil e dois, e a Feira foi regulamentada dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e três. Mas não era domingo, era sexta feira, era sexta feira, tinha... tinha muitos grupos folclóricos, eu falava cons... eu falava... uma vez com a minha irmã faz muito tempo atrás, minha irmã falou ah! Aqui era bom fazer um carnaval mas empresarialmente, mas eu não entendi bem o empresarialmente, isso quando cheguei aqui no Brasil, uns dois anos depois. Passou, esquecemos tudo isso. Aí quando deu chance, em dois mil e dois, os grupos folclóricos vinham dançar aqui, quase sempre pedíamos palco para a prefeitura, nos mandavam, nós montávamos palco de madeira, era legal! Eles colocavam banheiros químicos, e nós tramitando, tramitando, com minha esposa, era de dia e de noite, um por um os documentos dos feirantes, que na época éramos setenta e seis, um por um, ia um faltava fazer outro, faltava não sei o que... não traziam, relatório todo dia, parecíamos funcionários da SEMAB, ficávamos lá

direto, se alguém queria nos encontrar era lá, eu e ela. Quando eu vi que... vinham os grupos para dançar, a prefeitura gostava muito de nosso trabalho, o diretor da SEMAB mudou, ficou o “Biru” não sei que del Pin, se chama Eugênio del Pin, ou alguma coisa assim, se chamava. Mas todo mundo conhecia como “Biru” e... tínhamos carta branca, faríamos funcionar, eu sei que pra inauguração da Praça, queríamos fazer em dezembro antes de Natal, era uma das ideias, porque nosso prazo era até outubro, vinte de outubro, não foi possível, eu queria inaugurar a Feira dia quinze de outubro que era aniversário da fundação de La Paz, nosso prazo, mas a papelada da SEMAB demorou a sair, para ser publicado no Diário Oficial. Em dezembro tentei fazer, até correu um boato de que estávamos inaugurando aqui a Feira, em dezembro oficialmente, e a assessora da sub prefeita da Moóca vieram, até lá já tinham mudado de sub regional para sub prefeituras, isso que era da Sé passou para a Moóca, vieram e trataram, como você está fazendo isso? Inaugurando a Feira e não nos chama? Nós que sempre colaboramos com tudo, eu falei não estamos inaugurando nada, estamos fazendo festa de final de ano. Nós não inauguramos, eles foram convidados, sempre vinham, mas é que a sub prefeita não vinha, ela vinha de vez em quando, mas vinham as assessoras e quando viu uma das assessoras ligou para ela, não, não estão inaugurando não, estão assim... fazendo uma festa de final de ano... chocolatada para as crianças. Mas eu já estava fazendo reuniões com os grupos folclóricos, porque eu falei com cada um dos grupos folclóricos, que tal fazer um carnaval boliviano? Porque entre eles não se falam, é como time de futebol, sabe? Não se bicam.

São de regiões diferentes ou não?

Não eles são da mesma região, tem a mesma garra e tal, mas não se bicam, com seu grupo... tá bom... que nem time de futebol. Aí eu... como tinha carta... não carta branca, como tinha circulação plena no meio de todo mundo, era muito popular, escrevi uma carta, bem bonita e mandei pra cada um, igual, com mesmo texto, como era convidado, colocava o nome de cada um. E comecei a fazer as reuniões na casa do presidente, do Meruvya. Então já publicamos em rádio, todos os meios de comunicação dos bolivianos, que vai ser inaugurada, junto com o carnaval, a legalização da Feira. Estava lançando, primeiro de junho o Carnaval boliviano com a regularização da Feira. E mandamos convites para a SEMAB, para a Prefeitura, para a sub prefeitura, para a Bolívia, pra bombeiros, pra todo mundo, Viva Centro. Chegou a semana que antecede o domingo, vamos supor domingo que vem é carnaval, segunda feira, estávamos na Prefeitura, cadê a..., na SEMAB, cadê a publicação do Diário Oficial? Nada. Falei nosso programa tá aí, tá o convite, vocês não se tocam... não mas é o jurídico que está demorando... jurídico, jurídico, eu virei também preocupado com o jurídico, que não liberava. Eu sei que quando foi na terça ou na quarta feira, falamos com a assessora Carmem, que era sub prefeita, ela ligou pra SEMAB: – Alô seu “Biru”, que que está pegando? Essa feira, eu quero a publicação até sexta feira. Eles estão fazendo o Carnaval, estamos com convite, o prefeito foi convidado, todas as outras sub prefeituras foram convidadas, por isso, eu quero. Saiu, na sexta feira 28 saiu, aí fomos correndo fazer as coisas. Confirmar que estava tudo *ok*. E foi bonito aqui o desfile, acho que era oito grupos folclóricos, que desfilaram, mas pra começar estava bom. Veio a... A TV Cultura filmou.

Eu esse ano não vim, eu vim ano passado.

Teve um ano aí que “bombou”, há cinco quarteirões, tava cheio de vendedor ambulante, que acabava as coisas iam buscar mais, estava lotado de gente, lotado.

Eu fiquei impressionada com a quantidade de espuma que eles lançam aqui. E o que mais me encanta, o que mais me encantou quando eu vim, é que a brincadeira eles fazem com todos, e assim, tem muito respeito, ninguém briga, pelo menos o que eu observei, ninguém briga, ninguém reclama, eles aceitam com alegria.

Porque é uma brincadeira que já é de lá. Ali falam, que no carnaval se molha todo mundo e ninguém fica de mal. Então é assim. Carnaval, depois do carnaval falamos entre nós, bem agora

que estamos com a missão cumprida, regulamentamos a feita e tal, vamos colocar nossos cargos à disposição e pronto! Chamar eleições, e foi o que fizemos, chamou-se eleição...

De quanto em quanto tempo?

A cada dois anos.

Todas as pessoas que estão na Feira necessariamente precisam ter alguma ligação com os bolivianos ou não?

Não, não, o que tem que ser para ser vendedor aqui é vender coisas bolivianas. Por exemplo o Wilson é brasileiro.

Mas acho que a esposa dele né?

A esposa dele é filha de bolivianos

Ah! Eu achei que fosse boliviana.

Não, tem, tem alguns brasileiros.

Precisa ter alguma relação com, com...

Com os produtos, o produto tem que ser.

Certo.

Aí veio o Wilson, se candidatou, ganhou. Foi empossado como presidente, ficou dois anos, chamou eleições, ninguém compareceu, ninguém foi, então ele falou, como ninguém se candidatou então eu vou continuar a ser presidente. E ficou, chamou eleições uma vez, ninguém foi... aí ele ficou de presidente. Aí quando cumpriu o segundo mandato, chamou eleições. Ele falou: - tem algum candidato? Aí eu levantei a mão. Tá vendo se vocês não apresentam nenhum candidato, por estatuto, ele vai ser eleito! Então aqui não tem... até quando tem outro candidato eu vou continuar sendo presidente, ele falou. Ficou mais um ano. Tudo bem, cinco anos, fazia três anos sem eleições né. Aí veio outro ano.

O senhor não quis mais se eleger?

Não, não, não queria intervir, só que aquela vez como não tinha candidato, eu falei alguém tem de ceder, porque ninguém pode ter mais de dois mandatos. Ninguém... acho que o único candidato aqui sou eu! Levantei a mão. Depois veio... o Jorge Meruvya já não estava aqui. Quando fui candidato, quando levantei a mão. Ah! Acho que estava aqui! Não me lembro! Eu sei que o Jorge Meruvya saiu da Feira. Mas completos os cinco anos do Wilson, teria que chamar eleições. Aí quem se candidata era o Meruvya, mas até lá já tinha um monte de coisas assim que... ele tinha saído da Feira, ele ingressou... voltou para a feira só pra fazer diretoria. Sendo que ele estava agitando para abrir a Feirinha da Coimbra. Que ele não aceitava de jeito nenhum a Feira da Coimbra, que era clandestina, que era... fazia a maior guerra, até ele mandou uma carta, ele e o Wilson para a Prefeitura da Mooca para que fosse a fiscalização tirar os feirantes de lá. Eu tenho cópia desse papel. Então... depois disso aí eu falei, não posso deixar uma pessoa que está dirigindo outra feirinha vir aqui, fazer a matrícula de novo só para ser presidente, não sei qual é a intenção dele né? Quando estava aqui era super boa gente, sempre bem, bem, bem... era uma pessoa de coração de ouro o Jorge Meruvya. Agora eu não sei porque que ele quis ser presidente. Eu falei não. Já que saiu daqui ele não vai voltar aqui como presidente. Que volte como feirante, então lancei minha candidatura. Tanto assim que no dia da eleição ele abriu mão. Então fiquei sem praticante e fui eleito sem... com o estatuto né, sem votação. Fiquei dois anos e depois chamei eleição. Mas nos dois anos que estava de presidente, todos os domingos tinha folclore. Ah... eu tinha... sustentava um site.

Isso eu sinto muita falta, porque não se acha... através do Bolívia Cultural, do site do Bolívia Cultural você pega... mas o site da Kantuta não tem mais... eu pelo menos não acho

Tinha... chamava Kantuta Brasil, chamava. Não sei se já viu?

Isso, mas não está mais alimentado, não tem nada novo.

Saiu do ar, porque quando eu estava ainda de presidente eu tirei ele do ar no fim do meu mandato. Me trazia um monte de gente, brasileiro tava aumentando, já tinha mais ou menos meio a meio brasileiro e boliviano.

Porque pra consolidação é muito importante também ter pessoas dá própria...

Sabe o que falaram aqui o meu concorrente? Falou que eu usava do site para fazer propaganda das minhas *salteñas*, e não tinha propaganda das minhas *salteñas* tinha um link, que chamava a minha página. Eu tinha uma página, que era separada. Aquele site tinha direito a *email*, a tudo, era tipo portal. Acho que chamam de portal, sei lá! Um site bem primoroso. Tinha diariamente fazia *mailing*, coisas assim, era muito dinâmico. Quando ia os grupos a dançar eu filmava e no dia seguinte estava na internet, então chovia de grupo aqui, porque queriam aparecer na Internet, no site oficial da feira. Aí começaram a falar que eu me estava beneficiando, e eu ofereci para todos os feirantes. A construção desse site me custou cinco mil Reais na época, e a manutenção era noventa mensal, pra que me ajude a pagar a manutenção eu falava me dá cinco Reais cada barraca, coloca um link, faz uma página e cada um com um link. Cinco, cinco Reais. Eles preferiam pagar cinquenta Reais por mês para uma publicação de um jornalzinho Aliança News que sai uma vez por mês. Publicação do tamanho de um cartão de visita.

E que o alcance é muito pequeno não?

É muito pequeno, só para boliviano.

É mais restrito. Exatamente. A internet hoje tem...

Sim, quando o site estava no ar, tinha muito, muito, até canais de televisão vieram, de fora, filmavam, monte de pesquisadores ... era muito concorrido. Foi nessa época que teve a maior, o maior número de reportagens da Record, da Bandeirantes, da Globo, de tudo quanto era lugar. Tevês fechadas vinham fazer entrevista, era comum. Muitos vinham para fazer entrevista comigo, saber da história tudo, mas outros vinham pra fazer da Praça, só da Praça. E assim, então vinham... porque havia um meio de comunicação. Então falaram isso eu tirei para não fazer... depois passou um tempo eu falei besteira né? A Praça está vazia, cadê brasileiro, quando vinha brasileiro o consumo era bom, era bom! O boliviano já conhece bem, sabe o que vai comer, é metódico, come duas *salteñas*. Brasileiro vem come, come acha uma maravilha no outro domingo traz a turma, bem atendido, traz a turma, e gasta! Não se amarra não. Porque barato, está o preço de um pastel a *salteña*, é assado, é mais sadio...

A quantidade de recheio, além de tudo, é muito maior.

Dá muito mais trabalho, mais saudável, e assim então... era bom! Quando pensei em voltar a trazer no ar, cadê a empresa que sustentava no ar a minha... a quem fez o site... não achei, não achei, e os telefones das meninas que eram as *webdesigners* não existe mais, sumiu, sumiu. E como faço para recuperar, estava muito bem montado. Eu pego um camarada uma vez que me ensinou, conheço como recuperar sites antigos, então me dá teu telefone que eu te ligo, quanto custa o trabalho? Ah! Vai te custar uns quinhentos Reais, só pra recuperar lá, mas daí eu faço a remontagem, daí você me paga. Vou montar, colocar dinâmico, você me recupera, vê como é os dados, atualiza e faz umas melhoradas... e vai custar bem mais barato do que eu gastei, bem mais barato... e cadê o camarada? Sumiu! Não me deu o telefone... – eu já venho, te deixo meu telefone... saiu não sei pra quê, porque era numa reunião que tava conversando. Ele falou não você trabalha com computador... legal! Eu contei... ah como se achar sites antigos, acabou! Nunca mais vi o camarada.

Como o senhor avalia a Feira hoje?

A Feira está fora do padrão, as barracas eram todas padronizadas, como essa barraquinha assim, só que não era de sanfona, era mais simples né. Começamos assim: uniformes era boné, aquele boné que eu te falei que tinha o símbolo da Kantuta, jaleco branco, saias listradas vermelho com branco pra comida, pra artesanato azul com branco, pra outras coisas era verde. Não, são padrões da Prefeitura, mas o modelo era padronizado, a Feira toda padronizada. Inclusive a

Prefeitura queria padronizar o tamanho das barracas de comida, de dois por dois, como da República, a do artesanato um e meio por um e meio, mas onde vai entrar esse forno dois por dois? Não dá.

E aqui tem muito espaço né?

Aqui tem... porta... não aqui um e setenta mesmo, um e setenta, até lá... deve dar dois metros, esse aqui dois metros.

Por dois cabe o forno e mais nada.

Aí também eu tive muita... muita... muito a ver com a SEMAB. Para eles fazer padrão três por três. Disse padrão três por três, era dois e oitenta por dois e oitenta, já não chegava a três. Porque as barracas que eu comprei, a medida era dois e oitenta por dois e oitenta, então padronizei isso aí, e cada um tinha direito a um, as famílias tinham direito a duas, uma a proprietária e outra quem eles colocassem nessa. Era tudo aí na calçada, e alguns colocavam as mesas na rua, mas sem toldo, sem nada, no sol né. E comecei a tirar foto... que vai servir comida no sol pras pessoas, sol quente... não... aí eu construí essa barraca, veja que é feita com solda, não industrial, é artesanal. Eu mandei soldar, peguei o modelo de algumas barracas que tem essa... e adaptei os tamanhos, e fiz assim, como dá pra colocar só essa parte separado dessa, são bons, então fiz assim e depois coloquei aqui e mostrei pra turma né, porque... quando chovia eles colocavam uma barraca adicional que já tinha aí né. Ah dá pra colocar na rua, mas só quando chovia. Eu falava poxa vida! Que vamo criar consciência né, já que todo mundo está querendo, tem falta espaço, em vez de duas barracas para comida precisa quatro, duas na calçada e duas na rua, por barraca de comida. Tá bom. Ah! Mas a comida não queria. Porque, não, isso implicava em (faz um sinal de R\$) ... mexe um pouquinho mais pra lá, mais pra cá né. Porque as barracas do lado das comidas era uma na calçada e uma na rua. Aqui era só na calçada. Então eu falei, igualmente pra esse aqui né (o senhor Carlos refere-se ao seu vizinho das *salteñas*) colocar na rua teremos setor de comes porque a rua é larga. O setor das comidas não queriam: – eu vou ter que me recuar... meus fregueses já sabem que eu fico aqui, se vou um pouquinho mais pra lá não vão me encontrar!!!! (O senhor Carlos faz a fala do vizinho da feira em um tom um pouco mais jocoso).

Lidar com pessoas é difícil.

É difícil. Bom o negócio é que... Quem não queria quatro barracas tem seis! Por isso se você vai ver tem seis! Seis, seis, seis, seis, seis. Aqui são duas barracas, uma é minha e outra é da minha esposa. São duas, por isso que é grande assim. E deviam ser doze módulos, porque são seis e seis, são, são dez, me falta mais dois módulos, para estar empatado com os outros. É que começo fica um pouco grande, parece enorme.

É que tem o pé direito maior então fica mais amplo, fica mais agradável.

E não, não é fechado né, não forma aquele colchão de ar quente.

Exatamente, ela é bem fresca.

Porque tem aquela fileira, que sai o ar por aí, circula.

Essa é sua vida, isso aqui é sua vida?

É ultimamente tem sido assim, minha... a menina dos olhos.

É, se percebe o amor o senhor falando da história.

E eu falava para a Prefeitura né, poxa vida, essa Feira, faz o que ninguém faz, nós temos folclore, fazemos (...), comida poxa vida, tem que aceitar como ela é, com essa modulação e aceitaram a modulação. Contada antes, depois tem o Eduardo (...) que era Sub Prefeito da Mooca, veio o coronel Rubens Passado, que quando eu estava na presidência fui falar com ele. Queria uma reurbanização da Praça. Ele falou olha, sem entrar no tema de urbanização da Praça, mas muito fajuta, eu não gostei nada, só colocar iluminação, sabe, coisinha de arquiteto né. Mas nada de excepcional, nada, só bonitinho, o desenho era bonitinho, mas se você se imaginava no local, não era nada, nada prático. Eu falei, senhor queríamos um projeto, temos essa quadra aí,

queria fazer um palco na cabeceira da quadra, um palco alto, coberto, e na quadra fazer uma arquibancada, do lado de fora da quadra, para que se possa assistir o palco, né, um grupo no palco, tem dezesseis metros parece de largura né, por doze... por oito ou por dez de fundo, ficaria nesse lado, né e quando grupo pequeno, dança em cima do palco, se grupo grande dança na quadra, e o pessoal olha da arquibancada, aí eu gravei, daquelas gravações que sempre fazia de folclore, gravei um cd para ele, e outro pra assessora mais direta dele né, entreguei, eu já tinha conversado com ele alguma vez, só que ele era meio “secão”, um dia que eu fui lá falar com a secretária dele, secretária não, assessora ne. Ele me viu, depois que deixei o cd, me viu entrou, oh tudo bem, aquele abraço, gostei muito, venha na minha sala, vem na minha sala. Fui na sala dele, falou: – gostei muito, muito, vocês fazem um trabalho lindo, o quê que você precisa. Ah precisamos reurbanizar a Feira... a Praça. Ele falou: – ah! Posso mandar fazer isso aí. Tenho arquiteto, tudo isso aí. Eu falei ótimo, assim que o projeto estiver pronto, eu também tenho, tenho minhas coisas, assim que o seu projeto estiver pronto e o meu, juntamos e vamos ver o quê que dá pra fazer. Uma vez aprovado, eu quero mandar à Bolívia para pedir uns recursos para fazer aqui. A verba para reurbanizar. Nada disso, eu vou fazer falou, tava empenhado em fazer, e... (pausa para o Sr. Don Carlos atender a filha ao telefone que queria lhe pedir que levasse um prato de fricasse para casa). Tá pedindo uma comida que estraga, fricassé, é caldo, à base de caldo, estraga, até à noite... então é assim né, uma pena que substituíram o Sub Prefeito.

Essas trocas de Prefeitura acabam prejudicando...

E assim, mas é uma coisa que eu sempre falo ah! ... se levo pra... queria levar pro Kassab, se levava pro Kassab teria analisado, podia ter derrubado tudo e mandado fazer, o Sub Prefeito da Mooca, queria fazer uma espécie de Partenon aqui... sei lá... é bem disse ele... ele falou eu tenho interesse em conhecer a Feira... então (...) se para fazer as coisas, eu fiz as coisas, também coloquei o nome na Praça, eu não era presidente, não era nada. Quando eu vim conhecer a Praça eu não era presidente, era tesoureiro dois, segundo tesoureiro, mas eu com minha esposa, que nós dizíamos, nós queríamos fazer, queríamos realizar, ele só assinava, ô Jorge assina, só manda assinar, nós levantamos a Praça, num projeto de cooperação, termo de cooperação, para manter a Praça. Firmamos, quem assinou a petição, foi o vice presidente, ele nem sabe o que assinou. Quando o presidente falou, tem que ir assinar, eles cederam a Praça, somos oficialmente cuidadores da Praça. Termo de adoção da Praça. Mas aquilo valia dois ou três anos, acabou já o prazo. Então, então tudo, tudo era... não precisa ser presidente. Quando eu legalizei o nome da Praça, foi o ano dois mil e quatro, eu fui só, quem era presidente era o Wilson, o segundo ano de mandato dele, e eu não era nada, aí eu me encontrei com o Secretário do Verde e do Meio Ambiente, que também era amigo nosso, é... do Biru da SEMAB, da Sub Prefeita, que sempre estava lá com eles né. Chamei ele e falei Adriano precisamos a falar e falei ó, posso pedir um favor pra você? Ah! Já vai... esse daí não sei se vou poder. Principalmente se for material, coisa material, dinheiro... Eu falei não, não é nada disso. Eu também não tenho. Não tenho porque pedir nada de pedido material. Nós temos isso aqui, você conhece nossa Praça, sempre vai lá tá, tá, tá... e como você é do Verde, eu tô falando com a pessoa certa, nossa Praça não tem nome oficial, eu queria... – Não tem nome oficial? Que palhaçada! Passa amanhã no jurídico lá da secretaria, na Rua do Paraíso, e leva o quê que é Kantuta, leva legenda, o que significa Kantuta, porque tem que tem que entrar no livro de Ruas, cada Rua tem um nome, tem um histórico, tá bom. Passo lá, eu não preciso trazer nada escrito, coloca na internet Kantuta, aí vai saber, aí puxaram. E eu levei um cd que ele mandou fazer pra mim quando estávamos aqui na Praça, mandou a base aéreo fotometria, fazer um voo, ou pegar de algum modelo e medirem essa Praça, e me deram em fotometria e em CAD, são dois tipos de arquivos para computador. Uma é de fotografia e o outro é de fotografia, mas com coordenadas em autocad. E fizemos assim, isso foi dia vinte e seis de agosto... setembro, não me lembro... tem que ver o mês,

setembro (...) eu não me lembro o mês... era vinte e seis, era festa da Mooca, que fui convidado para montar minha barraca lá na... no espaço lá onde faziam uma feirinha na Rua dos Trilhos, uma feira livre.

Tem o Parque da Mooca.

Isso, antes da Prefeitura, um pouquinho antes, tem uma feira. Então foi que conversei, e uma vez que estava lá no Verde, falamos com um japonês, pá, pá, pá, outro um dia aqui... não sei o quê... eu sei que antes de completar um mês, saiu a publicação no Diário Oficial. Ah! Domingo, inauguração aqui. Sexta feira o Adriano... – Eu quero as placas, aquelas placas da Kantuta, eu quero ver você colocar lá, te vira... mandou colocar tudo... aí colocamos, tinha lá os mastros né, com as bandeiras, já tinha o palquinho que o Adriano mandou fazer o nosso palco também, a pedido meu. Então seguiu a Rarnie, o Adriano veio que era Secretário do Verde, na época estava cônsul da Bolívia, e tinha um... tipo vereador, lá parece chama... ah! Não sei que nome tem... (...) sei lá, alguma coisa... e estava aqui a Marie estava no público e eu estava com ele lá em cima do palco. Quando a Rarnie começa a falar né, graças o trabalho de duas pessoas que trabalharam muito, que a Feira foi regularizada, que isto aqui, que isto lá, que agora esta Feira, tem nome oficial, por causa do trabalho de duas pessoas: da minha irmã Marie e do Carlos meu outro irmão. Eu e o Adriano nos abraçamos, eu emocionei, a Marie se fez chorar. Foi legal. Eu acho que bem chato por uns seis meses, sabe aquela coisa assim. Um camarada estrangeiro vir aqui num lugar, que não é país dele, colocar nome numa Praça, essa a melhor coisa que eu acho que eu fiz como boliviano. Não teve custo, não teve nada, não teve politicagem, nada, eu fui falei com os cabeças, com os administradores diretos, não foi através de vereador, foi direto com as pessoas, e... um trabalho bonito, limpo, fiquei cheio de orgulho né. Eu lembro quando estava tocando... foi tocado o hino brasileiro, o hino boliviano estava tocando, a Praça estava lotada de gente, eu estava detrás da bandeira, longe, curtindo sozinho, e... de repente o som parou, quando estava no meio do hino nacional, que nem num jogo do Brasil lá em Pernambuco, não sei aonde, que ficou sem... a orquestra parou de tocar e o público continuando a cantar, aqui foi igualzinho... e o boliviano dificilmente canta, é tímido, naquele dia estava cantando. Mesmo nossa bandeira, porque o Adriano quando subiu no palco falou: – Este território que estamos inaugurando, é principalmente boliviano, este território é de vocês, nós consideramos território boliviano, onde vocês vão tecer, vão cultivar sua cultura, e tá, tá, tá, falou bonito. Então o sentimento era grande né, cantando... ah! Foi bonito! Eu com minha esposa ficamos assim, porque foi um trabalho de nós dois né, sempre estava nós trabalhando juntos, e... eu fazia uma coisa, ela, ela organizava! Ajudava, quando eu estava meio mole, ela me empurrava, quando ela estava meio mole eu empurrava, então foi bem... bem encaixado né, bem trabalhado e foi indo, foi indo, depois a Feira caiu muito, agora então, está largada às traças, não tem mais folclore, esse carnaval, o dinheiro, não sei se você veio

Eu não vim, eu não vim esse ano.

Os grupos, por dinheiro, sem seus grupos, sem sua roupa de dança, vieram com roupa de ensaio no carnaval. Coisa que no carnaval, eles tem de estar com sua roupa de folclore, não com grupo de dança, com ensaio... tradicionais, de bailar mesmo, não com a roupa de ensaio.

E qual o motivo seu Carlos?

Descrédibilidade, olha, cinco anos de presidente brasileiro, dois anos um boliviano, durante dois anos o folclore afluiu, aí de novo presidente brasileiro... aí os grupos não vem. Eles vem porque sentem necessidade do carnaval né, mas é ... depois virou um negócio também ... eu sempre fui contra a venda de cerveja, eu vendo cerveja aqui, mas pouquinha quantidade, pra quem quer, pra alguém que pede, gente mostra, talvez tenha umas quatro latinhas de cerveja lá, entrego.

Até porque não é muito característico... eu vejo...

Tem algumas barracas que a turma já sabe, onde tem mais cerveja pra beber, tem. Então eu sempre fui contra a venda de cervejas aqui,

Aqui é um ambiente muito familiar né ...

Também era contra que vendam refrigerante de dois litros. Vamos fazer uma coisa bonita, aí eles falavam, não é que nosso povo é ... não tem recursos, vamos continuar com os refrigerantes grandes. Tá bom! Cerveja vendiam de garrafa, eu falei, nós não vamos vender não, já fez uma briga aí, que é isso... se vende, vende de lata.

Até o risco não, porque é uma arma...

Aí, não, e depois, quando a Prefeitura começou... isso aconteceu quando eu entrei lá no Pari, fui contra a cerveja em garrafa, vendiam em copos de vidro, eu falei: nada disso! Ou copos descartáveis, quebra, cai em cima, corta, depois como lavam?

Sim a condição é pequena né, não é tão ...

Como lavam. Lá eles tinham né, três águas, um balde, então três baldes, não tinha... né... com um pano... era uma nata aqui, uma nata um pouco menos aqui ... ah! Que isso! Estávamos aqui quando veio a Prefeitura, antes de vir aqui, fizemos curso no Dima – Departamento de Inspeção e Manuseio de Alimentos, era aqui perto na Vila Guilherme, aí ensinavam né, dos perigos, ah como se mantém os alimentos para que não se deteriore, alimentos que se deterioram rápido, e tudo mais, manuseio...

Eu ofereci para eles, se quiserem, não sei se vão querer, fazer um curso de... porque eu trabalho com alimentos, fazer um curso para as pessoas de manipulação, porque ele estava dizendo que tem muitas barracas novas...

Tem.

E que não fizeram, não passaram pelo curso, eu disse olha pelo menos pra eu não tirar só informação, pra eu poder dar alguma coisa pro grupo.

Quando a gente, quando tínhamos alguém pra comida, nós encaminhávamos para a Prefeitura, porque a Prefeitura tem, nos ajudam, mas muitos não vão e montam barraca, mas eu era rigoroso, quando aceitava um tinha que mostrar o certificado, que ... aqui não sabem, ah, foi aceito, pode montar, e o curso? Ah! Depois faz, depois faz. Não faz nunca né.

Certo, porque aí começou a trabalhar...

Começou a trabalhar já não faz mais. Então nós, nós tivemos assim curso prático, tivemos curso de manipulação de alimentos, o Programa de Alimento Seguro, SEBRAE aprender a empreender, coisas assim né, para o cliente, também atendimento ao público.

E o senhor não pensa em voltar?

Voltar pra Bolívia?

Não, administrar.

Me está pedindo sabe, o público me está pedindo, não são os feirantes, alguns feirantes já me pediram que volte, mas é muita coisa, muita coisa, ainda te chamam de ladrão!

Lidar com o povo, com gente, a gente não agrada todo mundo né, isso não tem jeito. Eu acho que o importante na vida é a gente ter a consciência tranquila, o resto...

Não sei então ... também precisa muito tempo, quando eu trabalhava de presidente aqui, eu não parava na minha barraca, vivia lidando, melhorando, fazendo ofícios para os grupos, mexendo no site porque eu mexia todos os dias no site, porque tinha gente, havia quem trabalhe, não tem ninguém que trabalha, fica ao abandono, ah! Quem sabe que tem Feira vem! Quem não sabe, tanto faz. Mas eu fazia questão de cuidar, nada melhor do que site... e agora tem ... tem o site, tem sociais... as redes sociais, tem *Facebook*, tem *Twitter*, tem os *blogs*, tem *Orkut* tanta coisa que tem né! Então... vai ter que ter comunicação, alguém tem que falar.

Tem que ter amor.

Organizar de novo o folclore, porque... só, só colocar um site no ar, que eles vão se interessar de novo. Porque eles vinha de graça, quando tínhamos o site ...

Porque também é uma propaganda pra eles né.

É, era bom pra ambos, quando eu deslizava no ar, na telinha... eles vinham com roupa, com roupa de baile, vinham...

Qual é a melhor festa boliviana?

A melhor festa boliviana? Depende, depende do ponto de vista.

Cultural! O que mais regata a Bolívia aqui?

Místico é a *Alasitas*, de ... de dança é o Carnaval. Agora nós temos as festas cívicas dos Departamentos da Bolívia, dos Estados da Bolívia, das Capitais dos Estados, que lá chamam departamentos. Eu fazendo aqui, sempre aqui... fizemos a Festa de La Paz, aí a fazer os orurenhos, fazem Dia de Oruro, fazemos também agora Dia de Cochabamba, de Santa Cruz, que é quase o mesmo, no mesmo mês, fazemos Dia da Mãe, Dia das Crianças, Festa de Final de Ano, e novembro fazemos a bayuga, bayuga é uma festa de Cochabamba, um balanço que montamos bem alto, quando as mulheres fantasiadas de cholitas, com suas roupas típicas de cholitas, balançam e tocam assim o peito num cesto que fica num arco, e tem prêmio. Até veio a Bandeirantes, naquele programa A Liga, a filmar. Fiquei o dia inteiro com eles, filmaram tanta coisa aqui... e não foi pro ar ... a Débora da Liga, uma morena, ela foi lá, no balanço, ela é louca, ela soltou as mãos, e eles filmaram ela balançando. Eu tinha uma maquininha, mas como estava acompanhando o entrevistando, não podia estar filmando, e... eu pensei que ia passar, a menina com coragem, como soltou ... é louca.

Don Carlos, obrigada, não vou tomar mais o tempo de vocês, eu vou tomar a liberdade de ainda depois ligar pra sua esposa, porque ela disse que vocês tem fotos, que vocês tem material, aí assim, se vocês puderem me ajudar,

A maioria das minhas fotos está num computador que quebrou, eu tenho que levar a CPU pra salvar, e eu vou levar lá, tem que comprar um... uma CPU externa.

Sim um HD externo, hoje eu uso ele, é mais prático que o *pen drive* porque não quebra.

Eu quero comprar um pra por, pra salvar todas, é mais seguro

Muito obrigada pela sua história.

Eu que agradeço Rosana.

Vou ainda ligar pra sua esposa, muito obrigada pela tarde.

Você tem o telefone dela?

Tenho, tenho sim. Ela já me deu o cartão e eu já deixei também o meu cartão com vocês, muito obrigada.

De nada, quando quiser vir.

VILMA - 17/03/2014 Entrevista 4 – 9minutos – voz 17

Eu vou começar agora uma gravação, com a Dilma, é uma pesquisa que eu estou fazendo para a Universidade de São Paulo a respeito da gastronomia boliviana, aqui em São Paulo. Dilma você concorda em me fazer essa entrevista,

É sim, concordo.

Então, eu queria que você falasse um pouquinho, de como foi a sua vida na Bolívia, o que lhe fez vir para cá, o que trabalhava, o que faz hoje, um pouquinho da sua história de vida.

É assim, em Bolívia eu não trabalhava, só cuidava de meus filhos, mas nas circunstâncias que trouxe aqui né, para poder dar um pouco melhor para meus filhos, porque eu tenho quatro filhos, então eu tenho que procurar um futuro melhor né, eu tenho que pensar no futuro deles, eu tenho que pensar em tudo, então esse é o motivo que nos trouxe aqui a São Paulo.

Você lá, somente seu marido trabalhava?

Só meu marido, você cozinhava pra sua casa?

É porque, meus filhos eram muito pequenos né, então eu morava sozinha, eu não morava com a minha família, mas meus pais moravam em outro lado. Eu morava em Santa Cruz de La Sierra, então assim, eu não tinha ninguém para deixar meus filhos, então... assim...

Comida lá, é a mesma que vocês oferecem aqui, ou Santa Cruz é diferente?

Santa Cruz de La Sierra tem cada um uma parte da Bolívia que é diferente, mas esta comida daqui, que nós estamos vendendo agora é de Cochabamba. De Santa Cruz é outra.

Como é a comida de lá?

De Santa Cruz, tem diferença né, mas ela é mais apreciada, mais o *amarradito*, nós chamamos aos de Santa Cruz de La Sierra, *cambas*, é o nome deles, então eles só comem mais o *amarradito*, é um prato típico de Santa Cruz de La Sierra.

Como é feito?

É arroz, com carne de bovino seco, mais uma fatia de queijo frito em cima e ovo, é assim, esse prato é o favorito de Santa Cruz.

E você fazia comida normal para os seus filhos.

Sim porque meus filhos nasceram lá né, então é ... porque eu morei um tempo, minha juventude...

O que se faz no dia a dia?

Agora?

Não, na Bolívia. O que eram os pratos de casa, de dentro de casa?

Ah! Dentro de casa a comida. Eu fazia de tudo né, eu não sou de Santa Cruz eu sou de Potosi, porém também as circunstâncias me levaram a Santa Cruz, então aí eu morei, agora dos pratos eu fazia de tudo, porque tenho conhecimento de Santa Cruz, um pouco de outro.

O arroz por exemplo, o arroz não é tradicional lá é mais a batata, ou não, é engano?

Não, é tradicional. Não assim né, prato tradicional não, é normal o arroz, que nós falamos né.

Bom e aí você veio para cá porque motivo, seu marido arrumou emprego ou não, vocês resolveram vir.

Não, como eu falei antes, nós viemos aqui porque lá estava um pouco difícil o trabalho.

Tá, mas há quantos anos você está aqui?

Quatro anos estou aqui. No primeiro ano, eu vim aqui à São Paulo em 2009, eu e um filho pequeno, mas é um pouco difícil né, porque eu deixei outros filhos lá na Bolívia né, então depois de um ano eu fui trazer eles.

Você veio sozinha...

Com meu marido.

Mas e os filhos ficaram? Eu deixei com minha mãe. Deixei pois é um pouco difícil, complicado, porque eu não podia trazer aqui sem ter onde morar né, um pouco difícil assim né. Então a gente trabalhou um ano e logo fui trazer meus filhos porquê ...

E aí você chegou e os dois foram trabalhar?

É quando eu cheguei aqui, nesse momento eu trabalhei porque eu sou costureira né, eu sou costureira.

Ah! Tá, então vocês vieram para trabalhar na costura?

Costura, somos costureiros, mas assim, meu trabalho é de segunda a sexta costura, mas aos sábados eu sempre venho trabalhar ajudando a vender a comida.

Você ainda trabalha? Você trabalha na costura e de final de semana ainda trabalha aqui?

É porque tenho quatro filhos né, um pouco difícil, pequenos, mas um pouco difícil aqui porque... o mais difícil é o aluguel muito caro né para nós um pouco difícil mas com os filhos né, os quatro pequenos, a comida, tudo então graças a Deus está bem né.

E aí essa parte, como é que chegou até a Kantuta?

Eu cheguei assim, eu gostava sempre de trabalhar assim, ajudando a vender a comida porque mais um, tem outro lugar então que eu fazia e conheci aqui.

Você trabalha com a Dona Maria na Coimbra também?

Não, com outra pessoa, então a gente veio aqui, conheceu ela... então ela falou para mim se eu aceitava trabalhar,

E não pensa em trabalhar só com comida?

Eu não porque... mas eu gostaria né, só que tem de ser sincera né, eu não tenho capital, porque para fazer tudo isso precisa né, mas como falei tenho filhos, e construir ... ainda está a construir. E por exemplo, tem algum filho que nasceu aqui, não?

Tenho, tenho uma filha... tenho uma filha de dois anos, tem dois anos, mas agora aqui ela vai fazer três, então eu não estou cuidando dela porque estou no trabalho, porque de dia trabalho.

Pretende voltar pra Bolívia? Acha que a vida aqui ainda é melhor?

Não, para ser sincera, eu fico aqui feliz né, melhor. Melhor que a Bolívia né.

Tem família na Bolívia?

Ah! Eu tenho família, tenho família, tenho minha mãe, meus irmãos né.

Dilma, você vê pra você, alguma relação dessa comida, desse trabalho que vocês tem com a cultura de vocês?

Sim, tem.

Fala um pouquinho pra mim como você vê essa associação.

É assim né, a comida, mas como falamos né, a gente vem aqui a São Paulo né, mas quando nós trabalhamos essa comida outra que nós fazemos nos trabalhos né, é sempre... a gente quer comer, mas a comida tradicional de cada Departamento nós chamamos isso né, querem comer e é por isso que nós oferecemos né, porque quando vem aqui a gente fica contente porque encontra uma comida que é do seu lugar, então acho que é isso.

Muito obrigada. Dilma muito obrigada viu!

MARIO/A e IVAN/B - 15/06/14 Entrevistada 6 – 3:12minutos – voz 25 – 2 frequentadores da Feira

Quais as impressões que vocês têm da Feira da Kantuta? Há quanto tempo e como conheceram? Visitam frequentemente, o que vem fazer nela?

A - Bom, a gente vem aqui comprar pimenta “aji”, pimenta aji, alguma coisa da comida boliviana e peruana.

B - Conhece, a gente já conhece faz uns dois anos?

A - Mais. Uns cinco seis anos já, conheço essa Feira, vim aqui pra comprar produtos, comer as empanadas né. É tudo de bom, o que a gente acha é que a comida latino americana...

B - É diferente né, só aqui que você encontra essas coisas né, não encontra em outros lugares.

A - É que a gente conviveu muito com esse povo, ele trabalhando no exterior, eu também trabalhei com muita gente aqui...

Tá, essa relação especial com a Bolívia, que é mais difícil no Brasil, porque aqui você vai encontrar muito mais produtos bolivianos do que propriamente... embora o aji você tem no Chile, nos Andes, na região andina toda, mas qual é a sensação do paladar, porque é muito diferente de todo o resto da comida andina, o que que vocês veem nisso?

B - Ah! Eu acho maravilhosa, a comida boliviana.

Já comeram os pratos o Chicharron, o Pique-macho, conhecem? Fazem em casa?

B - Já, já conheço

A - Não sei fazer não, ele sabe fazer.

B - Eu faço alguma coisa...

A - Ele cozinha. Ele cozinha até melhor que os cara aí,

B - Da cozinha andina.

Tá, mas boliviana também?

B - Também,

A – Tem de se aventurar afazer empanada agora né...

B - Vou tentar fazer empanada também, igual aí a dos cara.

Eu fui pra Bolívia e ele me disse que o problema é a diferença da temperatura do forno, ela tem de entrar a mais de 180° porque senão o caldo umedece a massa essa é a... e aí você perde, né, esse é o segredo deles e a gelatina que eles já não usam mais o tutano.

B - A gelatina, a gelatina sem sabor né.

Isso, é... fora isso, vocês Vêm, assim, levam outras pessoas, trazem outras pessoas?

B – Ah! Geralmente não, geralmente só vem eu e ele, vem eu e ele aqui pega...

Tá, visita pra ficar na Feira, pra vir nos dias de festas, isso não, a relação é rápida, é vir...

A - Comprar

B - Comprar o que tem que comprar... a gente come aqui.

Comer alguma coisa... tá...

A - Sai fora.

B - A gente nem sabe se tem alguma coisa, tipo alguma festa...

A - É a gente. E sempre é tão escasso pra vir aqui, quando dá tempo, eu to em São Paulo, tudo é rapidinho, vamos dá um pulo lá.

Ah! Vocês não são de São Paulo?

B - Não, a gente é de Guarulhos.

A - Guarulhos.

Ah! Tá... é um pouco mais longe, distante. Tá bom então, muito obrigada à vocês, bom dia.

MANOEL - 15/06/14 Entrevistado 7 – 7:48minutos – voz 26

Eu queria que o senhor me falasse um pouquinho das suas impressões, como é que o senhor chegou na Feira, sua relação com os bolivianos, como o senhor vê esse trabalho, enfim, acho que a palavra é sua. Eu vou perguntando alguma coisa se precisar.

Eu cheguei na Feira há doze anos, com minha barraca de sorvetes e fui me familiarizando com a comunidade boliviana, e os anos foram passando e a gente foi se dando bem, eu participei já de duas diretivas aí da comunidade, e eu vejo o boliviano irmanado aqui na feira todos os domingos, numa cumplicidade que a gente tem entendeu?

Como é que é essa questão da cultura deles aqui, o quanto o senhor se relaciona, como o senhor vê esse trabalho, a comida, o senhor conhece alguma coisa da Bolívia...

Olha eu só não estive na Bolívia ainda, mas eu... o que eu posso... sou quase um boliviano. O que eu posso aprender aí com eles mesmo né, pelas redes sociais, a gente aprende né. A gastronomia boliviana a gente tá aí... familiarizado com ela né, porque a gente come tudo que é produzido aí na Feira né, eu vejo assim, o trabalho deles muito bem focado pra Feira aos domingos.

Mais voltado à própria comunidade ou também...

Realmente o boliviano ele tem essa dificuldade de... de comunicação. Ele é mais voltado à comunidade, ele dá pouca atenção ao turista, se ele desse mais atenção ao turista, talvez a Feira tivesse com um movimento bem maior, entendeu? E a Feira teria se expandido, mas ele... não quer conversar, discute... – ah! Já acabou, acabou a comida, mas eles são meio reservados nesse sentido.

É nesse o senhor... eu às vezes sinto uma dificuldade, o senhor acha que é uma característica deles todos aqui da Feira, do boliviano em geral, tem essa impressão, como é que é isso?

A impressão que eu tenho é que é do boliviano em geral, eles se relacionam muito bem entre eles, mas entre os outros eles são arredios.

Como é que o senhor conseguiu chegar tão próximo?

Olha eu cheguei próximo, porque eu sou brasileiro, tô na minha terra e eu cheguei e pus aí minha banca, e tive um pouco de dificuldade no começo e tal...

Ah! Tá...

Aí eu impus mais a condição de ser cidadão que eu sou, se ele pode eu também posso! Uma porque tô no meu país, né?

Então não foi uma relação inicial tão...

Não... foi meio tumultuado.

Pode falar um pouquinho a respeito desse começo? Porque a Feira veio lá do pari, da Padre Bento, lá o senhor não trabalhava?

Não, na Padre Bento eu não trabalhava porque não tinha espaço, e já estava tumultuado, o Padre já estava expulsando os bolivianos de lá e tudo, aí quando veio pra cá eu me instalei aqui, instalei nesse ponto, e ouvia muito falar: – não que fazes na Feira de um boliviano, que fazes aqui e tal... sei lá, eu não faço nada, eu estou aqui como você tá. Eu tô na minha pátria, no meu país... e com esse discurso eu fui ficando todos esses doze anos aí, hoje eu me relaciono bem, muito bem mesmo né.

Certo!

Mas tive um começo que não foi assim tão fácil.

O senhor falou que participou de duas diretivas, o senhor é associado hoje?

Sou, sou associado. Aqui todos somos associados.

Sim, mas no início não! Não lhe aceitaram.

Não, no começo, não fui associado, depois de uns meses, que eu tava aí, daí fui associado.

Ah então já lhe... o que já é uma acolhida de qualquer forma né? Já lhe reconhecem como alguém do grupo.

Hoje sou associado, por isso participei de diretivas e tudo né?

Tá. Essa última?

Não! A minha gestão, fazem duas gestões passadas já.

Com quem?

Eu fui... na gestão do Wilson e na gestão do Carlos Souto.

Tá, do senhor Wilson, eu fiz o meu trabalho de TCC, ele até me deu uma entrevista.

Aí eu fui... Eu fui do Wilson... você vê, meu filho se formou na faculdade de... de Segurança Pública da Escola do Barro Branco da Polícia Militar, ele fez o TCC aqui também, sozinho, ninguém impediu... Ele fez aí.

Tá. Essa movimentação, quando tem essas questões culturais, o Carnaval que é uma questão aí um pouco mais de movimento, como é que o senhor vê isso?

Olha aqui a gente tem... vamos dizer três grandes Festas aqui, que é Alasitas né, que é dia vinte e quatro de janeiro, uma Festa Mística, não sei se você já participou?

Já! Já nem faz aqui né?

A gente faz fora porque não dá pra fazer aqui, só faz aqui se cair o domingo. Se cair o domingo faz aqui, já fizemos aqui.

Ah! As duas que eu fui foi fora...

Foi, porque como ela é realizada exatamente no dia vinte e quatro, então não tem acordo, se for domingo, pode fazer aqui, se não for faz onde... tiver o espaço. Agora a gente conseguiu o Memorial da América Latina a partir desse ano, pra fazer a Alasita, esse ano já foi feito no Memorial.

Eu fui o ano passado, que foi ali em Santana, e o ano retrasado que foi no Clube de Regatas...

Na Vila Guilherme. Não! No Regatas faz três anos atrás.

Então faz três anos.

E Alasita é uma Festa mística né, comparado à Nossa Senhora do Bomfim né... agora aí é muito místico, mistura muito a ... Mistura muito a cultura deles né, embora é bonito, acho bonito. Aí depois vem o Carnaval, que é outra grande Festa, e depois Dia das Mães!

Essa (o Carnaval) envolve um pouquinho de bebida...

Envolve.

É um pouquinho mais complicado, eu já estive aqui duas vezes, eu acho que a única questão é o final dela... mas ela é muito bonita.

É envolve um pouco, porque o boliviano bebe muita cerveja, ele não bebe bebida alcoólica, ele bebe cerveja. Você não vê boliviano nem fumando e nem bebendo álcool destilado, é só a cerveja. Só que eles bebem uma quantidade boa de cerveja. Então, aí a minha participação na Feira, é essa, você vê, eu fui me envolvendo com a comunidade e hoje estou bem na comunidade né, me sinto bem né, tenho uma boa acolhida, faço parte aí... sempre que tem alguma... alguma pesquisa, alguma coisa, algum envolvimento de diretiva, eu sempre sou consultado e tal.

Ganhou o respeito também... das pessoas daqui.

Eu me dou bem, tenho muitos amigos, hoje a gente tem... tem o Consulado se precisar de alguma coisa... Senhor Antunes, liga e tal... a gente hoje se dá bem.

Tá bom, muito obrigada.

Tá legal!

Muito obrigada, bom dia!

MANOELA - 15/06/14 Entrevistada 8 – 6:34minutos – voz 27

... você fica olhando a mamãe, preparando não? Aí mamãe fala: – próxima vez que você vai cozinhar esse prato, a mãe disse: – ah! O mais fácil, fácil... nós fala assim ... *aji de fidel... aji de fidel*, é mais fácil, fácil, fácil, esse daí. Então aprende por aí cozinhar comida, *aji de fidel*...

Com quantos anos?

Aí... já com dez anos, doze anos, a gente já faz comida, agora os pratos... os pratos que são feitos, comparando-se... nas festas, assim... é leitão, carne de porco, faz-se carne de porco assim... condimentado com assim... eu vou dizer em castelhano não?

Pode falar, eu entendo.

É pimenta... ou melhor, pimenta amarela...

Aji?

Aji... aji... aji em vagem moída, macerada, não é liquidificador não, é macerada na mão, e aí vai nesse aji, alho, cominho, pimenta, assim uma mistura de tipo massinha, assim tipo uma massa, aí quando a carne de leitão está pronta, limpa e bem lavada, você tempera com esse tempero, e mistura bem em tudo, mistura bem na carne, deixa descansar uma meia hora, deixa assim condimentar com aji amarela, logo vai ao forno, se cozinha ao forno por pelo menos uma hora e meia, assim vai cozinhando, mas acompanha, acompanha as batatas que nós chamamos *essa banana da terra e camote, que vocês chamam batata doce. Então tudo isso também vai* junto com ele, e nossa gente adora. Vai cozinhando junto no forno,

Tudo junto e *chuño*?

Não, *chuño* não. Batatas. Só as batatas, doce e batata normal, e as bananas da terra. Esses três, vai cozinhando, e depois isso está cozinhando depois vai salada de verduras, você faz uma salada com tomates, cebolas e folhas, os três. Vai em cima e assim se come, é só leitão.

E todos os dias, o que é que... assim, um dia faz fricassê, um dia...

Não.

A comida do dia a dia, o que é?

A comida do dia a dia que te disse é *aji de fidel*, são as sopas, sopinha de mani é *chairo*, sopa de *chuño*, assim sucessivamente vão outros pratos. E para nós, também comer assim... comer um prato especial, o fricassê, o leitão é especial também.

Ah! Aí é especial?

É especial, o leitão é especial também, esses são pratos especiais, típicos mesmo. E prato *paceño* também.

Tá... o que é?

Prato *paceño*? Esse prato *paceño* é composto de milho, milho branco, a batata com casca, batata específica para esse prato e queijo tostado, queijo e um molho de picante de tomate com *locoto* (tipo de pimenta) moído e *quirquinha* (tipo de erva). Esse é o prato *paceño*.

E por exemplo arroz?

Arroz não acompanha.

Só as batatas? Sempre...

Sempre as batatas, sempre as batatas acompanham.

E uma carne.

Uma carne. Sempre acompanham carne e as batatas.

E aqui a senhora cozinha?

Cozinho, compro aqui, tem cereais, há aí as verduras, as batatas, os milhos. Chego e compro, e compro e levo em casa e cozinho.

Mas não todo dia, em dias especiais?

Não todo dia.

Em dias especiais, em dias especiais, digamos um dia feriado um fricassê, outro dia feriado algum leitão, outro dia feriado... assim... assim...

O leitão inteiro?

Não, só partes, leitão inteiro é para umas cem pessoas, cinquenta pessoas, em casa não tem cinquenta pessoas.

E a senhora veio pra cá? Pra trabalhar, pra passear?

Para trabalhar um ano, não mais que isso. Mas eu fiquei mais de um ano, aí...

Não pensa em voltar, já... tem parentes lá?

Tenho parentes, tenho família lá, mas não voltei ainda. Ah! Não, voltei, já fui... eu viajo, já fui ver...

Há quanto tempo não volta?

Faz quatro anos que não vou. Quatro anos, não vou e depois eu vou...

E aí tem família, filhos aqui, tudo aqui?

Tenho aqui família, filhos, tudo aqui...

Voltar pra morar não pretende?

Não... eu quero... eu quero voltar!

Gosta daqui?

Gosto, a gente gosta, porém minhas raízes estão lá.

Então a senhora quer morar lá?

Eu quero morar lá.

Ah! Certo! Eu encontrei uma outra senhora que me disse o mesmo.

Minhas raízes, minha gente, minha família está lá né? Todo mundo está lá...

Que lugar de La Paz morava?

Em El Alto, El Alto de La Paz, em cima.

Sim, muito obrigada.

VICTÓRIA - 15/06/14 Entrevistada 9 – 5:13 minutos – voz 28

Começando um pouquinho sobre como era a sua vida na Bolívia, a senhora trabalhava com comida lá, enfim, a senhora vai me falar um pouquinho como era a vida na Bolívia, como foi vir para São Paulo...

Eu não vim para servir comida, só vim trabalhar

Lá na Bolívia, como era a vida lá?

Na Bolívia eu fazia... eu trabalhava com lãs para fazer... fazia com máquina, costurava, tudo, por isso que para eu... aí meu marido veio antes de mim, para ganhar um pouco de dinheiro né?

Então eu conhecia a comida boliviana, eu conhecia os produtos, então eu pensei... alguém não pode vender aqui, não há comida boliviana, será que posso vender? E comecei uma tarde de domingo na praça de eventos do Pari. E aí eu levei um pouco de panelas e uns pratos pequenos, aí que eu vendi, e comecei a vender quase tudo, aí na semana que vem também fiz a mesma coisa, acabei minha comida, (toque de telefone)

Quer atender? Fique à vontade.

Aí eu comecei e depois comprei barraca, e as mesas... e já comecei...

Ainda lá no Pari?

Depois de um ano que estava no Pari, passamos por um curso na Prefeitura, e nos deu... para vir para cá, porque teríamos mais espaço. E viemos para cá e continuamos a vender comida, já há oito anos.

Lá na Bolívia, a senhora aprendeu a cozinhar com quem?

Ai eu só fazia comida assim, em casa, não fazia comida...

Mas essas comidas, que a senhora faz aqui, ou outras?

Outras comidas também se faz, e depois é muito trabalho fazer muitas comidas.

Por quê?

Porque tem de fazer uma depois outra, aí o tempo passa mais rápido.

Sim, tá... e veio para São Paulo pra trabalho na confecção ou veio só com seu esposo?

Eu vim com meu esposo, e quando meu esposo voltou para a Bolívia, eu queria ganhar mais dinheiro e aí fiquei aqui.

E seu esposo voltou?

Não estamos aqui.

Ah! Os dois ficaram? E a senhora tem filhos e hoje mora aqui?

Tenho, tenho cinco filhos e brasileiros.

Ah! Então já está estabelecida aqui e não pretende voltar, tem família lá?

Não, tenho mas já são casados, meus pais já morreram, então não tenho.

Então a vida é mais aqui. Pra senhora, o que é estar nessa Feira, o que representa para a senhora esse trabalho?

Ah! Esse trabalho seria... como posso explicar, é mais ou menos... um pouco... mais cansado esse trabalho. E agora porque estamos acostumados a vender, já temos tudo... não dá como dizer...

Não pretende parar, como é que é isso?

Não, não posso parar, aqui é meu trabalho, só venho aqui, semana descanso, compro, pesquiso, onde é mais barato, onde é mais caro...

Aqui, tem um relacionamento de amizade, de cultura, como é que é estar aqui na feira? A senhora vem, trabalha e vai embora, não, conhece outras... (ah! Atende ele.)

Vamos... Ah eu não sei quanto... tem uns três anos, quatro anos...

Sim, mas estar trabalhando na Feira, é só um trabalho ou a senhora vem também porque afinal de contas aqui a senhora encontra os bolivianos, tem amizades...

Ah! Tem amizades, tem amigos que encontro, eles vem aqui comer...

A sua família?

Não, ninguém da minha família vem, porque a minha família na Bolívia todos são profissionais, sou a única que não tenho profissão.

Ah! Tá, a senhora mora em que lugar de São Paulo?

Eu moro aqui no Canindé.

Ah tá, aqui no Centro, então tá, muito obrigada à senhora, boa tarde. Muito obrigada.

MARISOL - 15/06/14 Entrevistada 9 – 14:03minutos – voz 29

Eu queria que a senhora me falasse primeiro, um pouquinho, da sua história na Bolívia.

Bolívia, eu havia vindo eu... eu não vou dizer meu nome, então na Bolívia nos vivíamos, tudo estava bom também, meu marido era alfaiate e eu comerciante sempre. Então souberam uma mudança e a gente soube que estava no Brasil melhor, então deixamos nossos trabalhos e serviços que tínhamos lá e viemos aqui. Com três filhas, tinha uma filha de doze anos mais ou menos dez anos, uma filha de seis anos e uma filha de quatro anos. Mas meu marido veio antes trabalhar de costureiro, de empregado.

Há quantos anos a senhora lembra?

Ele estava aqui dois anos. Ele voltou para nos pegar lá. – Ai eu consegui! Enquanto minha irmã, meu irmão para vir aqui, eu trabalhava com um veterinário, inclusive eu não sabia de costura, nada não sabia. Bem não sei que coisa vai fazer vocês, não há serviço para vocês. Primeiro lugar não sabem falar português como vão te entender? Então meu marido veio. Meu marido veio dois anos as coisas, e voltou para nos pegar. Chegamos, depois estudar, eu consegui casa, eu aluguei casa, um coreano que me vendeu a casa, então tínhamos casa, não vamos trabalhar de empregado, vamos trabalhar de patrão. Chegamos aqui e trabalhamos sempre de patrão né, meu marido já tinha três, quatro máquinas, e dois empregados. E chegamos aqui eu, meu irmão, minha sobrinha e todos meus filhos. Aí começamos a trabalhar, trabalhar, trabalhamos dez anos, trabalhamos de costura. Mas muita escravidão, exploraram-nos os coreanos, nos pagavam assim (faz um gesto com os dedos de uma quantidade mínima), não alcançava para nada, aí a gente já... minhas filhas já crescidas, uma de minhas filhas quando via, não eu vou estudar, eu vou estudar mamãe, nunca mais vamos ser costureiras, nunca mais. Então o Senhor escutou talvez, e começou estudar minha filha, técnica em enfermagem (enfermeira técnica). Aí trabalhou num hospital... paulista... Clínica Paulistana, é privada. Aí ela começou a trabalhar, estudar, ia ser médica. Vou ser médica mamãe, não quero esta escravidão de costureiro, não quero mais, não quero te ver aqui cozinhando para os costureiros, falou para mim. Está bem, então eu acabei com as máquinas, e fui à Argentina. Então meu marido ficou aqui, ela estava trabalhando na Clínica Paulistana, então eu fui com uma de minhas filhas à Argentina, ela já estava casada. E estando lá, eu vi umas coisas de que como nossos patrícios trabalham, trabalhavam todos com esses cereais, eu vi isso, com a venda de mercadorias, venda de cereais, com nossos patrícios, então eu pensei isso, eu vou voltar para o Brasil e eu vou trabalhar igualzinho, igualzinho eu vi trabalhar todos esses. Cheguei aqui, eu falei para a minha filha, para meu marido, eu vou viajar para a Bolívia, então chego e vou trazer todas essas coisas, e vamos vender e vendemos. Em um dia 24 de janeiro eu trouxe todas os artesanatos e vendemos esse artesanato. Aí começou, depois começou a Feira... claro que eu sou das primeiras, primeiras... aí trabalhamos desde o começo, são quinze anos...

Já tinha mais pessoas... já tinha mais pessoas vendendo alguma coisa?

Não, não, não, sozinhas... depois apareceram...

A senhora sozinha montou uma barraquinha? Muita coragem...

Ahã... é muita coragem, essa é uma Feira que tem de ter permissão. Aí depois os vizinhos, meio dia e foi no dia de *Alasitas* né, meio dia foi que saíram da lanchonete, contam os vizinhos, vinha para mim... não sei... alguém, foi uma de nós, porque que vai vender, o homem disse: – cadê Dona Francisca? Eu estive procurando Dona Francisca, senhor sou eu. – de onde você tirou permissão para você vender aqui? Para você sentar-se aqui com sua barraca? Não em nenhuma parte eu falei. Então vamos pegar, rapa essa venda, rapa essa venda também. Não, não senhor só um pouquinho, já vamos levantar, já vamos embora, vamos embora... para pouco, já estava acabado também a venda já não tinha também, tinha pouca coisa aí. Foi o que trouxe. Então aí, aí havia um padre, lá dentro... na igreja, um padre que não falava bem... ele me defendeu, tá tá tá ... tá bem, tá bem, tá tá tá... deixa, deixa ela... aí foram embora os vigilantes, aí se acalmou, fomos vender, passou! Depois domingo de tarde, eu saí outra vez com comida, às cinco horas da tarde, eu cozinhei comida, saí também. Saí também a cozinhar todos os domingos, aí foi as

vendas a Feirinha cresceu. Vieram umas e outras pessoas, já não era sozinha. Alasitas todas as manhãs estava a vigiá-los, aos vizinhos, aos amigos, voltaremos em Alasitas, venderemos no dia 24, e poucas coisas... depois agora é grande. Hoje Alasitas é muito grande, assim ... essa foi minha história senhora.

Certo, e vir para cá?

E viemos para cá. Foi isso, meu marido estava aqui.

Ah! Não, de lá pra cá.

A Praça? Como viemos?

Sim, cresceu?

Lá, como já estava cheio a Praça, muito chinês, não demos conta dos vizinhos também que brigaram conosco, já não queriam ver-nos, porque havia uma lanchonete na esquina, aí... como os bolivianos gostam de beber tanta cerveja, tanta cerveja, havia muitos bêbados na Praça, fazendo xixi em cada porta dos vizinhos, muita coisa. Então os vizinhos já não queriam saber de nós. Já não tinham gosto, semana que vem o rapa vai vir, que vocês não podem... aí... três anos fizemos briga lá, três anos (a senhora vai atender um cliente). Então assim ... então como que foi aí... aí agora que eu não sei... eu morava aí na Praça mesmo, a conta do diretório daqui, nomearam o associado, da associação, Jorge Meruvia. Com ele e eu falamos, agora o que vamos fazer, onde vamos ir? Onde? Buscamos estacionamento que pudéssemos alugar para lá, e não havia, muito pequeninos. Então falou assim, apareceu à conta de vizinhos amigos, um vereador de um deles também foi amigo por conta dos vizinhos, depois foi o padre, depois o Cônsul da Bolívia nos ajudou também ele. Aí buscamos, em todas as partes, uma praça aonde podemos ficar? E fomos lá, na Rua catumbi, há outra praça maior, aí fomos... acho que não pode ser não. E viemos aqui, era pequena também, enquanto que aqui todos vamos estar, ficaremos aqui, ficamos e lutamos para isso. Tivemos um médico: Jorge Beliga se chama, médico. Tinha conhecimento na Prefeitura, se não talvez não tivéssemos mais a praça. O senhor Jorge Beliga, doutor médico. Ele sempre nos ajudou, conhecia todos os vereadores, os contatos com os vizinhos, alguns mais que trabalhavam na prefeitura, tudo isso. Depois isso também, aí nesse ano, quem foi prefeita aquela senhora Marta. Ela estava lá, então disse quem os orientou isso, por conta dos vizinhos? Ouçam todos vocês, agora a senhora Marta está fazendo campanha em tal lugar, apareçam um monte de gente... se queremos aparecer lá. Tinha uma amiga Alícia, pega seu telefone, alguém vem... nos encontramos na Praça do Pari, umas trinta quarenta pessoas, que também vieram aqui à pé, não sei como chama? Era o local, também apareceram mais bolivianos. Então chegamos aqui, os vereadores já nos viram, vocês vieram sim... em favor à Marta, todo mundo. Assinatura, todo mundo assina em favor à Marta. Graças à senhora Marta nós temos esse pedaço. Se não fosse ela, talvez não viríamos a ter.

E como é estar aqui hoje, né... porque a senhora é parte da história.

É... agora... agora faz doze, treze anos eu acho que... doze, treze anos que já estamos aqui, quando viemos aqui. Aí... aqui... quando aqueles senhores, à conta dos vizinhos, o padre, o Cônsul da Bolívia, todo mundo que foram à Prefeitura falar, então... e a Prefeitura falou que aqui está. Uma moça morava aí nessa secretaria, a moça vai sair, vocês podem ficar nos mostrou, por isso, graças à senhora Marta! Não? Essa vez estava dona Marta, senão talvez, não haveríamos de ter nada. A história é essa e eu me recordo, eu me lembro bem, quanto tivemos de caminhar para conseguir esse lugar.

Ela me disse, a sua filha me contou que a senhora ia, a senhora mesmo buscar as coisas na Bolívia, pra trazer... que a senhora mesmo que carregava...

Sim eu fiz essas coisas, eu que trazia, aí... eu deixei muita coisa agora... antigamente não tinha controle (a senhora refere-se ao controle na fronteira). Tranquilo... agora... por causa dessas coisas que trazem, pensam que nós trazemos com todas essas (coisas) também... não é isso assim, não é assim. Somos honestas, somos honestas trabalhadoras, trabalhamos assim correto.

Aqueles que fazem... são majoritários, já não precisam mexer com essas pequenas coisas, já não precisam mexer com essas pequenas coisas. São eles... uhuh (ela faz um gesto como a representar que estão muito mais alto...), estão lá em cima, nós estamos lutando por pouca coisa, porque somos honestamente que estamos trabalhando, todo mundo que está aí por pequenas coisas.

Sim, é ... a Bolívia para a senhora hoje, é uma recordação, tem vontade de voltar a morar lá, a senhora é de La Paz?

É La Paz. Quantas vezes chega mais voltar... não sei... um dia sempre volta. Eu queria voltar há uns meses atrás, só que uma de minhas filhas também começou a estudar, então ela tem uma filhinha porque se separou, a filhinha já não tem quem possa cuidar, a essa hora mesmo sigo cuidando. Vai cuidar, vai à escolinha, do colégio vem aqui, tem que ir dar comida, depois da comida manter tomar banho, olhar se tem que ir dormir, a que horas tem que ir dormir, todo esse trabalho né. Minha filha estuda de noite e trabalha de manhã, estuda de noite. Esta ano mais e está saindo, este ano vou esperar, depois já vou me embora...

Muito obrigada senhora, muito obrigada, parabéns pela sua história.

MARIA – Entrevistada 10 – escrita

Dona Maria morava em La Paz e veio com a família para trabalhar na costura, hoje tem uma barraca de comidas na Feira. Dona Maria é uma das entrevistadas que tem na gastronomia sua única forma de renda. Trabalha na Feira da Rua Coimbra aos sábados e na Feira Kantuta aos domingos. Ela tem ajuda de seu filho, que também possui uma barraca e trabalha nas duas feiras. Até ano passado dona Maria trabalhava na barraca de comidas e seu filho na barraca de Chicha. Para ofereceu sua comida, ela acorda às duas da madrugada, chega à feira às onze da manhã e permanece até as dezenove horas, vinte horas. Essa senhora trabalha 18 horas sem descanso todos os sábados e domingos e diz estar muito satisfeita com seu trabalho e que vende todo ele. Realmente quando a entrevistamos, eram quatro horas da tarde e diferentemente de outras barracas, ela já não tinha nada mais para venda. Podemos pensar que talvez as quantidades oferecidas por ela e pelas outras barracas não sejam as mesmas, mas mesmo assim, o fato de não haver sobras, permite-lhe um rendimento seguro, pois as sobras não podem ser reaproveitadas.

GOMES – Entrevistado 11 – escrita

O senhor Gomes chegou com sua filha por volta das dez horas da manhã, em um Pagero Mitsubishi novo. Por volta das dez e meia retornou para o carro e eu solicitei sua atenção e permissão para entrevistá-lo. Ele foi extremamente resistente, chegou a negar, mas ante minha insistência ele concordou em fornecer algumas respostas, mas não em gravá-las. O senhor Gomes é médico boliviano, originário de Santa Cruz de La Sierra, veio com 30 anos para o Brasil e tem 62 anos e está muito bem estabelecido. Diz que para ele a Feira Kantuta não representa nenhuma relação para com ele, pois inclusive não representa o seu Departamento que é Santa Cruz. Ele particularmente não se diz vinculado aos bolivianos e à sua cultura. Diz já estar no Brasil há muito tempo e por isso mesmo não ter muitos vínculos com a Bolívia e os bolivianos. Para ele a Feira mantém as tradições bolivianas, principalmente em relação à culinária, mas que não encontra nada de Santa Cruz. Diz que a culinária oferecida aqui é a do interior da Bolívia, ligada à cultura Inca e aos grupos indígenas, e que é tão tica quanto a gastronomia de Santa Cruz, só que diferente. Encerra a entrevista.

LIZ – Entrevistada 12 – escrita

A senhora Liz tem uma barraca que vende pães, tentei de todas as formas que ela me concedesse uma entrevista gravada mas foi em vão. Ela é extremamente tímida, e fala com certo receio.

Dona Liz morava em La Paz e veio sozinha ao Brasil em visita. Diz que não conhecia ninguém aqui, mas que resolveu ficar, contrariando a vontade de sua família que mora na Bolívia. Em La Paz sua família tem uma padaria. Ela conta que resolveu vender pães e para isso contou com suas recordações de infância. Diz que esforçava-se por lembrar como sua mãe fazia os biscoitos ou os pães, e assim ia fazendo. Eu lembrava do que minha mãe colocava nos pães e então eu fazia. Ela chegou há três dias da Bolívia e embora alegue não ter condições para regressar à Bolívia, contraditoriamente foi visitar seu país e novamente regressou ao Brasil. Diz que as coisas estão melhores por lá e que aqui só dá para pagar o aluguel e por isso pretende regressar de vez no final do ano.

ENTREVISTA PERDIDA - 15/06/14 Entrevistado 10 – 14:03minutos – voz 30

Bom, retomando depois de um ano né, eu queria que o senhor me dissesse um pouquinho da avaliação de como o senhor tem visto a Feira, como ela tem evoluído, a sua opinião agora a respeito até dessa nova possibilidade dos bolivianos estarem de novo tomando conta de Feira de uma forma um pouco mais direta, então, por favor essas impressões que o senhor puder me passar.

Realmente nós... Onze anos que estamos aqui na feira, nove anos tivemos presidente brasileiro, sete anos foi o senhor Wilson, dois anos o senhor Paulo, eu fui dois anos, então totaliza os onze anos né? E a maioria do tempo as pessoas de outras associações nos falavam, como vocês sendo uma instituição boliviana, a que fica mais focada por toda a colônia, tem presidente boliviano (na verdade ele queria dizer “tem presidente brasileiro”) vocês não tem capacidade? Não, falava mesmo, é que fica aos olhos de todo mundo essa associação. Se bem que não é uma associação boliviana de bolivianos, é uma feira. Onde a gente tem brasileiros vendendo produtos bolivianos, então foi criada a Feira, onde todos os sócios tem direito a voto.

APÊNDICE B - HISTÓRICO DOS PRESIDENTES BOLIVIANOS

Nome	Período
Simon Bolivar	LIBERTADOR
Marechal Antonio José de Sucre	Governo Constitucional 29/12/1825 18/04/1828
General José Maria Perez de Urdinea	Governo Constitucional Provisório 18/04/1828 a 02/08/1828
General Pedro Blanco Soto	Governo Constitucional Provisório 26/12/1828 a 31/12/1828
General José Miguel Velasco	Governo Interino por 6 gestões 02/08/1828 a 10/08/1828 11/08/1828 a 18/12/1828 01/01/1828 a 24/05/1829 22/02/1839 a 14/08/1840 15/08/1840 a 10/06/1841 18/01/1848 a 08/12/1848
Marechal de Zepita Andres de Santa Cruz y Calahumana	Governo Constitucional 25/05/1829 a 20/02/1839
Assembleia Constituinte de 1931	-organização dos poderes do Estado: Executivo, Legislativo e Judiciário -põe em vigência os Códigos Civil, Penal, Mercantil e de Minas (1831/1835) -criação da Universidade de San Andrés (02/04/1832)
General Sebastian Agreda	10/06/1841 a 09/07/1841
Dr. Mariano Enrique Calvo Cuellar	09/07/1841 a 22/09/1841
General Jose Ballivian y Seguro	Governo Constitucional (voto direto) 15/08/44a 23/12/1847 Governo de fato 27/09/41a 15/08/1844
General Eusebio Guilarte Mole	Governo Constitucional 23/12/1847a 2/01/1848
General Manuel Isidoro Belzu	Governo de fato 06/12/1848 a 15/08/1855
General Jorge Cordova	Governo Constitucional 15/08/1855 a 9/09/1857
Dr. Jose Maria Linares L.	Governo de fato 9/9/1857 a 14/01/1861
1º Triunvirato	14/01/1861 Governo Constituinte Com Estatuto Provisional
General José Maria Acha Valiente	Governo de fato 14/01/1862 a 04/05/1862
General Mariano Melgarejo Valencia	Governo de fato 28/12/1864 a 15/01/1871
General Agustin Morales Hernandez	Governo de fato 15/01/1871 a 28/11/1872
Dr. Tomas Frias Ametller	Governo Constitucional 28/11/1872 a 9/05/1873 Segunda gestão 31/01/1834 a 4/05/1876
Tenente Coronel Adolfo Ballivian Coll	Governo Constitucional 9/05/1873 a 31/01/1874
General Hilarion Daza Groselle	Governo de fato 4 a 30 de maio de 1876 Governo Constitucional até 28/12/1879
Guerra do Pacífico	1879 a 1883 conflito entre as forças do Peru e Bolívia contra o Chile
General e Dr. Narciso Campero Leyes	Governo de 04/09/1884 a 15/08/1888
Industrial Gregorio Pacheco Leyes	Governo de 04/09/1884 a 15/08/1888
Dr. Aniceto Arce Ruiz	Governo Constitucional de 15/08/1888 a 11/08/1892
Dr. Mariano Baptista Caserta	Governo Constitucional 11/08/1892 a 19/08/1896
Dr. Severo Fernandez Alonso Caballero	Governo Constitucional 19/08/1896 a 12/04/1899
General José Manuel Pando Solares	Governo de 25/10/1899 a 12/08/1904
Guerra do Acre	1899 a 1903 conflito entre Brasil e Bolívia que detinha a soberania da área
General e Dr. Ismael Montes Gamboa	Governo Constitucional 14/08/1904 a 12/08/1909 14/08/1913 a 15/08/1917
Dr. Eliodoro Villazon Montaña	Governo Constitucional 12/08/1909 a 14/08/1913
Engenheiro José Gutierrez Guerra	Governo Constitucional 15/08/1917 a 12/08/1920
Dr. Bautista Saavedra Mallea	Governo Constitucional 28/01/1921 a 03/09/1925
Dr. Felipe Segundo Guzman	Governo de 03/09/1925 a 10/01/1926
Dr. Hernando Siles Reyes	Governo Constitucional 10/01/1926 a 28/05/1930

Nome	Período
General Carlos Blanco Galindo	Governo de fato 28/06/1930 a 5/03/1931
Dr. Daniel Salamanca Urey	Governo Constitucional 05/03/1931 a 27/11/1934
Guerra do Chaco	1932 a 1935 conflito entre Bolívia e Paraguai
Dr. Jose Luis Tejada Sorzano	Governo constitucional interino 28/11/1934 a 16/05/1936
Coronel David Toro Ruilova	Governo de fato 22/05/1936 a 13/07/1937
Tenente Coronel German Busch Becerra	Governo Constitucional e Ditador 13/07/1937 a 23/08/1939
General Carlos Quintanilla Quiroga	Governo de fato 23/08/1939 a 15/04/1940
General Enrique Peñarada Castillo	Governo Constitucional 15/04/1940 a 20/12/1943
Coronel Gualberto Villarroel Lopez	Governo de fato 20/12/1943 a 05/04/1944
Dr. Nestor Guillen Olmos	Governo de fato 22/07/1946 a 17/08/1946
Dr. Tomas Monje Gutierrez	Governo de fato 17/08/1946 a 10/03/1947
Dr. Enrique Hertzog Garaizabal	Governo Constitucional 10/03/1947 a 22/10/1949
Dr. Marmeto Urrilagoitia Harriague	Governo interino Constitucional 07/05/1949 a 22/10/1949 e 24/10/1949 a 16/05/1951
MARMETAZO	Golpe de Estado aplicado por Urrilagoitia em favor de Ballivián
General Hugo Ballivian Rojas	Governo de fato 16/05/1951 a 11/04/1952
Dr. Victor Paz Estenssoro	Governo Constitucional em 4 períodos: 15/04/1952 a 6/08/1956 - 1º sucedeu Hernán Siles Suazo 06/08/1960 a 06/08/1964 - 2º sucedeu René Barrientos 06/08/1964 a 04/11/1964 - 3º sucedeu uma junta de governo encabeçada por René Barrientos 06/08/1985 a 06/08/1989 - 4º sucedeu Jaime Paz Zamora
Dr. Hernan Siles Suazo	Governo interino 11/04/1952 a 15/04/1952 Segundo Governo 06/08/1956 a 06/08/1960 Terceiro Governo 10/10/1982 a 06/08/1985
General de Força Rene Barrientos Ortuño	Governo de fato 05/11/1964 a 26/05/1965 e 27/05/1965 a 01/01/1966 e 06/06/1966 a 27/05/1969
Dr. Luis Adolfo Siles Salinas	Governo Constitucional 27/05/1969 a 26/09/1969
General Ovando Candia	Governo de fato em 3 gestões: 1ª 27/05/1965 a 2/01/1966 2ª 2/01/1966 a 06/08/1966 3ª 26/09/1969 a 06/10/1970
General Juan Jose Torrez Gonzales	Governo de fato 07/10/1970 a 21/08/1971
General Juan Pereda Asbun	Governou através de golpe de Estado 21/07/1978 a 24/11/1978
General David Padilla Arancibia	Governo de fato 24/11/1978 a 08/08/1979
Dr. Walter Guevara Arce	Governo Constitucional Interino 08/08/1979 a 01/11/1979
Coronel Alberto Natuch Busch	Governo de fato 01/11/1979 a 16/11/1979
Cdra. Lidia Gueiler Tejada	Governo Constitucional Interino 16/11/1979 a 17/07/1980
General Luis Garcia Meza Tejada	Governo de Reconstrução Nacional 17/07/1980 a 04/08/1981
Junta Militar de Governo	04/08/1981 a 04/09/1981
General Celso Torrelio Villa	Governo de fato 04/09/1981 a 19/07/1982
General Guido Vildoso Calderon	Governo de fato 19/07/1982 a 10/10/1982
Lic. Jaime Paz Zamora	Governo Constitucional 06/08/1989 a 06/08/1993
General Hugo Banzer Suarez	Governo de fato 21/08/1971 a 21/07/1978 Segundo período Constitucional 06/08/1997 a 06/08/2001
Engenheiro Jorge Quiroga Ramirez	06/08/2001 a 06/08/2002
Lic. Gonzalo Sanchez de Lozada	1º período 06/08/1993 a 06/08/1997 2º período 06/08/2002 a 17/10/2003 – Guerra do Gás
Carlos D. Mesa Gisbert	18/10/2003 a 09/06/2005
Dr. Eduardo Rodriguez Veltze	09/06/2005 a 22/01/2006
Dn. Juan Evo Morales Ayma	1º período - 22/01/2006 a 05/12/2009 2º período – 06/12/2009